



Lágrimas

RUTH  
RENDELL

*Autora de Sem perdão*

Rocco



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# Ruth Rendell

## LÁGRIMAS

Tradução

Aulyde Soares Rodrigues

*Rocco*

Ruth Rendell

Lágrimas

Tradução

Aulyde Soares Rodrigues

Título original End in tears

Copyright © Kingsmarkham Enterprises Ltd. 2005

Kingsmarkham Enterprises Ltd.

assegurou seu direito de ser identificada como autora desta obra  
sob o Copyright, Designs and Patents Act, 1988.

---

Preparação de originais

Ebréia de Castro Alves

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R3281 Rendell, Ruth, 1930-

Lágrimas / Ruth Rendell; tradução de Aulyde Soares Rodrigues.

Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Tradução de: End in tears

ISBN 978-85-325-2368-6

1. Crime contra os jovens - Ficção. 2. Romance policial inglês.

I. Rodrigues, Aulyde Soares. II. Título.

08-2865

CDD-823

CDU-821.111-3

---

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o

Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 — 8º andar

20030-021 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

[www.rocco.com.br](http://www.rocco.com.br)

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

---

## **contracapa**

O plano parecia perfeito. O carro passaria pela ponte e um bloco de concreto seria jogado sobre ele. Teria dado certo se o carro de Amber Marshalson tivesse sido atingido.

Daquela vez, a jovem escapou, mas não teve a mesma sorte alguns dias depois.

Diante do corpo estirado na grama, a única coisa óbvia era a causa da morte: uma pancada na cabeça. Segundo a perícia, a arma utilizada para matar Amber, 18 anos, havia sido um tijolo. Em um dos bolsos do cadáver foram encontradas mil libras.

De volta à ação, o inspetor Wexford mergulha de cabeça no caso Marshalson: qual seria a origem do dinheiro encontrado com a vítima? A morte de Amber estaria relacionada com a possibilidade de ela se mudar para um apartamento oferecido pela família do pai de Brand, seu bebê?

As preocupações do inspetor ultrapassam sua vida profissional. Além de não aceitar o fato de sua filha Sylvia estar grávida novamente, a ideia de que a criança será doada logo que nascer perturba Wexford, pois lhe custa acreditar que Sylvia vai gerar um filho para o ex-companheiro e sua atual namorada, incapaz de engravidar.

Em *Lágrimas*, Ruth Rendell tece uma intrincada teia envolvendo relações familiares aparentemente inofensivas e crimes brutais. Uma combinação perfeita, que seduz do início ao fim.

A inglesa Ruth Rendell é uma das maiores autoras de romances policiais da atualidade e se tornou voraz colecionadora de prêmios dedicados ao gênero em seu país.

Além do reconhecimento da crítica, os livros da escritora e jornalista atingiram enorme sucesso de público e se tornaram best-sellers no mundo inteiro. Dela a Rocco já

*publicou A verdade através da névoa, Mais forte que a morte, O gafanhoto, O livro de Asta, O tapete do rei Salomão e Sem perdão.*



## capítulo **1**

Quando a levantou do banco, a mochila pareceu mais pesada do que quando a tinha posto no carro. Ele a pôs no solo macio de relva. Então voltou para o carro e o levou para dentro de uma caverna feita por arbustos de espiriteiras e amoreiras silvestres e pelas trepadeiras que se enroscavam em tudo no bosque. Era o fim de junho e a vegetação era muito densa e luxuriante.

Saiu outra vez e recuou para ver melhor. Mal se via o carro. Provavelmente ele só o via porque sabia que estava ali. Ninguém mais notaria. Ele abaixou, pôs a mochila nos ombros e vagarosamente se aprumou em toda a sua altura. O movimento o fez lembrar alguma coisa e só depois de um momento descobriu o que era: pondo o filho pequeno nos ombros. Há cem anos, parecia. A mochila era mais leve do que o menino, porém parecia mais pesada para ele.

Teve medo de que quando ficasse ereto, a mochila levaria seu corpo para trás, quebrando-lhe a coluna. E claro que isso não ia acontecer. Era apenas impressão. Mesmo assim, não pretendia endireitar completamente o corpo, nem tentaria. Em vez disso, curvou-se para a frente. Não ficava longe. Ele podia percorrer assim os duzentos metros até a ponte. Quem o visse de longe naquela meia-luz, pensaria que se tratava de um corcunda.

Não havia qualquer pessoa para ver. A trilha sinuosa dava uma volta no bosque Yorstone, até a ponte. Ele podia ter levado o carro até a ponte, mas então seria visto, por isso saiu da trilha e atravessou uma clareira até encontrar a caverna feita de arbustos. Pensou ouvir um carro a distância, depois algo mais pesado com motor diesel. Deviam estar na estrada lá embaixo, Brimhurst Lane, que ia de Myfleet a Brimhurst Prideaux, passando sob a ponte

Yorstone à sua frente. Não estava longe agora, mas pareciam quilômetros. Se suas pernas fraquejassem, não seria capaz de se levantar outra vez. Teria sido mais fácil arrastar a mochila? E se encontrasse alguém? Arrastar alguma coisa desperta mais suspeitas do que carregar. Pôs os ombros um pouco mais para trás e, para sua surpresa, ficou melhor. O local estava deserto.

Ele podia ver a trilha através das árvores e a pequena ponte de pedra que nunca fora reforçada com aço nem substituída por uma estrutura de madeira pintada com cores vivas.

Os parapeitos eram baixos, baixos demais para oferecer segurança, segundo o jornal local. O jornal falava constantemente daquela ponte, dos perigos da estrada e dos parapeitos baixos. Ele saiu da trilha e entrou na ponte, abaixou-se para a frente e deixou a mochila deslizar dos ombros para o chão. Abriu os bolsos e depois o zíper. Dentro, agora revelado, estava um pedaço grande de concreto, quase esférico, um pouco maior do que uma bola de futebol. Havia também um par de luvas. Por segurança, ele as calçou. Embora não houvesse probabilidade de alguém examinar suas mãos, seria idiotice arranhá-las ou feri-las.

A pouca luz que restava ainda desaparecia depressa e, com a chegada da noite, o ar ficava mais frio. Seu relógio dizia que eram nove e quinze da noite. Agora, faltava pouco. Ele ergueu o pedaço de concreto com as mãos enluvadas, pensou em equilibrá-lo sobre o parapeito, mas depois pensou melhor. Era possível que alguém aparecesse na trilha pela qual ele tinha vindo para atravessar a ponte. Espere o sinal, ele pensou. Não vai demorar agora.



Nenhum veículo tinha passado na estrada desde que ele chegara à ponte, mas agora apareceu um carro seguindo na direção de Brimhurst Prideaux, provavelmente até Kingsmarkham.

Ele fechou a mão sobre o celular que tinha no bolso, preocupado porque não tinha tocado. Então o telefone tocou.

— Alô!

— Ela saiu. Você quer o número outra vez?

— Eu tenho. Um Honda prateado.

— Certo.

— Um Honda prateado. Deve passar por aí dentro de quatro minutos.

Ele ouviu o telefone ser desligado. Estava escuro agora. Um carro passou debaixo da ponte, seguindo para Brimhurst St. Mary e Myfleet. A estrada descia sob a ponte e virava para a esquerda, quase em ângulo reto. Havia árvores altas na curva, com antigos troncos grossos e uma placa branca e preta com uma seta, no outro lado, indicando que o tráfego devia seguir para a esquerda. Um minuto tinha passado.

Ele foi para o outro lado da ponte, arrastando a mochila, agachou-se, ergueu o pedaço de concreto, retesando os músculos dos braços, e o pôs sobre o parapeito. Ainda bem que não tinha de carregá-lo por mais tempo. Outro minuto passou. Uma van branca com faróis altos vinha de Kingsmarkham. Por um momento a luz o cegou e ele praguejou.

Ninguém devia vê-lo. O Honda prateado com o número que tinha memorizado chegaria, muito em breve. O terceiro minuto passou. O quarto.

Ele odiava anticlímax. O Honda prateado podia ter tomado outro caminho. Tudo bem, podiam dizer que nunca havia feito isso, mas não se pode garantir, não quando se trata do modo como as pessoas se comportam. Ele estava de frente para o lugar de onde ela devia vir, na direção de

Myfleet. Passaria debaixo da ponte, mas antes de chegar à curva para a esquerda... Ele viu faróis a distância. Apareciam e desapareciam quando uma cerca viva ou o tronco de uma árvore os escondia de sua vista e apareciam outra vez. Dois pares de faróis. Não só um carro, mas dois, ambos prateados, um muito perto do outro. Um deles era o Honda, mas ele não podia dizer qual, não de onde estava, não no escuro, podia apenas ler os últimos três algarismos.

Assim que empurrou com força o concreto sobre o parapeito teve certeza de ter atingido o carro errado. O estrondo foi enorme, como uma bomba. O primeiro carro, o que fora atingido, bateu em uma árvore, o capô abriu, o para-brisa desapareceu, metade da capota dobrou para dentro, amassada. Parecia ter se partido em dois e explodido.

O carro que vinha atrás, até então ileso, bateu na traseira do primeiro e a tampa da mala abriu. Era o Honda prateado, o seu alvo. Quando a motorista saiu do carro gritando com as mãos levantadas, ele teve certeza do seu fracasso.

Não esperou mais. Pegou a mochila e saiu da ponte, olhando para trás uma vez para ver o carro da frente explodir em chamas. À luz brilhante que iluminava tudo, ele viu pela primeira vez a mulher que tentara matar.

## capítulo 2

George Marshalson tinha dormido mal. Isso sempre acontecia quando ela não estava em casa. Tendo se deitado logo que ela saiu, dormiu apenas uma ou duas horas, depois ficou acordado, não mais confortado pela presença de Diana. Era agosto e a noite eslava quente, úmida e pegajosa, apesar das janelas abertas. Ele ouvia os sons da noite, o filete de água do rio preguiçoso, o canto melancólico de um pássaro desconhecido.

Apertando o botão que acendia a luz do relógio digital, viu que eram ainda onze e quarenta e um da noite. Precisava ir ao banheiro, uma pequena pontada lembrava, pois, como a maioria dos homens da sua idade, sua próstata não funcionava mais como devia. Abriu um pouco as cortinas que iam até o chão e sentiu o ar no rosto.

O céu estava encoberto e a lua já estava alta. Semanas de calor tinham secado a folhagem das árvores que formavam um arco sobre a estrada, mas agora só sua abundância podia ser vista, a pesada luxuriância, imóvel no ar quente. Ele pensou como seria maravilhoso se acontecesse alguma coisa que a fizesse voltar mais cedo. Que aquele clube horrível fechasse, por exemplo, ou até mesmo uma batida policial, mas ele duvidava que Amber fosse capaz de alguma coisa que atraísse a atenção da polícia — ou seria? Nunca se sabe com os jovens de hoje. Porém seria maravilhoso fechar as cortinas, abri-las outra vez e ver Amber caminhando na alameda até a casa.

Certas noites ele saía para a rua, à procura dela. Um gesto vão, idiota demais para ser confessado. Nem mesmo Diana sabia disso. Ele saía, ia até a esquina — duzentos ou trezentos metros — olhava para um lado e para o outro da estrada que ia de Myfleet a Kingsmarkham e voltava para

casa. Nunca adiantou, mas era o que pais ou amantes ansiosos faziam. Mesmo que quisesse fazer isso nessa noite, era cedo demais. Ela estaria naquele clube, um lugar subterrâneo, ele pensava, com seus amigos, fazendo o que tinham de fazer. Ele fechou a cortina e se levantou para procurar Diana. Ela dormia silenciosamente, com uma das mãos no rosto. A juventude voltava quando ela dormia, como dizem que volta aos que acabam de morrer. Imagino se ela tem alguém, ele pensou, “alguém mais”, como se diz. De repente lhe pareceu obsceno, partilhar o leito com um homem quando se tem outro, um amante. Mas talvez ela não tivesse, provavelmente nunca. Ela era indiferente a ele, como ele a ela. De qualquer modo, ele não se importava. Nas raras ocasiões em que pensava nisso, sentia que, na realidade não se importava com ninguém, exceto com Amber.

Ele mergulhou em um sono inquieto. Um barulho o acordou. Um carro na rua? Aquele garoto talvez tivesse trazido Amber. Geralmente a deixava na esquina, mas talvez a tivesse levado até em casa. Outra vez ele acendeu o mostrador do relógio. Uma e cinquenta e seis. Essa era a hora em que ela costumava chegar. Era geralmente muito quieta, tanto para não acordar o filho, quanto para não perturbar a ele e a Diana. Talvez ela estivesse em casa. Talvez o barulho que ele escutou fosse da porta sendo fechada. Deitado, ele escutou. Silêncio. Então aquele pássaro, fosse o que fosse, soltou um grito tristonho. Duas horas, duas e meia, dez para as três... George se levantou e foi até o patamar da escada. Se estivesse em casa, ela teria fechado a porta do quarto. Mas estava completamente aberta.

A desordem caótica, a cama por fazer, as roupas espalhadas o confrontavam, a ofensa que sempre sentia, amenizada pelo escuro iluminado pelo luar. Ela não estava em casa. Três horas era muito tarde e passava das três. Ele desceu. Descalço, atravessou o assoalho de madeira do

hall, a única superfície fria, dizendo a si mesmo que a encontraria na sala de estar, na cozinha, comendo alguma coisa, bebendo a água gasosa que todos bebiam. Ela não estava lá. Ele pensou, de que adianta voltar para a cama, não vou poder dormir. Mas o que poderia fazer se ela não voltasse? Não podia fazer coisa alguma durante a noite porque era o tempo reservado para dormir.

Quando subia a escada, ouviu um grito que não era do pássaro, mas do bebê. Se dependesse de George, ele o deixaria chorar, embora nunca tivesse deixado Amber chorar.

Entrou no quarto e viu Diana sentada no lado da cama, completamente despida. Ela dormia assim. Sempre. E claro que ele gostava disso quando eles se conheceram, e logo que casaram. Agora ele achava... impróprio. Na sua idade e na dela. Ela se levantou sem dizer nada, vestiu o robe de seda azul tirado quando foi para a cama e foi ver o bebê.

— Ela não chegou ainda — ela disse.

— Eu sei.

— Você vai chamar a atenção dela, não vai? Vai ter de dizer que esse comportamento é totalmente inaceitável. Se ela quiser viver sob nosso teto e ter as vantagens de morar aqui, deve chegar em casa à meia-noite, no máximo. Ela só tem dezoito anos, pelo amor de Deus!

— Ela vai embora, não vai, em novembro?

Ela não respondeu. Certamente ficaria aliviada, ele pensou. Apagou a luz e no escuro ouviu o robe de seda ser tirado do corpo nu. A pele macia e quente da coxa dela roçou nele. George sentiu um arrepio no calor da noite.



A lua tinha desaparecido. Ainda não era madrugada. Ele ficou acordado por uma hora, então se levantou, foi ao

banheiro e se vestiu. Roupas de velho, como Amber dizia, calça de flanela, camisa com colarinho e punhos, meias e sapatos de amarrar, mas ele não sabia o que mais poderia usar. Provavelmente tinha dormido um pouco depois que Diana voltou para a cama. Diziam que se dorme, ou se cochila, mesmo tendo certeza de não se ter dormido. Enquanto ele estava naquele sono inquieto, ela podia ter chegado. Esperou cinco minutos de pé, ao lado da janela do quarto, dez minutos antes de sair para o corredor, adiando a alegria de ver a porta do quarto dela fechada finalmente ou o horror de encontrá-la ainda aberta.

Estava aberta.

Então, pondo em palavras o medo há muito contido, alguma coisa aconteceu com ela. O que acontecia a jovens de dezoito anos sozinhas na rua, à noite. Eram dez para as cinco e o dia começava a clarear. O céu estava pálido e brilhante, daquela cor sem nome e sem descrição, a não ser, como uma pérola. Lá fora, o ar, durante horas pesado e abafado, estava agora fresco e frio. Ele pensou, vou até a esquina, andarei um pouco na rua, quilômetros se necessário, até encontrá-la. Se não a encontrar, pelo menos não estarei em casa naquela cama, ao lado daquela mulher, ouvindo o choro daquela criança.

As únicas casas em Mill Lane eram a dele e a cem metros dali, no outro lado, um conjunto de três pequenas vilas. Por que tinham sido construídas ali há cento e cinquenta anos, para quem, ninguém sabia. No lado de fora da casa do meio um carro estava estacionado à beira do gramado. George se perguntou por que John Brooks deixava o carro passar a noite ali, quando havia espaço na frente da casa. O pensamento foi breve, levando-o inevitavelmente de volta a Amber, a quem Brooks tinha ensinado a usar o computador de Diana. Por que não pedir à Diana? Desde o princípio elas se detestavam. Como alguém podia detestar sua pequena Amber?



Mas onde ela estava? Que fim tinha levado? Andando do lado do Jewel Terrace, onde ficavam as vilas, ele chegou ao fim da Mill Lane e olhou para Myfleet Road. Era longa e reta naquele ponto, um simples caminho de carruagens com campos e bosques nos dois lados, olhos-de-gato, mas nenhuma tabuleta indicando o tráfego ou marcas, a não ser o cartaz que dizia “Para Brimhurst St. John” e apontava para a Mill Lane. Andar naquela rua era inútil. Melhor seria voltar e pegar o carro. Ou podia telefonar para aquele garoto, aquele Ben Miller. E claro que seria absurdo telefonar para alguém às cinco horas da manhã e Miller não era namorado de Amber, ela não tinha namorado, mas ele pouco se importava com isso. Ah, que alívio se estivesse na casa de Miller, em Myfleet... — só que ela não estaria. Onde podia estar?

Ele voltou e começou a andar. Ela podia ter ficado na casa de uma das suas amigas de Kingsmarkham, Lara ou... como se chamava, Megan? Ou Samantha, ou Chris. Ele estava se agarrando a fiapos e sabia disso. Sentia que escapavam dele, levados pelo rio. O sol nascia, já com um toque de calor. Ele foi para o gramado, preferindo a maciez sob os pés, olhou para a esquerda, para a sombra das árvores e viu alguma coisa branca, semiescondida pelo mato alto. Um martelo bateu no seu coração e uma onda de terror tomou conta dele. Por um momento não conseguiu se mover, apenas ficou ali com a cegueira velando seus olhos. Deu um passo para a coisa branca.

Tentar enxergar era a coisa mais dolorosa que já fizera, mas tinha de fazer, precisava ver. Viu a mão dela estendida, aquele relógio branco idiota com o rosto de Gollum, e caiu para a frente. Desmaiado talvez, ele não sabia, ou só porque deitar sobre o corpo dela era o único lugar a que podia ir.



Por quanto tempo ficou ali, nunca soube. Só queria morrer. Pensou que se desejasse muito, poderia morrer e então estariam juntos para sempre. Mas não aconteceu.

O entregador que trazia os jornais para ele e para Jewel Terrace deixou a van na esquina e, seguindo pela rua, encontrou os dois. Quando ele se recusou a se mover, o entregador telefonou para a polícia e esperou que ela chegasse.

## capítulo 3

A mulher que saiu da casa quando eles se aproximavam tinha no colo uma criança de mais ou menos um ano. Wexford e a sargento-detetive Hannah Goldsmith se apresentaram e a mulher disse:

— Ele está dormindo. Nosso médico o sedou.

— Eu gostaria de falar com a senhora — Wexford disse.

— É a Sra. Marshalson?

Ela assentiu com um movimento da cabeça. Wexford nunca tivera um caso em que o pai encontra o corpo da filha assassinada, nunca tinha pensado encontrar um pai deitado sobre o corpo da filha. Ele tinha filhas, mas nem podia imaginar-se na posição de George Marshalson.

Uma vez persuadido a ir para casa, eles o levaram e o patologista chegou. Os fotógrafos chegaram, o pessoal da perícia, todo o conjunto dos que trabalham na cena de um crime. Wexford teve de registrar apenas que ela era muito jovem, ainda não tinha vinte anos, muito bonita e que a morte fora ocasionada por uma pancada violenta na cabeça com um tijolo ou uma pedra.

Ele interrogou o entregador de jornal que havia encontrado George e Amber, depois foi com Hannah a pé até Clifton, a casa dos Marshalson. O calor que, de tão acostumados, já achavam normal, estava chegando. Quase dava para sentir a elevação da temperatura. O ar era pesado e parado como se fosse meio-dia. Mill Lane era protegida por árvores de folhagem densa e os raios do sol penetravam entre os galhos.

O jardim na frente da casa chamada Clifton não tinha flores, os arbustos estavam murchos e os gramados, amarelos. A porta da frente da casa se abriu e a mulher apareceu antes de chegarem perto. Como sempre

politicamente correta, mas para Wexford ridícula, Hannah disse, com o tom bondoso e tolerante que usava para falar com ele: — Aquela deve ser sua parceira.

— Mais provavelmente sua esposa.

Hannah olhou para ele com a expressão que reservava para os homens de meia-idade que ainda chamavam de esposa a mulher com quem eram casados. Entraram na casa com a Sra. Marshalson. A criança, um menino, parecia pesado e ela o pôs no chão. Ainda sem saber andar, ele engatinhou rapidamente no assoalho encerado, dizendo “mamãe, mamãe”.

Diana Marshalson o ignorou.

— Entrem aqui. Não sei o que posso lhes dizer. Quando ele voltou, não conseguia falar. Está completamente arrasado.

A expressão dos dois detetives demonstrava o que estavam pensando.

— Oh, eu não sou a mãe dela. Sou a segunda mulher de George.

Wexford tinha aprendido a detectar no rosto da sargento detetive Goldsmith os sinais de satisfação e o que ela chamaria de linguagem corporal. Ele via esses sinais agora, a linha aprovadora dos lábios, o relaxamento dos músculos dos ombros, geralmente tensos. Isso seria resultado do fato de Diana Marshalson dizer que era madrasta da jovem morta. Hannah gostava de combinações complexas de família. No seu mundo significavam liberdade de escolha e segurança. Um bando de filhos, Wexford pensava, cada um com um pai e alguns com mães diferentes, vivendo sob o mesmo teto com quatro ou cinco adultos não parentes, seria o ideal dela.

Entraram na espaçosa sala de estar, com as portas de vidro escancaradas. Ele já sabia que os Marshalson eram decoradores de interior, com sede no Estúdio Marshalson, Desenho e Restauração, em Kingsbrook Center em Kingsmarkham, mas saberia de qualquer modo. As casas

dessas pessoas são geralmente inconfundíveis, belas, de gosto impecável, os ornamentos certos e não muito numerosos, as cores exatamente as que escolheria quem tivesse o dom para isso, e ao mesmo tempo o contrário de aconchegante, não o tipo de lugar onde se tem vontade de ler um livro enrodilhado em uma poltrona, tomando um copo de vinho. Wexford sentou no sofá cinza escuro, Hannah em uma poltrona cinza claro, Diana Marshalson em outra, que parecia ter nascido em algum palácio em Mandalay. Rostos entalhados de deuses irados olhavam severamente dos seus arcos altos.

— Por que seu marido saiu para a rua de manhã cedo, Sra. Marshalson? A que horas foi, exatamente?

— Não sei. Eu estava dormindo. Ele ficava terrivelmente preocupado quando ela saía à noite. Suponho que tenha visto que ela não tinha chegado ainda.

— Ele saiu para procurá-la? — Hannah perguntou, incrédula.

— Creio que sim. Ele devia saber... bem, que ela não estava em casa ou que alguma coisa horrível tinha acontecido, não sei. Ele saiu. Eu acordei quando a criança chorou. Isso foi às seis e meia. — Ela pareceu apurar o ouvido para ouvir o choro. — Preciso ver se George está bem. Importam-se de esperar um minuto? Voltarei logo que puder.

Ela saiu e o menino entrou, ainda engatinhando, mas conseguiu ficar de pé apoiado na beirada de uma mesa que parecia feita de ébano e de alguma outra madeira dourada.

Era um belo menino de pele morena, mas rosto corado, cabelo escuro e crespo, com cachos que só as crianças pequenas têm.

— Olá — disse Wexford. — Como é seu nome? Deixe-me adivinhar. James? Jack? O nome mais popular no momento é Archie, ouvi dizer.

— Ele é muito pequeno para saber o que você está dizendo, chefe.

Resistindo à tentação de dizer que sabia disso, tinha dois filhos e quatro netos, ele disse mansamente que as crianças pequenas gostam que se fale com elas, gostam do som e da atenção. Não importa muito o que se diga. Hannah ergueu os ombros levemente, um gesto favorito dela. Diana Marshalson, ele pensou, Carecia suficientemente jovem para ser a mãe desse menino, mas no limite. Talvez quarenta e cinco ou quarenta e seis anos, uma segunda mulher talvez casada pela primeira vez e queria um filho antes que fosse tarde demais. Ele admirava a aparência dela. Mulheres altas, bonitas, com cabelo escuro e corpo bem-feito eram seu tipo. Ela voltou.

— Ele dorme profundamente. É a melhor coisa agora, mas temo pelo que vai ser quando acordar. Terá de acordar alguma hora. Ele adorava Amber. Ela só tinha dezoito anos. O que aconteceu?

— É cedo ainda para dizer — Hannah respondeu. — Ela está morta. Foi atacada. Na verdade, é tudo que sabemos.

O menino tentou subir para o colo de Diana Marshalson. Wexford teve a impressão de que ela o pôs no colo com ar cansado e sem entusiasmo.

— Amber saiu ontem à noite? A que horas e aonde foi?

A madrasta de Amber escolheu cuidadosamente as palavras.

— Ela foi ao clube. Um lugar chamado Bling-Bling, em Kingsmarkham. Entre oito e meia e nove horas, eu diria. Parece horrível, eu sei, mas todos eles fazem isso.

O amigo que a trouxe para casa certamente a deixou no fim de Mill Lane. Já aconteceu antes, ela ia ao clube regularmente e sempre voltava bem. — O menino pegou o colar de pérolas dela e começou a puxar. — Não, Brand, não, por favor. — Ela soltou os dedos dele. — Amber esperava os resultados da sua média geral. Acabara de se formar no primeiro grau. Olhe, meu marido está dormindo, mas acho que devo ficar com ele. Estar ao seu lado, vocês

sabem, quando acordar. Não posso deixá-lo sozinho por mais tempo.

— Nós gostaríamos apenas... — Hannah começou, mas Wexford a interrompeu.

— Voltaremos mais tarde, Sra. Marshalson. Então talvez a senhora ou seu marido possa nos dar o nome do amigo e mais alguns detalhes sobre Amber. Vamos embora agora.

Diana Marshalson ficou apenas o tempo necessário para abrir a porta, com o menino sentado em um lado do quadril.

— Podíamos ter conseguido o nome do amigo, sabe, chefe — disse Hannah. — Afinal, ela não é a mãe de Amber.

Embora soubesse que era uma prática aceita pela força policial em todo o país, Wexford não gostava de ser chamado de chefe. Não esperava que o chamassem de senhor, mas quase preferia que ela o chamasse pelo primeiro nome do que por chefe. Quando Hannah entrou para sua equipe, ele lhe pedira para não chamá-lo assim, mas foi como se não tivesse dito nada. Se ela faltasse com o respeito, ele teria razão para censurá-la, mas isso jamais aconteceu. Wexford tinha certeza de que Hannah gostava dele, até mesmo o admirava, exceto por seu modo de falar e sua terminologia antiquada.

Agora, como Wexford não respondeu, ela repetiu o que dissera.

— Ela podia ser muito ligada à jovem — ele disse. — Ainda não sabemos há quanto tempo é sua madrasta. Talvez desde a infância de Amber.

Voltando à cena do crime, Hannah não disse mais nada. O fato de Wexford insistir em chamar a vítima de jovem a incomodava. Amber era uma mulher de dezoito anos.

Ele devia aprender os termos corretos, ela pensou, ou o mundo que mudava rapidamente, logo o deixaria para trás. Há poucos dias ela o ouvira dizer “povo”, quando queria dizer “comunidade”.

O corpo já tinha sido removido. Havia ainda alguns policiais uniformizados no lugar, meia dúzia de carros no começo da rua e o oficial encarregado da perícia estendia uma faixa de isolamento em volta do lugar em que Amber Marshalson fora encontrada. A sargento-detetive Karen Malahyde estava ao lado de uma mulher de uns quarenta anos, vestida de jeans e camiseta branca.

— Esta é a Srta. Burton, senhor. Mora em uma daquelas casas no outro lado da rua. Saiu ontem à noite e voltou mais ou menos à meia-noite.

— Lydia Burton — a mulher disse. — Moro no numero três do Jewel Terrace. Saí com um amigo. Ele me trouxe de carro e depois que ele se foi, levei meu cachorro para passear. Não por muito tempo, sabem. Mas eles precisam sair, do contrário ficam inquietos.

Ela era bonitinha, não uma beleza, pele saudável e cabelo crespo e claro, rosto sem maquiagem, apenas com máscara nos longos cílios. Isso e os brincos com cara de cachorro davam uma nota frívola à sua austeridade.

— Sim, é claro — ela disse, respondendo à pergunta dele se conhecia Amber Marshalson. — Sou professora da Escola Primária de Brimhurst. Amber a frequentou por dois ou três anos quando seu pai veio para Brimhurst.

— A senhora a viu ontem à noite?

— Queria muito ter visto.

— Que aconteceu?

— Infelizmente, não sou muito observadora.

Hannah Goldsmith não gostava de ouvir as pessoas, especialmente mulheres, subestimando-se. Um sinal de pouca autoestima, talvez. Hoje em dia sabia-se que todos têm valor. Todos têm habilidades e dons e cada um é uma pessoa única.

— A senhora saiu com o cachorro, a que horas mais ou menos? Meia-noite e meia?

— Acho que sim. Mais ou menos. A rua estava muito escura por causa das árvores e eu não tinha uma lanterna.



Havia um pouco de luar, eu fui para o outro lado, na direção da Myfleet e andei umas duzentas jardas. — Metros, pensou Hannah, metros. Por que as pessoas custavam tanto para aprender? — Quando estava voltando para a esquina de Mill Lane, vi um homem. Estava parado ali, entre as árvores. — Lydia Burton apontou para o lugar em que Amber Marshalson fora encontrada. — Levei um susto. Ele estava de costas para mim. Acho que não me viu. Atravessei a rua. Estava ansiosa para chegar em casa. Quero dizer, vendo-o ali me fez querer estar em casa.

— Pode descrever esse homem, Srta. Burton?

Hannah balançou a cabeça, impaciente. Por que Wexford não aprendia a dizer senhora?

— Não vi o rosto dele. Ele estava de capuz, quero dizer, vestia um casacão de lã com capuz. Bem, quase todos os jovens usam. Não acho que ele fosse tão jovem. Não era um garoto.

— Alto ou baixo? Gordo ou magro? Quantos anos?

— Mais para alto — ela disse. — Bastante magro, eu acho. Queria ter prestado mais atenção. Quarenta anos, eu creio. Pelo menos quarenta.

— É uma pena que não possa ser mais precisa — disse Hannah.

— Não viu Amber? Não, suponho que não. Sabe se ela ia muito ao clube?

Wexford desejou que Hannah não falasse com aquele tom de censura. Ela era uma bela mulher, alta, esguia. Com rosto de um santo de El Greco e cabelo negro, mas ele duvidava de que alguma vez tivesse ido a um clube ou chegado em casa depois das vinte e três horas, a não ser por motivo de trabalho.

— Na verdade não sei — disse Lydia Burton —, não conheci Amber muito bem. Apenas dizíamos “oi” quando nos encontrávamos. — Wexford perguntou quem morava nas outras casas do Jewel Terrace:

— O senhor idoso no número um é o Sr. Nash, e depois o casal Brooks, no número dois, chamam-se John e Gwenda.

Eles a viram entrar na primeira casa da vila, um chalé de tijolos vermelhos, como os outros com telhado de ardósia. Seu jardim da frente era um pequeno gramado quadrado, circundado por arbustos de lavanda, o do Sr. Nash era um canteiro de enormes girassóis com três metros de altura, voltados para o céu, o dos Brooks era calçado de pedra com um retângulo de cercas vivas bem podadas. A manhã já estava muito quente, com aquele calor inglês característico, o ar pesado de umidade, o sol ardente.

Para Wexford, Hannah Goldsmith parecia tão intocada pelo calor como sempre, a pele macia tão branca quanto no inverno, nem um fio de cabelo fora do lugar.

— Você pode começar no Jewel Terrace, Hannah — ele disse.

— Antes que os moradores saiam para o trabalho. Leve Baljinder com você.

Formavam um belo par, ele pensou, quando Hannah e o DC Bhattacharya atravessaram a rua, a mulher tão esbelta, o cabelo descendo nas costas como uma catarata negra e o homem alto, empertigado, impossivelmente magro, o cabelo curto fazendo o dela parecer castanho, de tão negro que era. Os perfis eram mais ou menos parecidos, regulares, clássicos, totalmente caucasianos. Podiam ser irmãos, filhos talvez de pai iraniano e mãe ibérica. Pensando em quanto a área tinha mudado desde o caso Simisola, quando não havia mais de doze pessoas de minoria étnica, ele acompanhou Karen Malahyde até onde o carro os esperava com Donaldson na direção.

— Vai ser um dia quente, Jim.

— Sim, senhor — Donaldson disse, secamente, tentando dar àquela observação banal o desprezo que merecia.

— Quer saber, acho que nunca estive aqui antes, em Brimhurst, quero dizer.

— Não é o tipo de lugar que se visite, a não ser que se conheça alguém aqui. Tudo que tem é a prefeitura e a igreja, que está fechada desde que o vigário foi embora, há dez anos.

— Como você sabe tudo isso?

— Minha mãe mora aqui — disse Donaldson —, as pessoas gostam porque é quieto. Nunca acontece nada... bem, até agora.

— Sei... Pode ligar o ar-condicionado?



Ele não gostava de autópsias, mas assistia a todas, olhando para o outro lado o maior tempo possível. O detetive-inspetor Burden era menos sensível, e completamente fascinado pelos métodos forenses. Sentaram e assistiram, ou, no caso de Wexford, fingiam assistir enquanto a patologista abria o corpo de Amber Marshalson e examinava os danos terríveis infligidos à cabeça dela onde fora atingida com um objeto pesado. Ele tinha perguntado a hora da morte e ela disse entre meia-noite e três horas da manhã. Não podia afirmar com maior precisão.

— Eu diria que a arma foi um tijolo — disse Carina Laxton —, mas é claro que não posso ter certeza.

— Certamente — disse Burden, que não gostava dela. A não ser pelo nome e pela falta de uma cartilagem da tireoide, ele tinha dito para Wexford, ela podia ser um homem e talvez tenha sido algum dia. Nunca se sabe. Carina Laxton não tinha seios nem quadris, seu cabelo era cortado rente e nem uma amostra de maquiagem já passara pelo rosto virgem. Mas tinha de admitir que ela era boa no que fazia, mais incisiva e rude do que Mavrikian e

sua atitude completamente diferente das proposições de Sir Hilary Tremlett.

— Ela morreu do golpe na cabeça, não preciso dizer. Naturalmente não compete a mim — isso dito com um ar quase arrogante — identificar a arma. Sem dúvida vão precisar dos serviços de um plintólogo.

— Um o quê?

— Um perito em tijolos — Carina falou devagar e cuidadosamente para o caso de ele ter dificuldade para entender inglês.

— Sem dúvida — disse Burden.

— Porque um tijolo não é apenas um tijolo, você sabe. — Depois de esperar que ele absorvesse a frase, Carina disse: — Não houve agressão sexual. Está tudo no relatório.

Ela teve um filho, como creio que já devem saber.

— Eu não sabia — disse Wexford atônito. — Ele só tinha dezoito anos.

— Que quer dizer com isso, Reg? — Carina Laxton balançou a cabeça e crispou os lábios. — Se ela tivesse doze anos, então, sim, seria motivo para comentar. Só comentar.

Brand, ele pensou. Será filho de Amber, não de Diana? Voltou-se para Burden:

— Venha ao meu escritório, Mike, e mais tarde podemos voltar a Mill Lane e falar com os dois Marshals.

Eles trabalhavam como uma equipe sempre que podiam, especialmente quando Wexford sentia que mais uma ou duas horas na companhia de Hannah Goldsmith o faria dizer coisas das quais se arrependeria depois. Ele e Mike davam-se bem. Se não podiam dizer tudo que vinha à cabeça, chegavam tão perto disso quanto possível. Ele gostava de Mike mais que de qualquer outra pessoa, depois da sua mulher, dos filhos e dos netos — e talvez não exatamente depois deles. Pois essas sete pessoas ele amava e ninguém sabia melhor do que ele que gostar e amar são

duas coisas diferentes. Nem mesmo a Igreja Católica nunca tentou mandar que os fiéis gostassem uns dos outros.



No escritório de Wexford com o tapete novo, presente dos agradecidos contribuintes do conselho de Kingsmarkham e duas poltronas amarelas que pertenciam a ele, Burden sentou, como de hábito, no canto da mesa de pau-rosa. Essa grande peça também pertencia a Wexford, que a mantinha ali, com as duas cadeiras, para mostrar à mídia local, quando aparecia à procura de provas de devassidão ou corrupção policial. Burden, sempre bem vestido, ultimamente passara a usar roupas conhecidas como “informal elegante”. Os belos ternos tinham ido para o fundo do guarda-roupa ou, no caso dos mais antigos, para instituições de caridade e o detetive-inspetor aparecia de jeans e casaco de suede com camisa branca de colarinho aberto. Uma das coisas que Wexford pensava e que não podia dizer em voz alta era que seu amigo era um pouco velho demais para jeans. Mas só um pouco e Burden era suficientemente magro para usar as calças jeans com elegância.

Na sua mesa estava o que tinham encontrado nos bolsos do casaco de Amber Marshalson. O casaco branco de algodão muito manchado de sangue tinha ido para o laboratório, bem como a minissaia cor-de-rosa. Combinação, sutiã e calcinha negros. O conteúdo dos bolsos estava sobre o couro vermelho escuro da mesa.

— Elas não usam mais bolsa — disse Wexford.

Burden olhava para uma chave em um chaveiro Gollum que combinava com o relógio, um tubo de plástico transparente com uma substância cor-de-rosa, provavelmente uma espécie de brilho labial, o maço com

dois cigarros, o chocolate meio derretido, ainda envolto em papel de alumínio, e a camisinha. Ainda um pouco puritano, ele olhou para o último objeto e comprimiu os lábios.

— Melhor ter do que não ter, sem dúvida — disse Wexford.

— Depende de como você pretende passar sua noite. Ela não estava com dinheiro?

Wexford abriu uma gaveta e tirou uma bolsinha de plástico transparente com um maço de notas. Muitas notas, todas de cinquenta.

— Ainda é preciso tirar as impressões — ele disse. — Há mil libras aí. Estavam no bolso direito do casaco com a chave e esse tubo do que eu acredito seja batom.

A camisinha, os cigarros e o chocolate estavam em outro bolso.

— Onde ela arranjou mil libras?

— Isso temos de descobrir.

## capítulo 4

O carro entrou na Mill Lane. Ao longo da borda de mato, policiais uniformizados — sem túnicas e sem bonés — revistavam a vala e o campo no outro lado, à procura da arma. A fita amarela na beira da calçada isolava a área do crime. No lado oposto da rua, um velho apoiado em uma bengala, entre os girassóis, observava os policiais.

— Tem estado seco por tanto tempo — Wexford disse — que o assassino podia ter estacionado o carro em qualquer lugar, sem deixar marca.

A casa chamada Clifton parecia imóvel e passiva entre as árvores e os arbustos. Tinha aquela aparência de abandono que os prédios têm quando faz muito calor. A expectativa era para o frio cortante do inverno. As janelas largas estavam abertas, mas não se via ninguém. Embora fosse o começo da noite, eles saíram do interior frio do carro para um muro de calor.

— É como descer do avião quando se vai à Grécia de férias disse Wexford. — Não dá para acreditar, a sensação é maravilhosa! No meio da noite, ou não. Mas dificilmente temos noites quentes aqui. Por quê?

— Não me pergunte. Alguma coisa a ver com a Corrente do Golfo, eu acho. A maioria das coisas do tempo tem a ver com a corrente.

— A Corrente do Golfo deixa as coisas quentes, não frias. Dessa vez ninguém os esperava.

Wexford tocou a campainha e Diana Marshalson abriu a porta. O menino estava com ela, tentando ficar de pé, segurando na calça folgada de Diana.

— Esta manhã, eu estava certo de que ele era seu filho — disse Wexford. — Mas sua mãe era Amber, não era?

— Suponho que eu devia ter dito.

Nem Wexford nem Burden fizeram qualquer comentário.

— Brand é diminutivo ou o nome dele?

Ela fez uma careta, franzindo o nariz e abaixando os cantos da boca.

— Infelizmente é o nome. Porém, considerando os nomes acessíveis hoje em dia, não é dos piores, certo? Meu marido já se levantou. Ele vai falar com vocês, mas sejam pacientes com ele, por favor. Teve um choque terrível.

Ela os levou para uma grande sala de estar onde o marido estava deitado no sofá cinzento, recostado em almofadas cinzentas e brancas. Wexford descobrira que ele ainda não tinha sessenta anos. Com o cabelo branco e ralo circundando a calva, o rosto enrugado e a barriga protuberante, ele parecia muito mais velho. E claro que se devia considerar o fato de ter sofrido uma perda enorme. Quando os policiais entraram, ele virou a cabeça e olhou para o menino.

— Oh, Deus, ele é igualzinho à mãe! — ele disse. — Exatamente como Amber era nessa idade.

Ele tinha nas mãos uma foto emoldurada, que estendeu para Wexford.

— Ele não é a imagem viva da mãe?

Wexford olhou para a figura de uma jovem santa tendo visões.

— Sim, é. É um belo menino — acrescentou. — Ela era muito bonita. — A expressão de Diana Marshalson quase o chocou. Se tivesse de descrever, ele chamaria de exasperada.

Talvez ultimamente ela tivesse ouvido demais o quanto Amber era bela e como Brand era bonito.

Wexford se apresentou, e acrescentou algumas palavras de solidariedade.

— O senhor acha que pode responder a algumas perguntas?

— Sim, sei que devo.



— Este é o detetive-inspetor Burden, membro da minha equipe. Sra. Marshalson, se não se importa de nos deixar por, digamos, quinze minutos, logo falarei com a senhora, se permitir.

Ela pegou Brand no colo e o acomodou no quadril esquerdo. Era um modo muito conveniente, Wexford pensou, de uma mulher carregar uma criança — difícil para um homem — mas, ao contrário de um abraço ou de pôr a criança nos ombros, dava poucas oportunidades de demonstrar afeição. Sentado ao lado daquela mulher, o menininho não podia encostar o rosto nela nem ela podia aconchegá-lo contra o peito. Será que ele sentia falta da mãe? Devia sentir. Na medida do possível, ele devia ter perguntado por ela. Então Wexford lembrou que de manhã Brand tinha dito “mamãe, mamãe”.

— Sente-se, por favor — Marshalson disse, com voz inexpressiva.

— Obrigado. Sinto ter de interrogá-lo neste momento, mas infelizmente é inevitável. A que horas o senhor esperava que sua filha voltasse para casa ontem à noite, Sr. Marshalson?

— Eu não a esperava exatamente a determinada hora. Sabia que ela teria carona para voltar. Bem, digamos que pensei que estivesse em casa lá pelas duas horas.

Wexford se conteve para não demonstrar violenta desaprovação. Burden não teve esse problema e demonstrou perguntando: — Isso acontecia com frequência?

— Amber não estava mais estudando... bem, tinha feito até o sexto grau. Esperava o resultado da sua média geral. Ela voltou a estudar depois que Brand nasceu. — Sua voz ficou embargada e ele pigarreou. — Os resultados chegaram pelo correio esta manhã, três dez e um nove. Ela podia ter ido para Oxford. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu pensei... pensei que seria difícil para ela, deixar de se divertir depois do que passou.

— Depois do que passou?

Wexford lançou um olhar de advertência ao amigo, que Burden fez questão de não ver.

— Quero dizer, engravidar, ter o filho. Romper com o namorado. Bem, eu o chamaria de sedutor. Corrupto.- Está falando do pai de Brand, Sr. Marshalson?

— Estou, nunca houve outro — disse Marshalson defendendo a filha morta. — Eu acredito que ele a violentou. Bem... na primeira vez, se é que houve outras vezes, o que duvido.

Como se os pais soubessem...

— Pode nos dizer o nome dele? — Burden lutou, Wexford percebeu, para evitar um tom puritano de desagrado na voz. — Ele mora por aqui?

— O nome dele é Daniel Hilland. Estuda na Universidade de Edimburgo mas, é claro, não deve estar lá agora. As férias são longas. Os pais dele moram aqui, em Little Sewingbury. Tenho o telefone deles, em algum lugar.

— Não se incomode, senhor. Nós encontraremos. Agora, vamos falar do amigo com quem Amber saiu ontem à noite? E do que a trouxe até o fim da rua. Se puder nos dar seus nomes, nós o deixaremos em paz.

— Paz! — disse Marshalson e as represas se abriram. As lágrimas desceram por seu rosto e sua voz tremeu. — Paz! Já nem lembro o que é isso. Há muito, muito tempo. Talvez desde que casei com Diana. Não estou dizendo que seja culpa dela. Amber... bem, ela ficou grávida e foi um choque terrível, terrível. Teve o filho e o trouxe para que cuidássemos dele. Para Diana cuidar. Nisso se resume tudo. — Seus lábios tremeram. — Diana precisou deixar o trabalho no estúdio. Mas não foi nada comparado a isso. Como vou suportar ver o menino agora? Ele é tão parecido com ela... Exatamente como Amber, quando era pequena.

Wexford pensou que Marshalson ia começar a soluçar, mas ele se conteve com tremendo esforço, respirou fundo e

encostou a cabeça nas almofadas em cinza e branco.  
Fechou os olhos.

— Desculpem, vou me controlar. Os amigos... perguntem a Diana. Diana sabe.

— O senhor saiu para procurar Amber — Burden disse.  
— Por quê?

Marshalsen balançou a cabeça não em negativa, mas num gesto de sofrimento.

— Eu nunca dormia bem quando ela saía. Nunca. E tinha razão para não dormir, não tinha? Eu não me preocupava sem motivo, como Diana dizia. Estava certo em me preocupar.

— Talvez, senhor, mas o que esperava conseguir, saindo para a rua às... cinco horas... cinco, não foi? Da manhã?

— Não sei. A essa hora fazemos coisas irracionais. Pensei que ia vê-la saindo do carro daquele garoto. Nessa idade, o tempo não tem significado para eles. Nunca se cansam. Pensei em acompanhá-la de volta pra casa, segurar seu braço, minha princesa, meu pobre anjinho...

Burden perguntou o que Wexford pensava que não teria coragem de dizer naquele momento:

— O senhor saiu para rua antes? Digamos, às duas ou três horas?

Se Marshalsen entendeu o propósito da pergunta, não demonstrou.

— Só essa vez. Só saí às cinco horas. Andei pela casa mais cedo, vi que a cama de Amber estava vazia, mas só saí às cinco horas... — Um soluço o interrompeu.

No corredor, Wexford olhou para os lados, procurando sinal de vida. Uma das portas de madeira clara, com maçaneta de ferro inoxidável, estava meio aberta. De dentro do quarto Wexford ouviu o menino chamar “mamãe, mamãe”.

As palavras “ferem meu coração” vieram à sua mente e ele disse a si mesmo para não ser um tolo sentimental. Abriu a porta e entrou, com Burden atrás. Brand, que

parecia adquirir maior habilidade para andar de hora em hora, como acontece com as crianças daquela idade, virou de costas para a janela onde estava de pé e, desapontado, repetiu o triste mantra: “mamãe, mamãe”.



Diana Marshalsen estava sentada no chão entre brinquedos de madeira, um cão peludo com rodas e uma porção de tijolos coloridos.

— Espero que isso não continue. Quero dizer, espero que ele esqueça de Amber, para seu bem.

Wexford esperou ouvir alguma palavra de solidariedade para o menino e de sentimento pela mãe, mas não ouviu. Brand ficou de quatro e engatinhou para ela, parecendo intrigado. Parecia que ela ia tomá-lo nos braços e consolá-lo, mas isso não aconteceu. Ela se levantou.

— Sentem-se, por favor. O que posso fazer pelos senhores?

Estavam em uma espécie de estúdio com uma mesa, um arquivo, um computador ligado, móveis forrados de *tweed* cinza claro e laranja. A única porta de vidro através da qual Brand estava olhando, esperando ver a mãe, dava para um jardim grande, quase todo de grama e arbustos. O calor excessivo da última semana amarelara a relva, que agora tinha a cor das colinas da Califórnia. Burden fez a Diana Marshalsen a pergunta que não tivera coragem de repetir para o marido arrasado pela dor.

— Só conheço os amigos dela por seus primeiros nomes. Bem, exceto o que a trazia até o fim da rua. O nome dele é Ben Miller e acho que mora em Myfleet. Sim, é lá que ele mora. Isso ajuda?

— Ajuda muito — disse Wexford. — Talvez possa nos dizer os nomes dos amigos que conhece.

— Como disse, não sei sobrenomes. Havia uma Chris, uma Megan e uma Veryan. Ela esteve aqui uma ou duas vezes. Oh, e Sam — não sei se é Samuel ou Samantha — e uma Lara. Acho que Lara e Megan são irmãs. É claro não posso dizer se ela se encontrou com algum deles a noite passada. Não, Brand, agora não, Di está ocupada. — Ela não chegou a empurrar o menino. Com as mãos nos ombros dele, inclinou-se para a frente e balançou a cabeça várias vezes. — Não, Brand, está ouvindo? Vá brincar com seu cachorro, dê uma volta pelo quarto. — Seu tom era frio, mais como a professora primária de quando Wexford era pequeno do que o de uma babá de hoje. — Não sei como vou fazer — ela disse para os policiais. — Já era difícil com Amber aqui parte do dia. Não é como se ela fosse minha filha. Não é justo para mim, é?

Raramente Wexford não sabia o que dizer, mas isso aconteceu naquele momento. Ele se levantou. Burden se levantou. Brand andava pelo quarto, puxando o cachorro com rodas. Em vez de mamãe, agora ele repetiu “Di” algumas vezes.

Provavelmente não era a primeira vez, mas assim mesmo Wexford esperou ver algum prazer no rosto de Diana Marshalson. Sem sorrir, ela ouviu o menino repetir o diminutivo do seu nome, olhou brevemente para ele e desviou a vista.

— Eu tomo conta deste menino desde que nasceu — ela disse. — Não é realmente justo, certo? Amber me odiou desde o começo. Teria odiado qualquer pessoa que casasse com seu pai. Não estou dizendo que ela fosse sempre agressiva, acabou se acostumando comigo, mais ou menos me aceitou, mas jamais gostou de mim. Porém, quando ele nasceu, o bebê ficou por minha conta quando ela estava no colégio. Depois de um tempo, deixei meu emprego. Eu era sócia de George, mas tive de desistir. Amber nunca tomou conhecimento, para ela era como devia ser. Como não tenho filhos, eu devia querer tomar conta do filho dela.

Quando ela saía e ficava fora a metade da noite, era eu quem tinha de me levantar quando ele chorava. Mas não adianta falar nisso. Não adianta nada. Querem saber mais alguma coisa?

Burden olhou rapidamente para Wexford e disse:

— Não agora, obrigado, Sra. Marshalson. Mas certamente vamos querer falar outra vez com a senhora.

Saíram em silêncio para o calor escaldante; era um mês de agosto que certamente quebraria os recordes de temperatura. Por alguns momentos, antes de se tornar opressivamente abafado, Wexford sentiu o calor como um alívio. Ergueu o rosto para o sol e Burden explodiu: — Que Deus me ajude! Vou passar noites em claro pensando naquela criança. Pobre menininho! O avô não pode olhar para ele porque o faz lembrar a filha morta. A avó torta não esconde o fato de achar que ele é um incômodo. A mãe está morta e, ao que parece, ela não era grande coisa como mãe. E eles não são pobres, podem pagar uma babá decente, alguém que talvez o ame. Isso me dá náuseas.

— Acalme-se, Mike. O emotivo sou eu, lembra? Estamos trocando os papéis.

Entraram no carro. Depois de tanto tempo ao sol, o carro estava quente. Donaldson ligou o motor e o ar-condicionado. Os policiais continuavam a busca no campo.

— Eu iria ver se eles encontraram alguma coisa — Wexford disse —, mas tenho uma entrevista coletiva às seis e meia. E, a propósito, concordo plenamente com você sobre os Marshalson e o menino.

— Por que a menina ficou com ele? Se não se importava com o filho, podia ter dado para adoção. Muita gente ia gostar dele. Tudo está tão errado! Tudo! A garota mal saiu do colégio e ficava no clube até altas horas. Não sei o que aconteceu com as pessoas tão depressa. Vinte anos e toda atitude com a vida mudou.

— Talvez seja preciso conhecê-los melhor antes de julgar. — Wexford sentia o suor no peito e desejou ter uma

camisa limpa antes da chegada dos jornalistas. — Eles levaram o pior choque possível. Sabe o que me afetou mais? Foi Brand chamar a mãe.

— Aquela Diana sequer pareceu perceber. E de partir o coração, mas ela não se abalou. — Olhou para Wexford quase desconfiado. — No que você está pensando?

Raramente inclinado a mentir, Wexford não via necessidade de ser sincero sobre seus pensamentos.

— Em que prefiro enfrentar os jornais de Londres, em qualquer tempo, do que aquele cara novo do *Courier*.

Voltou a pensar no que realmente o preocupava: sua filha.

## capítulo 5

A coletiva durou pouco. Wexford e o sargento Vince tinham pouco a dizer à imprensa e pela primeira vez Darren Lovelace, o novo jornalista do *Courier*, não os perturbou.

Wexford falou por dois minutos no noticiário regional da noite da BBC e três minutos na Rádio Mid-Sussex. E então acabou.

— Você vai trazer Marshalson para fazer um apelo?

— Quer saber, acho que nunca mais vou fazer isso com alguém. Para começar, acontece com tanta frequência, é tão rotineiro que o público ficou blasé. Provavelmente mudam de canal quando o pai, a mãe, o amante ou a mulher pede à pessoa que matou seu ente querido — devemos chamar de parentes — que se entregue. Então acontece o fato constrangedor de um deles mesmos ser o assassino.

— Não vai dizer que suspeita de Marshalson!

— A essa altura, Mike, não tenho suspeito algum.

Resistindo ao convite de Burden para um drinque no Olive and Dove, Wexford foi para casa pensando no que tinha dito naquele dia, que os papéis dos dois estavam trocados, pois geralmente era ele quem persuadia o inspetor a acompanhá-lo em refeições e drinques tarde da noite, não o contrário. Ele queria muito ouvir o que sua mulher tinha a dizer sobre Sylvia.

Que ela estava grávida, sem marido ou companheiro ele já sabia e que alguma coisa estava errada. Dora tinha contado a ele o que sabia, que não era muita coisa. Havia algo errado com ela ou com o bebê? Eles não sabiam, mas Sylvia tinha prometido visitar a mãe nesse dia e contar “tudo”.



— Que significa isso? — ele perguntara.

— Não sei, Reg. Eu queria que ela não tivesse dito tanto. Fico pensando que ela descobriu que o bebê tem um cromossomo demais ou de menos. Eu só queria ser deixada na ignorância.

— Eu também.

Como as de todos os seus vizinhos e quase todas as casas particulares em Kingsmarkham, exceto as de Ploughman Lane, a casa de Wexford não tinha ar-condicionado, mas todas as janelas, da sala de estar, incluindo as portas envidraçadas estavam abertas. O jardim havia passado algumas horas na sombra e a sala não estava quente demais. Soprava uma brisa que fazia ondular as folhas pesadas dos lilases.

— Vou tomar um drinque — Wexford disse.

Sua mulher deu uma resposta que nunca dera antes.

— Sim, acho que deve. E traga um para mim, por favor. O Sauvignon na geladeira deve estar gelado.

Uma imaginação fértil é um obstáculo maior do que realmente vale. Ele sempre pensava e pensou agora, enquanto servia o vinho em dois copos grandes, vendo mentalmente uma criança defeituosa mais dolorosamente amada do que os irmãos, uma bela criança com dano cerebral, uma criança condenada a nascer morta, mas que nunca foi esquecida...

Ele sacudiu a cabeça como para apagar o pensamento. Pôs um punhado de castanhas de caju, com alto nível de calorias, em uma vasilha. Ele adorava castanha de caju, o que às vezes achava ser uma fixação pouco saudável. Não era hora para o que seu pai chamava de “brincadeira”.

— Nada há de errado com o bebê — Dora disse, quando ele voltou para a sala —, se era isso que você estava pensando. Sei que eu pensei. Ele está bem. Sylvia está grávida de quatro meses e Neil é o pai.

— Quê?

— Sim, você ouviu bem. Foi o que eu disse. Neil é o pai. Mas há mais. Muito mais.

Dora tomou um gole pouco elegante do vinho e suspirou.

— Espero que eles voltem, ela e Neil. Sempre esperei isso, como você sabe. Mas esse não é o problema.

Aparentemente ele está muito feliz com a namorada, como é o nome dela?

— Naomi.

— Ele e Naomi estão felizes, a não ser por uma coisa. Ela não pode ter filhos e não é simplesmente um caso de tentar e falhar. Ela jamais poderá ter filhos.

— Já sei o resto — disse Wexford. — Já vi todo o horror. Ela vai ter esse filho para eles, vai dar o bebê para eles. — De repente a sala ficou muito quente, a sombra no jardim não fazia mais diferença. Estava quente, abafada e opressiva e ele estava suando outra vez, o rosto cheio de gotas de suor.

— Ela tem um certo remorso a respeito de Neil porque pensa, ou ambos pensam, que ela o deixou sem motivo, só porque ficou farta ou entediada. Então ela acha que é uma compensação dar esse bebê para ele e a namorada. Eu conheço Sylvia. Sei como sua mente funciona. Por que ela não pode limitar seu trabalho de caridade aos clientes?

— Cada número da sua pressão está aparecendo no seu rosto — Dora disse. — Quer se acalmar? Você é pior do que eu.



Hannah Goldsmith escrevia seu relatório. Ou seu computador novo de vinte por doze centímetros escrevia, enquanto ela pensava, lembrava, e transcrevia suas anotações.

Jewel Terrace, Brimhurst era o tema. Ela e Baljinder Bhattacharya tinham passado grande parte do dia lá e voltaram no fim da tarde. Por sorte, dos quatro moradores das vilas, embora dois deles trabalhassem em horário integral, só um estava fora. Somente John Brooks tinha saído cedo de manhã, às seis e meia, para ir de carro ao Estado Industrial de Stowerton, onde trabalhava como segurança de um grande complexo manufatureiro.

O morador do número um era Um horror. Hannah sabia que era errado ter preconceito com pessoas idosas, mas tudo tem limite. Descobriu que detestava irracionalmente homens velhos.

Não pessoas velhas, só homens velhos. Não devia permitir que isso continuasse e talvez devesse fazer terapia para resolver o problema. Por breve momento, tirou os dedos do teclado e pensou se devia ir ao seu antigo terapeuta ou encontrar um especialista em relacionamento com os mais velhos. Porém por enquanto, precisava continuar o relatório.

O nome do horror era Henry Nash. Sua sala de estar era quente e abafada, com um cheiro horrível de desinfetante, sobreposto ao cheiro de comida, um cheiro que Wexford teria reconhecido, mas que Hannah era jovem demais para saber que era de cânfora. Henry vestia calça listrada, evidentemente de um terno, suspensórios azuis e camisa sem colarinho abotoada até o pescoço. Hannah, que achava atraente a barba de um dia no queixo de um homem, especialmente em Bal Bhattacharya, achou nojenta a barba branca de Henry Nash.

Tudo isso teria pouca importância, comparado à atitude de Henry com ela, a detetive graduada. Ele dirigiu todas as suas respostas ao DC Bhattacharya, independentemente de quem fizera a pergunta. Ela viu claramente que ele ficou indeciso entre o racismo e o chauvinismo, mas finalmente resolveu que era preferível falar com um homem asiático do que com uma mulher branca. Quando ela perguntou a

que horas ele tinha ido para a cama na noite anterior, ele tratou a pergunta como se tivesse insinuação sexual, fez uma careta e perguntou a Bal:

— Você quer saber a que horas me deitei?

— Isso mesmo, Sr. Nash.

— Não sei o que você tem a ver com isso, mas eram dez horas. Sempre me deito às dez horas. Em ponto.

Bal observou que dizem que as pessoas idosas têm sono leve (“Quem você está chamando de idoso?”) e perguntou se ele ouvira alguma coisa durante a noite. Embora parecendo ter no mínimo oitenta anos, o Sr. Nash disse que não era bastante velho para ter o sono interrompido. Seu vizinho, John Brooks, às vezes o perturbava, batendo a porta do carro e ligando o motor às seis e meia, mas não nessa manhã. Ele tinha dormido, sem ouvir ou ver coisa alguma, até olhar pela janela um pouco antes das oito e ver “uma multidão pisando na grama”, no outro lado da rua. Ele não conhecia Amber Marshalson ou seus pais, nem queria conhecer.

— Ela é aquela vadiazinha que teve um filho ilegítimo. Ela não teria coragem de mostrar a cara, no meu tempo. E será que alguém diz que era pior do que agora?

Sim, essa era a opinião de Hannah, mas tinha certeza de que não devia dizê-la em voz alta. Ela, que era capaz de ouvir falar de qualquer perversão, bestialidade e extremo sadismo com imparcialidade, ficou chocada ao ouvir a palavra “ilegítimo”. Especialmente talvez saindo daqueles lábios enrugados, circundado pela barba rala. Ilegítimo! Era incrível!

Quando Bal disse àquele velho repulsivo que Amber tinha sido assassinada, não pareceu despertar-lhe qualquer sentimento de vergonha ou embaraço. Ele apenas assentiu com a cabeça, como se o assassinato de uma jovem fosse um fato comum, ou só o que se podia esperar que acontecesse a uma pecadora como Amber. Hannah

escreveu pouca coisa no relatório sobre ele e não muito mais sobre John e Gwenda Brooks, do número dois.

Gwenda era jovem, mais ou menos da idade de Hannah, mas diferente em tudo mais. Sua saia midi era de xadrez marrom e bege e a blusa bege exibia um broche na altura do pescoço. Hannah pensou que tinha visto a última permanente do mundo quando sua avó morreu, mas Gwenda Brooks tinha permanente que “começava a crescer”. Com voz lamurienta, disse que tinha acompanhado o marido até o carro, às seis e meia. Aparentemente ela não trabalhava fora e não tinha filhos. Hannah pensou intrigada no que ela fazia o dia inteiro. Mas isso não vinha ao caso. A senhora Brooks tinha dormido a noite toda até o despertador tocar às seis horas. Ela disse com orgulho que tinha o sono muito profundo, nada a acordava. Uma informação interessou Hannah por ser inesperada e merecia ser investigada.

— Meu marido estava dormindo no quarto de hóspedes — Gwenda Brooks disse. — É porque... ele ronca. Não tem ainda trinta anos, mas ronca como um... — Não conseguiu encontrar a palavra para uma emissão vocal parecida com os roncos de John Brooks. — Bem, não sei, mas não consigo dormir com o ronco dele.

— Gostaríamos de falar com seu marido — Bal disse. — A que horas ele volta?

Geralmente, não antes das sete e meia da noite. Os dias de John Brooks eram longos. Sua mulher conhecia os Marshalsen vagamente. Tinha falado com Amber uma vez quando ela estava fora da casa com o bebê, porque Brand era “uma graça, sempre sorrindo feliz”. Ela gostava de crianças e queria ter filhos. Seu marido estivera uma ou duas vezes em Clifton, a casa dos Marshalsen, para ensinar a Amber alguma coisa sobre o computador. Gwenda não sabia o quê. Jamais conseguiu mexer com o computador.

— Eu me atrapalho toda — ela disse, para desgosto de Hannah.

— Acho que sou disléxica. Essa é a eterna desculpa, não é mesmo?

Hannah escreveu isso no relatório. Se os Marshalson tinham um computador, por que Amber precisava de ajuda para aprender a usá-lo? Sua madrasta não lhe podia ter ensinado? De qualquer modo, era inconcebível que alguém com dezoito anos não soubesse usar computador. Todos aprendem desde os cinco anos, no mínimo. Talvez John Brooks tivesse um caso com Amber. Valia a pena investigar.

Lydia Burton, do número três, foi muito melhor e valeu mais a pena, embora, pensando melhor, Hannah tivesse concluído que talvez porque a Srta. Burton era mais o seu tipo, solteira, independente e com um emprego de alta responsabilidade. Amber Marshalson tinha frequentado a escola onde ela lecionava durante alguns anos, depois que seu pai e sua mãe, então já gravemente doente, tinham mudado para Mill Lane. A primeira Sra. Marshalson morreu quando Amber tinha sete anos e seu pai casou com uma diretora da sua companhia de decoração de interiores um ano depois.

— A pobre Amber ficou muito difícil de lidar. Nunca se reconciliou com a madrasta e isso é uma pena, porque ela é uma boa mulher. Tem sido maravilhosa com o bebê.

Um cãozinho West Highland entrou na sala e saltou no colo da Srta. Burton. Bal perguntou outra vez da sua saída com o cachorro à meia-noite e meia e ela repetiu a história do homem com capuz, parado no meio das árvores. Não, não parecia ter alguma coisa na mão, mas talvez tivesse uma mochila. Sim, tinha certeza. Se fechasse os olhos, podia ver o volume nas costas dele.

— Podia ser um saco ou uma bolsa pendurada nos ombros. Fiquei um pouco assustada, sabe? Era quase uma hora da manhã e eu estava na rua com meu cachorro. Obviamente ele não é um cão de guarda, pobrezinho. Atravessei a rua e entrei em casa depressa. Devia ter

chamado a polícia, não devia? Sempre pensamos nessas coisas tarde demais...



No calor escaldante que se estendeu pelo dia seguinte, eles continuaram a procurar a arma, sabendo apenas que estavam procurando um pedaço de concreto, um bloco de cimento, um tijolo ou até mesmo uma barra de ferro. Embora sabendo que era cedo, Wexford esperava impacientemente o veredicto do patologista.

Deixando seu relatório na mesa dele, Hannah lhe disse por que achava que ainda não tinham encontrado a arma. A essa altura, já sabiam que Carina Laxton tinha fixado a hora da morte mais próxima das duas do que da uma hora da manhã.

— Porque tudo que ele tinha estava dentro da mochila, chefe. O cara que Lydia Burton viu tinha uma mochila. O que mais podia haver dentro dela além do tijolo ou do bloco de concreto usado para cometer o crime?

— Talvez. Não vou suspender a busca até ter uma resposta definitiva do homem dos tijolos. Ele tem uma amostra encontrada no ferimento para examinar... pobre infeliz!

Hannah achou que não era próprio para uma pessoa na posição de Wexford — ou na verdade, em qualquer posição — fazer observações tão carregadas de emoção. Esse era o trabalho da especialista em tijolos. Ela estava acostumada, pelo amor de Deus. Era sua profissão. Hannah deplorava o uso da palavra “homem” por Wexford. Como ele sabia que o perito não era mulher? Afinal, a patologista era mulher, bem como a legista que iniciaria a investigação do corpo de Amber no dia seguinte.

— Ele trouxe o tijolo ou seja o que for com ele, chefe —  
ela disse — e depois de... usar, levou embora.

— Ou talvez “ela”, sargento — Wexford disse, com voz  
neutra.



## capítulo 6

Propriedades fechadas com portões não eram comuns naquela parte de Sussex, mas Wexford tinha a impressão de que cada vez que construía um enclave de casas para pessoas de renda média a alta, morar ali não era seguro sem portões na entrada, uma barreira operada com chave e uma versão inglesa de um porteiro numa guarita.

O que estava de serviço em Riverbank Glose, Sewingbury era um africano com quase dois metros de altura usando jeans preta e camiseta, onde estava escrito com letras amarelas “Riverbank”. O motorista do carro que passou pelo portão antes de Wexford recebeu um caloroso “bom-dia, senhor” e um sorriso de radiante amabilidade, enquanto Wexford foi recebido com desprezo e um pedido de identidade.

— Suponho — disse Burden quando entraram — que se eu morasse aqui, se fosse o tipo de pessoa que quisesse morar aqui, eu adoraria esse cara e me sentiria realmente seguro quando ele está de serviço, entretanto...

Wexford assentiu.

— Eu vi esse tipo de coisa pela primeira vez na Califórnia e esperava que não tivesse que acontecer aqui.

— Tem que acontecer aqui?

— Eu não sei, Mike. Onde está a margem do rio afinal, a tal de Riverbank?

— A cerca de um quilômetro daqui e o rio é o que se pode chamar de afluente do Kingsbrook, se já não secou completamente. No número quatro estavam construindo alguma coisa. Uma tábua no jardim informava que os trabalhadores da construção eram Surrage-Samphire, Especialistas em Decoração e Restauração, mas como sabem todos os construtores, nenhum construtor ou

restaurador estava na casa no momento, embora o hall de entrada, que parecia estar em reforma, fosse um caos de vigas de madeira, potes de cola, escovas, folhas de papel e panos de pó. “Mas nenhum tijolo”, como observou Wexford para Burden, mais tarde.

Como esperavam, tiveram que tocar duas vezes a campainha para serem atendidos. Apareceu uma adolescente com minissaia extravagantemente curta e um top revelador, do qual, para divertimento de Wexford, Burden desviou os olhos, por puritanismo ou desejo contido.

— Sim?

— Temos hora marcada com a Sra. Hilland — disse Wexford, entrando no meio do material de construção, sem esperar ser convidado. — Quem é você?

Por um momento ele pensou que ela ia dizer que não era da conta dele, mas a garota cedeu um pouco e disse: — Cosima Hilland.

— Daniel é seu irmão?

Todo mundo sabia disso, sua expressão pareceu dizer. A pergunta não merecia resposta. Escolhendo caminho entre potes e vigas de madeira, ela os levou a uma porta dupla.

— Por aqui — como se tivesse desistido de dar um empurrão nos dois.

A mãe parecia da mesma idade de Diana Marshalson, uma mulher magra, com ar cansado, uma beleza loura fanada. Ela se levantou da cadeira na frente da mesa, onde escrevia.

Wexford notara, desde que entraram na casa, que aquela era uma das poucas da vizinhança com ar-condicionado eficiente, talvez a única entre as muitas de Riverbank Glose. Com todas as janelas fechadas, a sala estava fresca como um dia de outono. Lá fora o sol castigava o gramado ressecado e as árvores tristes quase sem folhas.

A mulher nada disse, não sorriu nem estendeu a mão, mas ergueu tanto as sobrancelhas, que as elipses desenhadas a lápis desapareceram sob a franja. Wexford interpretou isso como uma pergunta sobre o que eles queriam em sua casa, como a filha tinha feito.

— Pois não?

Sem ser convidado, Burden se sentou e Wexford, quando ela voltou à cadeira, sentou também. Nem parecia que tinham telefonado antes da visita. Ela ficou sentada em silêncio, olhou pela janela, depois para Wexford.

Ele perguntou se estava certo em supor que ela era a Sra. Hilland.

— Vivien Hilland, sim — ela disse, com tom de voz alto demais para a casa em que morava. Seria mais apropriado para uma casa menor.

— Certamente ouviu falar da morte de Amber Marshson.

— Suponho que por isso estão aqui.

— Seu filho é o pai do filho de Amber, acredito.

— Eu também acredito — ela disse. — Pelo que ouvi e h, cerca de um terço dos homens que pensam que são os pais dos seus filhos estão errados. Pode ser neste caso, mas meu marido e eu preferimos acreditar que Daniel é o pai de Brand.

— Certo — disse Wexford, suspirando mentalmente. — Onde está seu filho neste momento?

— Ele estuda na Universidade de Edimburgo. — Fez uma pausa como esperando que um dos policiais perguntasse em que ano ele estava. — Mas agora — ela continuou — está na Finlândia com amigos. Em algum lago de lá.

— Ele sabe da morte de Amber? — Burden perguntou.

— Meu marido enviou uma mensagem para o celular dele. Ele ainda não ligou de volta. Ele e Amber não estavam mais... juntos. Separaram-se seis meses antes da criança nascer.

— Gostaríamos de que nos desse o número do celular dele, por favor, Sra. Hilland.

Pareceu que ela ia protestar, mas deu de ombros e escreveu o número em uma folha do bloco que estava sobre a mesa. Cosima entrou na sala, bebendo Coca-Cola de uma lata. Passou sem olhar para eles, abriu uma das portas de vidro, que deixou aberta, saiu para o jardim e deitou de bruços no gramado. As sobranceiras da Sra. Hilland subiram outra vez.

Passos soaram no corredor e a cabeça de um homem apareceu na porta.

— Só quero avisar que vou à cidade ver aquela moldura. Não demoro.

Era um jovem bonito de olhos azuis, sorridente. O rosto dela amenizou. Ela quase ronronou.

— Certo, Ross. Está bem.

— Quando foi a última vez em que viu Amber? — Wexford perguntou, quando o homem se foi e o corado desapareceu do rosto de Vivien Hilland.

— Oh, há duas ou três semanas. Ela costumava trazer Brand quase sempre. Afinal, ele é meu neto.

— Sim.

— A última vez, se é isso que quer saber, deve ter sido, deixe-me ver, no dia vinte de julho. Sei a data porque foi quando os operários começaram. Lembro que estava falando com Ross Samphire quando ela chegou com Brand. — Não havia nada de avó em Vivien Hilland, mas agora ela falava em Brand com certa animação. Até respondeu sem que nenhuma pergunta tivesse sido feita. — Ele se parece muito com Daniel, como deve ser. — Não explicou essa observação enigmática. — Meu marido e eu teríamos preferido que ele e Amber acertassem suas diferenças e ele fosse morar com ela, nas férias. Por isso resolvemos deixar que ficasse no apartamento. Os senhores sabem do apartamento, não sabem?

— Não, não sabemos.

— Pensei que Diana Marshalson tivesse contado. Com certeza sabem que meu marido, Stuart Hilland, representava o distrito eleitoral de South Crengre na Câmara dos Comuns, para o Partido Conservador. — Era o modo mais complicado de dizer que o marido era um *Tory* ou conservador, Wexford pensou. — Quando ele entrou para a Câmara dos Comuns, compramos um apartamento em Crenthorne Heath, mas infelizmente ele perdeu a cadeira quando esse horrível governo trabalhista venceu as eleições, em 1997. Desde então, alugamos o apartamento, mas o contrato atual vence em novembro e nós o oferecemos a Amber.

— Ela e Brand iam se mudar para Londres?

— Bem, para um subúrbio de Londres. Ela não se opôs. Estava animada com a ideia de ter um lugar só seu. Kingsmarkham County não podia fazer nada por ela. Bem, o que se podia esperar?

— Esse oferecimento — disse Burden — estava condicionado ao fato de Daniel morar com ela, sempre que pudesse?

— Francamente, eu achava que devia ser, mas meu marido nem quis ouvir falar nisso. Não, era só para ela. Na verdade, não compreendo por que estão fazendo essas perguntas irrelevantes. Está claro que ela foi morta por algum pedófilo ou psicopata, não é?

— Acho que não — disse Wexford. — Gostaria de fazer outra pergunta que a senhora vai achar irrelevante, Sra. Hilland. Onde a senhora estava na madrugada de quarta-feira, entre, digamos, uma e três horas?

— Eu? — Como se a sala estivesse cheia de gente. — Eu? Na cama, é claro. — Quase antes de terminar a frase, pareceu pensar melhor. — Não, não estava. É claro que não estava. — Parecia quase humana agora. — Meu marido e eu tínhamos assistido a uma longa peça na cidade, em Londres, quero dizer, jantamos e voltamos para casa. Chegamos por volta de duas e meia da manhã.

— Sei. Muito obrigado. Sua filha ficou sozinha em casa? Ela interpretou isso como uma crítica.

— Cosima tem dezesseis anos e é muito responsável para a idade. —

Como que seguindo a deixa, Cosima levantou da grama e entrou na casa, deixando a lata de Coca-Cola no chão.

— Seu pai e eu ontem chegamos em casa um pouco depois das duas, não foi?

— Sei lá! — Cosima disse. — À noite eu durmo.

— Você nos ouviu, sei que ouviu chegar. Você disse alguma coisa.

— Fodam-se, é o que espero ter dito.

Vivian Hilland começou a gritar com ela.

— Como se atreve a usar essa linguagem, sua vadiazinha de boca suja! E pegue essa lata de Coca. Vamos, pegue a lata.

Balançando devagar a cabeça, de modo que por um momento pareceu a garota responsável que a mãe tinha dito, Cosima atravessou a sala e subiu a escada, batendo os pés pesadamente como se tivesse o triplo do peso. A senhora Hilland se virou para os policiais com um sorriso forçado.

— Muito bem, isso é tudo?

— Por enquanto — disse Wexford.

Fora da casa, Burden enxugou a testa com um lenço imaculado, embora lá dentro estivesse fresco.

— Ela deve estar pegando aquela lata agora.

— Uma pena ela gastar energia gritando desse jeito, com dez anos de atraso. Por que Diana Marshalson não nos falou do apartamento?

— Talvez não tenha achado relevante. Tem importância?

— Não sei — disse Wexford. Tirou rapidamente a mão da porta do carro com uma exclamação. O metal estava escaldante. — Meu Deus, isso doeu! Diana, se não seu marido, deve ter ficado mais do que satisfeita com a perspectiva de se livrar de Amber, com quem nunca se deu

bem e do menino, que ela obviamente considera um empecilho.

— Está dizendo que isso elimina qualquer motivo que ela podia ter para matar Amber. Não que eu suspeite dela, mas Diana não gostava de Amber e não tem álibi.

— Sem dúvida o marido teria notado se ela saísse de casa. Ocorre que ela não saiu. Tinha muitas razões para querer Amber viva; que iria para Crenthorne Heath com Brand e talvez eles não a vissem por muito tempo.

“Eu gostaria de saber”, ele disse, entrando no carro, “se há alguma rivalidade entre as famílias. Os Marshalson, desde que Diana deixou a companhia, parecem não estar muito bem de finanças.

Eles não têm um apartamento em Londres. Se tivessem, Amber e Brand estariam morando nele há um ano.”

— E ela estaria viva.

— Talvez. Mas é inútil pensar em “se”. Não podemos ler o livro do destino e graças a Deus por isso. A sorte e as circunstâncias governam tudo. Por exemplo, Donaldson podia nos levar de volta a Kingsmarkham pelo desvio de Stowerton ou entrar na estrada B, atravessando Framhurst. Nesse último caso, podíamos passar por aquela ponte onde houve o acidente em junho e alguém podia deixar cair um bloco de concreto em cima do nosso carro. Se fôssemos pelo atalho, um caminhão podia sair da estrada sem olhar para os lados e nos mandar para o outro mundo. Quem sabe?

— Eu sempre vou por aquele desvio, senhor — Donaldson disse, muito sério —, mas se prefere que vá por Framhurst...

— Oh, não, não. — Wexford riu. — Vamos por seu caminho habitual.



Ben Miller era um rapaz alto e bonito, louro e magro. Hannah e Baljinder o encontraram sozinho na pequena casa da mãe, na vila de Myfleet. Ela estava trabalhando, bem como a irmã, que também morava lá. Ben estava no computador, não como Hannah tinha a princípio pensado, com algum jogo on-line, mas escrevendo uma dissertação para sua volta à universidade dali a seis semanas.

— Você parece ter sido a última pessoa que viu Amber Marshalon viva — disse Wexford, depois de servidos com copos de água, um pré-requisito necessário para qualquer conversa naquele calor de quase trinta e três graus. — Pode nos dizer alguma coisa a respeito? Com a maior quantidade de detalhes possível, por favor.

— Eu e Amber estudamos na mesma escola — Ben Miller disse. — Nós nos conhecemos há muitos anos. Foi terrível o que aconteceu com ela. Ainda mal posso acreditar. — Ele parecia genuinamente abalado.

— O que aconteceu ontem à noite?

— Bem, cheguei ao Bling-Bling Club mais ou menos às nove horas, com minha namorada. Ela mora em Kingsmarkham. Chama-se Samantha Collins. — Ah, “Sam”, afinal, é uma mulher, pensou Hannah. — Depois de um tempo, outras pessoas se juntaram a nós. Lara, Lara Bartlow e Chris Williamson com a namorada... como é o nome dela?... Ah, sim, Charlotte, Charlotte Probyn e depois mais garotas, Veryan e Liz, não tenho ideia de seus sobrenomes. Eu não bebo e Amber também não bebe... não bebia, quero dizer. Horrendo, não é, quando estamos falando de alguém e temos de mudar o tempo do verbo porque esse alguém está morto? Eu ia levar Sam para casa e depois Amber para Brimhurst. Meu Deus, eu queria ter



levado Amber até em casa... bem, comecei a levá-la depois do acidente. Ela nunca mais dirigiu. Mas sempre a deixava no fim da Mill Lane. Nunca pensei e acho que ela também não...

— Que acidente foi esse, Ben? — Bal perguntou.

— Ela bateu na traseira de um carro em Brimhurst Lane.

— Ela entrou na traseira de um carro?

— Vocês deviam saber. — Ben Miller mostrou ser a única pessoa que achava que o CID sabia de todos os acidentes de tráfego.

— Foi quando um desgraçado atirou um bloco de concreto de cima da ponte Yorstone. Não atingiu Amber, bateu no carro da frente e Amber bateu na traseira dele. Bem, qualquer um teria batido. Ela ficou muito abalada e não quis mais dirigir. Quero dizer, acredito que eventualmente ela voltasse a dirigir, mas era ainda muito cedo. O acidente aconteceu em julho.

— Por isso você a levava em casa?

— Pensou que fosse porque ela bebia? Amber nunca bebeu álcool. Pelo menos, eu nunca vi. Ela costumava beber, mas deixou, ela disse, antes de Brand nascer, assim como deixou de fumar.

Hannah sabia que a inclinação da cabeça e o leve sorriso de Bal indicavam aprovação. Todos sabiam de sua aversão quase patológica por cigarro.

— Lembra a que horas você a deixou? — Bal perguntou.

— Lembro exatamente. Quando estávamos na Myfleet, Amber notou que eu não tinha adiantado o relógio do meu carro. Vocês sabem o que devemos fazer em março e outubro. “Não é meia noite e quarenta”, ela disse, “tem de ser mais tarde do que isso”, e eu disse, “é uma e quarenta”. Sempre esqueço de acertar o relógio e não vou me dar o trabalho agora. Daqui a uns dois meses teria que atrasar outra vez. Isso no momento em que chegamos à entrada de Mill Lane.

— Ela ficou algum tempo no carro, conversando ou coisa assim?

Ben Miller pareceu não gostar da pergunta.

— Não, não ficou. E não havia “coisa assim”. Nunca houve. Eu tenho namorada. Ela saiu do carro, disse “a gente se vê depois” e foi a última vez em que a vi. Meu Deus, para sempre!

— Ela o viu depois? — perguntou Hannah, parecendo não compreender o uso moderno da expressão. Ela era jovem, mas muito velha para entender.

— Ela queria dizer na semana que vem.

— E você foi direto para casa?

— Levei uns dez minutos.

— Alguém pode confirmar isso?

— Não lembro de ninguém no momento.



De volta a Kingsmarkham, Hannah encontrou Wexford no escritório com Burden.

— A irmã de Miller chegou do trabalho quando estávamos saindo. Ela é cabeleireira. Patético, não é? O irmão está na universidade e ela é cabeleireira.

— Você é esnobe, Hannah — disse Burden.

— Se é possível ser esnobe por educação, eu sou. Não sou esnobe quanto a classes. A irmã não pode confirmar a hora que Ben chegou em casa. Ela estava dormindo. Disse que não o ouviu chegar. Falei com a mãe deles ao telefone e ela disse a mesma coisa. Mas não posso imaginar por que ele bateria na cabeça dela com um tijolo, chefe.

— Não, mas ainda não sabemos muita coisa sobre ele, certo? — disse Burden.

— Mas começamos a saber alguma coisa sobre ela. Ela dirigia um dos carros envolvidos naquele acidente em

Brimhurst Lane, quando algum bandido jogou um bloco de concreto de cima da ponte.

— Amber Marshalson estava envolvida?

Wexford levantou-se da cadeira e deu uma volta na mesa. — Eu falei nisso esta manhã, lembra, Mike? Veja se acha alguma coisa no computador, está bem, Hannah?

Como de hábito, Wexford admirou a facilidade com que ela lidava com o computador. Ele teria feito uma trapalhada. Entraria em um link ou, sem querer, mandaria um e-mail. Hannah descreveu o que encontrou, lendo partes do site.

— Dois veículos envolvidos. Um Honda prata e um Honda cinza, ambos do mesmo modelo. O prata era dirigido por Amber Marshalson, no cinza estavam o motorista, James Andrew Ambrose, sessenta e dois anos, e sua mulher Mavis, sessenta anos, no banco do passageiro.

“O Honda cinza ia na direção de Myfleet, bem como o prata, atrás dele. Um bloco de concreto de aproximadamente vinte e dois quilos foi jogado da ponte quando os dois Hondas passavam, atingindo o para-brisa e o capô do carro de Ambrose, fazendo-o perder o controle e bater numa árvore. O Honda prata entrou na traseira do cinza. Amber Marshalson não ficou ferida, mas Ambrose e Mavis sofreram ferimentos graves não especificados aqui, incluindo ossos quebrados e perfuração de pulmão.”

— A Sra. Mavis Ambrose morreu depois disso — disse Burden, tristemente. — Nunca achamos o culpado. Só descobrimos de onde vinha o bloco de concreto. De onde provavelmente vinha, eu devia dizer. De um prédio em Stowerton. Mas não soubemos mais nada além disso.

— Na época — Wexford disse, pensativamente —, pensamos que se tratava de um ato de violência aleatório, uma vingança de algum revoltado contra a sociedade. — Hannah abriu a boca para protestar, mas foi ignorada. — Mas não foi, certo? Não foi aleatório nem dirigido a James Ambrose. O alvo era Amber Marshalson, mas ele confundiu

os dois Hondas, um muito perto do outro. Começava a escurecer e não dava para ver a placa. Então ele acertou o cinza, quando seu alvo era o prata.

— E isso causou a morte de uma mulher — disse Hannah.

— Ela morreu no lugar de Amber. O assassino falhou com Amber, por isso tentou outra vez em agosto — disse Wexford — e conseguiu.

## capítulo 7

Quando ele e a irmã eram pequenos, seu pai os ensinou a converter uma escala de temperatura em outra, uma fórmula útil, nunca mencionada na escola. Naquele tempo era sempre Fahrenheit que devia ser convertido para Celsius — ou centígrados, como chamavam. Algo sobre multiplicar por nove, dividir por cinco e subtrair trinta e dois. Sylvia achava que devia ensinar isso aos filhos. Mas não agora. Não queria encontrar Robin e Ben pelo menos durante uma hora depois do que eles a fizeram passar. Estavam no jardim onde brincavam em uma piscina inflável, presente dos avós e ela esperava que ficassem lá até a hora do chá.

Sylvia tinha contado a eles sobre o bebê. A barriga já estava aparecendo e logo eles iam notar. Por isso ela contou, lembrando quando sua mãe, há tantos anos, lhe contara sobre Sheila. O que ela havia dito? Tinha uma vaga ideia de ter perguntado: “Você vai me amar mais do que a ela?” Como um policial, Robin indagou: “Quem é o pai?”

Nenhuma criança perguntaria isso quando Sylvia tinha a idade dele. Ela corou quando ouviu. “O seu pai.” E quando tinha a idade de Robin, nenhuma criança teria de ouvir isso também. É claro que eles queriam que ela e Neil fizessem as pazes. Não importava os dois amantes que Sylvia teve, não importava Naomi. Eles queriam o pai e a mãe vivendo com eles. Toda criança quer isso.

— Então papai vai voltar para nós — disse Ben, como uma declaração de fato, não uma pergunta.

— Não — ela disse. — Não.

Isso foi demais para eles. Olharam para ela. Então Ben olhou para seu Gameboy. E quando chegou ao ponto crítico, ela perdeu a coragem, não podia dizer — não agora — que

o bebê não seria deles, mas de Neil e Naomi, que seria posto nos braços de Naomi antes que Sylvia se apegasse a ele e começasse a sofrer com a separação.

— Muito bem. É isso. Essas são as novidades. Agora vocês sabem.

Eles nada disseram. Por que estava dizendo a si mesma que eles a tinham feito passar por maus momentos? Praticamente não abriram a boca. Era o seu sentimento de culpa, cada vez mais profundo, que a fazia sofrer. Todos os dias, quase todas as horas. E nessa noite seus pais viriam visitá-la. Ela não sabia o que o pai ia dizer.

Com ele, Sylvia nunca sabia.



Todos os jovens que Barry Vine e Lynn Fancourt entrevistaram disseram mais ou menos a mesma coisa. Amber chegou sozinha ao Bling-Bling Club mais ou menos às dez e ficou até pouco mais de uma hora. Chris Williamson disse que não tinha notado a hora e Charlotte Probyn disse que era mais tarde porque ela e Chris já tinham saído quando Amber, Samantha e Ben Miller saíram. Lara Bartlow já tinha ido embora com James Sothern. Não era namorada dele, mas moravam perto um do outro, no Muriel Campden Estate. O sargento Vine não entendia para que eles iam ao clube. Ben, Amber e Veryan Colgate não bebiam, Liz Bellamy bebeu um copo de vinho e os outros, cerveja. Nenhum gostava muito de dançar porque, ao que parecia, os rapazes não dançavam. Lynn Fancourt não podia entender a atitude de Vine mas, afinal, sua idade era muito mais próxima da dos jovens.

— Estão com seus companheiros, não estão? Eles conversam, se diverte um pouco. E há a música.

— Música — disse Barry, que todos sabiam ser apaixonado pelas óperas de Bellini. Samantha Collins foi mais interessante. O quanto ela não gostava de Amber — ciúme? — ficou evidente desde o começo da entrevista. Sem que lhe tivessem perguntado, ela disse, num tom altamente moralizador: — Eu acho que ela não devia ir ao clube. Eu disse isso muitas vezes ao Ben, mas ele não concordava comigo. Amber tinha um filho de um ano e meio em casa, pelo amor de Deus! Quer dizer, não importam as opiniões contra ou a favor de se engravidar aos dezessete anos. O fato é que ela engravidou e teve um filho e devia ser mais responsável, não acham?

Barry e Lynn não tinham a menor intenção de dizer o que pensavam e Barry acreditava em nunca desencorajar uma possível testemunha disposta a falar.

— Sei que não se deve falar mal dos mortos, mas tudo que estou dizendo eu teria dito a ela. Acredito em dizer o que penso. Os pais dela — bem, o pai. Ele pareceu ficar de coração partido quando ela disse que estava grávida. Ele nem mesmo gosta do Brand. Não estou dizendo que eles tenham maltratado o menino, mas você deixaria seu filho com pessoas que não gostassem dele? Para ir ao clube? E não era só uma vez ou outra, era toda semana. Mas tudo dá certo para algumas pessoas, não é mesmo? Deve-se aceitar isso. Quer dizer, o oferecimento de um apartamento em Londres! Eu ficaria tão feliz! Adoro viver longe de casa. Ben e eu moraríamos juntos se tivéssemos um lugar, mas que esperança! Com os preços do jeito que estão, levará anos e anos.

Aproveitando um ou dois breves segundos de silêncio para interferir, Lynn pediu a ela para falar sobre a noite em questão.

— Falar o quê? Ben me pegou em casa e fomos ao Bling-Bling. Ela chegou depois de meia hora ou um pouco mais. Mais tarde do que costumava, não sei por quê. Nós três saímos juntos, o que na verdade jamais aprovei. Quer dizer,

Ben podia ser amigo dela, mas é meu namorado e ninguém quer uma terceira pessoa por perto, ouvindo quando a gente se despede.

— A que horas foi isso?

— Talvez uma e quinze, uma e vinte. Não é longe... bem, podem ver. Eu iria a pé, mas não àquela hora, não, muito obrigada. Além disso, por que deixar aqueles dois juntos? Tinha que deixar quando iam até Brimhurst, mas eu não gostava, podem ter certeza. Na verdade, para ser sincera, eu mal podia esperar que ela se mudasse para aquele lugar dos Hilland.

— Ela morreu antes que pudesse fazer isso — disse Barry, sem procurar disfarçar a censura na voz. A entrevista o deixou com uma forte sensação de que o motivo para o assassinato de Amber Marshalson tinha algo a ver com o apartamento de Crenthorne Heath.

Wexford, sozinho no escritório, teve a mesma ideia. Tinha telefonado para Vivien Hilland e, baseado no que sabia do acidente de vinte e quatro de junho, perguntou quando a oferta do apartamento fora feita pela primeira vez.

— Não sei exatamente quando. Mas espere um minuto — sim, eu sei. Foi em junho, duas ou três semanas antes do aniversário de Amber. Amber fez dezoito anos em julho. O senhor sabe que hoje em dia deve haver uma festa quando a pessoa faz dezoito anos e provavelmente outra quando faz vinte e um. Falávamos sobre isso, então meu marido chegou e murmurou no meu ouvido. Saímos os dois da sala e ele disse, por que não oferecer o apartamento para ela quando o contrato do Sr. e da Sra. Klein vencesse, em outubro. Bem, voltei para a sala, fiz a oferta e ela ficou absolutamente encantada. Disse que não podíamos ter dado um melhor presente.

— Quando era o aniversário dela, Sra. Hilland?

— Deixe-me ver. Primeiro de julho, eu acho. Não, dois de julho.



— Então a conversa sobre o apartamento foi em meados de junho?

— Deve ter sido.

— Antes do acidente de carro no qual Amber esteve envolvida?

A ficha caiu.

— Oh, sim, é claro! Mais ou menos uma semana antes.

Então a tentativa de matar Amber no dia vinte e quatro de junho visava evitar que ela ganhasse o apartamento ou que fizesse dezoito anos? Mas falhou. Precisava descobrir o que aconteceria quando Amber fizesse dezoito anos.

Herdaria algum dinheiro e, no caso de sua morte, outra pessoa herdaria? Pouco provável, pois se ela fosse financeiramente independente não precisaria aceitar a oferta dos Hilland. Devia fazer logo outra visita aos Marshalson. Enquanto isso, precisava examinar o arquivo sobre o bloco de concreto jogado da ponte e a morte da Sra. Ambrose.



A morte de testemunhas era uma das primeiras coisas que ele notou. James Ambrose mal lembrava o que tinha acontecido. Mavis Ambrose estava morta, bem como Amber Marshalson. Aproximando-se do lugar do acidente, debaixo da ponte, James Ambrose lembrou apenas de ter visto um vulto na ponte, um vulto vago do qual só chegou a ver o contorno, com jaqueta de capuz. Wexford ergueu os olhos do relatório. A princípio parecia bom demais para ser verdade. Um homem com capuz estava na ponte Yorstone antes da tentativa de matar Amber Marshalson e um homem com capuz fora visto entre as árvores em Mill Lane, antes da tentativa bem-sucedida. Seria quase certamente o mesmo homem? Ele continuou a ler.

O bosque era denso nos dois lados da ponte. No lado sul a trilha que atravessava o bosque era um atalho para evitar a longa volta de Yorstone Lane, encontrando a rua outra vez logo antes da rua Kingsmarkham até a ponte, uma distância de menos de um quilômetro e meio. No tempo em que se podia construir uma casa mais ou menos onde se queria, um chalé para lenhador ou guarda-caça fora erguido no meio da trilha. Era habitado por uma mulher chamada Grace Morgan, de noventa e três anos. A noite chegava, mas ainda estava claro e ela, na janela da frente, esperava ver dois texugos que às vezes apareciam àquela hora, mas nada viu nessa noite.

O bloco de concreto parecia com outros blocos de uma construção em Stowerton e aparentemente estavam chegando a uma conclusão até encontrar blocos similares em construções de Kingsmarkham, Sewingbury e Pomfret, para não mencionar os povoados. Como Burden observou, parecia que todo o centro de Sussex estava constantemente sendo demolido e reconstruído e quanto às ruas antigas, assim que uma rua ou meia rua era reformada, o trabalho recomeçava na próxima. Blocos leves de pedra, blocos de concreto, pedaços de alvenaria. Mesmo quando era fácil identificar uma determinada construção, não podiam inferir que o bloco tinha sido retirado por alguém que morava perto.

Quase todo mundo tinha carro. Teria sido simples andar de carro à noite em Stowerton, na York Street, em Kingsmarkham ou no velho mercado de queijos em Pomfret, ou mesmo nos recintos de Sewingbury Minster, pegar um bloco de concreto e voltar para casa.

Quanto à arma usada em Amber Marshalson na tentativa bem sucedida, Wexford recebeu um telefonema anunciando a chegada do Dr. Clansfield, que queria vê-lo.

— Quem é ele? — Wexford perguntou ao sargento de plantão.

— Diz que é plintólogo, senhor, seja lá o que isso significa.

— Mande subir, está bem?

O relatório do plintólogo já estava na sua mesa, mas Wexford ainda não o tinha lido, como se apressou a explicar ao homem que entrou na sua sala.

— Na verdade, não precisa ler — disse o Dr. Clansfield.

— Estou indo para casa e resolvi passar por aqui para fazer um relatório oral, para o caso de pensarem que não fiz um bom trabalho.

— Sente-se.

— Só por um instante. Não posso demorar. Prometi levar minha filha às finais do campeonato de tênis...

*E eu prometi dar uma chamada na minha,* Wexford pensou. *Ou, pelo menos, disse a minha mulher que ia fazer isso.*

— Não sei o quanto o senhor sabe sobre tijolos...

— São usados para construir — disse Wexford. — É tudo que sei.

— Sim. Bem, não quero entrar muito na parte técnica, mas existe grande variedade de tijolos e eles têm mudado com o passar dos anos. Antigamente havia os tijolos romanos. Eram mais como ladrilhos, podemos dizer, e há os tijolos Tudor, maiores, mas ainda bem pequenos e chatos. São amarelos, mas o material de que são feitos tem essa cor porque existe arenito — isto é, nada de ferro — nessa parte do mundo.

— Compreendo.

— Bem, há milhares de tipos de tijolos hoje em dia. Tijolos calibrados perfurados cortados com arame são macios, superfície arenosa, rolados, grosseiros. Há o tipo amaciado com areia e o reprimido.

— Um tijolo reprimido? — perguntou Wexford.

— É apenas uma palavra — o plintólogo disse muito sério. — Como o batido pela água e os em forma de rã, apenas palavras.

— Gostei dos reprimidos. Não podemos ter um desses?  
Dessa vez os lábios de Clansfield esboçaram um sorriso.  
— É o tipo mais comum, e exatamente o que vocês têm.  
Há literalmente milhões neste país. Milhões, se não bilhões.



Não era possível morar em Great Thatto sem carro. Não havia transporte público. A rua que vinha de Myland era tão estreita que, por longos trechos, os carros não podiam fazer ultrapassagem. Não havia lojas. A igreja só era aberta no primeiro domingo do mês, quando o vigário de St. Mary Myland, aparecia para o serviço religioso matinal. Às vezes nenhum habitante de Great Thatto — eram apenas sessenta e um — comparecia ao serviço religioso e então o vigário fechava a igreja e voltava para casa.

O isolamento do lugar era compensado pelo cenário. Ao longo da rua ficavam os South Downs, sempre à direita, Clusterwell Ring, uma colina em forma de cone com três coroas à esquerda e, por toda parte, faias enormes com os galhos verdes abertos que acabavam se encontrando sobre a rua estreita. As noites eram escuras como o interior de uma bolsa de veludo, mas quando as estrelas apareciam, eram vistas melhor ali do que em qualquer outro lugar em toda Sussex.

Saindo muito tarde de Kingsmarkham, com a sensação de que devia ter ficado e continuado a estudar o relatório dos tijolos, Wexford foi para Great Thatto, parando aborrecido no acostamento quando outro carro se aproximava. Eram todos carros grandes, do tipo quadrado, altos, capôs sorridentes como máscaras primitivas.

— Estou cansado — ele disse a Dora. — Não quero comer nada.

Ela balançou a cabeça.

— Estou zangada demais para comer.

Não pela primeira vez Wexford se perguntou o que dera na cabeça de Sylvia e Neil quando compraram aquela casa. Era grande, ficava bem no interior e era um paraíso para crianças, mas Wexford nunca tinha visto casa tão feia. A mistura de neogótico com Artes e Ofícios afrontava seus olhos. Quanto ao terreno, há anos não era feito qualquer trabalho de jardinagem na Velha Reitoria de Great Thatto e tudo tinha voltado ao estado selvagem.

O alerta de problema pela frente veio quando Dora ficou de lado e se recusou, balançando a cabeça, a beijar a filha. Wexford beijou Sylvia. Por que não? O filho não era seu. Ele não ia ter que lutar por ele, discutir, ameaçar um julgamento de Salomão. Sylvia estava muito nervosa, ele percebeu. Se Dora ia ser difícil, podia se encarregar de dirigir o carro na volta e ele ia beber um copo de vinho.

Sentaram na frente das largas portas de vidro abertas; Dora se recusou inflexivelmente a ficar fora da casa por causa dos mosquitos. Enxames deles se escondiam nos lugares escuros e começavam sua dança estranha. Falaram sobre a violenta reação da mãe de Sylvia às picadas de mosquitos e a imunidade de Wexford e da filha. Falaram dos filhos de Sylvia que estavam dormindo e se iam ou não sair de férias. Então, porque não podia aguentar mais, Sylvia disse: — Muito bem, acho melhor me dizer o que vocês acham de eu dar meu filho a Naomi.

— O que eu acho não faz diferença — disse Wexford.

— Talvez não, mas eu quero saber. Tudo bem, não é da sua conta, mas não posso suportar que esse assunto tão importante não seja sequer mencionado.

Wexford esperou alguns segundos.

— Você está errada. Se é parte da família, o que você faz é, até certo ponto, da conta dos outros.

— Então, o que você acha? Que estou louca, sem dúvida.

— Acho que você vai ficar muito infeliz.

— Eu também acho — disse Dora, com voz muito diferente do seu tom habitual baixo e gentil — e provavelmente o menino também vai ficar. Todas essas coisas que acontecem agora, *in vitro*, clonagem e mulheres de sessenta anos tendo filhos, são erradas. Levam a sofrimento e confusão.

— Pensei que você pelo menos gostaria do fato de Neil ser o pai. Não creio que papai se importe, mas sei que você é contra eu ter... bem, relacionamentos com as pessoas.

— Sim, sou contra. Não enquanto tiver seus filhos morando com você. E se quer saber, não aprovo você. Não agora, não mesmo.

Wexford perguntou quando o bebê ia nascer.

— Em cinco de dezembro.

— Antes de você começar isso — Dora disse, com amargura — devia ter pensado que estará dando não só seu filho, mas também nosso neto.

— Veja a coisa do seguinte modo. — Sylvia ergueu a voz. — Se não fosse dar a Neil e Naomi, eu não teria o bebê. Arranjei um novo emprego. Não teria tempo para cuidar de um bebê. Deve pensar nele com se já fosse deles. Eu penso.

Wexford olhou para ela como se a estivesse avaliando, sem solidariedade.

— Eu gostaria de poder acreditar em você. Você não é forte o bastante para isso, Sylvia. Alguém em “estado de negação” é uma das suas frases favoritas. Bem, eu acho que é o seu caso. Está escondendo seus verdadeiros sentimentos sob um palavreado vazio de assistente social.

Ele viu as lágrimas transbordando dos olhos dela. Não ele, mas a mãe disse, com um tom de voz que ele nunca tinha ouvido: — Tudo bem, assim é melhor, chore. É como você se sente realmente, com vontade de chorar. Chore por nós todos. Caso você não saiba, está destruindo nossa família.

Wexford nada disse, mas segurou a mão da mulher.

— Se você está pronta, vamos para casa.

Wexford beijou a filha. Dora, não. Vendo a mãe ali em pé, com as chaves do carro na mão, Sylvia virou o rosto molhado de lágrimas. Wexford sentiu uma vontade furiosa de tomar a filha nos braços, mas não o fez; apenas acompanhou Dora para fora da casa e pensou em uma jovem mãe, com a metade da idade de Sylvia, que tinha morrido horrivelmente, deixando órfão um garotinho.

## capítulo 8

Só de ver a criança nessa manhã, Wexford ficou tão deprimido que teve de voltar toda a atenção imediatamente para George Marshalson. Queria que a criança não estivesse ali, no cobertor sobre a grama, com a avó torta indiferente tomando conta. Queria não ser exposto à inocência e ao desconhecimento do que tinha acontecido, se distraidamente olhasse pela janela outra vez. Pois mais cedo ou mais tarde teriam que contar a Brand, deviam dizer a verdade, por que sua mãe não estava mais ali e nunca mais voltaria.

Burden, informal e elegante, com calça de linho e paletó de algodão com listras finas, perguntara a Marshalson sobre os eventos do dia vinte e quatro de junho.

— O senhor não mencionou o acidente no qual Amber esteve envolvida.

— É importante?

A surpresa parecia genuína. Wexford esperou alguns segundos, permitindo que ele pensasse um pouco. Ou não pensasse, como parecia.

— Há alguma coisa que eu devia perceber e não percebo?

— Sr. Marshalson, o bloco de concreto jogado da ponte atingiu o carro que estava na frente do de Amber, um Honda cinza e não um Honda prata, ambos quase idênticos àquela hora. Não quero fazer o senhor sofrer mais, contudo isso não lhe sugere que essa foi a primeira tentativa contra a vida dela?

— Meu Deus! Oh, meu Deus! — Marshalson pareceu genuinamente chocado e atônito.

— Sim, não é uma ideia agradável, mas tenho certeza de que é o caso. O carro era de Amber?



Parecendo atordoado, Marshalson falou devagar:

— Eu dei a ela quando fez dezessete anos. Isso foi antes de o bebê nascer. Então, depois disso — sua voz ficou embargada — ela teve aulas, passou no teste... Tem certeza disso?

— Sim, Sr. Marshalson, tenho certeza. Quem pretendia jogar aquele bloco de concreto no carro de Amber atingiu o Sr. e a Sra. Ambrose. A Sra. Ambrose morreu dos ferimentos. Isso nos mostra que o assassino da sua filha a conhecia e queria matá-la. Sinto muito ter que dizer isso, mas, ao mesmo tempo, não quero deixá-lo na ignorância.

— Não, não. Muito obrigado. Mas é um grande choque. Por que alguém faria de Amber uma inimiga? Ela nunca fez mal a alguém, era inocente. — Sua voz tremia. — O que ela podia ter feito? Nada, estou certo, nada.

— Amber tinha no bolso mil libras em notas de cinquenta — disse Wexford.

Nem mesmo um grande ator com anos de experiência de palco poderia fingir tanta incredulidade. Primeiro o Sr. Marshalson disse: — Tem certeza disso? — E quando eles garantiram que tinham. — Estou completamente confuso. O único dinheiro que Amber tinha era o da mesada, uma mesada muito pequena, devo dizer, o que eu podia dar. Ela não podia sequer ter economizado tanto dinheiro e Amber não era econômica. De onde veio essa quantia?

— Tenho que repetir que não sabemos.

— Por que o... quero dizer, a pessoa que fez isso não levou o dinheiro? — Estava claro que ele evitava dizer “matador” ou “assassino”. — Certamente fizeram isso pelo dinheiro.

— Mas não levaram, Sr. Marshalson — Wexford disse, com a voz branda. — Amber tinha conta no banco?

— Sim, mas nunca tinha muito dinheiro.

— Mais uma coisa, Sr. Marshalson — disse Burden —, e nós o deixaremos em paz. Amber herdaria alguma coisa quando completasse dezoito anos?

Outra vez sua incredulidade pareceu genuína.

— Amber? Pobre criança! Não, nada. — A despeito de lhe ter dado um carro de presente, ele parecia querer justificar a pequena mesada que dava à filha. — Não sou um homem rico, inspetor-chefe. Admito que a companhia não vai muito bem ultimamente. Minha mulher tem dinheiro, mas é dela.

No jardim, o garotinho acordou. Como as crianças daquela idade, acordou com um choro que parecia mais frustrado do que doloroso. A mulher que ele chamava de Di levantou da cadeira e o tomou nos braços — como quem ergue uma sacola de compras pesada demais, Wexford pensou. Quando ela se aproximou da janela, a caminho de alguma porta dos fundos, ele ouviu Brand dizer, ansiosamente “mamãe, mamãe”.

À medida que o tempo passasse, ele aceitaria Diana como sua mãe. Certamente a Assistência Social interviria, mas era quase certo que Brand permaneceria com o avô e a madrasta, jovem e vigorosa o bastante para se encarregar de criá-lo, uma pessoa que cumpriria seu dever, cuidaria dele eficientemente, garantiria que ele se alimentasse saudavelmente e assistisse moderadamente à televisão. Muitas mães biológicas fazem menos do que isso, ele pensou.

A mulher, Wexford descobriu, também não tinha ideia de onde podia ter vindo o dinheiro. Brand, agora em uma cadeirinha alta, tomava suco de laranja na mamadeira e comia uma banana cortada em pedaços. Diana Marshalson mostrou quase a mesma surpresa que o marido.

— O que aconteceu com o carro que Amber dirigia quando o bloco de concreto foi jogado da ponte em junho?

— Foi confiscado.

— Compreendo. Sra. Marshalson, eu gostaria de dar uma olhada no quarto de Amber. Não há necessidade de uma revista completa, como num caso de desaparecimento,

mas eu gostaria de examiná-lo. O inspetor Burden vai comigo.

Além da cama, perfeitamente arrumada, o quarto era um caos, exatamente como se espera de uma adolescente cuja maternidade aconteceu fora do tempo e não era parte natural de seu caráter. Roupas espalhadas. Duas cadeiras cobertas, perdidas sob pilhas de roupas e havia mais na maçaneta da cômoda e em cabides de arame, de tinturaria, no guarda-roupa. Quando Wexford abriu uma das portas, era difícil ver como as roupas podiam ter sido guardadas, de tão cheio estava o interior com minissaias, tops, jaquetas, vestidos e casacos. O número de peças de roupas competia com a quantidade de cosméticos espalhados por todas as superfícies. Uma gaveta da cômoda não fechava, cheia demais de vidros e garrafas, escovas de maquiagem e lenços de papel. De outra gaveta fechada pendiam um lenço de seda e uma perna de meia-calça rendada.

— Imagine a desordem quando Brand entrava aqui — disse Wexford.

Burden deu de ombros.

— Se é que ele entrava. Ao que parece, ele não tinha um grande papel na vida dela.

— Bem, ainda não sabemos disso. Talvez não precisemos saber. — Wexford queria dizer, *deixe como está para que eu não acorde durante a noite preocupado com isso, deixe que eu tenha um lado de avestruz na minha vida.*

Burden abriu as gavetas, uma depois da outra. Nenhuma delas estava em ordem. Uma, cheia de uma substância que Burden disse ser talco, também tinha lenços de papel usados amassados, bolas de algodão e vidros de cosméticos usados pela metade. Outras estavam abarrotadas com uma mistura de roupas, coisas para ler, recortes (ou melhor, pedaços rasgados) de revistas, canetas esferográficas, meias sem par, óculos escuros, rolinhos de cabelo, um secador de cabelos, várias escovas e pentes.

No meio disso tudo, um passaporte. Burden olhou primeiro para a foto, que ao contrário das fotos de passaportes mostrava um belo rosto e em uma página carimbos de entrada na Tailândia em sete de dezembro e saída em vinte e um de dezembro do ano anterior. Deu o passaporte a Wexford e voltou a atenção para as peças de roupa que tinham bolsos, e, depois de encontrar dois cigarros amassados, várias moedas de valores diferentes, mais lenços de papel usados e outra camisinha, com uma expressão de triunfo, tirou de um bolso um envelope repleto de notas de dinheiro.

— Vou contar — ele disse —, mas há pelo menos outras mil libras aqui, não acha?

— Provavelmente. Não sei o que pensar. Ela roubou ou ganhou esse dinheiro?

— Se ganhou — disse Burden com ar tristonho —, estava numa parada braba. De nenhum outro modo poderia ter ganhado tanto.

— Para um puritano, sua mente viaja por estranhos caminhos.



Em Kingsmarkham High Street o relógio digital no lado de fora do Centro Comercial Kingsbrook mostrava a hora, onze e quinze, e a temperatura em trinta e três graus.

— Noventa graus para você — Burden disse, amavelmente.

— Tudo bem, eu posso calcular. Ensinei minhas filhas a fazer a conversão. Só que mentalmente demora mais.

Um jovem bonito de cabelo louro comprido estava encostado no porta-malas de um carro no estacionamento da delegacia. Seu Audi estava na vaga “Reservado para o chefe de polícia”. Wexford se aproximou dele e, olhando

para os olhos azuis escuros com o branco muito claro, perguntou rispidamente: — O que posso fazer pelo senhor?

— Na verdade, é o que *eu* posso fazer pelo senhor. Ou, pensando bem, o que *não* posso. — Estendeu a mão longa e morena. — Daniel Hilland. Como vai?

Não há realmente uma resposta para isso e Wexford não respondeu nem apertou a mão estendida.

— Não pode deixar seu carro aqui. Seja o que for que fazem lá fora, aqui nós apreendemos.

— Pensei que queria falar comigo. Não podemos entrar?

— Não deixando seu carro aqui. Nossa conversa não vai demorar e então o senhor pode tirar o carro. Sabe o que aconteceu com sua ex-namorada?

— Claro que sei. — Balançou a cabeça afirmativamente.

— Disseram que você estava de férias na Finlândia.

Outra vez assentiu com a cabeça.

— Gostaria de ver seu passaporte, Sr. Hilland, e qualquer outra documentação provando que estava lá na data em questão.

— Como assim, documentação?

— Por exemplo, recibo do pagamento da passagem aérea, que é quase idêntico à passagem.

Sentindo o calor, Hilland olhou irritado para a claraboia fechada.

— Ninguém guarda essas coisas.

— Pois deviam guardar. Talvez tenha os recibos da conta do hotel.

— Teria se tivesse ficado em hotel. Estávamos acampando. Olhe, o senhor não pode estar pensando que tive alguma coisa a ver com a morte de Amber. Isso é surreal. Quer dizer, por que eu faria isso?

— Não compete à lei procurar o motivo, Sr. Hilland. Mas no momento estamos apenas tentando eliminar possíveis suspeitos. Não posso excluí-lo se não me mostrar prova de que estava onde diz. Sem dúvida um dos amigos que estavam com o senhor pode me dizer.

— Suponho que tenho que perguntar a eles — Hilland disse, em tom menos amável. — É uma chatice, mas acho que farão isso. Não gostam desse tipo de coisa.

— Que tipo de coisa?

— Oh, bem, polícia, assassinatos, suspeitos e tudo mais, especialmente quando todo mundo sabe que quem vai atrás dessas garotas são psicopatas viciados em pornografia da web.

Wexford não precisou lembrar que entre “essas garotas” estava a mãe do filho dele. Talvez nunca tivesse conhecido um jovem tão desagradável, um daqueles jovens que gostavam de violência, até agora categorizados pela polícia de Kingsmarkham como “de má vida”.

— Certo — ele disse. — Quero nome e endereço de um desses amigos e quero agora. Surpreso com mudança de tom de Wexford, Hilland pareceu aborrecido, mas deu ao inspetor-chefe dois nomes, um com endereço em Wales, outro mais perto, em Lewes.

— Quando o corpo foi encontrado, tinha mil libras no bolso do paletó. Tem alguma ideia de como Amber conseguiu esse dinheiro?

Hilland procurou mostrar que para ele não parecia uma grande quantia, erguendo as sobrancelhas e inclinando a cabeça para um lado.

— Nenhuma ideia. Eu não a encontrava mais, sabe? Nós nos separamos antes de a criança nascer. Não que houvesse muito para separar.

Lembrando que devia manter a calma a todo custo, Wexford tentou perguntar para que ela precisava de dinheiro, embora sabendo muito bem que necessidade não é motivo relevante para roubar ou procurar qualquer outro meio, ilícito ou não, de conseguir dinheiro.

— Ela ia morar no apartamento do meu pai — Hilland disse. — Precisava ter algum dinheiro para viver. Seria diferente de quando estava em casa com o pai e, como é o nome dela, com Diana. Amber não tinha coisa alguma. E

antes que pergunte com censura em cada sílaba, não, eu não dava nada a ela. Não tenho nada para dar. Sou estudante, certo?

— Certo. Isso é tudo — disse Wexford secamente, satisfeito por Hilland estar sentindo calor, suor brotando no rosto e molhando as axilas. — Gostaria que trouxesse seu passaporte e qualquer outra documentação amanhã de manhã. Pode ir agora e, por favor, não estacione mais seu carro naquela vaga.

## capítulo 9

O aquecimento global obrigou a direção do Olive and Dove Hotel a instalar ar-condicionado, uma raridade em Kingsmarkham. Devido ao fato de as portas serem constantemente abertas e fechadas, o conforto não se estendeu às áreas públicas e aos bares do salão, somente ao bar com televisão. Lá Wexford e Burden sentaram, com a televisão ligada, o noticiário do começo da noite dizendo que a temperatura do dia chegara a trinta e dois graus.

— Aqui está frio — Burden disse, desligando o controle remoto. — Eles nunca sabem controlar corretamente, não é mesmo?

— É bom para uma hora ou pouco mais. — Wexford pegou os dois drinques preparados pelo *barman* e deu um a Burden. Pagando os dois, ele disse: — Beba um também. Esses copos estão bem frios. No dia em que você começar a pôr gelo na cerveja, deixo de vir aqui.

— Excelente — disse o *barman* —, porque esse dia nunca chegará.

Depois que ele se foi, Wexford disse: — Aquele Hilland é um panaca total. Sei que você não gosta dessa palavra, mas nenhuma outra o define. Ele não mencionou nem uma vez o filho e fala de Amber como se ela fosse um caso de uma noite.

Burden deu de ombros. Isso não o surpreendia.

— A mãe e a irmã nos deram uma amostra de como ele é. Ocorreu-me uma ideia e acho que devemos fazer alguma coisa com ela. Aquele dinheiro no bolso de Amber deve ter ido parar lá depois que ela saiu, certo? Ela não era tão avoada a ponto de andar por aí com mil libras durante dias e dias.

— Suponho que não. Quer dizer, você está certo.



— Então alguém deu o dinheiro a ela naquela noite. Não depois que ela chegou ao Bling-Bling Club. Ela esteve com os outros o tempo todo e um deles teria notado. Quer dizer, não é como dar algumas moedas, certo? Muito bem, sabemos a hora em que ela saiu de casa e foi para o clube, mas não sabemos a que hora chegou. Ninguém disse, embora Samantha Collins tenha dito que ela chegou mais tarde que o costume.

— Está dizendo que, seja como for que ela tenha conseguido o dinheiro, alguém o deu entre a hora em que ela saiu de casa e a hora em que chegou ao clube. Não pode ter passado muito tempo, Mike.

— Por que não? Diana Marshalson disse que ela saiu entre oito e meia e nove horas. São cinco minutos, se tanto, até o ponto de ônibus e o ônibus leva dez minutos até Kingsmarkham. Mesmo supondo que o ônibus estivesse atrasado e ela levasse dez minutos para chegar ao ponto e tendo saído às nove, estaria em Kingsmarkham às nove e meia. Com meia hora para a transação, podia ter chegado ao clube às dez.

— Um pouco tarde, não acha?

— Para você e para mim, Reg — disse Burden —, é muito tarde para ir a qualquer lugar. É mais hora de ir para casa. Mas não para os jovens. Esses lugares quase sempre funcionam até quase meia noite.

— Muito bem, precisamos saber o horário do ônibus, se estava no horário e ver se conseguimos com George Marshalson a hora exata em que ela saiu de casa. Supus como certo que o jovem Hilland estava pagando pensão ao filho. Com isso e o Auxílio Desemprego, que ela supostamente recebia e mais pelo filho, ela estaria quase bem. Agora, começo a ver por que ela precisava de dinheiro.

— Pensei que ela pretendia ir para a universidade...

— Mike, começo a acreditar que era o que George Marshalson desejava. Como seria possível? O que ela ia

fazer com Brand?

— Por falar nisso — disse Burden —, o que ela fez com ele quando foi à Tailândia?

— Deixou com o pai e Diana, suponho. Mas precisamos saber mais sobre a Tailândia. É possível que todos tenham ido. Férias em família. E precisamos ver a conta de Amber no banco, se é que tinha alguma. As duas mil libras que encontramos podem não ser tudo que Amber tinha. Vamos tomar outro?

— Por que não? — disse Burden.

Wexford foi pegar os drinques. Burden teve uma ideia. Tão óbvia, ele pensou, imaginando por que não tinha pensado nisso quando estava no quarto de Amber.

Ela se arriscaria tanto? Será que era tão tola? Voltando com um copo em cada mão, Wexford disse: — Você parece ter levado um choque.

— Se levei, eu mesmo dei. Reg, temos que voltar a Brimhurst e aos Marshalson e devemos fazer isso logo. Que horas são?

— Oito e vinte. O que aconteceu?

— Quando revistamos aquelas gavetas no quarto de Amber — Burden disse — encontramos uma coisa que julgamos ser talco. Na hora nem pensei direito, apenas aceitei e então, com outras coisas que encontramos depois, compreendi. Garotas da idade dela não usam talco, nunca ouviram falar em talco, não sabem para que serve. É tão antiquado quanto... quanto notas de uma libra, cabines telefônicas e discos de gramofone.

— Então, o que é? Oh, sim, já sei... Vou telefonar para Marshalson e mandar Donaldson nos pegar aqui em dez minutos.



— Duvido que haja mais do que cinquenta libras na conta de Amber — George Marshalson disse. — Eu abri a conta para ela — suspirou profundamente — quando fez dezesseis anos. Presente de aniversário. Abri com cem libras. Duvido que ela tenha acrescentado alguma coisa. Se houver dificuldade no banco para que tenham acesso, eu darei permissão.

Wexford agradeceu. A casa parecia opressivamente silenciosa. Eram nove horas e Brand há muito tempo estava dormindo. A temperatura, embora não pudesse ser descrita como “frescor da noite”, estava muito abaixo do calor inglês do meio-dia. Todas as janelas estavam ainda abertas, mas um abelhão na vidraça lutava para sair. Insetos dançavam nas sombras do jardim.

Diana Marshalson estava no jardim, regando as plantas agonizantes. Balançou a cabeça olhando para um arbusto cujas folhas estavam amarelas e, deixando o regador vazio, entrou na casa por uma das portas de vidro abertas, dizendo:

— Não adianta. — Sentou em uma cadeira. — Tudo precisa de muita chuva a noite toda, não de meio regador de água. — Olhou para o marido — Mas o que importa? O que tudo realmente importa agora?

Ninguém respondeu.

— Vejo pelo passaporte que Amber foi à Tailândia em dezembro.

— Nós todos fomos — Diana disse. — Bem, não Brand. Nos o deixamos com minha irmã.

Um bebê de três meses, Wexford pensou indignado, deixado com uma completa estranha! Então disse a si mesmo, severamente, que não era da sua conta. Começava a ficar obcecado pela criança, sensível ao menor sinal de negligência ou indiferença. Tinha que parar com isso, precisava se controlar.

— Isto é, o senhor, sua mulher e Amber?

— Foi tudo combinado um mês antes de Brand nascer — disse o pai de Amber. — Amber queria levá-lo também, mas, claro, mudou de opinião quando chegou a hora. Laura, irmã de Diana, ofereceu-se para ficar com ele e Amber aproveitou a chance.

— Eu gostaria de dar outra olhada no quarto de Amber — Wexford disse.

Quando estavam indo, Diana disse, sem nenhum motivo:

— Se estão interessados no estilo de vida de Amber, devem saber que em maio ela foi a Frankfurt.

— Foi sozinha? — Burden perguntou.

— Uma amiga foi com ela, não lembro o nome.

Censurando-se por perguntar, Wexford perguntou: — Quem tomou conta de Brand? Sua irmã?

— Ela não ia querer ficar com ele logo depois da primeira vez, certo? Eu tomei conta dele, claro. Foi no dia vinte e dois de maio e não importava o fato de eu ter um compromisso importante. Na verdade, foi uma surpresa quando me deram folga como babá e permitiram que eu fosse à Tailândia.

— Diana — George Marshalsen disse —, por favor. — Parecia arrasado. — A pobre Amber está morta.

— Eu sei, George. Sinto muito. Nós todos estamos tensos.

Uma estranha definição para a dor da perda de um ente querido, Wexford observou a Burden quando subiam a escada.

— Ela odiava aquela garota — Burden disse.

— Sim, mas estou imaginando se o que Diana sentia quando ela estava viva não era apenas indiferença, talvez impaciência. Foi a morte de Amber que trouxe o ódio porque, morrendo, ela a deixou responsável pela criança.

Burden raspou um pouco do pó branco para dentro do saquinho plástico e o fechou. Então passou o indicador levemente molhado no pó e cheirou.

— Não é o que eu e você pensamos — ele disse. — Também não é talco. Já senti esse cheiro antes, há muitos anos quando meu filho John estava na escola, mas só Deus sabe o que é.

Na sala de estar, George estava recostado na poltrona com os olhos fechados, Diana com um laptop nos joelhos. A tela estava cheia com a página azul-turquesa, convidando os usuários a pesquisar na Web. Ela se virou quando eles entraram.

Burden disse:

— Sra. Marshalsen, talvez possa nos dizer se Amber tinha pé de atleta?

— Como sabe disso? Ela achava que tinha apanhado na piscina de Kingsmarkham e considerava humilhante.

— E eu estava certo de que era cocaína — Burden disse quando saíram. — Mas, claro, o fato de até agora não termos descoberto evidência de drogas não quer dizer que ela não estivesse vendendo. Talvez estivesse. Talvez o dinheiro viesse daí. A propósito, quem era a outra garota?

— Uma do grupo do Bling-Bling Club, suponho, mas vamos descobrir.

## capítulo 10

O banco em Kingsmarkham High Street garantiu facilmente o acesso à conta de Amber Marshalson.

— Afinal, a pobre moça está morta — disse o gerente.

George Marshalson estava errado, mas não muito. A conta era agora de setenta e cinco libras. Nada fora depositado e nada retirado em dois anos.

— Ou ela não confiava em bancos — disse Wexford — ou mais provavelmente não chegou a depositar os dois mil. Devia ter recebido recentemente.

— Ela foi à Tailândia, mas se estava vendendo drogas não foi feito qualquer depósito em sua conta, logo, provavelmente tenha sido apenas um inocente passeio de férias.

— Quer dizer que ela não depositou em sua conta o que ganhou. Pode ter recebido em dinheiro e simplesmente gastou. Possivelmente a amiga levou alguma coisa para Frankfurt, e lá se encontrou com alguém que levou a encomenda para o destino final. Quando voltou, foi paga.

Wexford sabia tanto sobre drogas quanto qualquer outro policial na sua posição que não fosse especializado, mas Burden era perito no assunto, tendo dirigido o grande expurgo dos usuários de drogas em Kingsmarkham e nos povoados próximos no ano anterior.

— Ela levou a droga? — ele perguntou. — Na bagagem ou no corpo?

A ideia de alguém engolir vários pacotes de droga e expelir no fim da viagem deixou Wexford nauseado.

— Meu Deus, espero que não!

— Vamos ter que trabalhar muito nessa área. Descobrir quem era a outra jovem. Talvez possamos conseguir levar

um cão farejador a Clifton. E interrogar todos os amigos dela outra vez.



Na pequena sala de estar quente e abafada, Hannah e Bal estavam tendo o que Bal chamava de “uma pequena conversa” com Henry Nash. Para ela, a sala parecia parte de um museu de antiguidades. Tudo, incluindo o dono, tinha quase um século e grande parte muito mais. Os poucos livros incluíam uma Bíblia e hinos antigos e modernos, encadernados em couro negro e os outros, com títulos indecifráveis, em couro verde e vermelho-escuro. Duas litografias coloridas na parede, acima da cabeça do Sr. Nash, mostravam jovens muito gordas com trajes que a ideia vitoriana considerava gregos, encostadas em urnas. O tapete era do tipo turco, muito usado, e as cadeiras do tipo “ao lado da lareira”. Em um canto, um piano tipo armário com a partitura de *The Bluebells of Scotland* no suporte.

O telefone não era, naturalmente, tão velho quanto o piano ou as donzelas gregas, mas para Hannah parecia dos anos cinquenta. Era negro e no lugar do teclado tinha um mostrador que ela nunca vira antes. Nesse instrumento o Sr. Nash telefonara para a central de polícia de Kigsmarkham dizendo que tinha uma informação importante.

Mas agora que Hannah e Baljinder estavam ali, ele parecia resolvido a não partilhar a informação antes de um discurso contra os vários aspectos da vida moderna. Pais solteiros, tratamentos de fertilidade, desempregados como “buscadores de emprego”, fraudes no serviço social, estrangeiros, especialmente os de aparência física e cor diferentes das dele, tudo isso merecia censura severa. À medida que crescia seu ressentimento, Hannah sentia

especialmente por Bal, embora ele parecesse não dar atenção a expressões como “escurinhos” e “olhos amendoados”, ouvindo tudo com calma, paciência e um leve sorriso.

A indignação fazia com que sentisse mais calor. O suor provocava coceira no rosto e uma gota caiu-lhe, quente e salgada, nos lábios. Como pós-feminista, ela sabia que precisava encarar isso normalmente. Não tinha direito de suar como um homem? Mas sabia também do abismo entre o que sentimos e o que pensamos. Tinha direito, como ser humano, de suar, mas sentia que Bal notaria e seria horrível se o suor molhasse sua blusa imaculadamente branca e engomada. De repente, irritou-se e interrompeu o discurso do Sr. Nash sobre a televisão depois das nove da noite.

— O senhor tem alguma informação para nós?

Indignado, ele olhou para ela com a testa franzida.

— Eu estava falando com este jovem — ele disse para Hannah, furioso. — Vocês não sabem o que é ter paciência.

— Paciência é um luxo, Sr. Nash — disse Bal. — Não temos muito tempo.

A despeito de ter insultado seu grupo étnico cinco minutos antes, com a sugestão de que pessoas de sua origem deviam voltar para “os templos, elefantes e coisa assim, que era seu lugar”, o Sr. Nash olhou para Bal com novo respeito.

— Muito bem — ele disse —, você tem que fazer seu trabalho. Sei o que é trabalho, ao contrário de alguém cujo nome não posso dizer. — Manteve os olhos cuidadosamente desviados de Hannah, como se fosse um asceta e ela uma especialista em dança do ventre. — É o meu vizinho. O nome dele é Brooks. John Brooks. Deve haver milhões de pessoas chamadas John Brooks, eu sei.

Como ele ficou calado, Hannah perguntou:

— O que tem ele, Sr. Nash?



Ele respondeu olhando para Bal, como se ele tivesse feito a pergunta.

— Ele sai à noite — o Sr. Nash disse, triunfantemente.

— Sai? — Bal perguntou. — Como assim, “sai”? A que horas? O senhor o vê?

— Ouço o carro. Ele o deixa na rua. Por que, pode-se perguntar, quando existe uma parte cimentada ao lado da casa. Vou dizer. Porque a mulher dorme nos fundos. Eles dormem em quartos separados, por mais incrível que pareça. Eu durmo no quarto da frente e quando ele liga o motor eu acordo.

— A que horas, Sr. Nash?

— A qualquer hora, uma, duas, três, mas geralmente perto da uma. A mulher dele não consegue ouvir. Não sabe que ele sai. É isso que acontece quando casais dormem em quartos separados. Não admira que não tenham filhos. Ele ronca, ela diz. Aposto que ronca. Faz isso de propósito, para dormir em outro quarto.

— Ele saiu na noite em que Amber Marshalson foi morta?

— Isso não sei. Nem sempre acordo, quando não estou preocupado. Quando não estou virando na cama, pensando na situação do mundo.

A ideia de estar virando de um lado para o outro, em vez de ficar perfeitamente imóvel, provocou um aumento do suor em Hannah. Ela sentia um fio lhe escorrendo entre os seios. Levantou-se, sentindo que ia desmaiar se ficasse mais um minuto naquela sala quente e sem ar.

— Temos que falar com esse Brooks — ela disse — e ele só está em casa à noite. Se ele saiu na noite do crime, pode ter visto alguma coisa, mas eu não o vejo como criminoso. Se quisesse matar Amber, não sairia de carro.

— Não — disse Bal —, mas isso daria a ele um álibi e podia ter voltado a pé e cometido o crime.

— Sim, suponho que podia.

Ele olhava atentamente para ela e de repente Hannah pensou que pessoas que chamava de “origem asiática subcontinental” — não se importaria de ser chamada de “caucasiana de origem celta” — estavam quase sempre imaculadas, como se suas roupas fossem novas. Certa mancha de suor tinha aparecido na sua cintura.

— Você parece estar com muito calor, Hannah. — Era a primeira vez que ele a chamava pelo primeiro nome e não de “sargento”. — Vamos, tenho água gasosa em uma sacola refrigerada no carro. Isso vai fazer com que se sinta bem.



Os amigos com quem Daniel Hilland tinha passado as férias na Finlândia ainda não tinham aparecido. Parecia que tinham ido, como disse Daniel, para “Irlanda, Letônia ou coisa assim” e estavam sendo procurados inutilmente até agora. O álibi de Ben Miller, baseado apenas em sua palavra de que tinha deixado Amber na Mayflower Road às vinte para as duas, chegando em casa dez minutos depois, não podia ser provado. Nem a mãe nem a irmã o ouviram entrar. Ele sempre chegava tarde e sabia ser silencioso; até tirava os sapatos antes de subir a escada. A declaração da Sra. Miller de que “Mas eu sei que ele chegou. O que mais ele podia ter feito?” era pior do que nada.

George e Diana Marshalson forneceram álibis um ao outro, uma situação insatisfatória, mas na ausência de motivo, vendo que Diana, pelo menos, tinha a melhor razão para desejar que Amber estivesse viva, nada podia ser feito. Além disso, Wexford tinha certeza de que o amor de George pela filha era muito mais forte do que sentia pela mulher e, no caso do assassinato de Amber, ele jamais pensaria em defender Diana. Aquele casamento e o que um sentia pelo outro interessavam a Wexford. Começava a crer

que havia algum motivo para o desaparecimento do amor que George tinha, algo que Diana fizera. Mas esse algo certamente não era o assassinato de sua filha.

O pó recolhido da gaveta do quarto de Amber foi analisado e, como Burden pensava, era um remédio muito usado para pé de atleta. Teria que abandonar a teoria sobre a razão de Amber ter saído do país duas vezes naquele ano? Ainda não. A moda de beber água de garrafa tinha passado longe de Wexford, mas agora, com a temperatura ameaçando passar dos trinta graus, ele bebia copo após copo. Sentado na frente de Hannah Goldsmith, uma garrafa de água com gás e uma pilha de papéis na mesa entre os dois, ele a ouvia falar de John Brooks e da malícia de Henry Nash.

— Vou voltar quando ele estiver em casa.

— Tenha cuidado com o que disser na frente da mulher dele.

— Certamente é melhor para ela saber, chefe. Um relacionamento não é mais do que uma mentira quando não se é sincero um com o outro.

— “Um com o outro” são as palavras-chave — disse Wexford. — Não compete a você ser sincera por eles e eles não querem que você seja.

O conselho teve menos efeito do que ele esperava na sargento-detetive Hannah Goldsmith, que planejava as palavras diretas e bruscas que usaria com aquele mulherengo, aquele Brooks mentiroso, na presença da mulher, quando encontrou Bal Bhattacharya, frio e sem suor, depois de um difícil encontro com os vizinhos da mãe de Ben Miller para estabelecer seu álibi. Haveria alguma verdade na antiga crença de que as pessoas de pele escura eram menos afetadas pelo calor? Ela sentiu o sangue subir ao rosto, fazendo com que sentisse mais calor. Foi talvez o pensamento mais racista de toda a sua vida.

— De volta a Mill Lane, então, detetive Bhattacharya — ela disse, esquecendo que ele a tinha chamado de Hannah

com tanto carinho naquela manhã.

— Sim, estive pensando em um modo de interrogar o cara sem provocar a suspeita da mulher.

A resposta de que as suspeitas da Sra. Brooks deviam ser provocadas o mais cedo possível não chegou a sair dos lábios dela.

— É o que você pensa também? Que devemos agir com cuidado?

— Bem, sim, é. Como assim, “também”? Alguém mais disse isso?

— O chefe — disse Hannah.

O VW vermelho de John Brooks estava como sempre estacionado na rua, exatamente onde Henry Nash disse que estaria. Mas repetidos toques de campainha e batidas na porta não foram atendidos. Foi Lydia Burton, com a porta da frente aberta para ventilar, quem disse que não havia pessoa alguma em casa. Os Brooks tinham saído para comemorar o aniversário de casamento. Um táxi os apanhara dez minutos antes e os levava a um restaurante em Myringham.

— Assim John pode beber, entende? — disse Lydia Burton.

— É realmente espantoso como algumas pessoas podem ter duas caras — disse Hannah, quando Lydia não podia ouvir. Comemorar o aniversário de casamento em uma noite e trepar com outra mulher na outra, porque é isso que ele está fazendo.

— Isso não é tão ruim quanto assassinato — disse Baljinder e então, como se fosse superior a ela: — Trepar não é uma boa palavra para uma bela mulher.

Se a reprimenda tivesse partido de qualquer outra pessoa na posição de Bal, a sargento-detetive Goldsmith teria respondido agressivamente, mas, fosse por ter sido chamada de bela mulher ou simplesmente por causa da beleza e do estilo inegáveis de Bal, ela não sabia dizer,

ficou calada, apenas olhou para ele, esperando um sorriso e Bal de repente sorriu.

— Vamos, sargento — ele disse. — Há um bar nesta rua chamado Lamb and Flag. Vou levar você lá e lhe oferecer um drinque.



Ele pensava em ir para casa. Sylvia ia visitá-lo, deixando o filho com uma babá. Sua consciência estava pesada por causa do último encontro dos dois. Tinha sido cruel (embora não tanto quanto a mãe dela) e nada do que ela fizera ou pretendia fazer justificava isso. Queria desfazer essa impressão, não mudando seu ponto de vista, claro, mas sendo mais gentil e mais bondoso. Devia estar orgulhoso e lisonjeado, pensou, por sua filha ter ouvido o que ele dizia. Outras filhas, ao que ele sabia, não davam atenção à opinião dos pais.

A temperatura começava a descer. Ele foi até a janela e olhou para além de Kingsmarkham, para oeste, onde o sol se punha entre finas faixas de nuvens quase negras.

Um bando de estorninhos saiu do campo ao lado de Kingsbrook e voou em perfeita formação acima das copas das árvores. Ouviu abrir a porta atrás dele e, virando-se, viu Burden.

— Eu estava pensando em ir para casa — ele disse.

— Talvez tenha outra ideia quando eu lhe contar o que aconteceu. Uma garota está desaparecida. Tem vinte e um anos, trabalha naquela loja de suvenires na High Street, Gew-Gaws, é esse o nome?, e mora com o namorado em um apartamento em cima da loja. Chama-se Megan Bartlow.

— Bartlow, Bartlow... Onde já ouvi esse nome? Foi recentemente...

Burden o ignorou.

— Não temos motivo para pensar que haja alguma conexão com Amber Marshalson. Essa garota Bartlow talvez apareça ilesa. É um caso um tanto obscuro. Ninguém sabe ao certo desde quando está desaparecida, aonde pode ter ido ou se fugiu com outro cara. O namorado e a mãe estão aí embaixo. Vieram informar o desaparecimento. Não sei se você vai querer...

— Lembro agora — Wexford interrompeu. — Bartlow não é um sobrenome comum. Você está errado ao dizer que não há conexão com Amber Marshalson. Duas de suas amigas eram irmãs. Lara e Megan Bartlow.

## capítulo 11

O sargento Camb não os levou para uma das salas escuras de entrevistas, mas para a nova “sala familiar” da delegacia de polícia de Kingsmarkham. Esse filhote da sociedade solícita, para usar as palavras de Wexford, nascera de uma ideia de Hannah Goldsmith e fora entusiasticamente adotada pelo chefe de polícia. Antes repositório de objetos perdidos, medindo não mais de três metros e meio por três, com só uma janela pequena, mas a falta de espaço e ventilação era compensada pela ornamentação alegre. O tapete de corda era verde-esmeralda, as três pequenas poltronas eram de três cores primárias diferentes e a quarta, listrada de azul e amarelo. Um quadro que cobria quase toda uma parede era uma mistura de coral e vermelho, descrito por Wexford como uma tábua de açougueiro na hora de fechar em uma noite de sábado.

Ele tinha sugerido ao chefe oferecer aos pagadores de impostos de Kingsmarkham uma visita à sala, uma vez que tinham pago por ela. Por um momento pensou que o chefe o tinha levado a sério.

Encontrou o namorado e a mãe de Megan lado a lado, ele na poltrona amarela, a mãe na vermelha, de frente para o quadro, no outro lado de uma mesa de plástico branco com exemplares muito velhos de jornais de domingo. Nenhum dos dois tinha se interessado pelos jornais, que continuavam como quando a sala foi inaugurada por uma celebridade local (um homem que jogava agora no Manchester City) há onze semanas. Os dois pareciam da mesma idade, quase cinquenta anos. A mãe de Megan era magra e pálida, com cabelos louros pintados que iam até bem abaixo dos ombros e com o rosto pintado de cores

vivas como os móveis da saleta. O namorado — um “tipo de genro comum” como Wexford disse mais tarde a Burden — parecia vestido de vilão do século vinte e um para um baile a fantasia. O cabelo grisalho era comprido e preso em um rabo-de-cavalo. Usava meia dúzia de anéis na curva externa de uma orelha e uma cruz de prata ou de metal branco pendia sobre o triângulo de pelos do peito que o colete sujo deixava à mostra. Tatuagens ferozes, vermelhas, negras e verde brócolis cobriam os braços. A calça jeans era justa, com bainhas desfeitas e buracos nos joelhos.

Com um cortês “boa-noite”, Wexford perguntou os nomes dos dois.

A mãe de Megan aparentemente há muito deixara de usar Bartlow e disse, um tanto confusa:

— Lapper, Sandra Lapper — ela disse e então: — Oh, Deus, não, não é. Minha memória é como uma peneira. Agora é Warner, porque casei na semana passada. Que bobagem a minha!

— Keith é o meu nome. Keith Prinsip.

O rosto dele era escuro e enrugado, boca larga, mas fina, e olhos estreitos sob pálpebras como capuzes da cor de uvas pretas. Estava refestelado na poltrona, pernas cruzadas e lábios franzidos como se estivesse assobiando silenciosamente. A Sra. Warner tirou da bolsa preta pesadamente decorada com tiras e botões dourados, uma foto envolta em papel de seda. Burden examinou a foto e a passou para Wexford. Megan tinha a beleza da juventude, nariz grande e queixo pequeno. Tinha cabelos longos e louros e sua maquiagem era igual à da mãe.

— Tem outra filha chamada Lara, Sra. Warner?

— Como sabia disso?

Policiais nunca respondem a essa pergunta.

— Digam o que aconteceu. — Wexford olhou de um para outro, sem nenhuma preferência por quem devia responder. Sandra Warner olhou para Prinsip e Prinsip



continuou com o assobio silencioso, mas nenhum dos dois disse uma palavra.

— Muito bem — Wexford disse. — Uma vez que o senhor e a Srta. Bartlow moram juntos, Sr. Prinsip, talvez possa começar.

— Meu pai morreu — Prinsip começou. — Tive que ir ao enterro e fiquei na casa da minha irmã, onde meu pai morava, certo?

Controlando o impulso de dizer que não estava nada certo, Wexford perguntou onde o pai tinha morrido e de que dia e que noite ele estava falando.

Como a maioria das pessoas de seu tipo, Prinsip parecia não compreender por que as circunstâncias de sua família e os detalhes de sua vida deviam ser conhecidos de todos. Incrédulo, ele disse:

— Brum, não é isso? Birmingham, certo? De onde eu sou, onde meu pai morava. Não ontem. Vou falar do dia e da noite de anteontem. — Desesperado fez um esforço enorme. — No sábado meu pai morreu. Eu fui para lá na segunda e o enterro foi na terça. Voltei na quarta. Ontem, quero dizer. Ontem, certo, Sand?

— Você está perturbado, Keithie, e não admira. — Sandra Warner se virou para Wexford. — Ele foi para lá no dia trinta e um de agosto e voltou ontem.

— A Srta. Bartlow estava com o senhor?

— Meg nunca foi com minha família. Ela e minha irmã brigavam como cão e gato.

— Então, saiu de casa a que horas na segunda-feira? E onde estava Megan? — Burden disse. Aquilo era trabalho duro. Se dependessem daquele homem, ficariam ali a noite toda. — Sra. Warner? — ele perguntou.

— Às nove e meia você saiu, Keithie, não foi? Então Megan devia estar na loja. Eles abrem às nove horas. Certo, Keithie?

Wexford viu que as palavras tinham de ser postas na boca de Prinsip, do contrário não chegariam a lugar algum.

Esperou enquanto a Sra. Warner falava por ele, outra vez.

— Você se despediu dela e disse que se Kath quisesse que você a visse, você telefonaria e então ela foi para a loja.

— Megan trabalha na Gew-Gaws?

— Isso mesmo — disse Prinsip, aliviado. Fez outro esforço. — Ela trabalha para Jimmy Gawson. Eu telefonei para ela mais ou menos às seis horas na terça-feira, mas o celular dela estava desligado.

— Fez alguma outra tentativa? Quer dizer — disse Burden, dando-se conta das limitações do ouvinte —, tentou telefonar outra vez?

— Sim, mas não adiantou.

— Você ligou para mim, Keithie. Era muito tarde, na noite de terça-feira, devia ser meia-noite. Sabe o que Lee disse? “Esse Keith devia lembrar que a gente é recém-casado”, ele disse. Ele devia calcular que eu estava “ocupada”... — Sandra Warner riu. — Olhe para mim. Acho melhor eu me controlar. Deus sabe o que pode ter acontecido com Meg e aqui estou eu rindo como uma doida.

— Liguei para Sand, como eu disse e liguei outra vez no dia seguinte porque eu estava começando a ficar preocupado. — Desta vez Keith Prinsip não precisou que falassem por ele. — Aonde ela podia ter ido? Voltei de Brum ontem, mais ou menos na hora do jantar, por aí, e nem sinal dela.

— Nem podia ter, Keithie. Ela devia estar na loja.

— Não estava, Sand. — A entrevista estava se transformando em uma conversa entre os dois. — A primeira coisa que eu fiz foi ir até lá. Jimmy, o dono, perguntou: “Onde está Megan?” Foi a primeira coisa que ele me perguntou: “Onde está Megan?”

— Keithie foi à nossa casa e jantou com Lee. Nós dissemos, quero dizer, nós todos dissemos, Lee também, que íamos esperar vinte e quatro horas, e que se ela não

aparecesse, a gente... bem a gente, não sabia o que fazer, mas tínhamos que fazer alguma coisa.

Wexford e Burden trocaram um olhar, ambos fartos daquele relato repetitivo e inútil. Mesmo assim Sandra Warner era melhor fonte de informação. Foi para ela que Wexford perguntou se sua outra filha, Lara, morava com ela e se as irmãs se davam bem. Enquanto isso, Burden foi buscar um formulário de pessoa desaparecida.

— Para que quer saber da minha outra filha? Lara não está desaparecida, graças a Deus.

— Ela era amiga da moça morta, Amber Marshalson — disse Wexford, sem poder evitar uma explicação.

— Não se pode dizer amiga. Não era uma amiga. — A Sra. Warner parecia ofendida. — Relações amigáveis, eu lhes garanto.

Wexford não tinha a mínima ideia se era verdade, mas disse assim mesmo:

— Ela e Amber foram juntas a Frankfurt.

Conjetura ou inspiração, ele estava quase certo e também absolutamente errado.

— Não Lara. Megan é que foi, e daí? — Sandra Warner disse, ofendida. — Não é crime, é? Nem sei onde fica esse maldito lugar. Só sei que lá usam euros.

Pode muito bem ser um crime, Wexford pensou.

— Quero falar com Lara amanhã. A que horas ela vai para o trabalho?

— Ela não trabalha. Está estudando. Escola de Comércio Stowerton, só que não é uma escola, é uma faculdade.

— Vejo a senhora e ela amanhã. Até lá talvez tenha alguma notícia de Megan.

Burden voltou com o formulário e olhou de um para o outro, sem saber ao certo qual dos dois ia querer preencher.

— Me dá isso aqui — disse Sandra. — Não adianta dar para Keithie. Ele esqueceu os óculos. — Piscou furiosamente para Burden, que interpretou como um sinal

de que Keith não sabia ler. Quanto a Keith, não demonstrou a vergonha típica do analfabeto, mas recomeçou seu assobio, dessa vez não silencioso: *Can't buy me love*.



Era tarde. Wexford deu boa-noite a Burden e foi a pé para casa, caminhando devagar. A garota estava morta, tinha certeza e isso o fez voltar à entrevista sem nenhum divertimento, o que em outra situação acharia impossível. Ela estava morta porque conhecera Amber Marshalson, mais especificamente porque estava envolvida com o mesmo tráfico de drogas que Amber e as duas, em algum momento, tinham comentado sobre revelar quem lhes pagava. Ou, ele corrigiu, Megan tinha ameaçado delatar os responsáveis pela morte de Amber. Isso era mais provável. Ninguém passava férias em Frankfurt. Todos iam para uma conferência, encontro de negócios ou para trocar de avião. Amber e Lara tinham ido para entregar o que elas, ou uma delas, estava contrabandeando para a Alemanha, a caminho, provavelmente, do Extremo Oriente.

Para ele, nada teria muito efeito na burrice bovina de Keith Prinsip — era um nome sérvio, o nome do assassino do arquiduque Ferdinand —, mas pensou, com certo temor, no impacto na alegre Sandra Warner, tão obviamente feliz com o novo casamento, para quem o pior não parecia ter acontecido. Ela seria atingida com mais força.

Chegou em casa e viu que o carro de Sylvia continuava do lado de fora. Satisfeito — não podia evitar —, mas também desanimado, disse a si mesmo que devia tratá-la com suavidade, sem mais censuras. Afinal, de que adiantava? Entrou no hall e ouviu o som indesejado de uma voz que não era de Sylvia nem de sua mulher. Por um momento, não conseguiu identificá-la; abriu a porta, entrou

e de repente estava apertando a mão de Naomi Wyndham, que não conhecia. Era uma mulher pequena, de uns trinta e cinco anos, com o tipo de cabelo ruivo comprido que levaria Rossetti ao êxtase. Para Wexford, era desagradável o costume moderno de misturar ex-esposas com as namoradas atuais e ex-maridos com os amantes das ex-esposas, porém, examinando o que sentia, tinha de confessar que seria muito pior desacordos e despeito.

Dora sentia muito mais do que ele. Parecia reprovar a filha e todos ligados a ela. Quando Wexford entrou, ela dizia a Sylvia, com voz fria, que ela devia voltar para casa e substituir a mulher com quem tinha deixado Ben e Robin. Disse que não entendia por que Sylvia estava ali, uma vez que isso envolvia o trabalho e a despesa de contratar uma babá. Com ele, ela foi mordaz.

— Naomi já está tão envolvida com o bebê, Reg, que está cuidando de Sylvia como se fosse propriedade sua. Cuidando para que ela não beba nada alcoólico e tome todas as vitaminas, não é?

Sylvia ficou descontente, quase zangada.

— Não posso deixar de imaginar que sou eu quem está grávida do nosso bebê — disse Naomi. — Quero dizer, sei que não sou, mas finjo que sou. Sylvia o sentiu mexer, bem, ele ou ela, Sylvia não quer saber se é menino ou menina, não sei por que, e imagino que sou eu sentindo. Bem, é mais do que imaginação, na verdade. Eu realmente senti um movimento esta manhã. Como um pezinho chutando.

Sylvia disse, com desagrado:

— Foi sua imaginação, claro. Você não pode sentir. Você não sabe como é.

— Eu sei disso muito bem, Sylvia, e essa é a minha tragédia. Mas procuro compensar, tentando sentir o que você sente. Quando você entrar em trabalho de parto, aposto que vou sentir dor.

— Maridos nos mares do Sul fazem isso — disse Wexford. — Eles vão para uma cabana e simulam as dores

da mulher. Chamam isso de *couvade*.

— Que lindo! — disse Naomi com entusiasmo. — Vou fazer uma *couvade* quando chegar a hora.

— Por que nós todos não tomamos alguma coisa? — Wexford perguntou rapidamente, esperando que Sylvia dissesse não.

Ela o surpreendeu, dizendo com rebeldia:

— Quero um copo grande de vinho branco, por favor, papai. Naomi vai se abster por mim, assim, pode dirigir o carro na volta.



Depois que elas saíram ele recostou na em poltrona de frente para as grandes portas envidraçadas abertas. Soprava uma leve brisa, a primeira em semanas.

— Talvez o tempo esteja mudando — ele disse. O copo de cerveja gelada em sua mão o fez lembrar, estranhamente, do prazer de encostar a mão num radiador em dias de neve em janeiro. — Se eu fosse a Sylvia, aquela mulher me enlouqueceria.

— Agora que você lhe pôs isso na cabeça, ela vai dizer a todo mundo que pretende fazer uma *couvade* — disse Dora.

— Onde está Neil?

— Ficando fora disso, se for sensato.

Mais tarde, na cama ao lado dela, coberto apenas com o lençol, ele pensou na garota morta e na que estava provavelmente morta, e no dinheiro pelo qual tinham pagado um preço tão alto.



Bem cedo de manhã é um belo momento, quando o tempo está bom e o calor ainda está longe. Na escola tinham ensinado a Hannah por que o orvalho se deposita na grama nessas manhãs; ela, porém, esqueceu. Com uma seca tão longa, parecia-lhe estranho que tanta água pudesse estar ali, pontilhando os gramados com gotas brilhantes, enfileiradas como um colar de pérolas na travessa do portão dos Brooks.

O carro de Brooks estava estacionado na rua com uma névoa de orvalho no para-brisa. Ainda não eram sete horas.

Hannah estava sozinha, por causa da ideia nada feminista — uma ideia realmente absurda para uma ambiciosa sargento-detetive — de que não podia apanhar Bal àquela hora, quando ele lhe tinha pago dois Campari na noite anterior e se abstera de álcool para levá-la de carro para casa e se despedira dela com um leve beijo no rosto. Ela podia ter telefonado para Brooks, mas havendo feito isso várias vezes durante a semana, estava certa de que a secretária eletrônica devia estar ligada, mas ninguém retornou os telefonemas, nem atendeu a campainha. Bateu na porta, tocou a campainha e dessa vez um homem jovem de cabelo escuro crespo e rosto de menino atendeu.

Enquanto falava, ele enxugava a cabeça com uma toalha.

— Quem é você, tão cedo assim?

— Sargento-detetive Goldsmith, Sr. Brooks. — Hannah mostrou sua identidade e pôs um pé na soleira da porta. — Gostaria de falar com o senhor, que é uma pessoa difícil de encontrar.

— Quer falar comigo agora? Estou saindo para o trabalho.

— Preciso falar com o senhor sobre um assunto urgente — ela ouviu a própria voz ficar fria e seca —, de preferência agora, mas se for impossível, quero marcar uma hora o mais depressa possível. Vou lhe dar uma informação para que reflita sobre ela até nos encontrarmos outra vez.

Soubemos que o senhor costuma sair de carro à noite... no meio da noite, ou pouco antes do amanhecer.

— É mentira.

— Certo, mas precisamos conversar a respeito. Sugiro esta noite, às sete e meia.

Ele nada disse, assentiu com a cabeça e deu de ombros.

— Sr. Brooks?

— Oh, tudo bem. Mas, na verdade, não é muito conveniente.

— É conveniente para mim — Hannah disse e voltou para seu carro. Foi até a esquina e esperou, fingindo que consultava seu caderno de notas. Depois de cinco minutos, Brooks passou por ela de carro e seguiu para Kingsmarkham.



Lara Bartlow levava muito a sério o curso de comércio em uma divisão do departamento da velha politécnica de Stowerton. Na sala de estar do apartamento que compartilhava só com Sandra até Lee se mudar para lá, ela punha pastas e livros em uma maleta nova, quando Wexford e a sargento-detetive Goldsmith chegaram. “Warner não estava à vista, provavelmente ainda na cama. Um cheiro forte de bacon frito enchia a sala. A roupa de Lara era do tipo profissional, um terninho negro com blusa branca e sapatos “sensatos” de salto baixo. Em vez da voz que ele esperava, ouviu um sotaque de aluna do sexto grau à espera do resultado da média geral. Se ela tivesse sido companheira de Amber na viagem, ele não ficaria tão surpreso, mas fora sua irmã, namorada de Keith Prinsip... Entretanto, não tinha sido uma viagem de férias, certo? Fora mais uma viagem de negócios.



— Não quero me atrasar — foram suas primeiras palavras.

— Nós a levaremos à faculdade, Srta. Bartlow — Hannah se apressou em garantir. — Não é um carro da polícia.

Não estranha para a polícia, ele tinha certeza, a família Bartlow Lapper-Warner devia viver à margem de pequenos crimes durante a vida das jovens e mais ainda, pequenos roubos em lojas, uma grande quantidade de fraude nos benefícios, dirigir sem seguro, esse tipo de coisa. Era bem possível que respeitabilidade, para Lara, consistia em não ser vista em lugar algum nas vizinhanças de um dos veículos azul-turquesa e vermelho flamingo da polícia de Sussex. Mas talvez ele estivesse sendo injusto.

Aquela jovem estava simplesmente, para usar uma expressão antiga, mal se aguentando nas pernas. Perguntou-lhe como tinha conhecido Amber Marshalson.

— Estudamos juntas na escola.

— Ben Miller também?

— Isso mesmo. São todos um bando de esnobes, mas Amber era diferente. Se não parecesse idiota hoje em dia, ela era o que minha avó chamaria de uma verdadeira dama. Partiu meu coração saber o que aconteceu com ela.

— Foi por seu intermédio que ela conheceu sua irmã Megan?

— Sim. Ela foi comigo ao Bling-Bling Club uma noite e Amber estava lá. Só ela, sem aquele Keith. — Depois de uma pequena hesitação, continuou: — Olhem, Megan ficaria legal se largasse esse cara.

Ela o deixou agora, Wexford pensou com tristeza.

— Você não gosta dele?

— Ele é um lixo, um vagabundo — Lara disse selvagememente. — Ele a arrastou para baixo. Ele obrigou ela a fazer coisas que ela jamais pensaria em fazer quando estava com mamãe e comigo.

— Que tipo de coisas?

— Se quer saber, pergunte a ela. Não vou dedurar minha irmã. Agora preciso ir para a faculdade.

Quando iam para o carro, ele refletiu que não seria possível perguntar a Megan. O calor já começava, a temperatura subia palpavelmente, o ar parado e calmo, as folhas das árvores da rua, murchas. A noite não tinha sido suficientemente longa ou suficientemente úmida para fazê-las reviver.

Foi Hannah quem perguntou:

— Por que ela e Amber foram a Frankfurt?

— Não pergunte a mim. Talvez tivesse um voo com preço baixo, ou coisa assim.

— Onde você acha que sua irmã está agora, Lara?

— Foi embora com alguém que conheceu e deixou Keith, espero.

— Se você fala sério, ela faria isso sem falar com você ou com sua mãe?

— Chegamos. Esta é a minha faculdade. — Lara saiu do carro, Wexford notou, de um modo que as mulheres raramente saem nos dias de hoje, mas extremamente elegante.

Com os joelhos unidos, ela virou as pernas para fora, pôs os pés no chão e ficou em pé, tudo com um único movimento gracioso. — Olhe, ela pode ter feito isso, quer dizer, Megan não me disse nada sobre outro cara, mas foi assim que ela foi morar com Keith. Estava saindo com um cara realmente legal e bonito também, a cara do Jude Law e então, um dia ela simplesmente... bem, desapareceu. Apareceu uns quatro ou cinco dias depois, com aquele tal de Keith. Tirou uma semana de folga do trabalho, foi para Brighton sozinha. Ela encontrou ele na sarjeta, tenho certeza, e trouxe para cá. Isso foi há três anos.

Eles a viram subir a escada do prédio; uma moça alta, segura de si mesma, que sabia aonde estava indo e como pretendia chegar lá.

— Agora temos que começar a procurar a irmã — disse Wexford.

## capítulo 12

Bal estava mais do que disposto a ir com ela. É claro que, estritamente falando, ele teria ido se ela o chamasse, mas a moça sabia reconhecer entusiasmo. Ele não a acompanhava por dever, mas porque gostava da sua companhia — ela estava certa e a achava sexualmente atraente. Muito bem, ela era mesmo, Hannah não teve problema em dizer a si mesma, quando entrou no banheiro feminino da delegacia, penteou os longos cabelos, aplicou brilho labial e borrifou um pouco de Chanel Chance. Como muitos homens tinham dito, ela era extremamente bonita. Além disso, pertencia a um tipo que Bal devia admirar muito. Com sua pele morena, olhos e cabelos castanhos, podia ser tomada por uma mulher de origem indiana — bem, do Norte da Índia. Ora, Hannah murmurou para si mesma, esse pensamento foi quase racista.

Passou na ponta dos pés pela sala de conferências, onde Wexford falava com a imprensa. Não tinham outra saída. O apelo sairia ao vivo no noticiário local das seis e meia. Ela o ouviu dizer: “Megan Bartlow está desaparecida há mais de quarenta e oito horas. Estamos seriamente preocupados com sua segurança. Se alguém...” Hannah fechou silenciosamente a porta da sala e saiu para a luz ainda brilhante e ofuscante de outro começo de uma noite quente. Baljinder Bhattacharya a esperava, desceu do carro e abriu a porta do lado do passageiro para ela. Se não tivéssemos de fazer isso, ela pensou, podíamos ir a algum lugar agradável para beber e comer, não a Brimhurst Prideaux, talvez sentar ao luar — não que eu precise do luar — e aposto que estaríamos na cama no meu apartamento às dez horas. Oh, eu gosto de homem magro com abdome sarado, e um perfil de falcão voando sobre as

planícies do Punjab... Ora, vamos, Hannah, controle-se! Ela entrou no carro.

O VW vermelho de John Brooks não estava em lugar algum, mas isso não era surpresa. Ainda faltavam dez para as sete. Hannah tocou a campainha e Gwenda Brooks abriu a porta. Seu rosto dizia: *e-agora-o-que-há?*

— Queremos falar com seu marido.

— Ele ainda vai demorar uma meia hora.

— Vamos entrar e esperar — Hannah disse secamente.

— Ele sabe da nossa vinda. Marcamos hora com ele — consultou o relógio — há doze horas.

Aparentemente Gwenda não sabia disso, mas se afastou para o lado, Hannah e Bal entraram e ela os levou à sala de estar, onde já tinham estado. A Sra. Brooks era uma dessas mulheres que não apreciam enfeites nem quadros porque precisam ser limpos e gostava de móveis de cor bege. Era a cor do tapete, do conjunto de três peças, da madeira e do papel de parede; o tom variava levemente entre biscoito amanteigado e café com leite.

As janelas estavam abertas para um pequeno jardim, que fora antes um gramado, agora coberto por um deque de madeira, mais apropriado para uma praia de Malibu do que para um chalé em Sussex. Nas beiradas estreitas cresciam algumas poucas e desanimadas folhagens sem flores. Hannah, que notava menos um belo cenário do que belos homens, pensou que por mais que os Brooks tivessem feito pela casa e pelo jardim, não conseguiram pôr as mãos bejes frias na magnífica paisagem de montanhas cobertas de árvores além da sua cerca dos fundos.

Gwenda Brooks nada lhes ofereceu. Em algum lugar, um rádio estava ligado baixinho, não tocando música, mas com uma voz masculina fazendo uma palestra. Talvez Gwenda não suportasse o silêncio. Qualquer ruído de fundo era melhor do que nada. Estava lendo, ou vendo uma revista antes da chegada deles e agora voltou a ela, olhando para

fotografias de páginas duplas de uma casa, cômodos e jardim.

Talvez pensando que estava sendo indelicada, de repente mostrou a revista a Hannah.

— Esta é a casa do Sr. Arlen em Pomfret. Não é linda?

Sem a menor ideia de quem era o Sr. Arlen, Hannah pegou a revista e mal tinha olhado para ela quando Bal, provavelmente resolvendo que seria bom ser agradável com a Sra. Brooks, tirou-lhe a revista das mãos e olhou apreciadoramente para a foto das salas e do belo jardim.

Hannah conteve a tempo um grito quando o telefone tocou. A Sra. Brooks saiu da sala para atender. Bal ergueu as sobrancelhas e sorriu para Hannah. Ela sorriu também.

Olhou para o relógio. Eram sete e vinte. Gwenda Brooks voltou.

— Era meu marido. Vai trabalhar até mais tarde. Não volta antes das onze horas, talvez mais tarde.

Foi então que Hannah pensou em perguntar a ela sobre as saídas noturnas de carro do marido e teria perguntado, não fosse o olhar de Bal. Não era de repreensão como tinha sido a reprovação da palavra “trepar”, nem de alerta, apenas um olhar além de qualquer interpretação. Mas a fez ficar calada.

— Preciso falar com seu marido, Sra. Brooks. Ele trabalha em Kingsmarkham, certo?

— Não podem ir à fábrica!

— Temos que ir. A fábrica é de quê?

— De equipamentos elétricos. Pallant Smith Hussein é o nome. E não é em Kingsmarkham, mas em Stowerton.

As duas cidades ficavam a uns dois quilômetros uma da outra.

— Quer avisá-lo de que vou falar com ele aqui amanhã às oito e meia ou na Pallant Smith Hussein às dez? Peca-lhe para telefonar para este número. — A Sra. Brooks olhou para o número de celular no cartão que Hannah lhe deu. —

A qualquer hora, de agora até as oito da manhã. Ele pode deixar recado.

Na frente da casa vizinha, Lydia Burton, com um vestido de verão verde e branco, regava o jardim ressequido. Sorriu e acenou para eles, o gesto de uma inocente que não tem nada a esconder da polícia. Agora que John Brooks estava inacessível até a manhã seguinte, ocorreu a Hannah que ela e Bal tinham a noite livre. Nada como uma bela noite de verão para estimular sexo romântico! O ar é quente e suave, o calor que castiga começa a diminuir. O céu ainda está azul, mas a luz começa a diminuir também, à medida que o sol se dirige para o horizonte escuro. (Não é bem assim, pensou Hannah, mas é como parece.) O dia acabou e uma lassidão toma conta dos membros.

Hora para vinho, para olhar um nos olhos do outro, para as flores fecharem suas pétalas, para mãos se encontrarem sobre a mesa, para a decisão mútua de ir para onde podem ficar a sós.

Bal abriu a porta do carro para ela. Será que ia precisar convidá-lo? E convidar exatamente para o quê? Ele ligou o motor, olhou para o relógio do painel e disse: — Ótimo, não vou precisar faltar à aula de hindi.

— Hindi? — ela repetiu, com um fio de voz.

— Minha primeira língua até mais ou menos meus três anos. Morávamos aqui — quero dizer, em Lancashire —, mas meus pais estavam estudando inglês e resolveram que era melhor para mim e minhas irmãs falar sempre inglês em casa. Não queriam que crescêssemos com aquele sotaque cantado.

Se ela tivesse dito aquilo, teria sido a coisa mais politicamente errada...

— O resultado foi que esqueci quase todo meu hindi, mas senti que seria sensato voltar a ser fluente nessa língua. A comunidade indiana é muito grande na Grã-Bretanha, você sabe.

— Oh, sim, claro que sei.

Nada mais foi dito. Ele a levou para onde ela morava, o apartamento no quarteirão chamado Drayton Court, na rua Orchard.

— Bem, boa-noite — ela disse.

— Sargento! Quero dizer, Hannah?

— Sim?

— Não sei se é correto para um policial-detetive convidar uma sargento-detetive para jantar? Na sexta-feira ou no sábado? É correto? Não tenho certeza da, como se diz... etiqueta?

— É perfeitamente correto, policial-detetive — disse Hannah, rindo. — Eu adoraria.



Depois do relatório, da coletiva de imprensa e do apelo pela mídia, Wexford sentou à mesa destinada a ele e examinou a lista dos suspeitos de uso de drogas e traficantes de Kingsmarkham e distritos próximos, fornecida pelo sargento-detetive Vine. Era extremamente longa. Alguns tinham sido indiciados, outros acusados, mas nenhuma prova do crime fora encontrada e alguns eram simplesmente suspeitos. Ele não pôde evitar de lembrar o passado, quando era jovem e havia em todas as ilhas britânicas cerca de seiscentos usuários de drogas registrados. Dois anos atrás, esse era o número calculado de traficantes nessas cidades e nas cidades próximas, e mesmo depois do expurgo realizado por sua equipe com sucesso razoável, Wexford tinha certeza de que cem ou mais estavam de volta. Não adiantava pensar nisso, não adiantava pensar que quando era pequeno, um homem ou uma mulher de Pomfret ou Myfleet achava que heroína era uma jovem em um livro romântico, e cocaína o anestésico usado por dentistas.



Barry Vine naquele momento revistava o apartamento em cima da loja de suvenires ocupada por Keith Prinsip e Megan Bartlow, ajudado pelo policial Overton. A sargento-detetive Goldsmith e o sargento-policial Bhattacharya conduziam interrogatórios em Brimhurst. Burden tinha falado com os Marshals, num esforço para descobrir mais sobre a curiosa amizade de Amber e Megan. Karen Malahyde acabava de voltar da loja de suvenires.

— O encarregado da loja se chama Jimmy Gawson — ela disse a Wexford —, daí o nome Gew-Gaws. Horrível, não acha?

— Eu o conheço — disse Wexford — há anos. Alcoólatra reabilitado.

— Certo. Confere. Ele disse que chegou, como de hábito, às dez em ponto e Megan não estava lá, mas tinha deixado um bilhete na porta que dizia “Volto logo”. Ele teve a impressão de que alguma coisa estava errada, mas deve ter sido só intuição.

— Acho melhor ele não ter muitas sensações como essa, se o caso for de assassinato.

— Não, senhor. Gawson diz que dez minutos depois de ter chegado à loja, certa mulher disse que tinha tentado entrar na loja mais ou menos às nove e quinze, mas estava fechada e ela viu o bilhete na porta. Depois disso, ele não soube mais de Megan.

Wexford pôs no bolso a lista de Vine e saiu para o relativo frescor da noite. Havia ainda um carro no estacionamento, na vaga errada, como o de Daniel Hilland. Mas Wexford nada disse. Combinando com seu nome, Lovelace tinha o rosto corado de bebê com lábios macios e vermelhos, olhos azuis, cabelos bonitos, mas ralos e a perpétua expressão de surpresa de um morcego frutífero.

— Reggie, meu querido!

Era pior do que ser chamado de “chefe”, muito pior. Mas todos eram chamados assim, “Mike, meu querido” e “Barry,

meu querido” e se ele encontrasse o chefe de polícia, provavelmente seria “Sammy, meu querido”. Wexford disse:

— O quê?

— Apenas algumas perguntas.

— Eu já disse tudo o que tinha a dizer. Você estava na entrevista e ouviu o que eu tenho a informar.

— Minha nossa! — disse Lovelace. — Espero que você não se arrependa. Não, não faça essa cara feia. Pensou que eu o estava ameaçando?

— Eu saí para respirar o ar fresco e encontrei você.

— Algumas pessoas me amam. Bem, minha mãe me ama. Você não está exatamente conseguindo muita coisa com esse caso Marshalsen, está? Pelo que vejo, não foi muito longe ainda — Lovelace continuou, com cara de pena. — Não quero fazer isso, que me magoa mais do que a você, como se costumava dizer nos meus distantes dias de escola, tudo está mudado agora graças à Carta dos Direitos Humanos, mas vou precisar fazer uma reportagem sobre sua falta de progresso. Realmente tenho de fazer isso, Reggie, meu querido.

Wexford geralmente tinha uma resposta pronta, mas com os ataques de Lovelace sentiu-se completamente destituído de ideias e sem agilidade de espírito.

— Não posso impedi-lo.

— Você pode não estar certo sobre outros assuntos, mas está certo nisso, querido.



Sylvia não se lembrava de ter ficado tão zangada antes. Chegou em casa, do trabalho, depois de apanhar os filhos na escola e fez chá. É uma peculiaridade dos britânicos e talvez unicamente dos britânicos que, para se refrescar nos dias de muito calor eles tomem chá quente. Sylvia

acreditava realmente que era mais eficaz do que água gelada ou suco de laranja e estava tomando sua primeira xícara quando a campainha da porta tocou. Cansada, ela foi atender, notando que seus tornozelos estavam inchados, o que não tinha acontecido nas duas vezes em que engravidara antes. Fazia mais calor e ela estava mais velha, pensou, enquanto abria a porta para Naomi e uma mulher que lembrou vagamente já ter visto.

Isso foi às cinco e meia da tarde. Eram nove horas da noite agora e sua fúria estava desaparecendo. Robin e Ben tinham finalmente ido para a cama, depois das reclamações habituais de que estava muito quente para dormir, que ouviam um cão latir, que uma abelha zumbia no vidro da janela e que era maldade não deixar que jogassem videogame no quarto. A cor da noite era quase púrpura e ela podia entender o que queriam dizer com “a hora violeta”. Um pássaro cantava em algum lugar entre as folhas fenecidas pelo calor. Um rouxinol, ela teria pensado, só que rouxinóis não cantam em setembro. Que diabo Naomi estava querendo fazer?

Ela perguntara:

— Podemos entrar, querida? — Com vozinha doce e cativante. Sylvia às vezes se perguntava como Neil podia aguentar aquilo. — Esta é Mary, Mary Beaumont. Está morando na casa vizinha. Você não sabia disso, sabia?

Sylvia não teve outro remédio se não dizer olá para a tal Mary, uma negra gorducha com sorriso amistoso e convidar as duas para entrar. Quanto à “casa vizinha”, o Velho Reitorado não tinha vizinhos próximos.

— Você quer dizer os chalés no fim da rua — ela disse secamente, lembrando onde tinha visto Mary, e imediatamente desprezou-se por seu esnobismo injustificado.

Entraram na sala cavernosa e pouco usada da reitoria, extremamente fria no inverno e fresca mesmo nos dias mais quentes do verão.

Mary se sentou com um suspiro de prazer.

— E agradável aqui. Como ar-condicionado.

Desde que não pense que vai ficar aí sentada pelo resto da noite, Sylvia pensou, maldosamente. Naomi, que tinha pernas finas como gravetos e tornozelos do tamanho de um pulso de criança, olhou para os pés de Sylvia.

— Seus tornozelos estão um pouco inchados, Sylvia. Acho que Mary vai comentar a esse respeito. Vou pegar alguma coisa para beber, posso? Estou certa de que você tem água com gás na geladeira.

Embora cuidadosa com a quantidade de álcool que bebia, Sylvia estava ansiosa por um copo grande de Sauvignon. Virou-se para Mary.

— Como assim, ela acha que você tenha algum comentário a fazer?

Tendo riso fácil, Mary explodiu numa gargalhada alegre. Seu corpo todo sacudia, os seios grandes e os ombros gordos iam para cima e para baixo.

— Sou parteira, minha querida. Entendeu? O objetivo de me trazer aqui é para que eu cuide de você. — A reitoria era uma casa grande e a cozinha ficava longe da sala.

Naomi não voltaria logo. — Não se preocupe. Você não está ameaçada de eclampsia.

— Cuidar de mim?

— Não sei por que, querida, mas não se preocupe. Não vou ficar entrando e saindo, para ver como você está. Sou muito ocupada para isso. Mas com a Naomi, você tem que fazer a vontade dela, entendeu? — Mary não explicou como tinha conhecido Naomi. — Vamos tomar a nossa água, não que eu não prefira algo mais forte, e depois vou embora — ela disse. — Você fica livre de nós duas, e pode ficar com os pés levantados. Seus filhos estão aqui? Belos garotos, devo dizer.

Cumprindo a promessa, Mary bebeu a água em dois goles, levantou-se com agilidade surpreendente para uma mulher tão grande e disse que o marido a esperava para o

chá. A ideia de que uma mulher tivesse de sustentar o marido chocou Naomi tanto quanto teria chocado a sargento-detetive Goldsmith. Foi silenciada assim que começou a protestar dizendo que mal tinham chegado. Mary já estava no hall. Mesmo assim, Naomi conseguiu ficar com a última palavra.

— Mary mora em Gamekeeper's Cottage, Sylvia. Anotei o telefone dela, mas talvez você nem vá precisar, porque Mary me prometeu aparecer por aqui com muita frequência. — Atrás dela, Mary lhe piscou um olho. — É claro que sempre estarei por perto para dar a você apoio moral, mas cuide desse tornozelos, está bem?

Para Sylvia, que era muito parecida com o pai, isso sugeriu abrir as pernas e estender os pés na frente do corpo e olhar para eles durante meia hora de cada vez, como em um exercício de ioga ou de meditação. Tinha deixado o copo de vinho para essa hora violeta e quieta. Os mosquitos que haviam atacado sua mãe a deixaram em paz. Ela viu uma mariposa subir em uma pedra coberta de musgo e abrir as asas de tapete persa. O vinho reduziu seu mau humor a uma leve irritação. Mary era tão engraçada que Sylvia pensou que não se importaria se ela aparecesse com frequência. Como Naomi a tinha conhecido? E o que ela pensava que Mary podia fazer se Sylvia fumasse maconha, bebesse conhaque, comesse queijos gordos, jogasse fora as vitaminas ou até fizesse um aborto? Bem, não, não essa última hipótese. Era muito tarde para isso.

Terminou o vinho, subiu para ver os meninos, depois desceu e foi andar na rua, aproveitando o ar tão fresco quanto ficaria toda a noite. Um pequeno bosque separava a reitoria do Gamekeeper's Cottage e do Shepherd's Cottage, de frente para a igreja. O Shepherd's Cottage estava escuro, mas as luzes do Gamekeeper estavam acesas e uma tela de televisão podia ser vista pela janela da frente, mas não havia qualquer morador. Acho que nunca mais a verei,

pensou Sylvia, voltando para casa. Por que ela se incomodaria comigo?



A casa de Prinsip foi uma surpresa para ele. Barry Vine esperava outra coisa, sacolas cheias de roupas velhas, pilhas de revistas de automóveis e motos, móveis quebrados que nunca seriam consertados e pratos, xícaras e copos esperando não para serem lavados, mas simplesmente enxaguados com água fria. O apartamento em cima da loja de suvenires não era assim. Sabendo que Prinsip vivia de pensão do governo, o sargento-detetive Vine se perguntou de onde vinham todos os equipamentos, um novo computador de última geração, um CD player com enormes alto-falantes, um CD player portátil ao lado, um vídeo debaixo da TV e uma bateria nova que estremeceu a alma de Barry pensando no barulho que aqueles dois aparelhos deviam fazer.

Barry Vine não estava sozinho. Com ele estava um treinador de cães farejadores de drogas, policial Overton com o cão, um dos membros da equipe dos farejadores, usada no expurgo de dois anos antes. Todos os outros cães tinham voltado para as forças às quais pertenciam, mas esse ficou, meio aposentado e agora era o animal de estimação da família Overton. Seu nome era Drusus, não porque o policial Overton fosse um estudante de história romana, mas por ser o único nome que puderam pensar que começava com "Dr." de drogas. Ninguém jamais o tinha chamado assim. Um dócil, mas animado spaniel dourado, era conhecido por todos como Buster.

Uma permissão relutante e perplexa para permitir a presença do cão em sua casa fora conseguida com Keith Prinsip. Ele perguntou, pateticamente, se isso ajudaria a

encontrar Megan e quando disseram que provavelmente ajudaria, ele concordou. Buster galopou escada acima até os três cômodos que eram o lar de Prinsip e Megan, mas seu entusiasmo durou pouco. Evidentemente perdendo a confiança na revitalização da sua carreira, ficou cada vez mais desanimado à medida que, depois de farejar os cantos, debaixo dos móveis e dentro das gavetas, ele apenas afastou o focinho, aborrecido.

Prinsip lhe deu às escondidas um chocolate que Buster mastigava com prazer quando o policial Overton percebeu. Aparentemente Buster nunca tinha comido chocolate e os dois homens começaram a discutir, Overton dizendo a Prinsip que ele devia saber que não se dão substâncias a um animal quando ele está trabalhando, e Prinsip respondendo que Overton era um dono cruel. Barry Vine acabou com a discussão, declarando que sua revista da casa estava sendo interrompida por uma “porção de bobagens”.

Foi ele quem finalmente encontrou a droga no bolso de uma calça jeans surrada de Prinsip. O pacotinho de maconha, talvez dez gramas, que Prinsip, indignado, defendeu como sendo para uso próprio, e não mais ilegal. Vine disse maldosamente que era espantoso como analfabetos ignorantes podiam às vezes conhecer a lei quando se tratava do seu interesse.

— Quem você está chamando de ignorante? — disse Prinsip.

— Eu estava apenas fazendo uma observação geral. Desfazendo de Buster, Prinsip disse que não achava que o cão fosse grande coisa como farejador, pois não conseguia sequer achar um pouquinho de erva.

— Ele é treinado para encontrar somente substâncias classe A — o policial Overton disse arrogantemente.

## capítulo 13

Estava quente demais para dormir e quando Wexford ouviu o jornal chegar logo depois das seis, levantou da cama, desceu e apanhou o *Kingsmarkham Courier* na frente da porta. Lá estava a reportagem de Lovelace com aquela velha foto de Wexford de anos atrás, bebendo *bitter* no jardim do Olive and Dove. Ele fez chá, levou-o para a mulher e lhe deu o jornal, dizendo:

— Devia ser mais fácil na segunda vez, mas não é.

— Não sei por que devia ser mais fácil.

— Acho que pensei que não aconteceria mais.

— Quer que eu leia e veja se você pode ler com segurança?

O tom dela era de impaciência.

— Você me conhece muito bem — ele disse. — Se está aí, eu tenho que ler.

Hannah comprou o *Courier* na banca de jornais de Brimhurst St. John, que abria às oito horas. O *lead* da matéria dizia que Wexford não estava chegando a lugar algum na investigação do assassinato de Amber Marshalson e, sob uma foto dele bebendo cerveja, havia a legenda “DCI por fora do enredo”. Ela jogou o jornal no banco traseiro do carro, supondo que o chefe fosse imune a coisas como essa. Em cinco minutos chegou a Brimhurst Prideaux e estacionou o carro a alguns metros de onde a Mill Lane atravessava a Myfleet Road. Tinha vinte minutos até a hora de encontrar John Brooks e pegou o jornal.

Na opinião de Hannah, todas as falhas e intrusões da mídia eram causadas por jornalistas masculinos. Sendo assim, não ficou muito surpresa ao ver o nome de Darren Lovelace encimando a reportagem, nem ao ler as séries de afirmações inverídicas e os exageros. O trabalho começava



a superar Wexford e ele envelhecia depressa, dizia Lovelace. Como se via pela foto, era sujeito a inexplicáveis acessos de raiva e de paranoia. Não fizera qualquer progresso na busca do assassino de Amber Marshalson e agora outra jovem, amiga dela, estava desaparecida. Por acaso alguém que não vivesse na sombria terra dos loucos tinha dúvida de que ela também seria encontrada assassinada? O chefe de polícia estava para tirar Wexford do caso, substituindo-o por alguém mais novo. Os “entes queridos” da garota desaparecida, deixados na mãos desse investigador inepto, tinham a mais profunda solidariedade do *Courier*.

Por mais que gostasse e admirasse o chefe e soubesse que toda a reportagem de Lovelace era difamação mal informada, tinha que admitir que Wexford era um homem e não podia deixar de achar que uma mulher, pela natureza das coisas, faria um trabalho melhor. Alguém como Hannah, por exemplo, dali a, digamos, dez anos...

Eram oito e vinte. Ela saiu do carro, trancou a porta e foi até onde o VW de John Brooks estava estacionado como sempre —, mas não àquela hora — na frente do número dois, Jewel Terrace. Ela estava olhando o carro dele, por motivo nenhum a não ser gastar o minuto que restava, mas quando se virou para trás, viu Brooks no jardim, atrás do portão.

— Bem, Sr. Brooks, finalmente...

Mal acabou de dizer essas palavras, ele perguntou em voz baixa:

— Podemos fazer isso no meu carro?

Hannah não precisava perguntar por quê. A porta da casa estava aberta, sua mulher lá dentro podia ouvir.

— Como queira — ela disse.

A manhã estava nublada, mas o calor já começara. Mal diminuira durante a noite. A janela do lado do passageiro do carro de John Brooks ficava no lado oposto da casa.

Ele baixou o vidro alguns centímetros, mas deixou o de seu lado fechado. Hannah olhou para ele. Algumas pessoas o achariam bonito. Tinha o rosto de alguma celebridade sem muita importância, cantor de música pop ou apresentador de TV, suave, macio e móvel, sem traços marcantes a não ser os olhos, que pareciam ter mais branco do que deviam em volta da íris. Ele era magro e moreno, e os olhos eram cinza azulados.

— Qual é o problema? — ele perguntou com sua voz de celebridade secundária, muito diferente da voz dos Keith Prinsip deste mundo, mas também não muito “refinada”.

Hannah ia enfrentar um grande risco. Não pelo que Henry Nash dissera, mas porque Brooks podia sempre negar, se não fosse verdade.

— O problema, Sr. Brooks, é que costuma sair de carro no meio da noite e saiu na noite em que Amber Marshalson foi morta.

— E daí? — A suposição calculada de Hannah deu resultado. — Eu não estava matando alguém.

— Conhecia Amber?

Talvez ele tivesse pensado que o “problema” original não seria mais discutido, pois pareceu aliviado.

— Claro. Todo mundo conhece todo mundo num lugar como este. Ela era uma boa menina. Na verdade eu a ajudei com o laptop quando ela teve problemas.

— Pensei que trabalhasse no departamento de saúde e segurança.

— Certo, trabalho, mas conheço computadores e ela soube disso. Veio pedir minha ajuda. — Olhou para a casa e para a porta meio aberta. — Minha mulher não gostou, mas não houve nada, menos do que nada, entre mim e Amber. Quero dizer, para mim ela era uma criança.

*Uma criança que tinha um filho*, Hannah pensou.

— O que havia de errado com o computador dela?

— Na verdade, nada. Esses garotos geralmente são brilhantes quando se trata de tecnologia, mas Amber não

era. Não conseguia entender. Queria que eu ajudasse a encontrar um website e encontrei. Simples e fácil.

— E qual seria esse website?

— Eu apenas mostrei a ela como encontrar. Não sei qual era. Hannah viu que ele estava mentindo. — Mais alguma coisa? O caso é que preciso ir para o trabalho.

Hannah disse, suavemente:

— Oh, claro, Sr. Brooks. Há muito mais. Se precisa ir trabalhar, posso ir até onde trabalha. Digamos, daqui a meia hora?

— Pergunte o que tem que perguntar — ele suspirou — e vamos acabar logo com isso.

— Eu simplesmente quero saber aonde o senhor vai à noite. Simples e fácil, como diz.

— Não consigo dormir. Apenas dou algumas voltas de carro e às vezes consigo dormir quando volto.

— Fica dando voltas por duas horas? Aonde vai?

Brooks começou a ficar zangado. Suas pupilas encolheram e o branco em volta delas cresceu.

— Não sou obrigado a contar isso. Não fiz nada de errado. Sou um homem inocente e não acho que deva ser interrogado desse modo.

— Sei, mas infelizmente é obrigado a contar. Não preciso lembrar que este é um caso de assassinato. Se não contar, estará obstruindo a ação da polícia. — Hannah sempre quis dizer isso e até agora não tivera oportunidade. — Vou ao seu trabalho na hora do almoço. Qual é a hora? Da uma às duas?

Hannah teve a sensação terrível de que ele ia preferir que ela voltasse à noite e que teria de ficar outra vez fechada no carro com ele. Tinha combinado jantar com Bal às sete e meia... O dever em primeiro lugar, é claro.

— Ou prefere me ver aqui outra vez esta noite...?

Ficou satisfeita por ter feito a oferta.

— Tudo bem. Vá ao meu escritório, se precisa. À uma e meia?

— Uma e meia, Sr. Brooks.



Tinham começado a procurar nas cidades e redondezas. Pediram a Prinsip os nomes de todos que Megan conhecia e ele se esforçou para lembrar. No fim, Sandra Warner e a filha Lara tiveram de fazer isso por ele. A polícia esperava encontrar uma pista quando encontrasse alguém que conhecesse Megan e Amber. Ben Miller, Chris Williamson e James Sothern pertenciam a essa categoria, mas eles disseram que só tinham visto Megan uma vez quando Lara a levou ao Bling-Bling. O mesmo disseram Samantha Collins, Charlotte Probyn e Veryan Colgate. Só Samantha tinha encontrado Megan mais uma vez e ela não gostava de Amber, mas era preciso muita imaginação para ver a gorducha e pequena Samantha jogando um bloco de concreto e no papel de assassina brandindo um tijolo.

Wexford levou o sargento Vine e o policial Overton à casa dos Marshalsen. George ficou terrivelmente chocado quando perguntaram se sua filha podia estar envolvida com tráfico de drogas.

— Ela tem um filho ainda estando no colégio, fica fora de casa a metade da noite em clubes e agora vem me dizer que ela levou drogas para a Tailândia e para a Europa! Onde foi que eu errei? Foi porque a mãe morreu quando ela era pequena? Fiz o melhor possível. Pensei que tinha encontrado outra mãe para ela...

— Sr. Marshalsen — Wexford disse —, não estamos dizendo que Amber estivesse envolvida no tráfico, só que podia estar. Talvez com sua cooperação, possamos determinar que ela não estava.

— Minha cooperação?

— Gostaríamos de revistar esta casa com a ajuda de um cão farejador. O senhor tem alguma objeção?

George disse que a ideia não lhe agradava, mas que não fazia objeção. Ele não pareceu sentir prazer algum, mas Wexford sentiu ao ver a satisfação de Brand quando Buster apareceu. Se deviam ou não permitir que um cão farejador do tamanho de Buster lambesse com entusiasmo o rosto de uma criança de um ano, ele não sabia, mas Brand adorou e pela primeira vez Wexford ouviu o menino rir. Seu riso ecoou pela casa triste quando ele abraçou o spaniel dourado.

Mas Buster tinha que trabalhar. Ele se concentrou principalmente no quarto de Amber, farejando cada centímetro do assoalho, o interior das gavetas, os recessos dos armários, como perito que era. Sua procura foi em vão e se um animal pode parecer desapontado, Buster parecia. Não encontrou coisa alguma.

— Suponho que chegará a hora em que terei que comprar um cachorro para ele — George disse, sem entusiasmo. Acredito que não estejam interessados, isso é uma coisa com a qual tenho que me acostumar, mas não posso imaginar essa criança crescendo em minha casa, e eu e Diana tendo que tomar conta dele. Comprar um cachorro, como eu disse, ou talvez um gato. Encontrar uma escola para ele. Levá-lo ao médico para todas aquelas injeções que as crianças precisam tomar. Arranjar amigos para brincar com ele. Não posso imaginar tudo isso. Parece que fiz tudo errado na última vez. Por que serei melhor agora? Perdi minha filha adorada. Estou mais velho, cansado e com o coração partido. Sou um homem velho. É assim que vou passar minha aposentadoria, criando outra criança?

*Talvez eles o tomem de você*, Wexford pensou, e alguém o adote, alguém que deseje desesperadamente um filho.

— Essa moça desaparecida — ele disse —, Megan Bartlow, ela e Amber foram juntas a Frankfurt. Sr. Marshalson, sabe tão bem quanto eu que duas jovens

britânicas em férias, bem como duas jovens alemãs, iriam a Birmingham. Então, por que elas foram a Frankfurt?

— Acha que estavam levando... bem, drogas pesadas?

— É uma possibilidade. — Wexford evitou olhar para o rosto amargurado de George. — Megan Bartlow não parecia ser amiga íntima de Amber. Não antes daquele fim de semana, pelo menos.

— Muitas jovens vinham aqui. Megan pode ter sido uma delas. Só ouvi seu nome quando Amber disse que iam juntas a Frankfurt. Eu atendi o telefonema dela mais ou menos naquela época e devo dizer que Megan não falava como eu gostaria que as amigas da minha filha falassem.

— Não era uma amizade, certo? Era um arranjo de negócios.

— O que Amber sabia de negócios?

*As pessoas adquirem depressa esse tipo de conhecimento quando há dinheiro envolvido*, pensou Wexford, mas não disse isso em voz alta.



Nem bem Hannah estacionou o carro na área reservada para “O pessoal e visitantes Bona Fide”, John Brooks desceu os degraus de concreto que iam dar em uma porta pintada de verde, na extremidade do bloco. Dirigiu-se a ela sorrindo, com a mão estendida, e Hannah se perguntou se ele teria contado aos colegas de trabalho sua identidade.

Certamente não havia revelado que ela era oficial de polícia. Uma cliente em perspectiva, talvez. Uma inspetora de saúde e segurança? Ele abriu a porta verde e a fez entrar em um pequeno escritório cheio de arquivos de aço. Evidentemente Brooks fazia seu chá e seu café e agora, ligando a chaleira elétrica, ele ofereceu a ela a escolha.

— Nada, obrigada. — Ela não ia transformar aquilo em ocasião social, uma conversa agradável tomando chá.

— É uma pena! Tem certeza? Bem, se não quer, não quer.

— Sr. Brooks, vamos ao motivo da minha visita. Quero saber aonde o senhor vai nos seus passeios noturnos. É por isso que sua mulher dorme em um quarto e o senhor em outro? Na verdade, não tem nada a ver com seus roncos, tem? O senhor finge que ronca para ter desculpa de dormir longe dela, o que facilita suas escapadas.

— Não sei o que quer que eu diga.

— Aonde o senhor vai. Por favor, não diga que só dá umas voltas.

Brooks pôs um saquinho de chá em um dos bules e depois água fervendo. Abriu uma gaveta e tirou um pacote de biscoitos de chocolate.

— Biscoito?

— Não, obrigada. O senhor visita uma mulher?

— Se eu disser que sim e contar quem é, alguém mais vai saber?

— Se está perguntando se contaremos a sua mulher, não, acredito que não. — Sua voz estava cheia de desprezo e ela o viu se encolher. — Se essa mulher confirmar que o senhor a visita à noite e que a visitou na noite da morte de Amber, ninguém vai saber. Nome e endereço, por favor, Sr. Brooks.

Ele escreveu em uma folha de papel um nome e um endereço em Pomfret. Depois disso a acompanhou na escada até o carro. Ansioso para que ela saísse, Hannah pensou, quando partiu. Uma vez certo de que ela partira, telefonaria àquela mulher, Paula Vincent de Foster Way, Pomfret.

A namorada de Brooks não era como Hannah esperava: alguém pouco mais nova do que Gwenda, provavelmente mais atraente, por contraste, uma garota tola de minissaia.

Mas a mulher que abriu a porta sem dizer nada, com as sobranceiras erguidas, tinha no mínimo quarenta anos, cabelo curto e escuro, o rosto sem maquiagem e o corpo longe do que as revistas femininas chamam de “sarado”. O único nome para a calça que vestia era, Hannah pensou, o que sua mãe chamava de “calça folgada”. Estava com um macacão branco sujo e de chinelos.

Hannah foi convidada para entrar somente no pequeno e estreito vestíbulo. Em resposta a suas perguntas, Paula Vincent disse sim, ela e John Brooks tinham “um relacionamento”.

Iam se casar logo que ele se divorciasse. Ela, Paula, era viúva. Às vezes ele a visitava à noite. Era a única hora em que ele podia sair. Hannah anotou tudo isso, pensando no quanto as mulheres eram tolas. Se ele ia se divorciar, o que o impedia de dizer a Gwenda que tinha uma namorada? Naturalmente porque não pretendia se divorciar.

Ele era mentiroso como a maioria dos homens. Brevemente pensou em Bal, com quem estaria dentro de cinco horas. Ele seria diferente?



De volta a Kingsmarkham ela passou pelo grupo de busca, formado em sua maioria por uma dezena mais ou menos de voluntários com espírito público, sob a direção de um único policial. Ela acenou para Lynn Fancourt e, um pouco mais adiante, para Karen Malahyde. Não viu Burden, mas ele estava lá com Damon Coleman e quatro membros civis revistando as ruas, travessas e espaços abertos de Pomfret. Enquanto Hannah voltava para a sala de homicídios em Brimhurst, Lynn, Karen e suas equipes foram para Sewingbury e Burden levou seu grupo para a cidade maior e mais importante, Stowerton.



A noite chegaria mais ou menos às nove, depois de um crepúsculo prolongado, portanto a busca nos lugares não iluminados prosseguiria até mais tarde. Burden foi para casa jantar às seis e meia e voltou para Stowerton às sete e meia, quando Damon Coleman foi liberado para comer pizza com Lynn Fancourt em um café de Sewingbury. Ele voltou no começo da noite.

Stowerton, com um enorme complexo industrial na periferia, uma rede interna de ruas que se cruzavam, com pequenas casas de vila, originariamente construídas para moradia dos trabalhadores das pedreiras de argila, não era um lugar atraente. Os moradores de Kingsmarkham e de Pomfret especialmente achavam Stowerton muito feia, embora admitindo que sua aparência tivesse melhorado com a compra e a reforma, por casais emergentes, das pequenas casas nas Oval, Rectangle e Pyramid Roads. Achavam agradável a nova pintura das portas — Wexford chamava os moradores de Nação Arco-íris —, as floreiras nas janelas artísticas, as árvores com flores e as cercas vivas bem tratadas, um sinal de civilização. Stowerton ficava relativamente perto de Londres, para quem não se importava de passar sentado duas horas, cinco dias por semana, ou, mais provavelmente, em pé em um trem.

Burden com Lynn Fancourt, Damon Coleman e uma equipe de homens e mulheres uniformizados tinham dado busca nos espaços abertos e nos jardins não cuidados ou cheios de mato. Mas a cidade não era toda composta de fábricas e chalés de dois andares que custavam 150 mil libras. Nesse centro, desde que fora um ponto da elegância, no século dezenove, havia ruas e casas abertas e construídas na década de 1840. Os longos e murados jardins de Victoria Terrace ficavam na frente dos pequenos jardins cercados da Oval Road. As fachadas tinham janelas compridas, balcões elegantes de grades filigranadas e degraus para a porta da frente, flanqueada por colunas. Poderiam estar situadas em Cheltenham ou Bath e no

passado eram tão bonitas quanto qualquer coisa comparável de Kingsmarkham. Há anos agora estavam divididas em apartamentos e quartos ou ocupadas por pequenas lojas, precisando tristemente de reformas. Essas casas tinham sido recentemente compradas por uma construtora que pretendia reformá-las.

Tapumes foram erguidos na frente das casas e cobertos com uma rede verde protetora. O trabalho ainda não começara, mas os jardins tinham pilhas de tijolos, blocos leves de pedra e novos caixilhos para as janelas.

Os quintais de Victoria Terrace pareciam um prado que estivesse rapidamente se transformando em bosque, os muros entre eles cobertos de mato e de amoras silvestre, rosas silvestres, hera e clematites, nessa época do ano carregadas de sementes peluginosas de barba-de-velho. Burden e sua equipe revistaram essa quase selva de uma extremidade a outra, arrancando ervas daninhas e desfazendo teias de trepadeiras à luz quente do pôr-do-sol. Encontraram latas vazias, pedaços de papel, camisinhas, papéis de sorvete, garrafas de cerveja, um pé de sapato de salto alto, uma cuba de gelo, uma seringa, um bilhete da Loto e um DVD de *Apocalypse Now*. O sapato causou alguma sensação, até Lynn verificar que era tamanho quarenta e um, e Megan calçava trinta e oito.

O crepúsculo chegava lentamente, mas logo iam precisar de claridade.

— Chega por hoje — Burden disse.



A mulher nunca deve se vestir melhor para um homem. Hannah acreditava nisso firmemente. Era uma das suas regras de vida. Por um lado porque o homem nunca notava o que a mulher vestia, apenas se ela estava bem ou não e

por outro, por que lisonjear um homem desse modo quando nenhum deles jamais pensa em comprar alguma peça de roupa nova para um encontro? Ela acreditava nesse princípio e geralmente agia de acordo. Hoje era diferente, embora, é claro não fizesse diferença seguir sua regra. Mas fez. Hannah teve de admitir, enquanto tomava seu terceiro banho de chuveiro naquele dia quente, que na verdade gostava de Bal, de modo que a deixaria pouco à vontade, e a melhor coisa a fazer era deixar tudo bem claro desde o começo. Que podia ser nessa noite. Assim, com regra ou sem regra, ia usar a roupa mais sexy que tinha e deixar o novo condicionador no cabelo mais cinco minutos.

Muito alta, não queria calçar sapatos que fizessem sua cabeça ficar acima da de Bal, mas assim que pensou nisso censurou a si mesma. Por que cair naquela armadilha? Qual autoridade ou poder decretava que o homem deve ser mais alto do que a mulher? E mesmo que isso tivesse sido decretado alguma vez, agora tinha caído de moda e perdera toda a importância. Calçou o sapato de salto mais alto que tinha, de verniz preto, aberto no calcanhar. Não era fácil andar com ele, mas Hannah não pretendia andar muito. Perfumada com Cashmere Mist de Donna Karan e levemente maquiada, estava pronta para encontrar Bal. Não, claro, às sete e meia em ponto mas, como não era apropriado a uma mulher parecer ansiosa, quando faltassem vinte e cinco minutos para as oito.

No meio do jantar, Hannah procurou levar a conversa para longe do trabalho. Era natural que esse fosse o primeiro assunto, pois era o que tinham em comum. Do crime e do modo de lidar com o crime foi um passo para comentários sobre as personalidades dos companheiros de trabalho e Hannah não hesitou em discutir o caráter de Wexford com seu subordinado. Afinal, só tinha elogios para ele. Não precisava mencionar sua atitude antiquada em certas coisas, especialmente na linguagem e sua estranha

preferência por livros, em detrimento de vídeos, DVDs e CDs, o que, na verdade, não era surpreendente.

Mas depois de meia hora ela sentiu, para usar uma das suas frases favoritas, que chegara o momento de seguir em frente.

Tinha tomado bastante vinho, mas não era o vinho que a fazia sentir amorosa. Para isso, bastava olhar para Bal. Ele, é claro, como ia dirigir, limitou-se a meio copo de Chablis e, depois disso, apenas água mineral. Mas por que “é claro”? Não moravam muito longe um do outro. Tinha ido de táxi para o restaurante e podiam compartilhar um táxi para voltar. Hannah ficou contrariada porque Bal, embora sorrindo docemente para ela, não tinha nem ameaçado pôr a mão sobre a dela que estava obviamente estendida na mesa. Os olhos dele também nem uma vez se encontraram com os dela. Não era de admirar, talvez, porque ele falava com entusiasmo da atitude agradável do inspetor Burden com a equipe e perguntou se Hannah tinha notado que ele era o oposto dos rudes detetives dos programas de televisão?

Ela levou a conversa para um lado mais pessoal e ficou sabendo que os pais de Bal moravam em Somerset. O pai era contador e a mãe — bem, ela nunca trabalhou fora, mas era simplesmente sua mãe, dos seus irmãos e irmãs e a mulher do seu pai. Hannah reprovava, claro, mas aquela não era hora de dizer isso. Ficou mais chocada ainda quando soube que a irmã dele teve um casamento arranjado. Não pôde disfarçar o choque.

— Eu disse “arranjado”, não “forçado” — Bal riu.

— Mesmo assim...

— O caso, Hannah, é que não é a mesma coisa. O marido de Lamila é uma espécie de primo em segundo ou terceiro grau. Eles não se conheciam, mas foram apresentados e gostaram um do outro desde o começo. Se Lamila não tivesse gostado dele, não haveria casamento. Não houve qualquer coerção. Não acho diferente de conhecer alguém

através de uma agência de encontros, só que nosso modo é mais seguro, mais decoroso. Lamila e Kanti são muito felizes e ela vai ter um filho. Não pode imaginar como estamos animados.

— Você faria isso? Concordaria com um casamento arranjado?

— Não estamos falando de mim — ele disse e ela pensou, *não, não estamos mesmo. De modo algum. Só de sua família. Nem uma palavra sobre o que você quer e sobre seus sonhos. Nada sobre namoradas... deve ter havido muitas. Bonito como é, certamente teve de lutar para se livrar delas.* — Agora você pode contar a história de sua vida — ele acrescentou, servindo mais vinho a ela.

Hannah foi menos discreta. A última coisa que queria era que ele pensasse que sua vida tinha alguma coisa parecida com a das irmãs dele, certamente absolutamente casta até o casamento arranjado. Ela falou dos seus relacionamentos, daqueles que chegaram a um compromisso e dos casuais, muito mais numerosos. Seria desastroso se Bal pensasse que ela só estava interessada em parcerias sérias e longas. A ideia de um caso leve, mas apaixonado, era o que Hannah queria plantar na mente dele.

Enquanto falava observava o rosto de Bal, mas a expressão continuou agradável e amistosa. Ele parecia interessado, mas não envolvido.

Vinho de sobremesa foi oferecido com a *panna cotta*, mas a moça recusou, preferindo café descafeinado. Ser sexy é uma coisa, com as pernas bambas — pensamento terrível — e soluços, é outra. A noite estava tão quente que não havia casaco para Bal ajudar a vestir, portanto, nenhuma oportunidade de pôr as mãos nos ombros dela. Fora do restaurante as luzes estavam acesas, mas no estacionamento estava escuro. Estacionamentos das cidades não são lugares para fazer amor, mas no campo a coisa pode ser diferente, cercados de cercas vivas, cobertos

pela folhagem dos galhos pesados, quase nunca cheios de carros, a não ser nas noites de sábado. Atravessando os gramados sob um arco de teixos, Bal poderia ter segurando sua mão ou dado o braço, mas não fez nada disso. Conseguiu até abrir a porta do carro para ela sem tocar no seu ombro.

O primeiro pensamento de uma mulher naquela situação era de que o homem escolhido talvez fosse gay. Ela sabia que Bal não era, sem explicar precisamente como sabia. Se alguém dissesse que era intuição, Hannah teria desprezado a ideia, porém ela era assim. Tinha uma intuição, sabia. Quando voltassem ao seu apartamento, é claro que as coisas seriam mais fáceis. Naquela tarde tinha posto uma garrafa de champanhe na geladeira. Embora tivesse trocado os lençóis da cama há dois dias, trocara outra vez.

Ele morava a apenas quatrocentos metros da casa dela e de qualquer modo não importava o quanto ele bebesse, porque passaria a noite com ela.

— Vai entrar, Bal?

Bal tinha parado o carro no lado de fora de Drayton Court e o coração dela bateu mais forte quando ele tirou a chave da ignição. Durante todo o caminho, uma voz murmurava, e se ele disser não? Ele disse que sim, abriu a porta do carro para ela e depois o portão do jardim do prédio. O coração de Hannah deu outro pequeno salto quando ele se virou e apertou o botão do controle remoto que trancava as portas do carro. Não faria isso se pretendesse apenas acompanhá-la até o apartamento.

Mas não por muito tempo. Ele recusou uma bebida.

— Sabe como é, Hannah. Quando um de nós vai além dos limites, é o fim. Não é o mesmo com um cidadão comum, que pode enfrentar isso.

Sentaram lado a lado no sofá. Atendendo ao olhar suplicante de Hannah, Bal pôs a mão no joelho dela e se inclinou sorrindo e balançando a cabeça. Hannah teve a impressão de que ia desmaiar e não era por causa de

bebida, mas por causa daquela mão comprida e delgada na sua perna.

— Você não precisa ir para casa. — Ela jamais teria acreditado que se sentiria tão insegura, tão tímida, por dizer uma coisa que tinha dito em várias versões, tantas vezes antes. — Pode ficar aqui. — Ele ouviu com uma sobranceira erguida. — Comigo — ela disse.

De repente foi como se ele fosse muito mais velho do que ela, em vez de um ou dois anos mais moço. Com a mão que estava no joelho de Hannah, segurou a mão dela e a levou aos lábios. Então se levantou, o rosto humildemente bondoso.

— Estou lisonjeado. Você é a mulher mais bela que conheço, sargento Goldsmith. E encantadora também. — Beijou o rosto dela.

— Vou agora, mas algum dia, muito em breve, direi por que não passo a noite com você.

Sem palavras, ela assentiu, balançando a cabeça.

— Não sou gay nem estou envolvido com outra pessoa. Boa noite.



Saíram de Victoria Terrace e iam para o carro e para a van quando uma mulher idosa se aproximou, não de Burden, mas do policial Peach. Mais tarde Burden deu graças a Deus pelo uniforme. Se toda a equipe estivesse à paisana, a descoberta podia ter sido só depois de semanas. Pois a mulher que, com voz lamentosa, implorava que salvassem seu gato perdido, jamais teria se aproximado deles se não tivesse visto as jaquetas, calças e bonés azul-escuro de quatro deles.

Ela disse que se chamava Lyall, Pauline Lyall.

— Não estou pedindo que o procurem — ela disse. — Eu sei onde ele está. Posso vê-lo. Olhem lá em cima.

Burden olhou. Ainda havia luz suficiente para ver, por uma abertura da rede verde, o gato grande, laranja e branco em uma janela do andar superior. A boca do animal estava muito aberta no que parecia um gemido contínuo. A última coisa que ele queria fazer àquela hora era entrar na casa e pegar, possivelmente com dificuldade, aquele animal idiota. Burden não gostava de gatos. Mas, claro, eles não tinham escolha.

— Qual o melhor modo de chegar lá, sargento? — perguntou a Peach.

— Pela porta dos fundos, senhor. Não parece trancada. Notei quando estivemos atrás da casa.

A dona do gato perguntou se podia ir também. *Seria um estorvo*, ele pensou, mas por outro lado era mais fácil o animal se dirigir a ela do que a qualquer um deles.

— Muito bem — ele disse. — Vamos dar uma olhada.

Lynn Fancourt, Damon Coleman e os outros foram mandados para casa. Burden, Peach e Pauline Lyall deram a volta na casa no meio do mato alto, amoreiras silvestres e urtigas que ignoravam a regra de não picar nos meses que tinham R. Quatro degraus levavam à porta dos fundos do número quatro. Tábuas tinham sido pregadas na porta de vidro. Burden não queria quebrar o vidro e, na verdade, não foi preciso, pois quando as tábuas foram retiradas, a porta se abriu sem dificuldade, porque o cadeado estava quebrado. Entraram em uma cozinha grande, estilo anos mil novecentos e cinquenta. Quando chegaram ao vestíbulo, de onde saía uma escada curva, ouviram os miados do gato.

— Oh, pobre Ginger! — exclamou a Sra. Lyall. Ela era mais ágil do que parecia e subiu correndo a escada.

Burden não era estudioso da elegância da antiga era vitoriana, do contrário teria observado com mais interesse os frisos no teto, as alcovas arqueadas e os balaústres



curvos, tudo arranhado e quebrado. A casa cheirava a madeira podre e urina, e a alguma coisa que, segundo Peach, eram ratos.

— O que pode ter feito Ginger entrar aqui, senhor — disse Peach.

Burden não queria saber da motivação de Ginger nem pensava que o cheiro era de rato. Já o tinha sentido antes e esperava nunca mais senti-lo. Temendo o que podia encontrar lá em cima, seguiu Peach na escada. Mas não havia nada, só o cheiro. As portas dos três quartos estavam abertas e a Sra. Lyall estava dentro do maior, murmurando docemente para um gato do tamanho de um lince que tinha nos braços.

— Nem posso dizer o quanto agradeço.

Burden queria a mulher fora dali. Se fosse exatamente o que ele pensava...

— Quero só seu endereço, senhora, por favor.

— Oh, sim, com prazer. Pyramid Road, cinquenta e dois.

— Tudo bem, então. Se a senhora quiser levar... Ginger, não é?, para casa faremos o melhor possível para fechar tudo aqui.

Agradecendo outra vez, ela desceu a escada, carregando a gata. Burden ouviu os passos dela nos degraus dos fundos.

— Está em algum lugar — ele disse para Peach. — Suponho que as luzes aqui não estejam funcionando, certo?

— Não senhor, não estão. Já experimentei.

— Vou pedir reforço. E luzes.

Depois de Burden fazer o pedido, examinaram os quartos daquele andar. Cada um tinha um armário grande e espaçoso, quase um outro quarto, mas nada havia neles, a não ser tapetes enrolados, rolos de papel de parede e um rato morto. Para Peach, esse rato provava sua teoria, mas admitia que não era o que estavam procurando.

Já estava escuro, a única luz vinha da rua, mas era uma luz sinistra verde-amarelada por causa das cortinas

rendadas, como um verniz dourado no chão e nas paredes.

Foram para o último andar, seus passos soaram barulhentos na escada sem tapete; o cheiro ia ficando mais forte à medida que subiam. O calor abafado era quase intolerável e Burden, um homem exigente, sentia o suor descendo pelos lados do corpo, manchando a camisa cor de pérola. Felizmente estava muito escuro para que as manchas pudessem ser vistas. Ele pensou que pelo resto da vida, quando visse aquela cor esverdeada, certamente a associaria ao cheiro da morte.

No topo da escada havia um patamar para o qual davam três portas. Quando abriu a primeira, sentiu uma náusea tão forte que quase engasgou. O quarto estava vazio, um retângulo de luz sulfurosa amarelada estendia-se no chão. No canto, além da luz amarela e na sombra, ele mal podia ver uma porta com maçaneta redonda e fechadura.

— Ele na certa trancou a porta e tirou a chave.

— Um armário, não é, senhor? Quer que eu derrube a porta?

— Primeiro verifique se está trancada.

Claro que estava. Peach — um homem pesado e musculoso — encostou o ombro na porta com força e na segunda tentativa a porta se abriu. Burden diria que o cheiro não podia ficar pior, mas ficou. Os olhos, agora acostumados à escuridão, possibilitaram que vissem vagamente de onde vinha. A luz biliosa da rua iluminava cabelos louros longos; com o lenço tapando o nariz, ele se adiantou para ver melhor, quando os passos do reforço soaram na escada.

A luz trazida pelo reforço mostrou, encostado no fundo do armário, o corpo de uma mulher. O cabelo, que na semiobscuridade era lustroso, agora aparecia despenteado e cheio de sangue seco. Pó de tijolo vermelho escuro cobria o rosto e a camiseta negra que ela vestia. As sandálias brancas de salto alto ainda estavam nos pés e a bolsa branca ainda pendia de um braço.

Burden tinha visto uma versão daquela bolsa antes, de couro negro, enfeitada com fivelas, fivelinhas e botões dourados no braço de Sandra Warner, a mãe de Megan Bartlow.

## capítulo 14

Não havia dúvida de que a moça morta era Megan Bartlow. A bolsa que estava com ela continha seu cartão de crédito, mas nada parecido com o dinheiro encontrado com Amber e nenhuma substância ilegal. A não ser que o assassino tivesse revistado a bolsa, confirmava a opinião de Wexford de que algumas mulheres usam bolsas simplesmente como um acessório ornamental e não guardam muita coisa nelas. A carteira de Megan tinha uma nota de dez libras e uma de cinco, várias moedas de uma libra e de cinquenta e cinco centavos, não havia maquiagem, lenços de papel, celular, cigarros nem nada mais, a não ser óculos escuros sem uma das lentes.

No escritório de Wexford, ele e Burden enviaram uma equipe de casa em casa para interrogatório no Victoria Terrace, na área de Oval Road e outra à procura dos proprietários das casas no Terrace.

— Devem ser drogas — Burton disse. — Onde mais Amber Marshalson podia ter obtido aquele dinheiro? Como podiam Megan e Prinsip comprar todo aquele equipamento, a não ser negociando ou traficando drogas?

— Não temos prova de que Megan usava, vendia ou traficava drogas — disse Wexford. — Tudo que temos é que as duas moças se conheceram, trocaram telefonemas e foram juntas à Alemanha. E, pensando bem, isso é estranho. A questão das classe sociais mudou muito desde a minha juventude, mas certas coisas na natureza humana nunca mudam. Amber não era de família rica, mas vivia bem. Não frequentou uma escola particular, isso é verdade, mas uma escola pública de renome e depois a faculdade. Voltou a estudar depois que teve o filho para conseguir a melhor média possível. Pretendia ir para a universidade.

Seu namorado e pai do seu filho, também. O pai dele é ex-membro do Parlamento e ele estuda na Universidade de Edimburgo.

“Mas veja a pobre Megan. Criada em espeluncas pela mãe que pode ser chamada de mãe solteira, apesar dos vários padrastos que ela deu às filhas. Deixou de estudar, tenho quase certeza, aos dezesseis anos. É vendedora de loja. Vive com Keith Prinsip, uma dessas pessoas que provavelmente nunca trabalharam e, a não ser que as coisas mudem muito neste país, fará questão de nunca trabalhar. O que pode ter unido essas duas jovens, a não ser algum tipo de parceria em negócios, para falar de modo delicado?”

— Drogas, como já falei — disse Burden. — Quanto ao que as uniu, foi a irmã de Megan, Lara. Ela era amiga de Amber.

— Sim, mas embora criada no mesmo ninho, Lara é um pássaro muito diferente. Um cuco, talvez. Frequentou um colégio diferente da irmã, o colégio de Amber, ou, pelo menos, ficou mais tempo. Ela pretende seguir em frente. Veja como se veste, como procura falar corretamente. Quando apresentou Amber à irmã, não creio que tivesse pensado que se tornariam amigas. Acho que foi porque elas foram juntas a algum lugar, por acaso encontraram a irmã e as apresentações foram inevitáveis.

— Mas não ficou só nisso, ficou? Devem ter mantido contato sem que Lara soubesse. Uma delas, provavelmente Megan, reconheceu algo em Amber, sua aparência, alguma coisa que ela disse, ou talvez nas palavras que usou, que tenha indicado que ela podia ser uma boa parceira de negócios.

— Sim, compreendo tudo isso. Você tem razão, quase certamente. Mas terá sido o uso de drogas que ela viu? Isso que “estimula um hábito regular, mas provoca crises de comportamento irregular, arruína o poder natural da vida,

mas desenvolve paroxismos preternaturais de poder intermitente”?

— O quê?

— Isso foi escrito por Quincey. Andei lendo *Confessions of an English opium eater*. — Wexford se levantou, quase rindo da cara espantada, quase consternada do amigo.

Acrescentando àquele espanto, ele disse: — Não para o trabalho, para me distrair.

— Sei...! — Burden exclamou com uma expressão cortês tão incompreensível, que dessa vez Wexford sorriu.

— De qualquer modo, se elas estavam envolvidas com o tráfico, não era de ópio. E traficantes não usam ópio, geralmente. Mas não acho que o negócio delas fosse droga.

Todos, não apenas Wexford e Burden, sabiam o perigo de uma teoria preconcebida, mas era exatamente o que estavam fazendo. O homem com capuz estava na mente de todos eles. Um homem encapuzado fora visto na ponte Yorstone no momento do acidente de carro. Um homem encapuzado fora visto entre as árvores no dia onze de agosto, quando Amber foi morta. E Amber e Megan estavam ligadas. As mortes estavam ligadas, uma certamente consequência da outra. Assim, todos, ao começar a investigação casa a casa, esperavam ouvir que um homem com capuz tinha sido visto nas vizinhanças de Victoria Terrace. Mas nenhuma das pessoas com quem falaram deu a informação que esperavam.



A casa da Sra. Lyall era mobiliada como uma casa de gato. Uma armação do tamanho de uma pequena árvore, com postes de barras e plataformas, tudo coberto de feltro ou preso com cordas, dominava a sala de estar. Uma espécie de pequeno poste para arranhar e exercitar as

garras ocupava um canto. A vasilha de água de Ginger, a de comida e os pratos para pequenas refeições ocupavam a área entre as portas de vidro, arruinando a simetria (na opinião de Burden) pela inserção de uma portinhola para gato na parte inferior da porta, enfeitada com desenhos que pareciam de grife. Abandonado ao lado dela como um brinquedo deixado por uma criança, estava um coelho de pano muito mastigado. O possuidor de todo esse luxo dormia no meio de um sofá de três lugares, o corpo esticado impossibilitava que alguém se sentasse nele.

Burden sentou em uma cadeira pequena e enquanto a Sra. Lyall ia fazer chá, murmurou para Ginger alguns insultos especiais. Chá e doces foram servidos. Ginger dormia, roncando levemente e se estremecendo no sonho. Burden perguntou o que ela podia dizer sobre o número quatro do Victoria Terrace. O quintal da Sra. Lyall dava para o quintal do número quatro. O que ela havia visto daquelas portas de vidro na última semana? Tinha visto alguém entrar pela porta dos fundos ou sair? Ou passar pelas elegantes e dilapidadas portas de vitrais e barras curvas *art nouveau*.

— Se Ginger pudesse falar — disse a Sra. Lyall —, teria alguma coisa a dizer. Ela passa tanto tempo naquele quintal que para ela é como uma selva. É claro que ela compreende tudo o que se diz, é uma gata especialmente inteligente. Só não fala. — Ansiosa para justificar essa deficiência no seu bicho de estimação, acrescentou: — Não que os gatos não sejam inteligentes. Tem alguma coisa a ver com a forma de seus pescoços. Li isso na minha revista de gatos.

— Mas o que a senhora viu, Sra. Lyall?

— Às vezes acho que eu não devia deixar Ginger ir lá. Quero dizer, não devia deixar que ela saísse de casa. Meus amigos acham que não devo me preocupar quando ela desaparece, mas eu me preocupo. Quero dizer, qualquer

coisa pode acontecer naquela casa. Quem matou aquela moça não hesitaria em matar um animal, não é mesmo?

— Provavelmente, não.

Burden pensou que, fosse como fosse, por mais exaltados que fossem os tributos antropomórficos de Ginger e a admissão dos temores exagerados da dona por sua segurança, ele devia manter a atitude cortês e prosseguir com o interrogatório com tato e consideração. Talvez devesse adotar uma atitude mais de acordo com a casa e orientar suas perguntas a partir do ponto de vista de Ginger. Engoliu em seco, respirou fundo e começou de novo.

— A senhora acha que Ginger viu alguém suspeito no quintal do número quatro do Victoria Terrace? Ela ficaria nervosa, por exemplo, se encontrasse um estranho no seu... no seu território?

Graças a Deus ele estava sozinho! Imagine Barry Vine ou Karen Malahyde ouvindo essa idiotice. Mas era evidentemente o que devia fazer. Afagando a cabeça grande e pontuda de Ginger, a Sra. Lyall se apressou a garantir que sua gata não tinha medo de nada e de ninguém. Era brava como um leão. Porém, há uma semana, sábado à noite, quando começava a ficar escuro, a gata entrou correndo com tanta fúria que estremeceu a portinhola. Ela olhou para fora, e viu um homem espiando por uma das portas de vidro do número quatro.

Burden era experiente demais para perguntar se o homem usava capuz. A pergunta estava em sua mente.

— Como era ele?

Estava de costas para ela, Pauline Lyall disse. Não estava fazendo nada, mas como ela não gostou de vê-lo ali, pensou seriamente em chamar a polícia, mas de repente o homem atravessou o quintal até onde o muro estava desmoronado, dando acesso à Pyramid Road.

— Acho que eu devia ter chamado a polícia. Não é direito um homem assustar um animal desse jeito, certo?



— A senhora reconheceria esse homem se o visse outra vez? Pode descrevê-lo?

Pauline Lyall serviu mais chá para Burden. Ele imaginou ver desapontamento no rosto dela por não poder fazer o mesmo para Ginger.

— Tudo que sei é que era magro e alto. Começava a escurecer, compreende?

— Estava de capuz? — Agora teve de perguntar.

— Capuz? Oh, não. Fazia muito calor. Sabe como anda o tempo. Estava com uma, como se diz?, camiseta.

Burden agradeceu pelo chá e foi embora, praguejando em voz baixa e tirando pelos de Ginger da calça de linho cinza escuro. Os fundos de pelo menos dez das pequenas casas da rua davam para os quintais do Victoria Terrace. Karen Malahyde saiu do número quarenta e oito quando ele ia passando.

— O velho que mora lá diz que sua vista não dá para enxergar o fim do quintal, quanto mais a porta dos fundos, mas uma mulher do quarenta e sete afirma que aquelas tábuas estavam pregadas na porta até esta semana.

— Já estive no quarenta e seis?

— Ainda não, senhor.

— Vamos juntos — Burden disse.

A Sra. Spear não tinha gatos, mas tinha a seus pés um buldogue anão com aparência estranha, o marido inválido numa cadeira de rodas e um papagaio australiano azul na gaiola. A cadeira de John Spear estava na frente das portas envidraçadas e, como seu quintal descia levemente na direção do muro dos fundos, podia ver todo o panorama do Victoria Terrace. Na mesa a seu lado estava um binóculo.

— Nada interessante para ver a maior parte do tempo — ele disse a Burden —, mas às vezes tenho uma surpresa. Uma raposa se abrigou ali na primavera, bem, eu devia dizer, fez seu ninho. Teve os filhotes e eu daqui os via brincando durante horas, não é mesmo, Eileen?

*Os residentes de Oval Road eram obcecados por animais*, Burden pensou, mas o Sr. Spear podia ser uma dádiva de Deus. Provavelmente não encontraria mais ninguém preso a um lugar, por assim dizer, o melhor lugar das dez casas.

— Tem uma porção de passarinhos também. Eles me acordam no começo do dia com seu canto. Mas, melhor isso do que os namorados. Se é o que estão fazendo. Quando eu era moço, tínhamos uma palavra diferente para isso e achávamos que só devia ser feito depois do casamento.

— O senhor notou as tábuas na porta dos fundos?

— Notei quando estavam lá. Nunca tinham estado durante os vinte e cinco anos em que moramos aqui e de repente lá estavam. Eileen trouxe minha cadeira para cá às oito da manhã, como sempre faz, olhei para fora e disse a ela: “Aquelas tábuas são novas”, e ela perguntou: “Que tábuas?” E eu disse: “Na porta dos fundos do número quatro.”

— E ele estava certo — disse a Sra. Spear. — Olhei e então disse, “Tem razão, Jack. Aquelas tábuas são novas. Gostaria de saber quem as pregou ali”, e ele disse, “Alguém deve ter invadido a casa e por isso puseram as tábuas”.

— Pode lembrar o dia em que viu as tábuas pela primeira vez? — Karen perguntou.

— Deixe-me pensar.

O papagaio começou a tagarelar enquanto John Spear pensava. Lá fora, uma rajada de vento passou pelos arbustos, espalhando folhas no ar.

Nada de raposas, nada de seres humanos, nenhum pássaro à vista, só o brilho do sol escaldante.

— Já sei — John Spear disse de repente. — Não foi no dia depois que vimos a jovem senhora, mas no dia seguinte. No dia em que a vimos, no começo da noite, umas seis horas, o tempo estava nublado e eu disse a Eileen: “O tempo vai clarear, finalmente.” Mas não mudou e o calor

voltou no dia seguinte e depois disso foram pregadas aquelas tábuas.

— De que jovem senhora está falando, Sr. Spear?

— Bem, eu disse jovem senhora, mas não as chamo senhoras quando usam essas minissaias. Ela estava andando entre aqueles arbustos. Certamente deve ter vindo de onde todos vêm, pela Pyramid Road onde o muro está desmoronado. Ela foi até aquela porta e ficou olhando. Não tentou abrir, apenas olhou e foi embora.

Karen mostrou a foto de Megan Bartlow e os dois Spear a examinaram.

— Não tenho certeza, mas parece com ela. O cabelo, não é mesmo, Eileen?

— É ela, sem dúvida — disse a Sra. Spear.

— Tem certeza de que foi dois dias antes das tábuas serem pregadas na porta? Megan foi morta por volta do dia 1º de setembro. As tábuas devem ter sido postas para reforçar a porta naquela mesma noite, e o senhor as viu de manhã. Ela esteve aqui no dia 1º, não em 31 de agosto.

— Eu a vi no dia 31 — o Sr. Spear insistiu. — No dia em que o céu ficou nublado e acho que era segunda-feira. Era segunda, não era, Eileen?

— Com certeza — disse Eileen. — Não podíamos ter visto na terça-feira porque foi o dia em que a ambulância veio pegar Jack e o levou para a fisioterapia. Bem, não uma ambulância, eles têm outro nome agora. Transportadora de pessoas incapacitadas, ou coisa assim. Devia chegar às nove, só chegou vinte para as dez, mas temos que ficar lá fora, prontos para ela. E ele ficou lá quase o dia todo.

— Não posso ter visto a jovem na terça porque fiquei até as dezesseis horas no hospital, como Eileen disse.



— É o dia errado — Burden disse quando ele e Wexford seguiam para o necrotério. — Mas ele insiste em dizer que a viu na segunda e não na terça, quando foi morta. Um homem é visto espiando na janela do número quatro, mas não nosso assassino com capuz.

— Nosso assassino sem capuz, então? Fazia calor, como disse sua Sra. Lyall.

— Estava quente no dia 11 de agosto, mas ele usava capuz. Será que o fato de as duas jovens terem sido mortas numa terça-feira tem algum significado?

— Não sabemos ao certo se Megan morreu nesse dia. Mas Carina Laxton confirmou o dia.

— Ela morreu na terça-feira, dia 1º — ela repetiu uma hora mais tarde. — Estava morta há quatro dias quando o corpo foi encontrado e eu diria cedo naquele dia, não de tarde. Certamente não. Deve ter sido de manhã.

— Não pode ser mais precisa? — Burden se irritou.

— Não com este calor; e o corpo ficou fechado em um armário. Suponho que saibam que ela estava grávida?

— Eu não sabia — disse Wexford.

— A gravidez estava bem avançada. Cerca de quatorze semanas, eu diria.



Wexford e Hannah encontraram Prinsip na casa de Sandra e Lee Warner. Na ausência de Lara, a casa parecia estranhamente suja, quase esquelética. Era como se quando Lara estava ali o ambiente absorvesse um pouco do seu asseio e sua ordem, mas quando ela saía, voltasse ao estado normal com um suspiro de alívio. Aquele apartamento em Muriel Campden Estate estava de luto, mas isso não influenciava o apetite de Lee Warner.

Sentado à frente da televisão em um sofá de molas soltas, ele comia um hambúrguer com um ovo frito em cima, uma porção dupla de batatas fritas e uma grossa torrada, tudo regado com ketchup. Sua mulher, que tinha recebido os dois, estava com um vestido mais ou menos branco aberto sobre uma camiseta e calça de moletom. Ela pediu licença por um minuto, voltou com uma caixa de lenços de papel e começou a enxugar os olhos. Prinsip tinha um prato igual ao de Wamer no colo, a comida intocada, congelada. Pondo a mão no ombro dele, Sandra perguntou: — Já encontraram o animal que fez isso?

— A senhora não nos disse que Megan estava grávida — disse Hannah.

— O quê?

— Megan estava grávida, Sra. Wamer. Suponho que a senhora não sabia.

— Pode apostar que não sabia e Keithie também não. Como assim, grávida? Deve ser engano.

— Porque eu fui capado. — Prinsip ergueu o rosto cinzento para eles, com a boca aberta.

O prato teria caído do seu colo se Sandra não o tivesse evitado, com considerável agilidade.

— Ele quer dizer que ligou as trompas — ela disse.

— Uma vasectomia... compreendo. — Essa revelação não perturbou Hannah.

Wexford ficou surpreso. — Mas ela estava grávida.

— Keithie — disse Sandra Warner sentando e acendendo um cigarro — tem seis filhos. Ou são sete, Keithie? Não, seis. De um... — fez uma pausa tentando lembrar e lembrou — um relacionamento anterior. Dá para entender por que ele não queria mais. Megan tem um filho, claro. Isto é, foi dado para adoção, a melhor coisa a fazer em qualquer caso. Megan queria que ele tivesse um bom começo de vida, o que ela não podia dar, mas foi um sofrimento se separar dele. — Bateu a cinza do cigarro no ovo coagulado, no bife e nas batatas do prato de Prinsip.



— Não faz sentido — Burden disse, sentado no escritório de Wexford, enquanto os dois comiam os sanduíches trazidos por Lynn Fancourt. — O que Megan fazia no Victoria Terrace na segunda-feira? Ela esteve lá na terça. E o que o assassino fazia lá na noite de sábado?

— Você pode fazer com que tudo isso se encaixe — disse Wexford — se examinar do seguinte modo. Nosso assassino marcou encontro com Megan e esse encontro tinha alguma conexão com o negócio em que ela e Amber estavam e que ele presumivelmente organizava. O número quatro de Victoria Terrace foi o lugar escolhido por ele para o encontro. Por quê, ainda não sabemos. Talvez ele tenha trabalhado lá, ou até mesmo morado. No sábado ele foi verificar o melhor meio de entrar na casa.

“Ele combinou com Megan encontrar com ela lá, digamos às nove e meia da manhã de terça-feira, primeiro de setembro. Deve ter dito a ela que as casas estavam vazias, esperando reforma e com o quintal cheio de mato. Ela devia entrar por esses quintais do lado da Pyramid Road, encontrar o número quatro por algum sinal, a cor da porta ou os vitrais nas portas de vidro, alguma coisa assim. Subir os quatro degraus e encontraria a porta aberta.”

— Sim, tudo bem. — Burden levantou a fatia de pão do sanduíche e olhou para a carne salgada, salada de batata e meio tomate. — Margarina — ele disse. — Mas que se pode esperar? Tudo que você disse está certo. Compreendo. Só que ela devia fazer isso na terça-feira, não na segunda.

— Não. Mas vamos supor que ela estivesse um pouco nervosa por ter de ir àquele lugar. O assassino devia ser uma figura ameaçadora em sua vida. Com razão, como sabemos. O que poderia ser mais natural para ela do que

verificar suas instruções e ir a Pyramid Road quando saiu do trabalho, na segunda-feira? Ir até aqueles quintais, olhar em volta, tentar a porta, ou apenas olhar para ela. Se tudo estivesse como ele tinha dito, ela ficaria até certo ponto tranquilizada.

— Voltou na terça de manhã. Deixou o bilhete na porta do Gew-Gaws, tomou o ônibus para Stowerton, entrou nos jardins pela Pyramid Road e encontrou aberta a porta dos fundos do número quatro. Jack Spear não a viu porque ele estava na frente da casa, esperando a ambulância para levá-lo à fisioterapia. O que acha?

— Tudo bem. Provavelmente foi assim. Que tal seu sanduíche?

— Estaria bom sem a maionese, detesto maionese. A propósito, Hannah descobriu os proprietários do Victoria Terrace. Chamam-se Iannoides PLC. São dois primos e moram em Chipre. Como era de esperar, não têm o menor interesse na pobre Megan, a não ser pelo fato de que, por ela ter sido morta na sua propriedade, possa afetar a venda dos apartamentos quando estiverem prontos.

— Já contrataram os construtores?

— Fish and Son, de Stowerton para a parte principal do trabalho e Surrage-Samphire para a decoração. Aparentemente esses apartamentos, como eles os chamam, e cito seus folhetos, serão “recriados” elegantemente. Frisos vitorianos no teto, painéis, entalhes de madeira, maçanetas antigas, todas essas coisas. Surrage-Samphire são especialistas em madeira e trabalhos de gesso, técnicas de restauração e assim por diante.

— Nome estranho, não acha? — disse Burden. — Não dá pra esquecer. Algum deles já esteve no número quatro?

— Imagino que sim. Para dar uma olhada e fazer orçamento. O trabalho só deve começar no mês que vem.



Voltando a pé para casa no começo da noite quente, Wexford pensava em Megan Bartlow. Ela já tinha um filho e estava grávida outra vez. Qual seria o destino dessa criança? Os filhos pareciam tratados com descuido por algumas daquelas pessoas, facilmente concebidos, sem dúvida, mas facilmente descartados quando nasciam, porém, esse é o momento em que a “família” é citada com mais atenção e reverência. Keith Prinsip tinha seis filhos, abandonados pela mãe ou mães, sem dúvida. E havia Brand. Seu pensamento sempre voltava para Brand.

O garotinho tinha outra avó. Se Vivien Hilland não parecia muito maternal para Wexford, essa impressão nada tinha a ver com o jeito dela com Brand ou o jeito com que Brand a via. Wexford lembrou da visita aos Hilland no condomínio fechado, procurando recordar algum sinal de ternura ou sensibilidade na Sra. Hilland. Não conseguindo, tentou ao menos recuperar outra lembrança. Tinha visto o nome Samphire na placa do jardim dos Hilland. *Surrage Samphire, Especialistas em Decoração e Restauração*. Um deles, chamado Ross, tinha aparecido na porta da sala de estar enquanto ele interrogava a Sra. Hilland e ela disse que Diana Marshalson o tinha recomendado. Essa conexão teria algum significado?

O carro de sua filha estava na rua, na frente de sua casa. Ele pensou que sempre ficava feliz em ver os filhos, mas naquele momento, nessa noite, teria preferido ficar sozinho com a mulher, sem Sylvia. Não que Dora atualmente fosse como era antes. Quando estavam só os dois, ela não cessava de lamentar o comportamento de Sylvia e sempre o acusava de ser “leniente” com a filha.



Mas Sylvia estava lá dentro aguentando as censuras da mãe. Ele viu primeiro os netos. Sem perceber a chegada do avô, estavam no fundo do quintal brincando com a mangueira da fonte. Sylvia, em uma poltrona, estava de frente para as portas de vidro, ao lado da mãe e dessa vez era a filha quem falava, e não ouviram quando ele entrou na sala.

— Não que eu me importe com Mary, ela é uma ótima pessoa. O que me aborrece é o fato de Naomi ter recomendado que ela me vigie e ela ter aceitado isso de boa vontade. Começou a aparecer lá em casa. Sempre quer saber como estou me sentindo e se pode fazer algumas compras para mim ou tomar conta das crianças quando eu saio.

— Algumas pessoas achariam isso muita gentileza — disse Dora, com sua nova voz de censura.

Wexford chamou a atenção delas para sua presença.

— Só para que não pensem que estou espionando.

— Oh, papai.

Ele a beijou.

— Onde Naomi se encaixa em tudo isso?

— Eu estava dizendo que Naomi fez amizade com essa mulher que mora na minha rua e eu sei que combinou com ela de tomar conta de mim. Ela é parteira.

— Quem, Naomi?

— Não, papai, essa Mary. Naomi não confia em mim para fazer o que deve ser feito enquanto estou grávida. Não que se importe comigo, mas com o bebê, o bebê dela. Mary apareceu ontem à noite sem ter sido convidada, claro, e perguntou se eu queria que ela verificasse as vitaminas e suplementos que estou tomando, para ver se estão certos. Depois perguntou se estou me alimentando como devo. Disse que não estou muito grande e esperava que eu não estivesse fazendo dieta para manter o bebê pequeno. Perguntou isso rindo. Está sempre rindo, mesmo quando não há nada de engraçado. E o pior é que os meninos a

adoram. Ela nunca fica zangada, Ben disse. É claro que não fica, eu disse, ela não é a mãe dele. Então ele disse, e doeu: “Gostaria que fosse, gostaria de que ela fosse minha mãe.”

— As crianças dizem essas coisas — Wexford observou. — Acho que todas as crianças disseram isso em certo momento à mãe ou ao pai. Você me disse uma vez quando não a deixei ir nadar em um dia muito frio, em maio. Era uma piscina ao ar livre e sua melhor amiga Louise Cole ia nadar. “Gostaria de que o Sr. Cole fosse meu pai”, você disse e foi como um tapa no rosto. Mas aprendi que embora você realmente o preferisse naquele momento, isso não durou muito e o mesmo acontece com Ben. Você vai ver.

Aparentemente comovida com essa história, Sylvia segurou a mão dele.

— Mary é o verdadeiro problema. Não quero que ela interfira nisso. Não que eu não goste dela. Na verdade, acho que não é possível não gostar. Não gosto do fato de Mary fazer isso por ordem de Naomi.

— Até onde você sabe — disse Wexford. — Talvez Naomi tenha pedido pra ela ir uma vez e Mary resolveu visitar você com maior frequência. Não dá para relaxar e aproveitar as visitas? Agora vou ao quintal ver meus netos e depois quero tomar um drinque e jantar. Estou faminto.

Dora nada disse, apenas o olhou friamente. — Eu detesto essa Naomi — Sylvia disse, como uma adolescente. — As vezes acho que tenho vontade de matá-la.

Wexford riu.

— Você não deve dizer uma coisa dessas a mim. Sou policial, está lembrada?

## capítulo 15

Era domingo. Pensando em como seria agradável encontrar Bal para um café ou um drinque e depois, como seria embaraçoso estar com ele agora, Hannah telefonou para Karen Malahyde e perguntou se ela estava livre.

Encontraram-se no Parasol Café, recentemente aberto pelo Olive and Dove Hotel na margem oeste do Kingsbrook. Mesas e cadeiras de madeira estavam dispostas sob guarda-sóis listrados de amarelo. Todos os guarda-sóis estavam abertos nessa manhã, como em todas as manhãs, há meses, protegendo do sol estilo Sul da França.

— Isso é bonito — Karen disse. — A Costa del Kingsmarkham. Importa-se se eu fumar?

— Nem um pouco. Aproveite o mais que puder. Tenho certeza de que logo será proibido fumar nos lugares públicos.

Pediram café com leite e, porque era quase meio-dia e domingo, copos de vinho. As mesas começaram a ser ocupadas por casais, pois o Parasol Café oferecia almoço de domingo.

— Os domingos não são bons para os solteiros — Karen expressou o pensamento indesejado de Hannah. — Não sei por que têm de ser tão diferentes dos sábados. A maioria das lojas está aberta. Ninguém mais vai à igreja. Os cinemas têm o mesmo programa da semana anterior. Não deviam ser diferentes dos sábados, mas são.

— Sim, tem razão. — Hannah não queria concordar com ela. Queria poder dizer que isso não se aplicava a ela, que tinha namorado. Mas não tinha. E se estava pensando em Bal, nunca teria. — Mas... se, por exemplo, fôssemos casadas talvez estivéssemos em casa agora fazendo rosbife para o marido. Ah, não faça essa cara, nós, você e eu, não

estariamos, mas provavelmente concordariamos quando ele quisesse assistir ao jogo de rúgbi a tarde inteira e tomar chá com sua velha mãe. Em vez disso, somos livres e — parou de falar, sua atenção voltada para duas mulheres sentadas em uma mesa perto da margem do rio.

— QO que foi?

— Não sei. Acho que meus olhos estão me enganando. Está vendo aquelas duas mulheres na mesa ao lado da árvore? A com saia rosada e colares é Gwenda Brooks do Jewel Terrace e a outra é a namorada do marido dela.

— Você deve estar brincando.

— Eu sei, mas não estou. Aquela é Gwenda Brooks e a outra é Paula Vincent. Quando entrevistei John Brooks, ele disse que tinha um caso com aquela mulher e me deu o endereço dela em Pomfret, para eu verificar se ele tinha passado a noite com ela.

— E aqui está ela, almoçando com a mulher dele. O que você acha que isso significa?

— Não sei, Karen, mas vou descobrir. Não, espere. — Hannah segurou com força o braço da amiga. — Lá está ele. Lá está o marido!

John Brooks se aproximava da mesa ao lado da árvore. Em vez de beijá-las, bateu com a mão nos ombros das duas mulheres e se sentou.

— Estava procurando vaga para o carro — Hannah murmurou, levantando-se e andando para a mesa dos Brooks, com Karen atrás. Mais tarde ela pensou que com pessoas mais controladas, podia ser possível blefar naquela situação. Uma espécie de *ménage à trois* podia ter sido sugerida por Brooks e Gwenda concordara, para manter a respeitabilidade da qual gostava. Mas a reação deles quando viram Hannah foi diferente, ou, pelo menos, a de Brooks e Paula Vincent. Ele ficou branco e ela, rubra. Brooks se levantou tão de repente que derrubou um copo na grama. Gwenda, evidentemente, não tinha ideia do que estava acontecendo. Ela olhou espantada.

— Talvez queira explicar, Sr. Brooks — Hannah disse e então, de repente, compreendeu. Não precisava de explicação. Vendo John Brooks e Paula Vincent juntos, percebeu a extrema semelhança. Podiam ser gêmeos. Talvez fossem. — A Sra. Vincent é sua irmã, não é?

Foi Gwenda quem respondeu:

— Claro que é. Por que não seria? O que você quer?

— No momento, Sra. Brooks, nada da senhora. —

Hannah se virou para Paula Vincent, cujo rubor tinha desaparecido e que parecia desafiá-la. — Gostaria de explicar, Sra. Vincent?

— Não há nada a explicar. Eu fiz o que John queria, é tudo.

— Acho que não. Você mentiu para a polícia.

— O que é tudo isso?! — Gwenda Brooks exclamou. — O que está acontecendo? Quero saber. Tenho o direito de saber.

Ignorando-a, Hannah disse:

— Mentir para a polícia é um delito, Sra. Vincent. O mesmo se aplica ao Sr. Brooks. O que mais pode resultar disso, não sei. Mas, por enquanto...

Karen interveio a favor de Hannah:

— Ambos podem ser acusados de fazer a polícia perder tempo.



De volta ao apartamento, Hannah pôs salmão defumado e salada na mesa do pequeno balcão. Karen disse secamente que, como Brooks obviamente não estava cometendo incesto em Pomfret, ele devia estar se ocupando de outra atividade ilícita, se não ilegal.

— Sim, mas o quê? — Hannah serviu suco de laranja em dois copos cheios de gelo.

— Neste momento, sem pensar muito, não compreendo por que, se ele estava visitando uma mulher, não deu a você o nome dela, em vez do da irmã. Afinal, até você ver a irmã com Gwenda, você e o inspetor acreditavam que ele estava cometendo adultério. Então, que diferença fazia com quem?

— Faz diferença — Hannah disse. — Venha comer. É claro que faz diferença. Para começar, a verdadeira amante podia não estar disposta a confirmar que ele estava com ela. Talvez tenha marido ou more com outro namorado. Sei que isso é pouco provável, uma vez que Brooks a visitava à noite, mas é possível se, por exemplo, o marido ou o namorado trabalha à noite. Além disso, deve lembrar que se o nome da irmã chegasse aos ouvidos da mulher dele, ela consideraria tudo uma boa piada.

Karen riu.

— Ele se arriscou muito almoçando com a mulher e a irmã.

— Ah, não sei. O público não acredita que temos vida privada. Quando não estamos de serviço ou de uniforme, todos acham que entramos nas nossas caixas e fechamos a tampa até nova missão.

— Então, o que me diz desses seriados policiais da televisão?

— O público sabe que não são reais — disse Hannah — e tem razão.

Quando Karen foi embora, Hannah viu os óculos escuros, os belos Armani da amiga no braço do sofá. Quando o telefone tocou uma hora depois, ela atendeu e disse: — Oi, Karen. Estão aqui, sim.

— Quem está aí? — Bal perguntou. — Está dando uma festa?

Ficar corado quando se está sozinho é tão absurdo que faz a pessoa corar outra vez. Foi o que aconteceu com Hannah enquanto se esforçava para recuperar a voz, o

rosto escaldando e o sol entrando pela porta aberta da varanda.

— Pensei que você fosse uns óculos escuros. Quer dizer, pensei que você tivesse perdido seus óculos escuros.

— Nunca uso essas coisas. Se não está dando uma festa, não gostaria de sair e tomar um drinque comigo?

Ela ficou atônita. Depois da última vez, o que ele queria dela? Não podia perguntar.

— Tudo bem — ela disse.

— Costumo receber respostas mais entusiásticas aos meus convites. Mas, não importa. Posso passar por aí daqui a uma hora?

Era como se a noite de sexta-feira nunca tivesse acontecido. Bal foi agradável, caloroso, falou muito. A não ser pelo fato de não ser gay, comportava-se como os amigos gays de Hannah. Ela podia relaxar com eles, sentir-se livre e à vontade porque sabia que eles jamais tentariam alguma coisa. Mas o que ela estava pensando?

Na outra noite, o que ela desejava ardentemente era que Bal tentasse alguma coisa...

Não se vestira para ele, como na última vez. Se trocou a calça branca por uma preta foi porque, quando faz calor, o branco não parece limpo depois de poucas horas.

Sentaram no jardim do Olive and Dove e depois de terem falado de tudo sob o sol, menos do trabalho e da vida particular dele, ela começou a pensar, mas ele não é gay, não é mesmo... O olhar de apreciação de Bal quando a viu confirmava isso. Impulsivamente, ela disse: — Bal, você tem namorada? É isso?

— É isso o quê? — Ele riu.

Habitualmente tão desinibida, ela não conseguiu pôr em palavras o que queria dizer e recorreu à fórmula frágil: — Oh, você sabe. Sabe o que quero dizer.

O sorriso dele era de um homem prestes a tirar alguma coisa do anzol ou parar de provocar.

— Certo. Acho que sei. Não, não tenho namorada. Se for possível, espero... não, não vou dizer isso. Não ainda.

Ela pôs a mão sobre a dele. Era uma bela mão, ela pensou com narcisismo: longa, macia, de unhas compridas sem esmalte. Ela detestava esmalte de unhas e pelo olhar de Bal, ele também.

— Se quer dizer o que estou pensando... não, não posso perguntar. Não sou tão desinibida quanto pensei.

— Hannah. — Ele se inclinou para ela, sobre a mesa. — Venha, vamos caminhar. Está uma bela noite. Não posso dizer o que quero no meio de toda essa gente.

Ela ia andar ao lado dele, sem tocá-lo. Quando desceram a escada que levava à trilha no campo, Bal segurou a mão dela e passou o braço dela pelo seu. O ar estava parado e bastante fresco a essa hora e, no horizonte escuro, a lua cheia e vermelha do equinócio de outono se erguia.

— Se conheço Kingsmarkham como penso conhecer posso levar você para casa atravessando esses campos; no caminho paramos no pequeno bar de Kingsbrook. Enquanto isso vou tentar explicar.

No pequeno bar em Kingsbrook, antes chamado Âncora, agora rebatizado para Gooseberry Bush, Wexford e Burden, com suas mulheres, tomavam o último drinque da noite.

Nenhum dos dois tinha pensado em dividir em dois o pequeno grupo, os homens para falar sobre o trabalho, as mulheres para conversar sobre problemas domésticos, mas Jenny tinha feito a divisão, pois queria apenas os ouvidos de Dora para seu discurso sobre os horrores de preparar adolescentes do século vinte e um para o vestibular.

Trechos da conversa chegaram até Wexford, expressões como “currículo nacional”, “famílias disfuncionais” e “responsabilidade dos pais”, mas quando ele tentou um palpite, foi rechaçado tão duramente por Dora que resolveu não tentar outra vez.

— Por que Gooseberry Bush? — ele disse, mudando de assunto.



O *barman* não sabia.

— Suponho que eles apenas gostaram do som — disse Burden. — Ninguém mais come groselha.

— Eu fiz geleia de groselha há dois anos — Jenny disse —, mas ninguém comeu.

— É debaixo da groselheira que se encontram bebês. — Wexford riu. — Era o que minha avó dizia. Mesmo naquele tempo, já era uma versão obsoleta dos fatos da vida. Quando ela era pequena, diziam que os bebês eram trazidos pela cegonha. Era a explicação favorita, o que é estranho porque nunca houve cegonhas na Inglaterra.

Dora revirou os olhos, ele não entendeu por quê. A interrupção da conversa e aquela expressão de desprezo de Dora fizeram com que Burden se apressasse a reiterar sua opinião de que o contrabando de drogas era o motivo das mortes das duas vítimas. Se ao menos encontrassem uma testemunha, se tivessem alguma prova... Mas ele, Burden, ia encontrar. Ele nunca desistia.

— Você é assim uma espécie de *Drusus* humano, certo?

— Se quer chamar desse modo — Burden disse, secamente.

— Acho que é outra coisa qualquer. O problema é que não sei o quê. A questão é descobrir qual pode ter sido a origem daquele dinheiro. — Viu Dora mover a cadeira e ficar de costas para ele. Vendo que Burden não ia dizer mais nada, continuou: — Tenho duas coisas em mente que não parecem importantes, mas sinto que são. Muito importantes.

— Sim? — Burden começava a se refazer da comparação com *Drusus*, o cão farejador. — Quais são?

— Eu gostaria muito de saber qual o site que Amber não conseguia acessar e para isso pediu ajuda a John Brooks.

— Provavelmente alguma companhia vendendo barato CDs de música pop ou do tipo que as adolescentes gostam. Você sabe, você teve duas adolescentes em casa. Cremes faciais especiais ou cera para depilar as pernas.

— Talvez tenha razão. Sem dúvida você explica a outra coisa com a mesma facilidade.

— Experimente.

Wexford lembrou o que Dora tinha dito, quando souberam daquele bebê, que o comportamento de Sylvia ia destruir a família. *Será que está começando a destruir meu casamento?*, ele pensou.

— Os Hilland ofereceram o apartamento a Amber em meados de junho, para tomar posse em novembro. O que eles nunca nos disseram e não perguntamos foi o valor do aluguel. Seria de graça?

— Certamente.

— Acha mesmo? Eu diria certamente que não.

Crenthorne Heath não é um subúrbio de classe alta, mas é mais próximo de Londres do que Croydon e tem uma linha de metrô. Se alugassem o apartamento, podiam pedir duzentas ou trezentas libras por semana, do modo que os preços estão agora. Será que eles estão tão bem que podem abrir mão disso talvez durante anos?

— Está dizendo — Burden falou devagar — que ofereceram o apartamento a Amber provavelmente a um preço baixo. É claro que ela aceitou, mas sabia que precisava começar a ganhar dinheiro. O velho Marshalson não ia pagar.

— Não. Ele evitaria perder a filha, mesmo que significasse ter que ficar com Brand. — Wexford viu sua sargento-detetive entrar no bar com um de seus subordinados. Bem, exatamente como tinha pensado... — Amanhã descobriremos — ele disse.



O gigante com a camiseta “Riverbank” estava outra vez de serviço nos portões dos Hilland, porém mais amistoso

nessa manhã. Fez o carro entrar com um sorriso e um alegre “Bom dia, senhores”. Wexford ficou surpreso ao ver a tabuleta de Surrage-Samphire ainda no jardim dos Hilland. O trabalho parecia terminado em grande estilo, embora um pouco exagerado. O vestíbulo daquela casa era um pouco apertado e o teto muito baixo para todos aqueles painéis, escudos ornamentais entalhados e rosas Tudor. Mas Surrage-Samphire certamente conhecia bem seu trabalho.

Vivien Hilland pareceu surpresa com seus elogios, como se esperasse que os policiais se interessassem apenas por assuntos forenses. Na ausência dos dois filhos, ela parecia mais calma e menos tensa. Mas quando Wexford disse que os amigos de Daniel tinham fornecido a ele álibis satisfatórios para a noite de 10 de agosto, em vez de demonstrar alívio, ficou indignada.

— Bem, é claro. O que mais esperavam?

Ele perguntou do aluguel do apartamento de Crenthorne Heath.

— Íamos cobrar um aluguel simbólico. — Parecia na defensiva e Wexford compreendeu por que quando pediu que fosse mais específica e ela disse: — Bem, na verdade, cem por semana.

— Onde ela ia arranjar cem libras por semana, Sra. Hilland?

Certamente ela não gostou do tom de Burden. Ainda mais na defensiva, ela disse: — Isso não era da nossa conta. É cerca de um terço do que ela teria que pagar pelo apartamento, se fosse alugado a outra pessoa. Na verdade, o pai dela me telefonou dizendo que, se tivesse que pagar aluguel, Amber não poderia aceitar, mas isso tudo é tolice, só para que ela não saísse de casa, ele era obcecado por Amber. Quanto a Diana, ela tem muito dinheiro e acho que teria pago o aluguel só para se ver livre da jovem. Deixe-me dizer uma coisa. Acho que garotas como Amber precisam

aprender a ter responsabilidade e saber o valor do dinheiro e era isso exatamente o que nossa oferta faria.

Aparentemente não havia nada mais a dizer. Quando os dois se levantaram para sair, a campainha da porta tocou.

— Devem ser os homens que vieram pegar suas ferramentas — disse a Sra. Hilland.

Passos soaram no vestíbulo na direção da porta e quando Wexford e Burden saíram da sala, viram Cosima com um belo homem corado, de uns trinta anos. Wexford, que esperava ver o homem chamado Ross que encontrara na outra vez, apresentou-se e perguntou quem era ele.

— Meu nome é Colin Fry — disse o jogador de rúgbi, seus olhos seguindo as pernas longas de Cosima, que subia a escada.

— Trabalha para a Surrage-Samphire?

— Acertou de primeira — disse Fry.

— Quem mais trabalha para eles?

— Eu, Rick e o Sr. Samphire. Isso tudo é sobre aquela Megan não sei de que, certo? Se querem saber alguma coisa sobre aquele lugar e o trabalho feito, devem falar com o Sr. Samphire. Sr. Ross Samphire. Ele sabe tudo a esse respeito.

## capítulo 16

Wexford seguiu dali para Gew-Gaws, a loja onde Megan Bartlow trabalhava. Quando empurrou a porta, o sino de Jimmy Gawson tocou, chamando-o do fundo da loja. Wexford conhecia Gawson superficialmente há anos, muito antes da abertura da loja e gostava de falar com ele pelo prazer de ouvir o sotaque tão estoniano — ou do ator representando exageradamente um estoniano — a que ele se esforçava para dar credibilidade, mas nunca deixava de usar.

— Ah, bom-dia, inspetor-chefe — ele disse, estendendo a mão pálida e úmida. — Já disse a sua boa gente tudo o que sei sobre aquela manhã fatídica, sabe disso. Que na verdade é muito pouco. Eu não estava aqui quando a pobrezinha da Megan desapareceu e deixou o bilhete na porta.

— Eu sei. Não é disso que quero falar. Quero falar sobre ela. Sobre o que você sabe dela.

Gawson indicou uma cadeira para Wexford e sentou atrás de um balcão cheio de modelos de plástico do Big Ben, miniaturas dos ônibus de Londres, bandeiras da Inglaterra, fotografias da princesa Diana e buldogues que balançavam a cabeça. Pegou um inalador da prateleira, inseriu uma cápsula de nicotina e aspirou com força.

— Tão bom quanto um charuto — ele disse —, porém mais barato e melhor para a saúde. Maravilhoso, não acha? Uso isso há três anos.

Duvidando de que Gawson usasse o aparelho para o fim a que se destinava, Wexford não fez comentário.

— Você ia me falar da Megan.

— Quer dizer, o senhor achou que eu ia falar da Megan. A questão é, sei alguma coisa sobre ela? Megan era

extremamente comum, sabe? O tipo de pessoa que este governo chama de socialmente excluída. Boa expressão essa, não acha? Sem dúvida ela seria excluída de qualquer uma das minhas sociedades.

Wexford sabia que, se fosse grosseiro com o homem, não conseguiria mais nada dele, mas não se conteve.

— Não sei se estou muito interessado em suas opiniões sobre o sistema de classes, Jimmy. Além de estar quilômetros abaixo da linha de um abastecedor de lixo para turistas, que tipo de mulher ela era? Você gostava dela? Pergunta tola, suponho. Você é muito importante para gostar de alguém.

— Ora, vamos, meu caro. Sabe que tudo o que eu disse foi brincadeira. Onde está seu senso de humor? Não havia nada de errado com a Megan, suponho. — *Esse sotaque fere meus ouvidos. Na verdade, acho que uma das minhas membranas do tímpano está permanentemente danificada.*

Wexford o viu dar a terceira ou quarta tragada no inalador de nicotina.

— Alguma vez a viu fazer alguma transação aqui que não fosse estritamente para impingir minipalácios de Buckingham a visitantes desprevenidos?

— Quer dizer drogas, não? Oh, eu sei tudo a respeito. Quem não sabe? Vocês não fazem segredo algum sobre a batida policial contra drogas nessa área. Mas não, eu nunca vi. Francamente, não acho que ela tivesse capacidade para isso.

Wexford balançou a cabeça.

— Se eu não soubesse, estaria imaginando por que a empregou, Jimmy. Estava pagando menos de um salário mínimo, não estava? Não precisa responder. Tarde demais. Mas se contratar outra vendedora, vou ficar de olho. O namorado vinha muito aqui?

Uma rápida sucessão de baforadas tinha exaurido a cápsula e Jimmy Gawson inseriu outra.

— Como eu disse, Megan não era muito brilhante, mas era um Einstein comparada ao tal cara. Eu não permitia que ele ficasse aqui. A mãe dela gostaria de vir algumas vezes para conversar, mas eu proibi também. Na verdade, meu caro, a única pessoa da família a que eu não fazia objeção era a avó.

— Avó?

— A velha Grace Morgan. Anos e anos atrás quando o mundo todo era jovem, e todas as folhas eram verdes e nós os Gawson éramos a elite, e isso significava alguma coisa em Kingsmarkham, Grace trabalhava para nós. Deve estar com noventa anos agora, segundo Megan, que a visitava de vez em quando. Pode dizer que o carinho pela Velha Grace era a única coisa que eu e Megan tínhamos em comum.

— Essa coisa que você está cheirando — Wexford disse com a voz distante — é para ajudá-lo a deixar de fumar, não para servir de droga alternativa.

Wexford foi embora, a dignidade da sua saída levemente prejudicada por ter que se abaixar para pegar um London Eye, recriado em plástico prateado, que sua capa derrubou de uma mesa baixa.



— Jimmy mencionou uma mulher chamada Grace Morgan — ele disse mais tarde a Burden. — Sei que já ouvi esse nome há pouco tempo, mas não consigo lembrar quando ou onde.

— Eu lembro — disse Burden. — É uma de nossas testemunhas ou será, se tiver visto alguma coisa. Tem noventa e três anos e mora naquele chalé no bosque por onde deve ter passado quem jogou o bloco de concreto no carro de Amber, eu acho.

— Ela é também a avó de Megan Bartlow.

— O que está dizendo? Espere um pouco...

— Não sabíamos disso quando Hannah e Lynn falaram com ela. Jimmy não estava interessado na vida particular de Megan, mas a avó talvez estivesse.

— Sim. Muito bem, vamos falar com Grace Morgan.

— Isso mesmo. O mais depressa possível. Não quero parecer insensível, mas quando se tem noventa e três anos, a morte é um risco da existência, portanto é urgente.



Uma névoa macia pairava sobre os campos. Por causa do longo período de seca e das árvores estarem sedentas, as folhas começavam a amarelecer mais cedo. Os bosques ficavam amarelos antes do outono, enquanto o sol ainda estava quente. O sol penetrava o véu da névoa, queimando-a em toda a parte, menos na sombra, nos lugares mais profundos. Wexford e Burden deixaram o carro no fim da Yorstone Lane e seguiram a pé pela trilha que levava ao bosque. Os finitos das árvores Wayfarer que cresciam ali em grande profusão tinham passado de verde para dourado, de dourado para vermelho e agora estavam quase negros. A distância ouviam um pica-pau furando um tronco.

— Imagino há quanto tempo ela mora aí — Wexford disse. — Anos, claro. Talvez a vida toda. E cada vez que sai e volta para casa anda por essa trilha carregando o que quer que seja, acredito que os filhos, em determinada época.

— É... — Burden não estava interessado.

— E possível vir de carro até aqui. Pode-se ver isso pelos sulcos na terra. Talvez nosso homem tenha vindo. E pode levar para dentro do bosque, quase. — Estavam entre as árvores agora e a trilha era mais estreita. — Os troncos das árvores são muito juntos para ir além. Ele pode ter deixado



o carro ali. — Wexford apontou para um espaço coberto de mato, quase um gramado, cheio de pilriteiros e um dossel de amoreiras silvestres. — Debaixo daquelas árvores ficaria quase que perfeitamente escondido.

— Especialmente se ele não se importasse muito com a lataria. Aqueles galhos arranhariam o carro todo.

Wexford concordou.

— Pena que não sabíamos disso, quer dizer não tínhamos razão para suspeitar que o bloco de concreto jogado da ponte era uma tentativa de matar Amber até sua morte, seis semanas depois. Pensamos que fosse um simples ato de vandalismo. “Vingando-se da sociedade”, como dizem, não direcionado a um alvo específico.

Não é raro a casa de pessoas muito velhas parecer vazia à primeira vista. Elas não enxergam mais a sujeira e a desordem. A decoração é cara e está além de seu alcance. As cortinas nas janelas, geralmente de renda ou rede e antes imaculadamente brancas, ficam empoeiradas e pendem flácidas no lado de dentro do vidro marcado por sujeira de mosca e as janelas raramente são abertas — se é que ainda podem se abrir — porque os velhos sentem muito frio. Além disso, são, na maior parte, pobres e quase sempre orgulhosos, de modo que os parentes pensam que aquele é seu modo de vida preferido, não que seja realmente um modo precário de se agarrar à vida a qualquer preço.

Tudo isso Wexford pensou quando viu a casa de Grace, um chalé quadrado, marrom claro, em parte coberto com telhas, em parte com sapé, circundado por uma cerca dilapidada de madeira. O portão da frente, com as dobradiças soltas, estava caído sobre uma pequena vala na trilha, evidentemente posto ali para servir de ponte quando chovia.

Há tanto tempo não chovia que a trilha era só poeira, e o mato antes verde da clareira onde ficava o chalé era amarelo como feno.

Era pouco provável que qualquer casa, de Framhurst a Forby, estivesse com todas as janelas fechadas naquele dia. Exceto a de Grace Morgan. Os caixilhos pareciam apodrecidos, como se fosse possível enfiar o dedo neles, como se qualquer tentativa para abrir fizesse a janela desmoronar.

— Acho que ela não está em casa — Burden disse, desanimado. — É isso que dá não ter telefone. Todo mundo — acrescentou illogicamente — tem telefone.

— Ela não saiu. — Wexford bateu com força na porta.

— Ela vai morrer de medo com todo esse barulho.

— Se eu não fizer barulho — disse Wexford — ela não vai ouvir.

Estavam para desistir, quando a porta finalmente se abriu. Grace Morgan era uma mulher pequena, tendo encolhido vários centímetros abaixo de um metro e cinquenta e três, magra e murcha. Seu rosto era um amontoado de rugas cinzentas como teia de aranha. O que restava do cabelo era um tufo branco preso no alto da cabeça com dois grampos longos e negros. Não pareceu nem um pouco surpresa com a presença dos dois homens altos que nunca tinha visto antes.

— Vocês parecem policiais — ela disse.

— E somos, Sra. Morgan.

Burden mostrou o distintivo e Wexford fez o mesmo.

— Não adianta, eu não enxergo. Para mim, podem ser James Mason e Michael Redgrave.

Depois dessa prova de um passado distante, Grace Morgan abriu mais a porta e recuou para deixá-los entrar.

— Da última vez, eram duas moças. Detetive isso e detetive aquilo, seja lá o que significa. Não aprovo mulheres policiais. O que acontece se levarem um tiro?

Wexford disse que esperava que isso não acontecesse e que a sargento-detetive Goldsmith e a detetive Fancourt eram policiais muito competentes.

— Podem ser, mas mulheres são mortas. Vejam a minha neta Megan. Ela levou um tiro.

Achando desnecessário corrigi-la, Wexford disse que era sobre isso que queriam falar. Sentiam muito, devia ter sido um grande choque para a Sra. Morgan. Ele disse que sabia que a neta a visitava frequentemente.

— Disse frequentemente? Isso depende do que considera frequentemente. Na verdade, eu a vi três vezes desde o Natal e no Natal eu estava na casa da minha filha Sandra. Naturalmente eu tinha que vê-la. Quando Megan vinha aqui era para filar.

— Filar?

— Foi o que eu disse. Ela sabia que eu não gastava toda a minha pensão, morando aqui e com as refeições vindas de fora. Uma garota de bicicleta traz para mim. Quando Megan vinha, era para pedir emprestada minha pensão. Bem, “pedir emprestada” era como ela dizia. Eu nunca via o dinheiro outra vez, pode ter certeza. Sandra nunca soube disso.

Ela os levou a uma sala de estar marrom escuro com móveis marrom escuros, cheirando a ervas, gordura usada muitas vezes, cânfora e roupas usadas por anos e anos e nunca lavadas. A única coisa que parecia ter menos de cem anos era a televisão. Mais tarde Burden disse que não entendia como uma pessoa tinha um aparelho de televisão, mas não tinha telefone, mas Wexford discordou. A televisão distrai e faz companhia, enquanto tudo que o telefone oferece são reclamações e aborrecimentos.

— Sra. Morgan — ele começou —, gostaria de saber se Megan esteve aqui na noite em que a senhora esperava ver os texugos.

Era um tiro no escuro, mas quando ela perguntou “Se ela fez o quê?”, Wexford repetiu a pergunta, lembrando que na noite em que tinha visto o homem com o capuz no bosque, ela estava na janela, esperando ver os texugos.

— São melhores do que a TV, quando se pode vê-los e ninguém os espanta.

— Megan fez isso, Sra. Morgan?

— Ela estava lá em cima. Queria cinquenta libras e eu a mandei pegar o dinheiro lá em cima. Para que não ficasse no meu caminho enquanto eu olhava os texugos, mas eles não apareceram naquela noite.

— O homem de capuz, Sra. Morgan. — Wexford começava a ficar desanimado. Estaria enganado outra vez?

— Megan podia vê-lo lá de cima? Ela mencionou ter visto um homem?

— Não. Tenho dois quartos lá em cima. Eu a mandei para o dos fundos. É onde guardo meu dinheiro da pensão. Eu disse para Megan trazer todo o dinheiro para baixo, para eu dar os cinquenta. Foi o que ela fez, depois que aquele homem de capuz já tinha ido embora. Ela desceu com a lata onde havia cento e trinta e cinco libras. Dei os cinquenta em cinco notas de dez e ela teve a coragem de pedir mais. Bem, não se deve falar dos mortos.

— Depois disso, quanto tempo Megan ficou aqui? — Burden perguntou. Ele vestia um paletó leve de algodão bege e começava a imaginar se o cheiro ia aderir à fazenda.

*Mais lavagem a seco*, ele pensou. — Cinco minutos? Dez? Mais?

— Uns vinte minutos, calculo. Estava escuro. Perguntei se Megan tinha lanterna para atravessar o bosque e ela disse que tinha o farol da bicicleta.

— Ela veio de bicicleta?

— Foi o que eu disse. Ela saiu. Eu disse, “não se dê o trabalho de vir outra vez, se tudo que você quer é dinheiro”. Não se deve falar mal dos mortos, certo?

O cheiro do ar no bosque era maravilhoso. Como flores e feno moído e maçãs maduras, disse Burden. Seguiram pela trilha, aspirando o ar perfumado com profundo prazer.

— O que você acha? — Burden perguntou, cheirando o paletó, como sempre fazia quando saía de um bar

enfumaçado.

— O que eu acho? Acho que Grace está certa quando diz que Megan não podia ter visto o capuz lá de cima quando ele ia para a ponte, mas sim quando ele voltava. Ela saiu da casa da avó exatamente quando ele devia estar de volta.

— Se é que ele voltou. Se não atravessou a ponte.

— Acho que voltou, Mike. Tinha que voltar porque se atravessasse a ponte significaria duas coisas, (a) que seu carro, fosse qual fosse, estava estacionado no outro lado e (b) indo pela ponte, teria que dar uma volta de pelo menos quase dez quilômetros para chegar ao carro. Não, Megan o viu. É o que eu acho. Se ele a viu, não sabemos. Ela o viu e o reconheceu.

— Por que diz isso?

— Porque ela o viu outra vez. Sabia onde procurar. Não estou dizendo que não o conhecia apenas de vista. E então...

— Você acha que ela o chantageou? — perguntou Burden.

— Acho que tentou. Como a Sra. Morgan disse, não se deve falar mal dos mortos, mas Megan Bartlow não era exatamente uma boa moça, era? Pedia dinheiro emprestado à avó que aparentemente só tem a pensão do estado, e nunca devolvia. Pode ser politicamente incorreto dizer isso, mas não posso achar certo uma garota que vive com um homem ter um filho de outro. Não sabemos ainda o que era, mas Megan estava envolvida em algum negócio ilegal.

— Tráfico de drogas — disse Burden.

— Você me lembra aquele cara no Senado Romano que ficava de pé todos os dias e dizia “Cartago deve ser destruída”, *Delenda est Carthago*.

— E depois?

— Bem, Cartago foi destruída, afinal. Fim da história.

Entrando no carro onde Donaldson os esperava, Burden disse triunfante: — Aí está. Isso prova meu ponto. Drogas.

Wexford o ignorou.

— Não tenho dificuldade para acreditar que ela estivesse chantageando o assassino. — Donaldson deu a partida e gradualmente um ar fresco começou a entrar. — Assim é melhor — ele disse. — Há previsão de tempestade mais tarde. Acho que ela o viu voltando da ponte, provavelmente o viu entrar no carro, que ele deve ter deixado onde imaginamos e só deve ter pensado nisso quando a história apareceu no *Courier* e Lara ou Amber disse que estivera envolvida. Mesmo assim, ela não achou que nosso homem fosse um assassino, apenas um tipo normal de vândalo, um tipo com o qual ela havia estado ligada a vida inteira.

— Mas quando Amber foi morta ela começou a ver a coisa de modo diferente.

— Exato. Apesar do que Jimmy Gawson diz, não temos razão para achar que Megan era tola. Ela pensou no assunto e concluiu que o caso do bloco de concreto jogado da ponte tinha sido a primeira tentativa do capuz e que a segunda fora bem sucedida.

— Prinsip sabe de tudo isso?

— Duvido, mas vamos tentar saber. Falaremos também com Lara e a mãe, mas chantagistas geralmente não contam nada aos que chamamos de entes queridos. Engraçado, não é, “entes queridos” geralmente é usado para designar famílias onde há pouco amor. Não, Megan conhecia a identidade do nosso assassino e guardou segredo. Quando chegou a hora, ela o procurou e exigiu pagamento por seu silêncio. Uma coisa muito arriscada, como sabemos. Ela combinou encontrá-lo naquela manhã de terça-feira. Foi à Gew-Gaws às nove horas, deixou o bilhete na porta, sabendo que Jimmy Gawson nunca chegava antes das dez, foi para Stowerton de ônibus, esperando acabar o negócio e estar de volta antes das dez.

— Tudo bem. Isso é plausível. Concordo totalmente. Mas quer dizer que ele pode ser qualquer pessoa. Quase

qualquer pessoa poderia entrar naquela casa em Victoria Terrace.

— Dá um tempo, Mike — disse Wexford. — Ao contrário de algumas pessoas, não consigo pensar em seis coisas impossíveis antes do café da manhã.

— O que me lembra que cheguei tão cedo que não tomei café.

— Eu também não. Acho que devemos tratar disso. A divisão Vício mudou, não mudou? Adultério não é mais crime, nem fornicação. Você espanca alguém e, mesmo que ele nunca mais possa andar, você está livre depois de dois anos na prisão. Dirigir bêbado e matar algumas crianças o impedem de dirigir por algum tempo, e o condenam a uns dez meses no máximo. Fumar maconha é “o que todos fazem”, mas fume um cigarro e você é um pária, embora isso não seja nada comparado a comer uma fritura em um boteco qualquer. Esse é o pecado maior. Vamos, então?

— Por que não? — disse Burden.



Tentando se concentrar na papelada necessária para acusar John Brooks e a irmã de conspiração para cercear o curso da justiça, Hannah deixou o pensamento divagar para a noite anterior. Na entrada do Gooseberry Bush, ela e Bal quase esbarraram no chefe e no detetive-inspetor Burden com suas mulheres, um encontro que a embaraçou vagamente. Ainda assim, teria sido pior se todos tivessem estado ali ao mesmo tempo. Bal pegou os drinques e então, tocando sua mão sem segurá-la, dissera:

— Não fiz voto de celibato. Não estou “me guardando para o casamento”, como esse novo culto de virgindade recomenda, mas tenho certeza de que meus pais gostariam de que eu fizesse isso. Nosso caso não tem nada a ver com

eles. Isto é... bem, se e quando eu tiver um relacionamento, quero que seja sério. Não quero aventuras de uma noite, não quero ser arrastado para alguma coisa, não quero “ficar” com alguém porque estou aqui e ela também e é melhor ter um caso. Você compreende?

— Não sei — Hannah tinha dito.

— Eu preferia que não houvesse tanta gíria sendo usada. Estou usando gíria, sei disso. Quer dizer, eu queria não ter que falar em “compromisso”, mas isso expressa exatamente o que estou dizendo. Estou dizendo que se vou começar a namorar alguém, você, por exemplo, quero conhecê-la antes. Quero saber do que você gosta e não gosta, e quero que você saiba do que eu gosto e não gosto. Quero saber tudo sobre sua família e que você saiba tudo sobre a minha, no que acredito e no que não acredito, qual nosso objetivo e o que queremos evitar. Todo esse tipo de coisa.

Hannah disse, enchendo-se de coragem:

— Está dizendo que não quer fazer amor comigo antes de me conhecer por séculos. Desse modo, talvez nunca faça.

Ele riu.

— Não séculos. Algumas semanas, talvez. Isso é tão terrível?

— Suponho que não — ela disse. — Na verdade, é um pouco embaraçoso.

— Só porque você não está acostumada. Eu não estou acostumado. Costumamos fazer amor na primeira vez em que saímos. Fazer amor primeiro e conversar depois. Cheguei a um ponto em que desejo o contrário, é assim que quero que seja com você, querida sargento, porque sinto que isso pode ser sério. Então, quer ir ao cinema comigo esta semana?

Claro que ela disse que queria. Bal a levou para casa, beijou-a, mas não entrou. Ela foi para a cama para pensar em tudo aquilo, mas adormeceu antes de ter tempo.

E agora tinha que fazer aqueles formulários...





Bacon e ovos (que o dono do Queen's Café diz ser à moda americana, com a gema para cima), batatas fritas, pão frito, tomates fritos (a “opção saudável”) e cogumelos fritos. Há muito tempo Wexford não sentia tanto prazer com uma refeição. A única coisa que podia estragar seu prazer era a possibilidade de Darren Lovelace entrar para tomar um cappuccino e testemunhar sua gula. Encontrar a filha Sylvia assim que ele e Burden saíram para o sol brilhante da Queen Street era muito menos alarmante, embora ela tivesse imediatamente censurado o lugar escolhido por eles.

— Ouvindo você — ele disse — vão pensar que estive em um bordel.

— O que provavelmente faria menos mal a seu coração. — Ela o apresentou à mulher que a acompanhava. — Esta é Mary Beaumont. Mary, este é meu pai e este é Mike Burden.

— Ouvi falar muito dos dois — Mary disse. — Policiais, certo? Não me importo com o que outros dizem, acho que estão fazendo um trabalho espetacular. Espetacular, mas que não serviria para mim. Pode-se levar uma facada ou um tiro a qualquer momento.

— Não estamos acostumados com tantos elogios — Wexford disse. — Coronhadas é o que geralmente levamos, mas não balas. Pelo menos, não com frequência.

Mary pôs a mão no braço dele. Era uma negra gorda de uns quarenta anos, vestido vermelho com flores grandes pretas e brancas; o sorriso era um anúncio de ortodontia.

— Estou apenas ajudando Sylv com as compras. “Não preciso de você, Mary. Eu tenho carro”, ela disse, mas eu emendei: “E pode entrar com o carro no supermercado?”

Pode subir com o carro a escada rolante da Marks & Sparks?”

Sylvia (que nunca era chamada de *Sylv*) disse com voz gelada:

— Mary tem sido muito boa.

— E não pense que é só porque Naomi me pediu. É um prazer para mim, quero que saiba disso.

Wexford e Burden se despediram, dizendo que tinha sido um prazer conhecê-la.

— Suponho que agora vamos falar com Sandra Warner?

— Burden disse.

— Mike, acho que devemos levar Sandra e Prinsip à delegacia. Não aguento a casa dela, nem aquele marido. Não depois de comer toda aquela fritura.

## capítulo 17

Prinsip, pintando sentado debaixo do cepo de açougueiro, arrastava as botas para frente e para trás no tapete, como se quisesse abrir uma estrada nele. Isso irritou tanto Sandra Warner, que ela o mandou parar.

— Não posso. São os nervos — ele disse. — Por causa de tudo que passei.

— Eu também passei — disse Sandra.

Desde a última vez em que Wexford a tinha visto, Sandra pintara o cabelo de negro. Não podia ser luto, a ideia era bizarra demais, mas para ele pareceu uma infeliz coincidência. Argolas enormes de metal dourado do tamanho de ornamentos de pulseiras pendiam das orelhas. Vestia saia vermelha muito curta e camiseta justa.

Tanto ela quanto Prinsip fumavam um cigarro após o outro. Sugestões frequentes indicavam que a delegacia de polícia de Kingsmarkham deveria ser uma área de não fumantes, mas a oposição do chefe de polícia — ele mesmo fumante, e de Wexford, que considerava isso um tanto mesquinho, atrasava essa determinação indefinidamente. Agora, ele pensou, estava pagando o preço da sua tolerância com o que parecia ser um começo de asma.

Ele tentou em vão conter a tosse, o que piorava a coisa. Naturalmente Prinsip e Sandra achavam que ele estava fingindo e Prinsip acendeu outro cigarro no que acabava de fumar e continuou a arrastar a bota do pé direito no tapete.

Vendo que Wexford mal podia falar, Burden se encarregou do interrogatório.

— Não têm ideia de quem pode ser este homem?

— Eu tenho minhas ideias — disse Prinsip.

— Muito bem. Podemos saber quais são?

— Ele é como o pai, não é?

— O pai?

Afastando do rosto uma longa mecha de cabelo preto, Sandra respondeu por ele.

— Não dê atenção a ele. Ele é obcecado. Tem a obsessão de que Megan foi encontrar o pai do filho que ela esperava. Bem, não se pode culpar Prinsip por isso, certo? Tem que ser alguém. Não se fica assim vendendo bandeiras em lojas de souvenir.

— Então, em sua opinião, Sra. Warner, esse homem — Burden hesitou procurando a melhor forma de dizer aquilo — tinha, bem, um... relacionamento com Megan. — Ignorou a careta de Wexford.

— Sr. Prinsip?

— Claro que tinha — disse Prinsip. — Quem mais? Se chegasse perto de mim eu matava ele. — Por mais retardado que fosse, Keith Prinsip pareceu se dar conta de que não era prudente dizer aquilo a dois policiais. Ele se corrigiu: — Eu tinha feito o cara se arrepender. — Sem a mínima ideia do que estava insinuando, acrescentou: — Ele não teria feito aquilo duas vezes.

Achando que devia defender a virtude da filha, Sandra disse:

— Não era nada disso. O sujeito era talvez um freguês da loja. Acho que o filho que ela esperava era de Keithie. Todo mundo sabe que essas vasectomias não são cem por cento. — Sorriu carinhosamente para Prinsip. — Não quando o cara é jovem e em boa forma como Keithie.

O jovem Prinsip *em boa forma* deu um suspiro profundo, com o rosto cinza e abatido, o peito côncavo e as mãos trêmulas.

— Pare de fazer isso no tapete, Keithie — Sandra disse — e fume outro cigarro. E pode me dar um.

Conseguindo uma voz apresentável, Wexford disse:

— Acreditamos que esse homem matou Megan. Sei que tudo isso é muito doloroso para vocês, mas devo explicar. Achamos que Megan o viu quando ele voltava da ponte

Yorstone, atravessando o bosque onde mora sua mãe, Sra. Warner. É provável que ela tenha ameaçado contar à polícia, a não ser que ele pagasse o seu silêncio. Sinto muito ter que dizer isso.

Esse lamento foi desnecessário, pois Sandra não entendeu.

— Bem, não sei do que está falando. Quem é esse cara?

Burden suspirou mentalmente. Sua expressão continuou calma e cheia de paciência.

— Esperávamos que a senhora nos dissesse, Sra.

Warner. — Olhou para ela, para Prinsip e para ela outra vez. — Megan mencionou alguma coisa assim? Com um dos dois? Alguma vez Megan disse que tinha visto um homem que ela suspeitava ser o causador do acidente da ponte Yorstone? Ela não contou que tinha visto um homem no bosque na noite em que esteve na casa da Sra. Morgan? Nada sobre ter reconhecido o homem quando o viu outra vez?

— Para mim, isso não quer dizer nada — disse Prinsip.

— Nem para mim, Keithie.

Um bloco de concreto, um tijolo, talvez dois tipos de tijolos...

— Conhece alguém no ramo da construção, Sra.

Warner? — Wexford perguntou. — Megan conhecia? Conhece, Sr. Prinsip?

— Só meu Lee — disse Sandra — e ele está fora desse serviço desde que machucou as costas em noventa e seis.



— Eu acho que ela apenas o viu na rua — Burden disse, quando eles foram embora. — E o reconheceu como o homem que tinha visto no bosque.

Wexford procurou reconstruir os fatos.

— Então, na primeira vez em que viu o assassino provavelmente não o conhecia. Era apenas um homem andando no bosque, à noite. Estava escuro e ela talvez tenha ficado, se não assustada, um pouco alarmada com a presença dele. Isso pode explicar por que ela o notou. Eu diria que ela não teria lembrado dele mais tarde se o visse à luz do dia na High Street, mas ocorre que ela o viu no bosque, quando já estava escuro. Sem dúvida à luz do farol da bicicleta.

— Então quando ela o viu outra vez?

— Se soubéssemos, estaríamos muito perto de resolver a coisa toda.

Foram para o escritório de Wexford, onde as persianas permaneciam semifechadas a semana inteira para evitar a luz forte. Naquela manhã o sol, depois de primeiro velado por uma nuvem tênue, estava agora encoberto por vários cúmulos. Wexford abriu as persianas para um panorama de nuvens nas montanhas, como a vista de um avião para uma paisagem fantástica de vapor branco, cinza e púrpura.

— Ainda está quente — ele disse. — Nós nunca fizemos uma análise do perfil do homem que estamos procurando. É um homem, não é?

— Acho que sim. Temos de supor que é, deixando aberta a possibilidade de ser uma mulher muito forte.

— Ele é de meia-idade, eu diria. Quarenta anos ou pouco mais. Conhece bem a área. Tem um carro ou uma van. Possivelmente desempregado. Como bico, de um modo ou outro, está envolvido em algum negócio ilegal.

— Tráfico de drogas — disse Burden.

— *Delenda est Carthago*. Está envolvido em um negócio ilegal. Alguma coisa relacionada a esse negócio foi a causa da morte de Amber em agosto.

— Mas não da morte de Megan?

— Já resolvemos que essa morte foi para silenciar a chantagista.

— Mas isso não funciona — Burden objetou. — Elas se conheciam. Foram juntas a Frankfurt entregar drogas. Por favor, não venha com esse negócio de “delenda”. Elas foram a Frankfurt a negócio. Não por serem amigas, mas tinham se conhecido, sem dúvida, por meio da irmã de Megan, Lara. As duas também conheciam o assassino. Ele as conhecia. Ele as mandou fazer a viagem. Isso quer dizer que, quando Megan o viu no bosque, ela já o conhecia. Ele era, por assim dizer, seu patrão.

— E daí?

— Ela teria coragem de chantageá-lo? Devia saber que ele era um traficante cruel. Devia saber do que ele era capaz. Na verdade, ela sabia. Sabia da primeira tentativa de matar Amber e da segunda, bem sucedida.

Sentado à sua mesa, Wexford começava a ter aquela sensação que algumas pessoas têm quando a pressão do ar cai de repente: cansaço, latejamento na cabeça.

— Não funciona, Mike — ele disse —, por causa da sua insistência com drogas, porque está convencido de que o assassino contratou as duas moças para fazer a entrega das drogas. Eu sei que as duas estavam fazendo algo que não deviam, isso é certo, mas não havia traficante algum envolvido, homem cruel algum pagando para que fizessem a entrega de substâncias da classe A. Quantos contatos antigos ligados a drogas você interrogou a respeito?

— Vinte e nove — Burden disse imediatamente.

— E algum deles mencionou Amber ou Megan? Nenhum, certo?

— Bem, visto por esse lado, não.

— Aquelas garotas não conheciam o assassino, até Megan vê-lo no bosque. Ela não o reconheceu então. Nunca o tinha visto. Algum tempo depois, provavelmente semanas, ela leu ou alguém falou do bloco de concreto jogado da ponte e do envolvimento de Amber no acidente. Imaginou então que o homem que tinha visto podia ser o culpado. O tempo passou, semanas, e nesse tempo talvez as duas

tenham se conhecido e ido juntas a Frankfurt. Então Amber foi assassinada. Nos dias ou nas semanas seguintes, Megan viu o assassino na rua, na loja, dirigindo um carro.

Descobriu onde ele morava e eles se encontraram. Talvez ele lhe tenha pago uma vez, mas o assassino não perdeu tempo. Quando ela exigiu dinheiro pela segunda vez, ele a matou. Certo?

Burden assentiu com a cabeça, não convencido. Olhou pela janela quando ao longe, como um tiroteio no cerco de uma cidade distante, o trovão reboou.

— E agora o quê? — ele disse, caminhando para a porta e deixando a pergunta sem resposta.

Wexford ficou onde estava, olhando do céu coberto de nuvens para a grama amarelada, o roçar seco das folhas caídas e a rua empoeirada, quando viu Lara Bartlow atravessar High Street e entrar no vestíbulo da delegacia. Não tinha pedido a ela para vir. Ninguém pediu. Lara estava ali voluntariamente. Com uma leve esperança, pegou o telefone e disse ao sargento de plantão mandar a Srta. Bartlow subir.

Ela estava com o mesmo terninho preto, camiseta muito branca e sem maquiagem. Subiu rapidamente, nem um pouco embaraçada ou hesitante.

— Posso me sentar?

— Por que não puxa aquela cadeira? — Wexford voltou para sua mesa. — Eu fico aqui. O que quer me contar?

— Coisas que eu devia ter dito, mas não disse. Naquele dia, no seu carro. Quando me deu carona até o colégio. — Fez uma pausa e olhou diretamente para ele. — Megan não estava morta então. Ela se corrigiu: — Bem, estava, mas eu não sabia. Eu não queria comprometer minha irmã. Mas não se pode... bem, trair é o que quero dizer... não se pode trair quem está morto, pode? Mas eu não queria que ela estivesse com aquele Prinsip. Queria que ela tivesse se livrado dele.

— Sabia que Megan estava grávida, Srta. Bartlow?



— Lara, por favor! Oh, eu sei. Não que ela tivesse me contado. Foi minha mãe. Fico feliz em saber que não era daquele Keith. Não sei por que estou dizendo isso. O pobre bebê está morto também, não está?

— O que quer dizer com traição, Srta... Lara?

Ela o olhou. Não era mais bonita do que a irmã, mas Megan tinha um rosto que ele chamava de inacabado, como se fosse feito de argila e o ceramista, por tédio, não tivesse terminado o trabalho. O nariz era largo e grande demais, os olhos pequenos, a boca larga e irregular. A pele de Lara era também muito clara, mas ficaria vermelha com a idade e o cabelo era também fino como palha, mas havia firmeza naqueles traços, astúcia, determinação e talvez a qualidade de enfrentar as incertezas da vida.

— Acho melhor eu dizer, para começar, que não sei o que elas estavam fazendo, Megan e Amber. “Juntas em um negócio”, Megan dizia. E claro que perguntei qual era o negócio e ela disse que só contaria a quem também fizesse parte, se tivesse o que ela chamava de “qualificação”.

— Qualificação? — disse Wexford.

— Eu não tinha, ela disse, portanto, não adiantava pensar que podia tomar parte. Se eu não soubesse, ela disse, não poderia contar a ninguém. Não gostei muito porque foi por meu intermédio que ela conheceu Amber. Quer dizer, Amber era minha amiga. Eu disse que mesmo assim eu podia ir à polícia. Não é nada contra a lei, ela disse, e então, depois de pensar um pouco, disse que talvez fosse, se saísse do modo que ela esperava.

— Não eram drogas, eram, Lara?

Ela sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Eu sei que não era. Megan não tocava em drogas. Aquele Keith fuma baseado e sei que usa anfetaminas e ecstasy. Megan experimentou ecstasy uma vez depois que seu filho nasceu. Sabia que ela teve um filho quando tinha 15 anos? Mas passou mal. Eles levaram ela para o hospital, mas a danadinha se recusou a dizer qual era o problema...

bem, minha mãe disse que era envenenamento alimentar. Megan nunca tocou em drogas depois disso e não estava traficando. Eu sei.

Ao que parecia, Cartago fora finalmente destruída...

— Esse negócio, como você chama, Lara... tinha como objetivo ganhar dinheiro?

— Perguntei a ela. Megan disse que não dava para ganhar uma fortuna, mas dava para o gasto. Quando elas foram a Frankfurt, Megan iniciou Amber no negócio. Iam ver algumas pessoas e fazer o que Megan chamou de “transação”. Ela disse que aprendera a palavra com Amber.

— Mas o que era? — Wexford perguntou.

— Olhe, eu queria saber. Eu disse, você tem que me contar. Bem, você vai saber quando for a hora, ela disse. Para ser franca, acho que ela gostava de fazer mistério. Uma coisa eu sei. Começou com a Internet. Megan não tinha acesso então, mas Amber tinha. Mais tarde, quando Megan ganhou algum dinheiro, ela e Keith compraram um computador e todos os acessórios e aparelhos de CD e uma câmera digital. Mas não no começo. Por isso eu acho que começou com as duas, isto é, com uma espécie de sociedade.

“Megan foi comigo ao Bling-Bling uma noite. Prinsip estava em Brum, visitando seu velho pai. Acho que ele foi pago para viajar. Nada além de dinheiro o levaria a ir tantas vezes a Brum. Então, Megan foi ao clube. Isso deve ter sido... bem, no inverno. Fevereiro, eu calculo. Amber estava lá com Ben Miller e Samantha e... não lembro como saiu a conversa... Amber disse que procurava alguma coisa na Internet e Megan disse, oh, você tem sorte, ou coisa parecida. Compreende, acho que até então ela fazia o melhor possível no Internet Café. Sei que ela foi à casa de Amber em Brimhurst porque ela me disse que a casa era bonita. Ela a chamava de mansão. Essa era a palavra, mansão.

*Fevereiro, ele pensou.*

— Exatamente quando foi a viagem a Frankfurt? — Wexford perguntou. — Refresque minha memória.

— Ela nunca tinha ido à Europa — disse Lara. — Bem, só à França, para comprar bebida barata e cigarros com aquele tal de Keith. Megan me mandou um cartão-postal com a foto do hotel em que ela e Amber ficaram.

Outra vez aquela aceleração da corrente sanguínea, até o coração.

— Ainda tem o cartão?

— Não. Eu não guardei.

— Pena!

— Minha mãe também recebeu um. No dia vinte e dois de maio. Um mês depois houve o acidente na ponte. Os Hilland já tinham oferecido o apartamento e no começo de julho Amber fez dezoito anos. Aparentemente ela e Megan nunca mais viajaram. Amber foi morta em 11 de agosto e Megan exatamente três semanas depois, em 1º de setembro.

— Você visita sempre sua avó, Lara?

Foi uma pergunta de surpresa e Wexford notou que Lara não tinha gostado.

— Não tanto quanto deveria. A última vez deve ter sido há uns dois meses. — Outra vez olhou para ele diretamente. — Para ser franca, não gosto de atravessar o bosque. Bosques são amedrontadores.

— São mesmo? Por quê?

— Duas garotas foram assassinadas aqui desde agosto. Não quero ser a terceira. O homem que tentou matar Amber com aquela pedra pode ter passado pelo bosque.

— Megan nunca disse quem ele podia ser? Acho que ela o conhecia.

— Ela só conhecia a gente: minha mãe, Lee e eu. Ah, e Nana e o pessoal de Keith, mas odiava eles.

— Aquele bebê que foi adotado, ela nunca mais o viu?

— Era uma menina. Não, nunca. Megan era minha irmã e eu a amava, não quero que pense o contrário, mas ela era

muito fria quando se tratava de filhos. Jamais quis um, ela dizia e ficou satisfeita por se desfazer de Kili, o nome da bebê. Nem por um momento se arrependeu de ter dado a menina para adoção. Suponho que ia fazer o mesmo com esse.

## capítulo 18

Ele perguntou a Burden e Hannah:

— Qual qualificação Amber e Megan podiam ter em comum? Nada acadêmico, não é isso que estou dizendo. Alguma peculiaridade física?

— Ambas eram jovens — disse Burden. — Ambas mulheres brancas, caucasianas. O mesmo corpo, a mesma altura.

Hannah balançou a cabeça.

— Elas tinham muito mais que as diferenças uma da outra. Uma era bonita, a outra, não. Uma era loura, a outra morena. Uma vivia com o parceiro, a outra em casa, com a família. Uma deixou de estudar aos dezesseis anos, a outra ia para a universidade.

— Nada disso nos leva muito longe. — Burden deu de ombros.

Todos que entravam naquela sala gravitavam até a janela para contemplar o céu, as nuvens que se acumulavam, cor de tinta e de neve.

— Vi os empreiteiros que vão trabalhar no Victoria Terrace, William Fish e Filho, de Stowerton, e me disseram que não têm as chaves de nenhuma casa. Eles examinaram o local, claro, mas não têm as chaves. Fish diz que ninguém precisa de chave se quiser arrombar e invadir. Nenhuma entrada dos fundos estava trancada com segurança. Uma criança podia ter forçado a porta do número quatro.

— Como sabemos, Surrage-Samphire vai fazer a decoração. — Burden se sentou no seu canto favorito da mesa de Wexford. — Ross Samphire é o cabeça da sociedade e o perito em marcenaria. Esteve no Victoria Terrace e entrou em todas as casas, para avaliar o que

precisava ser feito em matéria de decoração. Ele parece um cara respeitável...

— Mas... — disse Wexford, citando sua peça favorita. — “Não gosto disso mas”... O que há de errado com ele, Mike?

— Deve ser preconceito — Burden disse. — É um homem bonito e sabe disso. Na sua sala de estar tem um nu enorme. Não entendo de arte, mas posso dizer que não é reprodução de alguma coisa que pode ser vista em galerias. É mais o tipo de material vendido nas lojas de faça-você-mesmo dos anos noventa. Não estou dizendo que é indecente. Há muitos pedaços de pano transparente flutuando no quadro. Mas Ross Samphire é casado e tem filhos. Não é o tipo de coisa que uma mulher queira nas paredes de casa.

Wexford deu uma gargalhada e Hannah o olhou fixamente. *Era um olhar indignado*, Wexford pensou, que combinava repulsa a Ross Samphire por aquele tipo de quadro, feminismo militante e desprezo impaciente pela filosofia de vida de Burden.

— Deve ser preconceito, como você diz — Wexford observou. — Quem é Surrage?

— O nome de solteira da mulher dele. Imagino que seja um modo de burlar os impostos. Ela não tem parte ativa na firma. O irmão se chama Rick. Mora em Pomfret e sua posição na companhia é de “secretário”. Mas todos eles têm apenas uma tênue conexão com a casa onde o corpo de Megan foi encontrado.

— Talvez — Wexford disse —, mas têm uma conexão bem complexa com vários aspectos do caso. Olhe por este lado: foram contratados para decorar o interior das casas no Victoria Terrace. Trabalharam para os Marshalsen fazendo decoração e foram recomendados aos Hilland pelos Marshalsen. Não há nada de sinistro em nada disso, mas é uma conexão tripla.

À medida que o céu ficava mais escuro, a pressão na cabeça de Wexford aliviava. Foi até o ar-condicionado, desligou-o e abriu duas janelas. Hannah ficou chocada.

Burden foi até a janela e respirou profundamente. Acima da linha do horizonte o contorno das terras baixas, uma árvore de luz, o tronco grosso contorcido e os galhos em fogo se erguiam em um brilhante deslumbramento.

— A tempestade está chegando, finalmente — Wexford disse.

— A Surrage-Samphire, chefe — Hannah disse para o computador de Wexford —, tem um website. Aqui está. — Burden olhava para a tela por cima do ombro dela. — Ross se orgulha muito de suas qualificações, diplomas e coisas assim. Uma porção de diplomas da prefeitura e dos sindicatos, treinamento na Escola William Morris e um ano estudando em Florença. Rick mal é mencionado aqui. Muita ilustrações de entalhes de madeira e de gesso e estatuária e...

O trovão estalou, depois reverberou e rolou, cortando sua frase no meio. Era como uma porção de barris sendo rolados da traseira de um caminhão para os porões de um bar. Ele ficou na janela. O vento tomou mais força, passando em segundos de uma brisa para um vendaval furioso que arrancava as folhas das árvores.

— Sabemos alguma coisa sobre onde essas pessoas estavam no dia vinte e quatro de junho?

— Ross estava de férias no Sul da Espanha com a mulher e os filhos — Burden disse. — Rick não sei onde estava. Ainda não falei com ele.

— Devia estar muito quente — disse Wexford, vendo os relâmpagos surgindo das curvas escuras do campo. Das nuvens espessas, púrpuras, cinzentas com bordas brancas, a chuva começou a cair em pingos grandes e grossos, fazendo marcas redondas no chão do estacionamento. De repente o dossel de nuvens pareceu se partir e em segundos a chuva caiu em lençóis. Wexford fechou os

vidros das janelas e a água batia dentro e fora deles. — Álibis para os dias e horas relevantes devem ser verificados. Provavelmente é só uma questão de eliminar pessoas da nossa investigação.

— Sim, a não ser por sua conexão tripla, que é bem, não temos razão para suspeitar deles. É como suspeitar de Jimmy Gawson por ter uma conexão tripla com a família Bartlow por empregar Megan, deixar que ela morasse em cima da loja e conhecer a avó.

— Talvez eu acredite nisso — disse Wexford.

Burden o ignorou.

— Perguntei a Ross sobre o dia 1º de setembro. Ele diz que estava com um homem que trabalha para ele, chamado Colin Fry, no velho prédio do Banco Westminster na High Street, das oito da manhã às quatro da tarde. Dá para ver o prédio daqui desta janela.

Estavam todos na janela, mas a chuva os impedia de ver o velho prédio do banco na esquina da Queen Street.

— Todos eles teriam acesso fácil a tijolos e blocos de concreto. Precisamos saber mais sobre esse Rick antes de começar a procurar mais pessoas que conhecem Victoria Terrace.

— Megan tinha alguma ligação com as casas? — Hannah perguntou.

— Pode ser uma boa ideia — disse Wexford — perguntar isso a Sandra Warner. E talvez a Lara Bartlow. Por falar nisso, existe um Sr. Bartlow?

— Ele mora em Pauceley, chefe. Casou-se outra vez e teve mais filhos. Acho que vale a pena fazer uma visita a ele.

Quando chegaram ao pé da escada, viram que era impossível sair pelas portas duplas com aquela chuva torrencial. O tipo de chuva dos trópicos, caindo reta, as torneiras completamente abertas. Era como se uma cortina escura transparente entre as portas e o estacionamento ocultasse os carros, as paredes e a rua. Tudo que se via



eram sombras negras e um curioso brilho enquanto a torrente despencava no cimento, saltava e se espalhava. Tudo estava escuro, mas brilhante, sem cor, incrivelmente molhado e as poças d'água cresciam como lagos e um milhão de gotas de chuva caíam em lençóis espessos. E o tempo todo os relâmpagos, agora em ziguezague, cortavam o céu, cada vez mais perto, e o trovão soava uma fração de segundo depois.



Donaldson estava preso no carro. Uma corrida de vinte metros para a porta o teria quase afogado. O sargento de plantão, Campbell, saiu de trás da mesa e duas policiais foram para a janela ver a tempestade. Quando Bal Bhattacharya saiu do elevador e atravessou o chão branco e preto na direção deles, Wexford viu Hannah virar a cabeça, e eles se entreolharam; ele compreendeu imediatamente aquele olhar. Desde que o que estava acontecendo não prejudicasse sua equipe...



Quando saiu para pegar os filhos na escola, Sylvia deu uma carona a Mary Beaumont, que esperava o ônibus.

— Meu marido levou o carro hoje — Mary disse, rindo.  
— Naomi chama isso de violência doméstica.

— Imagino que sim. — Sylvia riu também, sentindo-se mais atraída por Mary quando ela disse que esperava que tivesse notado que não a tinha visitado ultimamente.

— Como você e Naomi se conheceram?

— Oh, você não sabia? Foi no socc.

— O que é o socc, Mary?

— The Sussex Overcoming Childlessness Circle (Círculo de Sussex para Superar a Falta de Filhos). Eu ajudo um pouco com aconselhamento. Mas, voltando a nós duas... Você sabe que pode me visitar a qualquer hora. Se precisar de alguma coisa ou se alguma coisa a estiver perturbando. Vou dar o número do meu celular.

— Obrigada, mas eles cuidam de mim no centro pré-natal, você sabe. — Assim que acabou de falar, Sylvia achou que estava sendo fria demais. — Não quero que pense que não estou agradecida.

— Não há nada para agradecer. Pode me deixar na próxima esquina?

Mas quando chegaram à esquina, começou a chover e em minutos a água alcançou proporções torrenciais. Sylvia teve que estacionar o carro em linha dupla amarela. Não adiantou, podia ter continuado em frente. Os limpadores de para-brisa não davam conta, em minutos a rua estaria alagada. Recostada no banco, Sylvia sentiu o bebê se mexer com mais força do que nunca. Pela primeira vez, podia ver o movimento. Mary viu também e deu uma gargalhada.

— É um menino grande e forte, Sylvia.

— É uma menina.

— Naomi vai gostar. Eles terão que ficar com seus dois filhos na escola até a chuva passar.

— Se passar, e mesmo que não passe, você e seu marido não gostariam de tomar um drinque lá em casa por volta das seis?



Hannah via os Bartlow como o estereótipo da família de classe média e procurava disfarçar seu desprezo. A casa em Pauceley era semigeminada com três quartos e um pinheiro

norueguês (resto do último Natal), no jardim, e uma campainha que tocava como sinos de igreja.

Quase na certa esperando sua visita, a sala de estar — uma suíte de três peças, televisão, um pequeno terrier, um menino e uma menina sentados à mesa, fazendo o dever — estava imaculadamente limpa e arrumada, a mulher de Gary Bartlow com vestido de tarde e maquiada, Gary parecendo pouco à vontade com o terno que usava para trabalhar. Ele tinha percorrido um longo caminho desde seu casamento com Sandra Warner, mas provavelmente chegara até onde podia chegar. Hannah achava triste que um homem, para melhorar de vida, tivesse escolhido aquele objetivo — outro casamento vulgar (na opinião de Hannah), outra família tediosa, sem dúvida uma pesada hipoteca, quando podia ter uma vida livre, aventureira, ambiciosa. Burguês era a palavra adequada, e ela sempre pensava que era uma pena ter ficado obsoleta.

Tendo reunido a família para mostrar a Hannah, a Sra. Bartlow mandou os filhos e o cachorro sair da sala e deixá-la e o marido com a policial, como sem dúvida ela devia chamar Hannah. Gary começou a falar sobre Megan.

— Eu sempre visitava minhas filhas — ele disse. — Minhas filhas crescidas eu as chamava. Pobre Megan, foi terrível, não foi?

— Sim, foi terrível, Sr. Bartlow.

— Ela esteve aqui um pouco antes, sabia? No sábado. Deixe ver, em vinte e dois de agosto. O dia da Feira de Verão de Pauceley. É no campo ao lado do rio. Megan veio para a feira. Nunca pensei que não a veria mais.

— Não quero causar mais sofrimento, mas Megan disse alguma coisa sobre sua gravidez? O senhor sabia que ela estava grávida?

Ele fez uma careta, tristonho e resignado.

— Eu fiquei sabendo depois que ela morreu. Falei com a mãe dela. Não fazemos isso com frequência, mas conversamos depois que Meg... foi morta.

— Megan disse alguma coisa durante o almoço? Quer dizer, algo fora do comum, que não fosse assunto de família?

— Nada que eu lembre.

— Bem, se lembrar de qualquer coisa, Sr. Bartlow, fale conosco, certo?

Hannah voltou para a chuva torrencial de onde tinha vindo. O carro estava a mais de quatro metros, mas quando ela abriu a porta e sentou no banco do motorista, a água pingava de suas roupas e do cabelo. Tinha combinado sair com Bal naquela noite. Sair, não ficar com ele. A qualquer lugar que fossem ficariam encharcados, sem nenhuma cama quente esperando.



A tempestade continuou no vale de Kingsbrook. Um homem no campo de golfe de Sewingbury foi atingido por um relâmpago e morreu no buraco catorze. O rio Brim transbordou perto de Mill Lane, mas nenhuma água chegou às cozinhas e às salas de estar das três casas de Jewel Terrace. Os cabos elétricos em Brimhurst, Myfleet e no oeste de Kingsmarkham que não foram danificados pelos relâmpagos foram derrubados pelo vento e pela chuva. A luz se apagou na geladeira de Dora Wexford, o gelo começou a derreter no freezer, o forno parou, mas o gás ainda funcionava. Sylvia não tinha gelo para os drinques, quando os Beaumont chegaram apressados debaixo de guarda-chuvas, às seis.

## capítulo 19

O dia amanheceu tão escuro, que precisavam acender a luz, mas não havia luz. Ele tinha esquecido da falta de energia quando se levantou e não lembrou da conexão dessa falta com a água quente. Não havia água quente. Desde as férias na Espanha, há anos, ele não tomava um banho frio de chuveiro. O chuveiro frio era agradável então, mas muito diferente agora. Quando o primeiro jato de água fria atingiu seus ombros, ele pensou que ia morrer.

Dora dormia ainda, mas começava a acordar. Ele se perguntou por que devia levar o chá para a mulher, quando ela o tratava como se ele a estivesse traindo. Por se recusar a tomar uma atitude enérgica contra a filha? Não ia fazer isso. Ela que visse o que era indiferença. Então disse a si mesmo para não ser bobo. Era assim que os casamentos começavam a se desfazer. Eram os primeiros movimentos. Ele desceu, pôs água na panela, dois saquinhos de chá nas xícaras e acendeu o fogo.

“Espero que haja gás suficiente no bujão”, ele disse em voz alta.

A água pareceu levar uma eternidade para ferver. Ele levou a xícara para Dora. Ela estava sentada no lado da cama e tinha chorado.

— O que foi?

— O bebê — ela disse. — Não aguento isso. Não suporto pensar que nunca vou ver nosso neto. Não porque ele morreu... isso seria terrível, eu sei e não porque a mãe não tem condições de criá-lo, mas por causa de um capricho idiota. Uma das piores coisas jamais imaginadas no mundo em que vivemos.

Ele a abraçou, mas Dora ficou rígida e o empurrou.

— Nós nunca o veremos, ele ou ela. Mas vamos saber que está perto, a poucos quilômetros. No futuro, posso sair para fazer compras, ver meu neto e não reconhecer. Não poderei deixar de procurar seu rosto em todas as crianças que vejo. Por que você não vê isso como eu vejo? Por que tem que ser do modo que ela vê?

— Eu diria que é porque sou outra pessoa. Diferente.

— As pessoas casadas devem ser uma só pessoa.

— Lamento, mas isso é idealizar demais. Temos que concordar em que somos diferentes. Está bem? Não gosto desse negócio tanto quanto você, você sabe. Só não vejo nada que se possa fazer agora. Não podemos nos afastar da nossa filha e pensar... bem... vamos mandá-la para Coventry por algum tempo e depois ficaremos juntos outra vez. Porque isso jamais desaparecerá. Como você diz, ele ou ela vai estar muito perto de nós. Sylvia também será afetada por isso, ela pode dizer o que quiser. Vai precisar de nós porque, pensando bem, na verdade não terá ninguém mais.



O mesmo tipo de tijolo, possivelmente o mesmo tijolo, fora usado para matar Megan e Amber. Um tijolo, como disse o plintólogo, um dos milhares iguais a ele. Nenhum deles existia nas proximidades de Victoria Terrace porque não seriam usados para a reforma e redecoração. *Mas podiam ser encontrados*, Wexford pensou amargamente, em quase todos os outros canteiros de obra do país, até no campo. William Fish ou um dos dois homens que trabalhavam para ele, Ross Samphire, seu irmão ou o auxiliar que trabalhava com ele na casa dos Hilland, qualquer um deles podia ter apanhado um tijolo a poucos metros de suas casas.

No lado da colina, atrás da cidade, as luzes se acendiam nas casas que estavam às escuras desde a tarde anterior. As luzes da casa deles também tinham voltado e ele poderia tomar uma ducha quente de manhã. Ele tinha chamado a ligação de Samphire com o caso de conexão tripla, mas não seria na realidade, quádrupla? A Surrage-Samphire trabalhara na construção do estúdio de Marshalson. Fizera decoração para os Hilland. Ia começar a trabalhar na casa em que Megan fora encontrada. E Ross Samphire conhecia Amber. Não apenas de vista, pois na última vez em que ela tinha estado na casa dos Hilland ele conversava com Vivian Hilland. Estava falando com Vivian quando Amber e Brand chegaram. Portanto, eram quatro conexões, embora todas tênues. Chamou Hannah pelo interfone e quando ela chegou, disse:

— Vou até a casa de Sandra Warner e quero que vá comigo.

— Certo, chefe.

— Vamos a pé.

Sem dúvida ela teria preferido a companhia de Baljinder. Isso era natural. Caminharam em silêncio, ele pensando na filha e nos filhos dela. Como Dora, começava a imaginar se as coisas jamais seriam as mesmas em uma família em que um dos membros fora levado embora, se os outros, mãe, avós, até irmãs e primos poderiam esquecer, poderiam jamais perdoar. Pela primeira vez ele se perguntou como teria sido para a família de Sandra Warner quando Megan dera seu bebê para adoção. Segundo Lara, ela falava disso com convicção, como se essa entrega da criança fosse tão obviamente sensata que não houvesse dúvida a respeito. Será que ela pensava mesmo assim ou estava apenas tentando ser corajosa? E Megan? Como ela era realmente? Como sua Sylvia ficaria mesmo, quando tivesse o bebê e o pusesse nos braços de Naomi Wyndham?

Wexford não disse palavra durante dez minutos e foi Hannah quem falou primeiro, perguntando em voz baixa,

em vez de seu tom comum, sobre o que tratariam na casa da Sra. Warner.

— Samphire — ele disse. — Vamos descobrir se ela o conhece. Falar da gravidez de Megan. Ela pode esclarecer alguns desses pontos? Estou fazendo isso — ele acrescentou, amargamente — porque, para ser franco, sargento, não sei o que fazer mais. Não temos nada, exceto o fato de Ross Samphire ter sido contratado para trabalhar no Victoria Terrace e Ross Samphire ter visto Amber uma vez. Isso é tudo.

Subiram a escada de cimento dos apartamentos no Muriel Campden Estate e seguiram pelo corredor até a quinta porta do apartamento de Sandra Warner. Lara já saíra para a faculdade. Lee Warner estava na frente da televisão, os ombros curvados e a cabeça para a frente como uma tartaruga. Mas as louças do café tinham sido tiradas da mesa e Sandra, sem seu roupão, vestia um conjunto de ginástica malva. Lee ignorou os dois policiais. Pelo que lhe dizia respeito, eles podiam nunca ter entrado; para surpresa de Wexford, Sandra pareceu contente com a presença deles e gratificada com a visita, que aparentemente interpretou como de pêsames.

— É muita bondade sua. Nós agradecemos, não é mesmo, Lee? — Nenhuma resposta do espectador da televisão. — É verdade o que a minha Lara diz, a polícia é agora mais amistosa com a comunidade.

— Então, talvez possa nos dar alguns minutos de seu tempo, Sra. Warner — Wexford disse. — Quero fazer algumas perguntas.

— Tudo bem — Sandra disse, gentilmente. — O que quer saber?

— Número quatro do Victoria Terrace — Hannah começou. — Sinto ter que fazer a senhora lembrar o lugar em que sua filha foi encontrada.

Sandra respondeu com a maior boa vontade:

— Tudo bem.



— Ela conhecia a casa? Alguma vez falou nela? Disse que tinha estado lá?

— A mim, nunca. É engraçado ter perguntado, porque minha Lara me disse ontem: “Meg nunca mencionou aquele lugar, mencionou?”, ela disse. “O que a fez ir lá?”

— Na ocasião de sua morte — Hannah disse — Megan estava grávida de aproximadamente quatorze semanas.

— Tanto assim?

— Cerca de quatorze semanas, sim. Isso nos leva ao fato de o bebê ter sido concebido mais ou menos na última semana de maio.

— Certo... — Sandra disse, sem segurança.

— Megan esteve em Frankfurt, na Alemanha — disse Wexford — de 22 a 25 de maio. Tem ideia de que ela possa ter conhecido o pai de seu filho naquele fim de semana?

— Bem, ela nunca falou nada. Compreenda, ela não queria falar. Não estando com Keith. Quer dizer, era quase como se fossem casados, não é mesmo?

— Alguma vez ela mencionou o nome Samphire com a senhora?

Antes que Sandra pudesse responder, Lee virou-se para trás e disse, irritado:

— Não podem ir para outra sala? Não estou assistindo a um filme, mas ao campeonato.

— Vamos para a cozinha, amor. — Sandra se virou para Wexford. — Vou fazer chá. Tenho certeza de que é o mínimo que posso fazer.

A cozinha mal dava para três pessoas. Wexford ficou espremido contra a geladeira com a porta cheia de ímãs de ursinhos e patos. Hannah teve que sentar num banquinho e Sandra, esperando a chaleira ferver, encostou-se na máquina de lavar.

— Samphire — Wexford disse, tentando reavivar a memória dela.

— Nunca ouvi esse nome.

— Alguma vez ela falou em alguém chamado Ross?

— Não a mim.

A xícara foi passada a Wexford. Ao estender o braço para tirá-la da mão de Sandra, ele roçou na porta da geladeira e soltou um dos cartões e o ímã de ursinho.

Ficar de quatro naquele lugar não muito limpo não era agradável, mas ele o fez assim mesmo: pegou o cartão e viu outro menor embaixo da geladeira. Talvez tivesse sido tirado do lugar da mesma forma há semanas.

Wexford o reconheceu imediatamente. O cartão mostrava uma casa de telhado vermelho pontudo, venezianas verdes, uma tabuleta que dizia HOTEL DIE VIER PFERDE acima de uma foto de quatro cavalos marrons com crinas louras, puxando uma carruagem. A data do correio era 22 de maio. Antes do recente casamento de Sandra, e Megan o endereçara à Sra. Sandra Lapper.

Com mão trêmula, tinha escrito:

*Queria que você estivesse aqui. O sol é bonito. Com amor, Meg.*

— É o cartão que Megan mandou da Alemanha para a senhora?

— Deixe-me ver. Sim, é. Eu estava imaginando onde tinha ido parar. Engraçado o que está escrito, não é? — Examinou as letras góticas do nome do hotel. — Parece chinês. Como eles conseguem ler isso?

— Posso ficar com ele?

— Ah, não sei. É a última coisa que tenho dela. Acho melhor guardar. Eu me sentiria mal se desse ao senhor.

Eles saíram logo depois. Wexford subiu para o escritório e, notando que eram onze da manhã no continente europeu, uma hora a mais do que ali, pediu à telefonista internacional de informações o número do Hotel Die Vier Pferde, em Frankfurt.



O prédio na High Street de Kingsmarkham antes do Banco Westminster fora construído quando os bancos ficavam em grandes edifícios, tijolos vermelhos ou estuque branco com pórticos e portas duplas de carvalho, grandes janelas e, dentro, tetos decorados, painéis de madeira tropical de lei e chão de mármore. Como o Victoria Terrace em Stowerton, devia ser transformado em apartamentos de luxo e o trabalho de conversão já havia sido feito. Burden encontrou Ross Samphire sozinho. Ross dava os toques finais nos painéis do vestíbulo da cobertura, o design era muito parecido com os da casa dos Hilland.

Quando conheceu Ross na casa dos Hilland, Wexford notara que ele era um homem bonito, com olhos azuis e traços clássicos. Se Wexford estivesse ali, teria pensado agora que o rosto dele parecia muito com o *Davi* de Michelangelo, mas um Davi perto da meia-idade. Essas comparações jamais ocorriam a Burden. Ross largou a ferramenta que segurava, aproximou-se dele e trocaram um aperto de mãos. Tinham se encontrado antes na casa de Ross, portanto, isso não era estranho, talvez ele quisesse apenas ser amável e cooperativo. Mesmo assim, para Burden pareceu que o homem queria se colocar no mesmo nível de um policial de alta patente, mostrar que estava do lado do policial, e não, como Wexford diria — Burden o tinha ouvido dizer muitas vezes — ele e Samphire contra o mundo.

— Sinceramente, não posso dizer que conhecia Amber Marshalson, inspetor Burden — Ross disse, usando estilo e sobrenome como um igual, quase um amigo. — Talvez tenha conhecido. Simplesmente não lembro.

— Era uma moça muito bonita.

— Bem, inspetor, sou feliz no meu casamento. Não olho para garotas desde que me casei. Quer saber o que digo a mim mesmo? Eu digo, o que meus filhos vão pensar de mim se me virem olhando garotas?

Burden pensou no nu na sala de estar dele.

— Deixe-me refrescar sua memória. Acho que conheceu Amber na casa da Sra. Hilland, em julho. Ela chegou com o filho.

Ross fez um gesto teatral, inclinou a cabeça para trás, passou a mão na testa e deu um soco no ar.

— Tem razão, tem razão! — exclamou. — Meu Deus, eu tinha esquecido.

*Grande desempenho*, pensou Burden.

— Onde mora, Sr. Samphire?

A pergunta o surpreendeu.

— Pauceley Avenue. Por quê?

— Talvez também possa se lembrar de ter visto Megan Bartlow. Quando ela visitava o pai em Pauceley, costumava voltar sozinha para o ponto de ônibus na Pauceley Avenue.

Ross não respondeu, apenas balançou a cabeça. Talvez pensasse que não podia ser responsável por todos que passavam por sua casa através dos anos. Burden perguntou se Colin Fry estava no prédio, ele disse que não. Colin tinha outros empregos, além de ajudar Ross. Passos soaram na escada. Era a escadaria do banco, de mármore com corrimão de ferro batido, que agora servia a todos os apartamentos, e os passos soavam fortes na pedra. Uma expressão estranha apareceu no rosto de Ross. Se tivesse de defini-la — e Wexford seria melhor nisso — Burden a chamaria de “carinhosa”. Talvez “de consideração” fosse melhor, ou até mesmo “protetora”. Mas Ross não expressava seus sentimentos em palavras. Um homem entrou na sala, com um grande livro de folhas soltas.

Por mais incrível que fosse, o homem era o irmão gêmeo de Ross. Era Rick Samphire, da mesma idade que Ross, nascido na mesma hora. Superficialmente ele não era em

nada igual a Ross, mas Ross seria assim se tivesse estado confinado por dois anos em um campo brutal de concentração. Parecia gasto, a sombra de um homem, o cabelo escasso e grisalho, o rosto enrugado, as faces encovadas e os olhos sem brilho. Só o perfil que ele virou para Burden era idêntico ao do irmão.

Ross disse gentilmente, pondo a mão no ombro dele:

— Está tudo bem, Rick. Nada para se preocupar, mas este senhor é da polícia, inspetor Burden.

Rick Samphire olhou para Burden com a expressão de horror que se vê no cinema quando a personagem enfrenta a besta das profundezas do oceano. Ele afastou a mão de Ross, correu para a porta e desceu a escada. Sem esperar a explicação ou as desculpas de Ross, Burden foi atrás dele.

## capítulo 20

A gerente atendeu o telefone. E então a animação de Wexford despencou, seu entusiasmo caiu e ele teve certeza de que, de algum modo, em algum lugar, o cartão-postal o tinha levado a uma pista falsa. Pois Frau Stadler, ao verificar rapidamente as listas dos hóspedes no computador, e ao verificar outra vez a pedido dele, não encontrou registro da Srta. Megan Bardow nem da Srta. Amber Marshalson em maio ou qualquer outro período, separadas ou juntas. Ele perguntou se era possível hospedar-se no hotel com nome falso. Frau Stadler pareceu chocada com a sugestão.

— Pedimos os passaportes aos nossos visitantes e os guardamos por doze horas. Se um visitante tem um passaporte falso... — Deixou no ar a monstruosa sugestão.

— Um cartão-postal foi enviado de seu hotel para a Inglaterra, em 22 de maio — Wexford disse. — Um visitante hospedado em outro lugar pode entrar no seu hotel e comprar um cartão-postal na recepção? Isso acontece?

— Não gostamos disso. Nós... qual é a palavra... desencorajamos isso. Mas naturalmente acontece, especialmente quando há muita gente na recepção e a pessoa está ocupada. É possível que uma das senhoras que mencionou tenha entrado no hotel, talvez tomado chá ou encontrado uma amiga no bar e tenha comprado um cartão-postal. Isso não podemos impedir.

Ele podia imaginar isso facilmente. Seu conhecimento da Internet ainda estava na infância — talvez nunca passasse da segunda infância — e sua primeira tentativa para encontrar um catálogo de hotéis em Frankfurt de algum modo o levava a uma lista dos filmes de Franksenstein. Mas finalmente conseguiu o que queria. O

Hotel Die Vier Pferde (aparentemente assim chamado pelos Quatro Cavaleiros do Apocalipse quando o hotel ou seu antecessor estava na Idade Média) era um hotel quatro estrelas, descrito como “confortável, com algumas suítes luxuosas, cozinha excelente, uma estrela no Guia Michelin e agradável jardim interno”. Evidentemente não era o tipo de hotel que Megan e Amber teriam usado. Provavelmente tinham ficado no equivalente alemão de um B&B e ido ao Die Vier Pferde, como Ingrid Stadler sugeriu, e comprado o cartão depois de beber no bar. Era o tipo de coisa que as jovens gostavam de fazer, fingir, “de brincadeira”, que estavam hospedadas em um hotel quatro estrelas quando, na realidade, compartilhavam um quarto de pensão com banheiro no fim do corredor. Nada disso sequer começava a explicar por que elas haviam ido a Frankfurt.



Perseguir um homem que fugiu ao saber que você era policial era uma coisa que se fazia rotineiramente. Burden fazia isso desde os dezoito anos. Às vezes pegava a presa, outras vezes, não. Hoje seria uma das segundas vezes. Rick Samphire tinha boa distância sobre ele e embora parecesse fora de forma, conseguiu desaparecer entre as portas provisórias na frente do prédio do velho banco. Burden se moveu penosamente até a escada de mármore, para onde Ross tinha calmamente voltado ao trabalho.

— O que foi isso? — Burden perguntou.

Com o sorriso encantador que parecia ser sua principal mercadoria, Ross largou as ferramentas e falou pacientemente.

— Tem que compreender que meu irmão é... não perturbado, eu não diria perturbado. Não é doente mental, mas é muito nervoso. Ele passou por muita coisa.

— É mesmo?

— As pessoas o trataram mal. Perder os filhos é muito duro para um homem, especialmente quando ele acha que não está fazendo nada para merecer isso.

— Então ele foge quando vê um policial?

— Bem, na verdade, é o que ele faz. Vai descobrir, portanto, acho melhor contar. Ele foi condenado duas vezes. Esteve na prisão. Mas é completamente inofensivo. Faço questão de dizer que vejo como minha missão na vida tomar conta dele. Meu irmão gêmeo e tudo mais, sabe como é. Para ser franco, ele não é capaz de manter um emprego de secretário de uma companhia, não é um verdadeiro contador, mas... bem, como eu disse, tomo conta dele. Suponho que vai me julgar um tolo se disser que eu o amo.

Vendo o sorriso doce e triste, os cantos daqueles olhos azuis enrugados, as sobrancelhas negras erguidas, Burden não teve qualquer intenção de dizer o que pensava sobre amor fraterno ou qualquer outra coisa.

— Então são gêmeos. Nem parecem irmãos. Não são muito parecidos.

— Éramos antes.

O tom de Ross foi tristonho, mas Burden teve a impressão de que gostara quando ele disse que os dois não se pareciam em nada. Para ser franco, ninguém ia querer se parecer com Rick Samphire.

— Onde ele mora?

— Potter's Lane, Pomfret. Tenha paciência com ele. Rick é inofensivo.

Mas Rick não estava em casa quando Wexford e Burden chegaram a Potter's Lane. Era uma rua de casas diferentes, paralela àquela em que morava Paula Vincent.

O número vinte e seis era um bangalô entre uma pequena vila de tijolos vermelhos e um bloco com apartamentos dos anos trinta com caixilhos de metal nas janelas e uma alegre porta de entrada. A aparência da casa



de Rick era tão nua e tristonha, que chegava a ser sinistra. A tinta das paredes era descascada, várias telhas faltavam no telhado raso, a passagem de concreto estava rachada. Nenhuma planta ou árvore crescia perto dela. A parede da frente tinha sido removida e o antigo jardim, cimentado como um estacionamento, para o carro de Rick.

Depois de mais ou menos dez minutos, eles viram um Volvo azul virar a esquina de Pomfret High Road e parar no jardim cimentado. O homem que Burden tinha perseguido na escada desceu do carro e, sem olhar para eles, andou pelo caminho de concreto, os ombros curvados e a cabeça abaixada para se proteger da chuva. Andava como um homem que deixou de resistir e sabe quando abandonar a esperança. Quando ele entrou na casa e fechou a porta sem olhar para trás, Wexford e Burden saíram do carro e atravessaram a rua. Estavam a meio caminho da passagem de concreto quando Rick Samphire abriu a porta e ficou à espera deles, de cabeça baixa. Era como se tivesse sido chamado para sua execução.

Sobre o interior da casa, Wexford disse depois, que se tivesse que morar ali cometeria suicídio. A pequena sala dos fundos para onde Rick os levou tinha uma televisão e um sofá velho coberto de veludo vermelho rasgado e muito sujo e um banquinho de cozinha com assento de plástico. As janelas não tinham cortinas, nenhum tapete cobria o assoalho nu de madeira. Um calendário mostrando tristonhos veleiros pendia da parede, sem nenhum quadro.

Mas foi o que viram de fora da sala, no corredor estreito que ia da porta da frente até os fundos da pequena casa, que os fez acreditar que estavam no lugar certo, e iam falar com o homem certo. No fim do corredor, em um dos braços do cabide, estava um agasalho de pele cinza com capuz.

Se Rick Samphire os viu olhar o agasalho, não demonstrou. Sua expressão continuou a mesma. Os olhos pareciam mortos. Wexford e Burden se sentaram e, depois de pequena hesitação, Rick se sentou também, na ponta do

banquinho, as mãos pendendo entre os joelhos. Wexford começou perguntando se ele conhecia Amber Marshalson e mostrou uma foto dela, depois fez a mesma pergunta sobre Megan Bartlow e mostrou a foto.

— Eu não sei. — Foi a estranha resposta.

— Não as conhecia, Sr. Samphire, ou não sabe se as conhecia?

— Eu não sei — Rick repetiu. — Não sei se conhecia elas. Posso ter visto. Não lembro. Tenho péssima memória. Minha ex-mulher destruiu minha memória.

Resolvido a não continuar com aquela abordagem, Wexford perguntou se ele conhecia o bosque Yorstone.

— Qual? — A atitude de Rick tinha mudado. De repente ele ficou um pouco desconfiado, aparentemente consciente de que devia agora ter cuidado com o que ia dizer, ser astuto.

— O bosque Yorstone. Fica ao sul de Kingsmarkham-to-Lewes, mais ou menos no meio entre Stringfield e Pomfret Monachorum. Já esteve lá?

— Eu não vou a bosques — disse Samphire. — Por que iria?

— Não sei, Sr. Samphire. Diga-me o senhor.

— O senhor esteve no bosque Yorstone na noite de vinte e quatro de junho? — Wexford perguntou. — Estacionou o carro no bosque e foi a pé até a ponte Yorstone, passou pelo chalé do lenhador, carregando uma mochila com uma arma na forma de um bloco de concreto?

— Na forma de quê?

— Um bloco de concreto.

— Nunca estive lá. Nunca.

— Quando estive no bosque Yorstone e na Mill Lane em Brimhurst, estava com aquele agasalho cinza de capuz?

Silêncio. Então Rick disse, em tom vagaroso e truculento.

— Não quero falar com vocês. Já tive muitos problemas com a lei. A lei sempre me perseguiu. Tirou minha casa,

meu dinheiro e meus filhos.

— Sr. Samphire — disse Wexford —, gostaríamos de saber onde estava na noite de 24 de junho, na noite de 10 para 11 de agosto e na manhã de 1º de setembro. Isso é muito importante. Talvez queira pensar um pouco e nos dizer quando voltarmos amanhã.

— Não vou estar aqui. Amanhã vou estar no prédio do velho banco.

— Nós o veremos lá — disse Burden. — Às nove horas.



O Volvo azul estacionado no pedaço de cimento era um carro velho, talvez tivesse quinze anos, a pintura há muito perdera o brilho. Estava cheio de arranhões, alguns antigos, outros não tão antigos, e alguns aparentemente novos. Eles o examinaram por fora, olhando para os arranhões, antes de partir.

Wexford falou de Rick Samphire para toda a equipe.

— O irmão nos informou voluntariamente que ele cumpriu pena. Por qual delito, não sabemos. Não sei se ele matou aquelas duas moças. Por enquanto não tenho ideia de onde ele estava nas datas relevantes. Talvez ele possa apresentar álibi satisfatório e talvez não possa. Não precisamos encontrar um motivo, como vocês sabem, mas acho que todos nós gostaríamos de estabelecer alguma razão para esses crimes aparentemente sem motivo. O que enfaticamente não quero é dar a esta equipe a reputação de prender e levar a julgamento pessoas contra as quais as provas são questionáveis e sobre as quais sabemos pouco. Não importa o que o *Courier* diga de nós. Podemos fechar os olhos e os ouvidos para isso. Pela reputação desta força, não prendemos um homem que tenhamos de soltar depois de trinta e seis horas porque a prova é fraca e ele, com

alguma ajuda dos amigos, possa estabelecer um álibi sólido.

Burden disse:

— O carro dele está muito arranhado. Pode ter sido dos galhos baixos do bosque Yorstone e ele tem um agasalho de pele com capuz. Provavelmente pelo menos uns cem homens nesta área têm um igual.

Hannah levantou a mão.

— O motivo tem a ver com o que Amber e Megan estavam fazendo. Pode até não ser ilegal. Mas, sim, acredito que as duas foram assassinadas por causa disso.

— Por falar em convicções, senhor — disse Barry Vine —, escrevi no meu relatório, mas pode ajudar a todos aqui saber por que Rick Samphire cumpriu pena. Ele tem uma condenação por atacar a ex-mulher, Alison. Quebrou a mandíbula dela e duas costelas. E foi condenado outra vez por socar um homem dentro de um bar em Myringham.

Wexford agradeceu a Vine e disse:

— Quero que todos investiguem o passado de Samphire. Não apenas de Rick, mas de Ross também. Até agora tudo que temos são opiniões de que eles são o máximo, dizem todas as pessoas, e não acredito que ninguém possa ser tão puro e excelente. — Olhou para Burden. — Não, Mike, não posso dizer que concordo com você, que ter um nu ousado na sala de estar constitui falta de virtude.

Vine e o detetive Coleman riram e Burden teve humor e riu com eles.

— Agora, será que alguém pode, por favor, acessar o site da Surrage-Samphire no computador e pegar todas as informações que conseguir? Não é um mau começo.



Ficou atrás de Bal no escritório e quando ele saiu do programa que tinha estudado, pediu para pôr o site da Samphire na tela. Bal tinha digitado `www.surrog` quando Wexford o fez parar, dizendo:

— Desde quando você não sabe soletrar, Bal?

Bal parou com as mãos no teclado.

— Onde eu errei, senhor?

Wexford não respondeu. Olhava para o erro de Bal.

— Acho que você fez tudo direito. Não mude nada, apenas acrescente A, C e Y, está bem?

Intrigado, Bal obedeceu. Em vez de *surrog*, ficou *surrogacy*<sup>1</sup> por procuração.

— Parabéns. — Wexford bateu de leve no ombro dele. — Sabendo soletrar você resolveu um mistério que tem me atormentado nos últimos dois meses. Agora, imprima tudo que puder sobre “por procuração”, está bem? Tudo que for oferecido.

---

<sup>1</sup> *Surrogacy* = substituição. *Surrogacy* é o ato de uma mulher ter um bebê para outra que não pode ter filhos.(N. da T.).

## capítulo 21

Fui um tolo — Wexford disse — devia ter sabido há semanas. Minha filha está fazendo isso e mesmo assim eu não vi. Se não era droga, se não era prostituição, o que mais podia render dinheiro em maços de mil libras do que ser mãe de aluguel? — Ele jogou as folhas impressas na mesa, na frente de Burden. “Pais em perspectiva”, “Mãe de aluguel é a resposta aos seus sonhos”, “Gestação por procuração ou mãe de aluguel”, “Procuração direta”. Ouça isto: “Procuração direta é quando o ovo da mãe substituta e o esperma do pai em perspectiva são usados. O processo pode ter lugar em uma clínica de fertilização *in vitro*, mas geralmente a técnica de inseminação artificial é realizada em casa. O bebê é biologicamente filho do pai em perspectiva e da mãe por procuração. A procuração de hospedeira usa os ovos da mãe em perspectiva combinados com o esperma do marido ou doador. Um bebê concebido por esse método não tem qualquer conexão biológica com o substituto...’ Sim, sim, bem, sabemos agora. Posso ter dificuldade para entender as coisas, mas conheço os fatos da vida há meio século. Não era esse tipo de procuração que Amber e Megan estavam fazendo.” Burden examinou os impressos de computador e balançou a cabeça.

— Diz aqui, e acho que eu sabia, que é ilegal fazer anúncio para esse tipo de coisa neste país. Recomendam procurar uma agência especializada.

— Não acho que Megan e Amber tenham feito isso, você acha?

— Está dizendo que não faziam nada ilegal?

— Tenho certeza de que faziam muita coisa ilegal. Sente-se, vou contar uma história. Parte será invenção minha, mas não tudo. Começou provavelmente quando Megan leu

uma reportagem no tabloide, uma dessas reportagens sobre uma mãe substituta que se recusava a entregar a criança que trouxera ao mundo. Talvez tenha lido também que essa mulher tomou conhecimento desse método pela Internet. Mas Megan não tinha acesso à Internet. Todo aquele equipamento na casa dos Prinsip Bartlow chegou mais tarde, resultado do dinheiro ganho indevidamente. O único acesso que Megan tinha a um computador era em um desses Internet Cafés, sem muita utilidade, uma vez que ela não sabia usar. A irmã Lara sabia, mas pedir a ela significava fazê-la confidente do plano.

— Então ela conheceu Amber — Burden disse.

— Então ela conheceu Amber. No Bling-Bling Club, onde Lara a levou certa noite. Não sei quando ou onde o assunto veio à baila, mas posso ver que as duas tinham uma coisa em comum. Eram ambas muito jovens, Megan com dezenove e Amber com dezessete anos, mas as duas tinham um filho. Essa era a “qualificação” que Megan disse que Lara devia ter. O que seria mais natural do que, sentadas uma ao lado da outra, começassem a falar sobre o que tinham em comum? Não estou sugerindo que tenham falado sobre maternidade de aluguel no primeiro encontro, mas acredito que tenham combinado se encontrar talvez em algum café e depois na casa de Amber, onde ela podia acessar o computador.

— Está dizendo que no encontro no café, digamos, Megan delineou o plano que tinha para as duas se estabelecerem como mães substitutas? Não “hospedeiras”, mas mães “diretas”?

— Exatamente. Megan não pretendia ir a clínica alguma de inseminação *in vitro* ou agência de mães substitutas. Primeiro tinham que encontrar tudo o que pudessem na Internet, que Megan não podia usar e Amber não tinha muita experiência, mesmo tendo computador em casa. Sua madrastra sabia usar, mas pedir a ela obviamente não convinha. John Brooks, por outro lado, sabia tudo sobre

computadores e podia ajudar. Sabemos que ela pediu porque ele nos contou.

— O quê? Pediu que ele acessasse um site de mãe de aluguel para ela?

— Talvez tenha pedido que encontrasse o site para ela e o que ele encontrou pôs ideia na cabeça dele e Brooks contou à mulher, que tanto queria um filho. Ele não queria que soubessem disso, daí mentiu para Hannah. Mas, voltemos a Amber e Megan.

— Não podiam fazer mais nada sem procurar uma agência de mães substitutas, ou que alguma delas pusesse um anúncio. Mas não é ilegal procurar uma agência e ser apresentada a casais que precisam de mãe de aluguel para dar um filho a eles. Acho que conheço alguém que sabe tudo sobre essas agências...



O aroma do forno de Sylvia era uma das coisas mais gloriosas que Wexford já sentira. Que continha vários tipos de carne era indiscutível, mesmo que Naomi Wyndham não tivesse condenado isso para uma mulher grávida, crianças e, na verdade, para todo mundo exceto talvez Wexford, que ela considerava viciado em carne há tempo demais para ser salvo. Ele estava na cozinha da filha com Dora, Naomi e Mary Beaumont, criadora do que ela chamava de *cassoulet*; os ingredientes eram ganso, porco, bacon, vagens e ervas.

— Eu quero só legumes — disse Naomi com um estremelecimento teatral. — Se eu comer isso vou imaginar o tempo todo o que estará fazendo com minha aorta.

Mary riu.

— Já vi algumas aortas, querida, por dentro e por fora — ela disse —, e acredito que é melhor não saber que temos uma.



— Beba mais um pouco de vinho, papai — Sylvia disse.  
— Mamãe pode levar o carro.

— Só mais um clarete — disse Wexford. — Naomi não vai objetar a uma dose de vinho tinto. Até o Dr. Atkins é a favor. — Naomi começou uma ardorosa denúncia contra a dieta do Dr. Atkins quando ele a interrompeu: — Naomi, você é uma mulher sensata — *que Deus me perdoe!* —, portanto, não vai se importar com uma pergunta. Quando você e Neil resolveram que queriam encontrar uma mãe de aluguel, eram membros de alguma organização contra a infertilidade?

— De duas. Bebês para Todos e socc.

— socc?

Foi Mary quem respondeu:

— The Sussex Overcoming Childlessness Circle. Eu trabalho para eles.

— Você é enfermeira, não é?

— Parteira, meu querido. Meu trabalho para o Círculo é voluntário.

Naomi deu uma risada tilintaste.

— Anunciar para mães de aluguel e anunciar você mesma como mãe de aluguel é contra a lei, mas nada impede que as pessoas se encontrem para falar dessa grande tragédia em suas vidas. Nada nos impede de levar alguém que talvez esteja pensando em ser mãe substituta, como você faz questão de dizer nas reuniões do Bebês para Todos.

— Ou, suponho que ela ofereça em particular seus serviços a um casal que seja membro.

— Isso, também, claro.

— Seriam tolos se não verificassem tudo sobre ela antes de resolver alguma coisa — Mary disse, com convicção.

Wexford disse, com ar pensativo:

— Mas as pessoas geralmente são tolas e descuidadas quando estão desesperadas. E é difícil pensar em alguma

coisa pela qual uma mulher possa estar tão desesperada quanto para ter um filho.

Para sua surpresa, Naomi apertou a mão dele ardorosamente. Wexford foi bom para ela, mal podendo acreditar que aquela mulher que ele considerava superficial e vazia, fosse capaz de um sentimento tão profundo. Lágrimas brilhavam nos olhos dela.

Com uma exclamação abafada de impaciência, Dora perguntou:

— Afinal, o que você quer saber? Está tão acostumado a interrogar que faz isso onde quer que esteja.

Wexford riu.

— Desculpe. Vou calar a boca. Podemos comer agora, Sylvia? Este cheiro delicioso é quase demais para mim.



Quando chegaram ao velho prédio do banco às nove da manhã seguinte, Ross Samphire estava outra vez sozinho.

— Rick vai chegar logo — ele disse. Estava em uma escada de alumínio, pregando frisos e flores no centro rosa do teto.

— Ele não vai fugir quando me vir, vai? — Burden disse secamente. — Não quero correr atrás dele pela High Street outra vez.

— Garanto que não. Deixe comigo. Aqui está ele.

Uma noite de sono em nada tinha melhorado a aparência de Rick Samphire. Vendo os dois juntos pela primeira vez, Wexford se admirou de que aqueles dois homens pudessem ser gêmeos. Ross desceu da escada e disse com um sorriso:

— Oi, Rick, como vai?

Pareciam modelos de um comercial de “antes” e “depois”. Rick falou a frase mais longa que já tinham

ouvido dele.

— Se tenho de falar com vocês, quero que seja na presença do meu irmão e não quero ir a lugar algum onde meu irmão não possa ouvir o que eu digo e o que vocês dizem.

A expressão gratificante de Ross foi quase cômica. Sorriu e apertou o ombro de Rick.

— Não tenho objeção à presença de seu irmão — Wexford disse. — Primeiro, quero saber onde você estava na noite de 24 de junho, entre vinte e vinte e duas horas.

— Ross estava de férias — ele disse como se o paradeiro do irmão fosse a coisa mais importante. — Eu estava na Mermaid com Norman.

Wexford notou que ele não precisou pensar, que não hesitou em dar um nome e um lugar de quatro meses atrás.

— Quem é Norman?

— Norman Arlen — Rick murmurou.

— Certo. O endereço do Sr. Arlen, por favor.

Wexford sabia que Ross ia intervir mais cedo ou mais tarde.

— Não está falando sério! Todo mundo sabe onde Norman mora. A casa dele é famosa.

— Não nos círculos que eu frequento — disse Burden.

— Tudo bem. É em Pomfret Hall.

Nenhum outro álibi impressionaria mais Wexford do que o elaborado para a noite de 10 para 11 de agosto. Parecia, como Burden disse depois, trabalho de um comitê, e talvez fosse. Com a cabeça baixa, resmungando, Rick disse que estivera na casa da ex-mulher, tomando conta dos filhos.

— E o único modo que tenho de ver meus filhos.

Tomando conta deles. Ela e o cara com quem está morando saíram. Ela mora na minha casa. Conseguiu isso com o divórcio. Tomar conta das crianças é a única maneira que tenho de ver meus filhos. Hoje em dia, o pai não vale nada. Vou entrar para Justiça para os Pais.

Outra vez com a mão no ombro do irmão, Ross interferiu:

— Alison mora em Miryngham. Rick às vezes banca a babá para ela. Não é uma situação ideal, mas o que se pode fazer?

— Nada, no seu caso — Burden disse agressivamente. — Eu não perguntei. Se quiser ficar enquanto falamos com seu irmão, por favor, fique calado. — Ross pareceu mais magoado do que ofendido. — Você não estava tomando conta de seus filhos às duas da manhã — Burden acrescentou para Rick. — Quando saiu da casa de sua ex-mulher?

— Não da casa dela, da minha — disse Rick, deixando claro que não tinha intenção de deixar passar aquele tratamento injusto, mas se preocuparia com ele quando o assunto aparecesse, por mais remotamente que fosse. — A casa é minha. Comprei com uma hipoteca, com o dinheiro que eu ganhei.

— A que horas saiu? — Wexford perguntou asperamente.

Ross ergueu as sobrancelhas e disse como um advogado defendendo um suspeito: — Ora vamos, não precisa falar nesse tom.

— Falo no tom que quiser. Vamos continuar. A que horas saiu?

Ross se contentou em revirar os olhos. Ainda murmurando, Rick disse:

— Mais ou menos às onze. Eles voltaram e eu fui embora. As crianças estavam dormindo. Não falei mais do que o necessário com ela e seu companheiro. Saí e meu carro velho enguiçou.

— Sabe que vou comprar um carro novo para você, Rick — disse Ross.

Perdendo a paciência, mas sem demonstrar, Wexford disse, com raiva contida:

— Por favor, não interrompa outra vez, Sr. Samphire. Se interromper, terei que pedir que seu irmão vá à delegacia.

De repente, Rick começou a falar sem ser perguntado. Era como se estivesse recitando alguma coisa decorada ou embutida nele. *Se eu ainda não estivesse convencido de que esse cara é o nosso homem*, Wexford pensou, *estou chegando perto agora*.

— Eu estava na estrada depois de Pauceley. A A3923. O motor morreu e não quis pegar outra vez. Olhei em volta, mas não consegui me localizar. Estava a uns bons quinze quilômetros de casa. Sabia que tinha que deixar o carro e seguir a pé.

— E cliente de alguma seguradora?

— Pareço que sou? Nem tenho telefone. Não posso pagar um celular. Ela me esfolou vivo e não posso ter essas coisas. Tudo o que eu tinha ela tirou.

Wexford decidiu que só poderia prosseguir se pusesse palavras na boca de Rick e perguntou se ele concordaria que já era então meia-noite. Rick assentiu balançando a cabeça.

— Alguém passou pelo senhor? Viu outros carros? Alguém parou?

— Permissão para falar, senhor — disse Ross.

— Tudo bem. O que é?

— Um motorista parou. Perguntou a Rick se não queria dar um telefonema. No dia seguinte eu perguntei por que não ligou para mim e ele disse que não queria me perturbar àquela hora.

— Seu irmão podia ter me dito isso. Como se chama o motorista? — Wexford perguntou.

Com outra façanha da memória, possivelmente de um trecho decorado de ficção, Rick disse, hesitante: — Steve... bem, Stephen Lawson. Vinha do Cheriton Forest Hotel, ele disse. Ele me ofereceu carona, mas não adiantava para mim. Ele ia na direção oposta. Tinha vindo do lugar para onde eu ia.

Finalmente alguma coisa que podia ser verificada. Se existia realmente um Stephen Lawson no Cheriton Forest Hotel na noite de 10 de agosto, seria fácil encontrá-lo.

— Então foi a pé para Pomfret?

— Levei três horas. Não estou em forma como antes.

— Muito bem — disse Burden. — O que aconteceu com seu carro? Foi apanhado no dia seguinte?

— Rick me telefonou e mandei o socorro levá-lo para minha casa.

— Muito bem, Sr. Samphire. Basta — disse Wexford. — Como não pode ficar quieto, vamos à delegacia. — Ross fez menção de ir com eles. — O senhor não. Se precisar falar com o senhor, farei isso sozinho.



Rick Samphire entrou na delegacia de polícia de Kingsmarkham arrastando os pés como se estivesse entrando na antessala do inferno. *Abandonem a esperança todos que entram aqui*, podia estar escrito acima das novas portas automáticas. Wexford o levou para a menos agradável sala de interrogatório, com paredes de tijolo pintadas de branco, chão de vinil e o tipo de móveis que podiam ser encontrados nas cozinhas dos anos cinquenta. Ali recomeçou o interrogatório.

— Por que seu carro foi levado para a casa de seu irmão e não para a oficina?

— Usamos nosso mecânico particular, se quer saber — disse Rick.

— É claro que quero saber. Por isso está aqui. O que estava fazendo na manhã de 1º de setembro?

Rick não pareceu surpreso com a pergunta. Se a data nada significasse para ele, não teria perguntado,

“Quando?” ou “Quer repetir?”, em vez de continuar com a mesma expressão entediada.

— Estava no prédio do velho banco. Com Ross e Col.

— Col deve ser o Sr. Colin Fry?

— Isso mesmo.

— Quando chegou lá e quando saiu?

— Às oito, cheguei oito da manhã e saí às dezesseis horas. Colin pode confirmar. Ele é um cara bom, o Colin.

— Agora, Sr. Samphire — disse Wexford —, fale sobre o Círculo de Sussex para Superar a Falta de Filhos e sobre mães de aluguel.

— Não tenho a mínima ideia do que está falando — disse Rick. — Superar o quê?

— O Círculo de Sussex para Superar a Falta de Filhos.

De repente, com o rosto muito vermelho e os olhos sem brilho semicerrados, Rick explodiu.

— Se quer saber o que eu penso de falta de filhos, vou dizer. É uma ideia danada de boa. Eu gostaria de não ter filhos. Queria que os meus nunca tivessem nascido. — Subitamente articulado, até em excesso, ele disse, quase triunfantemente: — Ela quis. Mas quando eles nascem a gente começa a amá-los, não pode evitar e tem que pagar um alto preço pelo resto de sua maldita vida.



Não era o tipo de dia para almoçar no Gooseberry Bush. O sol devia estar iluminando as águas do Kingsbrook, com a suavidade do dia de São Miguel no ar e sem vento para levar para longe os guardanapos. Tudo o que se podia dizer desse dia era que tinha parado de chover. Uma névoa esbranquiçada e fria pairava sobre o rio.

— A não ser naquele boteco — disse Burden —, esta é a primeira vez que fazemos uma refeição decente a esta hora

desde o começo de agosto.

Wexford passou-lhe o cardápio.

— E não é como se tivéssemos alguma coisa para celebrar.

Wexford tomou um gole da água com gás.

— Eu me pergunto se algum restaurante que se preze está servindo perca-do-mar neste momento. Milhares delas devem ser consumidas diariamente. Quando me sinto desanimado ou as coisas em casa ficam difíceis, dou graças a Deus por não ser uma perca-do-mar.

Uma garçonete trancou as portas de vidro que davam para o terraço, pondo fim ao dia como se não valesse a pena. Wexford pediu pelos dois, olhou tristonho para a lista de vinhos e a pôs de lado.

— O que eu gostaria de fazer esta tarde, Mike, era falar com o cara que trabalha para Ross Samphire, Colin Fry. Ver se estava mesmo lá com os dois no dia 1º de setembro, ver se conseguimos saber mais sobre os irmãos por meio dele.

— Certo, vamos fazer isso — Burden disse, distraído. Olhava para a outra extremidade do restaurante, para uma mesa onde estavam um homem de uns trinta anos e outro mais novo. Desviou a vista. — Sabe quem é o cara de jaqueta de couro?

— Devia saber?

— Provavelmente, não. Creio que você nunca o viu, mas é John Brooks. Jewel Terrace, certo?

— Se você está dizendo... O que tem ele?

— Posso vê-los daqui sem que me vejam. Gostaria que você também pudesse. Não há dúvida de que o garoto com ele é seu namorado. Não que estejam se tocando, embora Brooks tenha posto a mão no ombro dele quando chegou, mas pelo modo como se olham. É inconfundível.

Wexford suspirou.

— Eu talvez esteja perdendo a capacidade de pensar, mas me explique. Por que deve ser namorado? A prática da homossexualidade é legal há quase quarenta anos.



— Não estou falando disso — Burden disse, impaciente.  
— Brooks é o cara que sai à noite e disse a Hannah que visitava a namorada que acabou sendo sua irmã. Lembra?

— Agora que você falou, lembro.

— Bem, foi o que ele disse, que visitava uma mulher. Porque “está no armário” e não quer que a esposa saiba.

O sorriso de Wexford se alargou numa risada silenciosa.

— Não vamos fazer nada com essa informação, vamos?

— Se Hannah quiser acusá-lo de fazer a polícia perder tempo..., mas não — disse Burden. — Acho que apenas direi boa tarde.

Quando passaram pela mesa de Brooks ele disse boa tarde. Olhando para trás, Wexford viu Brooks ficar muito vermelho. Lá fora, a tarde estava cinzenta, enevoada como se uma nuvem tivesse descido até o chão e ficado lá, o tipo de dia em que parece impossível que o sol possa aparecer outra vez.

Burden esperava que Hannah achasse divertida a descoberta do segredo de John Brooks e imaginou se “alguma coisa da geração” era responsável pelo ar de desprezo e repulsa dela. Certamente Hannah, com suas opiniões às vezes chocantemente progressistas, não estava enojada? Não Hannah, não ela. Intrigado, ele a deixou e voltou a investigar o passado de Ross Samphire.



É claro que Hannah não estava enojada no sentido que ele imaginava. Sentia-se ofendida por descobrir que um homem gay de idade madura, não um adolescente, podia estar tão fora de moda, ser tão fraco e covarde a ponto de não só continuar no armário como também positivamente se acovardando e tremendo de medo sob a pilha de cobertores medievais, tapetes e travesseiros cerceadores

da liberdade. Não era só o fato de mentir para a mulher. Os homens mentem para as mulheres e as mulheres mentem para os maridos, e essa era uma das suas muitas objeções ao casamento, mas o fato de Brooks ter mentido para ela, para a polícia. Por uma coisa daquelas!

Fazia perder a esperança na humanidade. E justamente quando ela começava a sentir que as pessoas não são realmente tão más, que era incrível e extremamente gratificante ver como algumas são inteligentes, adaptáveis e notáveis...

Bal a tinha levado para conhecer seus pais, na noite de sábado. Durante toda a viagem para Hereford, onde eles moravam agora, ela os imaginou, Rajiv, o pai, com aquele traje indiano branco longo que eles usavam — era imperdoável para ela não lembrar o nome — e a mãe, Parvinder, com um sari, o cabelo grisalho preso em um coque na nuca, o pescoço e os braços cheios de joia. Mas, quando chegaram, o que ela viu foi um chalé de pedra, o pai de calça e camisa esporte cinza e uma jaqueta de zíper, a mãe de jeans e suéter. Hannah ficou um pouco desapontada e mais ainda quando o jantar não foi galinha *vandaloo*, e na casa deles, mas cozinha italiana em um restaurante de Hereford. Seria uma desilusão total se tivessem dado a ela e Bal o mesmo quarto, mas Hannah ficou numa extremidade da casa e Bal no quarto dele, na outra ponta. Nisso as coisas não eram diferentes do que ainda era costume em Kingsmarkham e, ao que parecia, ia continuar indefinidamente.

## capítulo 22

Colin Fry morava com a namorada em um apartamento em cima da tinturaria na Glebe Road, mas não estava em casa. A namorada disse que Colin tinha vários empregos de meio expediente quando não estava trabalhando para Ross Samphire. Ela não tinha certeza de onde ele estava nesse dia, mas deu dois endereços em Kingsmarkham.

— Podem tentar nesses lugares — ela disse. — Ele não deve estar fazendo nenhum trabalho mecânico hoje. Talvez esteja cortando grama ou lavando janelas.

O apartamento foi uma surpresa. Wexford pensou que devia ser um esnobe de classe média, porque esperava algo parecido com o de Keith Prinsip, mas sem os equipamentos de última geração. Este apartamento lembrava uma suíte de hotel de categoria média. Não da classe do Vier Pferde, umas duas estrelas abaixo, mas muito apresentável. Carpete cor de café claro cobria o chão. Os estofamentos e as cortinas eram de um tom mais escuro, os móveis envernizados e os quadros nas paredes eram liga de arte ateniense. Era limpo e discreto, ao contrário da namorada que, apesar da temperatura, estava de short vermelho, camiseta branca com os dizeres “Esta Cadela Morde” em letras roxas e sandálias de salto alto. Ao levá-los até a porta, ela disse:

— Se não o encontrarem, ele deve estar em casa lá pelas seis e podem falar com ele então. Só que a gente tem que sair às sete, desocupar o apartamento. — Piscou um olho para Burden.

— O que foi aquilo? — Burden perguntou quando desciam a escada.

— Só Deus sabe. Certamente nada a ver com nosso caso.

— Provavelmente, não. Não é sempre que garotas piscam o olho para mim. — Entraram no carro. — Um palpite seria que, depois de toda aquela chuva, ele não pode estar cortando grama, logo, está lavando janelas.

E estava. Os policiais o encontraram em uma casa na Ladyhall Road, sentado no peitoril no terceiro andar, de costas para eles, limpando um caixilho.

— Quando se considera — disse Wexford — que o pessoal da saúde e segurança não deixam mais as crianças usarem o balanço, eu me pergunto por que não proíbem lavagem de janelas também. Sr. Fry!

— Sim, sou eu. — Ele não se virou.

— Departamento de polícia de Kingsmarkham. Podemos falar?

— Desço num minuto. Estou terminando aqui.

Um sol fraco tinha aparecido entre as nuvens cor de mingau de aveia. Trouxe um pouco de calor e a névoa começou a se levantar. Wexford e Burden se sentaram no carro e logo Colin Fry saiu pela porta da frente, carregando um balde e um maço de trapos. Era um homem baixo e magro de uns trinta anos, ruivo, de pele rosada.

— Podemos falar aqui — Burden disse.

Evidentemente, isso era inaceitável para Fry. A ideia de se sentar num carro de polícia para conversar talvez o fizesse lembrar de situações semelhantes nas quais seu papel fosse menos inocente.

— De jeito algum — ele disse, e os convidou a entrar em sua van, que parecia o repositório de todo o lixo e das coisas inúteis proibidas no apartamento na Glebe Road. Latas vazias, maços de cigarros, revistas, embalagens de comida para viagem, sacos plásticos e peças de moletom. Uma delas, Wexford notou, era um abrigo de lã com capuz.

— Ross é um cara bom — disse Colin, repetindo as palavras de Ross sobre si mesmo. — O que chamam de cara direito. Trabalho para ele há cinco anos e nunca ouvi uma palavra áspera. Quer dizer, o modo que ele trata o irmão,

não se encontram muitos homens como ele. Comprou uma casa para Rick, sabiam? Deu um carro. Deu um celular que ele mesmo paga. Não tem muita gente que faria isso.

— Está a par dos dois crimes, Sr. Fry — disse Wexford. — Amber Marshalson e Megan Bartlow. Conhecia alguma delas? Ross conhecia?

Colin balançou a cabeça.

— Nunca ouvi falar disso antes.

— Diga-nos onde estava na manhã de 1º de setembro, entre nove e dez horas.

Como com Rick, a resposta foi rápida e sem surpresa. Não era natural responder tão depressa.

— No prédio do antigo banco, com Ross e Rick.

— Como pode ter tanta certeza?

— Olhe, eu apenas posso — Colin disse. — Chegamos às oito, eu subi e Ross e Rick estavam fazendo o teto. Eu estava pintando as paredes lá em cima.

— Não é o tipo de trabalho que se deixaria pelo meio — Wexford disse, calmamente.

Fry olhou para ele intrigado.

— Não se quiser fazer direito. Tem mais alguma coisa? Preciso trabalhar.



Eles o seguiram até a Glebe Road, estacionaram e o viram entrar numa porta pintada de vermelho, perto da vitrine da tinturaria.

— Você notou? — Burden disse. — Rick disse que não tem celular, mas, segundo Fry, Ross deu um a ele. Isso é só um detalhe, claro.

— Mostra que Rick é mentiroso.

— Duas outras coisas que achei interessantes — disse Burden. — A primeira, a casa de Fry. A condição da casa,

digo. É um mistério. Por que parece que estão para mostrar a possíveis compradores? Talvez estejam, mas duvido. Para começar, não acho que pertença a eles, é alugada. A outra coisa é aquele agasalho com capuz na van. Sei que o mundo está cheio desses agasalhos, especialmente agora, mas ainda acho que não deve ser ignorado.

— Certamente que não — disse Wexford. — Quanto ao apartamento de Fry, acho que eles têm um negócio de sexo. Claro que não é uma ofensa, desde que não haja mais de uma mulher no lugar. Não é um bordel.

— Está falando de um casal alugar o apartamento por algumas horas ou a noite toda?

— Uma longa noite, eu diria. A namorada disse que eles iam sair para desocupar o lugar e piscou para você. Para você, não para mim. Talvez pensasse que você podia ser um freguês. O que mais pode significar aquela piscadela?



Como quase todo mundo em Kingsmarkham e nos povoados, Burden tinha visto as fotos de Pomfret Hall na revista *Sunday Times*. Em geral as pessoas nas fotos parecem piores do que são (mais gordas, mais velhas, mais baixas), ao passo que os locais parecem melhor. Aproximando-se de carro daquela casa palaciana, Burden notou que isso não era verdade naquele caso. As fotos eram impressionantes, a realidade era assombrosa. Inexplicavelmente, o dia estava claro e ensolarado, o céu azul radiante e a casa de Norman Arlen se destacava contra ele como um palácio na Itália ou uma mansão de antes da guerra no Sul dos Estados Unidos. Duas escadarias na frente se encontravam na porta encimada por um arco. As estátuas lembravam o que Burden vira durante suas férias, no Partenon. Ele pensou que um

homem que pode sorrir e ser um vilão (como dizia Wexford) podia também possuir uma das mais belas casas da Inglaterra e ser um bandido.

Morando toda a vida na vizinhança, ele tinha visto a casa antes. Vira quando o velho baronete ainda morava nela, quando era uma casa cinzenta e feiosa no meio de um terreno sem nenhum trato. De acordo com o artigo, Norman Arlen gastou uma fortuna na casa e continuava gastando. De onde vinha o dinheiro? O jornalista que escreveu o artigo o descrevia como um agente de viagens e insinuava que tinha outras atividades. Burden subiu os degraus do lado esquerdo, com o detetive Bhattacharya atrás, e bateu a aldrava.

Esperava um mordomo, pelo menos uma criada, mas foi Norman Arlen quem atendeu. Burden o reconheceu pela foto da revista. Embora não tivesse sido avisado da chegada dos policiais, Arlen foi cortês, especialmente afável com Bal, aparentemente acreditando que uma cortesia condescendente, acompanhada por frequentes sorrisos, era menos racista do que a indiferença. Ele os levou pelo vestíbulo enorme com teto trabalhado de uns nove metros de altura para uma sala que Burden reconheceu, o tipo de sala que esperamos ver só nas grandes mansões em visitas turísticas. Enormes retratos de pessoas do século dezoito, nenhum ancestral de Arlen, tinha certeza, pendiam das paredes ao lado de espelhos com molduras douradas. Os móveis, com muitos enfeites dourados, eram estofados principalmente de cetim amarelo. Na opinião de Burden, as cadeiras e os sofás comprados em John Lewis eram muito mais confortáveis. Sentou na ponta da cadeira. Norman Arlen, um homem pequeno com barba bem cuidada, aparentemente voltava de um passeio a cavalo, pois vestia culote e paletó de montaria. Acomodou-se na ponta da *chaise longue*, os pés mal alcançando o chão.

Para começar, Burden deixou o interrogatório por conta de Bal, que perguntou se ele conhecia Rick Samphire. A julgar por todo o resto, isso parecia pouco provável, mas Arlen assentiu sorrindo.

— A verdade é que conheço os dois irmãos praticamente a vida inteira. Fomos garotos juntos, fomos à escola juntos, por falar nisso, no sul de Londres.

— Então não é raro encontrar Rick para um drinque?

— De modo algum. — Arlen fez uma pausa e parecia estar pensando no melhor modo de dizer aquilo. — Olhe, vou ser sincero. Serei totalmente franco. Ross e eu temos muito mais em comum: sou padrinho da filha dele, Laura.

— Então estava jantando na casa dele no dia 10 de agosto?

— Sim, sem dúvida. Ross e eu tínhamos muito o que conversar e fiquei até bem tarde. Devia passar da meia-noite quando saí. — Arlen se levantou, foi até uma mesa dourada e negra, abriu uma gaveta como se estivesse procurando alguma coisa e fechou-a. Virou-se para os policiais com um sorriso. — Voltando a Rick, o fato é que quem tem um pouco de humanidade sente pena de Rick. Ele passou por maus pedaços, não teve sorte e, por Deus, foi punido por isso. Sabem o que quero dizer.

— Não exatamente, Sr. Arlen — Burden disse. — Se está falando do tempo que ele passou como hóspede de Sua Majestade nas prisões Myringham e Brixton, não vejo exatamente onde a sorte entra nisso.

A resposta de Arlen foi uma risada tristonha, com uma boa quantidade de solidariedade e amizade. Virou-se para Bal e disse: — Continue.

— Encontrou-o — Bal disse — no bar Mermaid em Pomfret no dia 24 de junho, entre oito e nove da noite?

— Certamente. Deixe-me apresentar os fatos. Eu o peguei em casa, na Potter's Lane. Devia ser um quarto para as oito. Para dizer a verdade, eu queria levá-lo para jantar fora e estava pensando no Cheriton Forest Hotel. Levá-lo



para jantar fora é uma coisa que faço uma vez ou outra. Mas o pobre Rick ficou intimidado com a grandiosidade do Cheriton Forest e alegou que não tinha roupa, imaginem só.

— Um abrigo de pele cinza com capuz não serviria, eu suponho — Burden disse.

Um sorriso incerto foi o primeiro sinal de insegurança de Arlen.

— Então foram ao Mermaid às oito?

— Exatamente. — Arlen se interrompeu quando uma mulher de meia-idade, de vestido escuro e sapatos “sensatos”, entrou na sala. — Posso oferecer alguma coisa? Chá? Água mineral? Suco de laranja? — Burden e Bal recusaram. — Não, obrigado, Wendy, não agora. Onde eu estava? Ah, sim, telefonei para o Mermaid da casa de Rick e pedi uma mesa para dois na *patisserie*. Depois de um drinque no bar comemos, mais uma ceia do que jantar. O fato é que estávamos no Mermaid.

— Então ele não estava a mais de quinze quilômetros de distância, no bosque Yorstone?

— Bosque Yorstone? Bosque Yorstone? Ah, quer dizer onde fica aquela curva perigosa. Não, de modo nenhum, ele esteve comigo no Mermaid até depois das dez.

A hora em que um homem — Rick? — estava andando no bosque Yorstone e jogando um bloco de concreto da ponte, estava coberta. Burden ia verificar com o bar, mas não tinha dúvida de que Arlen estivera lá com alguém. O pessoal da *brasserie* lembraria disso, mas depois de quase quatro meses, não recordaria quem era a pessoa com ele.

E Arlen deve ter tido o cuidado de pagar em dinheiro. Ele se levantou e disse:

— Talvez queira lhe falar outra vez, Sr. Arlen. — Mais como ameaça vã do que esperança.

— Será sempre um prazer, inspetor.

O artigo mencionava uma namorada, mas não havia nem sinal de outra pessoa na casa além de Arlen e a mulher,

evidentemente uma governanta. Arlen os levou outra vez pelo vestíbulo.



— Você notou quantas vezes ele falou em fatos? — disse Bal, no carro. — Estávamos lá menos de dez minutos e ele disse a palavra “fato” umas oito vezes.

— Eu diria que é porque ele não sabe o que significa — Burden disse, melancolicamente.

— Há outra coisa. Não tenho certeza, pode ter sido algo completamente diferente, mas você notou como ele foi até aquela bonita mesa dourada e abriu a gaveta?

— Notei.

— Quando entramos, havia alguma coisa em cima daquela mesa, mas depois que ele abriu e fechou a gaveta, não havia mais nada. Ele guardou. Posso estar enganado, mas parecia um revólver.



— Nunca conseguiremos um mandado com essa prova — disse Wexford. — Não podemos revistar a casa de um homem porque Bal pensa ter visto uma arma, mas não tem certeza.

— Mas podemos nos lembrar que ela pode estar lá.

— Sim, podemos. Claro que faremos isso. Quanto mais esses álibis se tornarem sólidos e invencíveis, menos todos acreditarão neles. No tribunal, porém, todos terão simplesmente que acreditar porque as declarações são “amarradinhas” e é impossível armar a acusação. Sabemos antes de começar que qualquer acusação vai falhar. Não é natural apresentar amigos para jurar que você esteve em

determinado lugar a uma hora precisa três meses atrás, mas é a única coisa que satisfará a corte. Qualquer outra coisa é irrelevante.

— Bal esteve no Mermaid — disse Burden. — Eles conhecem Arlen e Samphire. Eles o viram lá juntos. Mas, claro, não podem lembrar se estiveram juntos em 24 de junho e ninguém vai dizer que não estiveram.

Mais incrível ainda e até mais destrutivo, era o álibi de Rick para a noite de 10 para 11 de agosto. Ele saíra da casa da ex-mulher em Myringham às onze e quinze, hora confirmada por Alison Rowley (como ela se chamava agora) e seu companheiro. Wexford os considerava testemunhas confiáveis, perguntando a si mesmo se pensava assim em parte porque Alison tinha deixado Rick. Hannah Goldsmith gostava deles por seu estilo de vida e, para ela, isso garantia sua sinceridade. Só mais tarde surgiram as dificuldades. Rick contara a história de que o carro enguiçou e encontrou um motorista. Wexford e sua equipe tinham se esforçado ao máximo para encontrar esse motorista e estavam quase desistindo quando um homem de meia-idade com metade da cabeça calva e óculos grandes entrou na delegacia, informou ao sargento de plantão que estivera de férias nas duas últimas semanas e só agora ficara sabendo que a polícia o procurava. Disse que se chamava Stephen Lawson, morava em Lady Lane, Forby, e sua ocupação era angariar fundos para uma organização beneficente com sede em Kingsmarkham.

— Eu teria me apresentado há duas semanas se soubesse que estavam me procurando — ele disse. — Sou contra qualquer tipo de subterfúgio. Não poderia dormir à noite se achasse que estava escapando ao meu dever.

— Fico satisfeito de ouvir isso — disse Wexford —, mas exatamente por que está aqui?

— Sou Stephen Lawson. O motorista que parou e ofereceu carona a um homem com o carro enguiçado. À noite. À uma da manhã em 11 de agosto.

— Tudo bem, a sargento-detetive Goldsmith anotar  seu depoimento se quiser segui-la. — Estavam saindo quando Wexford perguntou: — Conhece bem o Sr. Rick Samphire, certo?

— Quem? — Lawson virou a cabeça, intrigado.



— Eu voltava de Myfleet para casa em Forby, pela A3923 — dizia o depoimento de Lawson —, depois de passar a noite com amigos no Cheriton Forest Hotel quando passei por um carro parado, evidentemente enguiçado. O motorista tinha levantado o capô e examinava o motor. O relógio em meu painel marcava meia-noite e trinta e dois minutos. Parei no acostamento e perguntei se podia ajudar. Ele não tinha telefone no carro, um Volvo azul de uns quinze anos. Não lembro o número da placa, mas tinha VY e o número sete.

“O homem disse já que por vinte minutos tentava fazer o carro pegar. Dois carros tinham passado por ele, mas não pararam. Perguntei se queria que eu telefonasse para a AA ou a PsAC, mas ele disse que não era sócio de nenhuma das duas. Então dei uma olhada no motor e vi que a bateria estava descarregada, mas como não entendo de mecânica, não podia ajudar. Perguntei se havia alguém para quem eu podia telefonar e ele disse: ‘Meu irmão, mas não a esta hora da noite. Eu não o incomodaria a esta hora.’ Não perguntei o nome do irmão nem seu telefone. Ele disse que se chamava Richard, mas não deu o sobrenome. Ofereci carona, mas ele recusou porque ia para Pomfret e eu, na direo oposta. Pomfret devia estar a uns treze quilômetros dali e ele disse que tudo que podia fazer era começar a andar. Eu o vi começar a andar e continuei para casa. Olhei

para o relógio do carro outra vez e vi que era meia-noite e cinquenta e dois minutos.”



Os “amigos no Cheriton Forest Hotel” eram um casal e uma mulher solteira, de Birmingham, hospedados no hotel. A história deles tinha alguns aspectos interessantes.

O sargento-detetive Vine falou com eles, primeiro por telefone, depois com a mulher solteira no escritório dela, em Londres. Era verdade que tinham passado alguns dias no Cheriton Forest, mas não conheciam Stephen Lawson antes de chegar ao hotel.

— Ele me abordou — disse a mulher —, devo ser sincera. Eu esperava meus amigos no bar e ele perguntou se podia me oferecer um drinque. Isso foi mais ou menos às oito da noite de terça-feira. Não vi por que não. Meus amigos demoraram meia hora para aparecer. Conversamos e então meus amigos chegaram e fomos jantar.

— O Sr. Lawson os acompanhou?

— Não naquela hora. Tínhamos uma mesa para três e ele estava sozinho. No meio da refeição, perguntei a meus amigos se podíamos convidá-lo para o café e eles convidaram. Bem, eu o convidei. Tomamos café no lounge.

Vine perguntou sobre o que tinham conversado.

— Acho que sobre o Forest e o campo. É um lugar muito bonito. Ele disse que morava em um lugar chamado Forby, considerado o quinto lugar mais bonito da Grã-Bretanha e eu disse que pena ser o quinto, então ele disse que angariava fundos para uma sociedade que ajudava Uganda, não, Quênia. Ele falou muito sobre pobreza e doença e de como as mulheres tinham dezenas de filhos e os deixavam nos montes de lixo porque não podiam criá-los. Acho que essa conversa não agradou muito a meus amigos. Mais

tarde eles me disseram que não tinham gostado dele e às dez e meia disseram que iam deitar-se. Pensei que ele iria embora também, mas não foi. Convidou-me para ir ao bar tomar um último drinque.

“Eu concordei. Não houve nada, bem, quero dizer, ele não tinha tentado nada comigo. Sentamos a uma mesa no bar e tomei um copo de vinho e ele suco de tomate que chamou de Virgem Maria porque não tinha vodka. Ele continuou a falar das mulheres do Quênia e de que a situação era trágica e mais ou menos às onze e meia disse que logo teria de ir embora. Pediu meu telefone e eu... bem, inventei um número, porque na verdade não queria vê-lo outra vez. Depois disso eu me despedi e fui para o quarto. Ele ficou no bar mas, como eles fecham à meia-noite, suponho que ele tenha partido a essa hora.”

E dirigiu por cinco quilômetros ao longo da pequena estrada desde o Cheriton Forest, calculou Wexford, entrou na A3923 em Myfleet e seguiu para o norte. Deve ter ido devagar porque era apenas meia-noite e meia quando chegou aonde Rick Samphire disse que seu carro tinha enguiçado; Wexford não tinha dúvida de que ele passara por aquela estrada àquela hora. Os organizadores do álibi tinham feito bom trabalho. O carro de Rick tinha as letras X e Y e o número 7. A dúvida foi quanto ao fato de acreditar que o carro era de Rick Samphire ou se Rick Samphire estava lá. Hannah e Bal foram encarregados de descobrir se o carro tinha ido para a oficina no dia seguinte.

— Foi levado para a casa de meu irmão e Col o pegou — Rick disse para Hannah. — Ele tem um reboque na van e é um bom mecânico.

Ninguém podia provar que Colin Fry tinha rebocado o Volvo enguiçado de Rick de Pauceley a Kingsmarkham, ou pensando bem, nem que não tinha feito isso.

— Claro, ele vai afirmar que rebocou — Hannah disse, enquanto seguiam pela Glebe Road. — Vai dizer que

precisou consertar o distribuidor ou seja lá o que enguice nos carros.

— Você não sabe? — O sorriso de Bal a fez se sentir quase escrava. — Pensei que você fosse boa em tudo, Hannah.

— Pensou errado — ela disse secamente. Sorriso escravizador ou não, a cada dia ela ficava mais irritada com ele. — Ninguém é perfeito.

A van branca de Colin Fry estava estacionada na frente da tinturaria na Glebe Road e Colin e a namorada Emma estavam em casa, comendo o que sobrara do almoço tailandês entregue em casa. Como tinha esfriado muito, Emma estava com calça grossa e suéter muito justa. Hannah achou que Bal tinha olhado para ela mais do que devia. *Aposto que ele transaria com ela na primeira oportunidade*, ela pensou. *Não respeitaria nem precisava ser sério como comigo*. Perguntou a Colin sobre o carro de Rick em tom tão agressivo que Bal a olhou espantado.

— Isso mesmo, eu reboquei aquela lata velha da frente da casa de Ross. O dia? Posso dizer já. Foi o dia mais quente de toda a temporada. Disseram na televisão que foi o dia mais quente desde que começaram as temperaturas recordes.

— Conseguiu consertar, Sr. Fry?

— Precisava de bateria nova. Fui à loja de peças Volvo em Kingsmarkham e comprei uma para ele. Mais ou menos ao meio dia, não foi, Emma?

— Quanto custou para ele? — Bal perguntou.

— Para ele, nada. Ross pagou. Ele sempre paga. Ele e Rick são muito unidos. Não há nada que Ross não faça para Rick e Rick é muito agradecido por isso, não é, Emma? Tenho de reconhecer que ele sabe o que é gratidão.



Dois outros policiais falaram com Colin Fry e Emma Sams naquele dia. O sargento-detetive Vine e o detetive Fancourt se apresentaram como Barry e Lynn e perguntaram se eles alugariam o apartamento das dezenove às vinte e três horas naquela noite.

— Não sei do que estão falando — disse Colin Fry.

— O Sr. Robinson nos deu seu nome — disse Barry. — Ele o recomendou.

— Não, não recomendou. Não conheço Robinson algum. Fry bateu a porta com tanta violência, que Lynn teve que pular para trás. Mas aquela reação de choque e o antagonismo agressivo significaram para Wexford uma resposta afirmativa e ele mandou o detetive Coleman vigiar o apartamento.



## capítulo 23

Cartas são raras hoje em dia. Wexford lamentava isso, embora admitisse que e-mails eram mais rápidos e mais fáceis e telefonemas melhores ainda. Quando o correio ainda trazia alguma coisa eram só contas, folhetos e catálogos. Assim, a carta em um envelope creme endereçada para “O Policial Encarregado”, escrito em letras grandes inclinadas para a frente e com selo alemão, foi uma surpresa. Começava “Caro senhor” e o inglês escrito era impecável, como o inglês falado de Ingrid Stadler.

*Caro senhor,*

*Como vê pelo cabeçalho deste papel, moro na periferia da cidade de Frankfurt.*

*Estarei em seu país, a negócios, na segunda-feira 10 de outubro e gostaria de conversar com o senhor sobre um assunto muito sério. Se me perdoa, prefiro não entrar em detalhes por carta.*

*Terça-feira, 11 de outubro, será conveniente, às quinze ou dezesseis horas?*

*Estou anexando meu endereço de e-mail e o número do meu telefone.*

*Sinceramente,*

*Rainer König-Hensel.*

— Ou muito me engano — disse Wexford — ou esse cara é um daqueles infelizes que usaram Megan ou Amber como mãe de aluguel. Megan, provavelmente. Pode ser o pai do filho que ela esperava quando foi morta.

Burden pegou a carta e leu outra vez.

— Um dos possíveis pais, quer dizer.

— No mínimo vai nos dizer quais foram os acordos e quanto pagou a ela e talvez nos diga onde se encaixam esses Samphire e seus asseclas. Pode ser que Ross organizasse a coisa toda. Eles têm que estar envolvidos de algum modo, mas até agora, nada descobrimos.



Por ser negro, seguir alguém ou vigiar uma propriedade era mais difícil do que para o sargento-detetive Vine, por exemplo, ou para o detetive Archbold. *Pelo menos em Kingsmarkham*, Damon Coleman pensou, *onde até poucos anos atrás um descendente de africano era como uma ervilha num pacote de vagens*. Agora o número de pessoas negras tinha quadruplicado, alguém escuro como ele não era mais uma anormalidade na rua. Mas ele ainda era mais notado do que um jovem branco e a ironia era que ele, um policial negro, era visto com mais suspeita do que um criminoso branco. Muita gente, especialmente os mais velhos, concluía que o fato de ele estar por perto, olhando as vitrines, andando pelo quarteirão ou sentado no carro, significava que estava vigiando com o objetivo de cometer algum crime. Com senso de humor, Damon se divertia com os olhares reprovadores, mas mesmo assim ficava apreensivo, temendo que algum deles chamasse a polícia.

Há várias noites seguidas vigiava a tinturaria em cima da qual Colin Fry morava. Os relógios ainda não tinham sido atrasados e a noite não chegava antes das dezoito horas. Depois disso, as luzes da rua ressaltavam mais ainda sua presença. Sentar no carro era provavelmente o modo mais seguro, mas a simples permanência do seu carro noite após noite era suspeita. Colin Fry e aquele pedaço de mau

caminho, sua namorada, tinham olhado pelo vidro da janela do passageiro quando passaram por ele duas noites atrás e depois disso ele pediu emprestado o carro de Bal e deixou o seu com ele. Naquela noite, a primeira vez em que viu Colin e Emma sair de casa, depois de sua chegada às dezenove e quarenta, ele esperava que um casal aparecesse às vinte e três horas. Mas Colin e a namorada tinham voltado bem antes dessa hora meio embriagados e amorosos e ele abandonou a vigilância até o dia seguinte.

Ninguém tinha entrado nessa noite e ninguém tinha saído. Isto é, até onde ele sabia. Mas às dezenove horas ele viu um homem de uns trinta anos entrar na porta vermelha da frente e uma mulher muito jovem ser admitida por esse mesmo homem dez minutos depois. Ele deixou o carro de Bal onde estava e foi investigar os fundos do prédio. Da rua paralela, os fundos da pequena fileira de lojas ficavam escondidos por árvores altas ainda carregadas de folhas, mas Damon descobriu uma ruela que levava não à Glebe Road, mas que descrevia uma curva larga, e ia dar em Glebe Lane. No meio ele via os fundos da tinturaria e do apartamento em cima dela e à luz da rua viu uma escada de incêndio em ziguezague do último andar até o quintal e uma trilha para a rua estreita.

Então Colin e Emma o tinham visto na noite anterior, provavelmente sem identificar quem era e prudentemente tinham escapado por ali, em vez de sair para a rua. Ele não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo, mas podia ficar no beco e, quando visse Colin e Emma saindo, voltaria à Glebe Road em dois minutos, tempo de sobra para ver um casal chegar. Ou será que o casal que alugava o apartamento também usava a escada de incêndio?

Aparentemente usava. Ou então, ninguém tinha entrado ou saído na noite seguinte. Depois de passar em vão uma hora no beco, Damon voltou para o carro e, ao erguer a vista para uma janela iluminada no apartamento de cima, viu Colin Fry olhando para baixo. Mas não para o carro de

Bal. Examinava a rua, procurando o carro de Damon, cuja marca, cor e número tinha certamente memorizado, ou tentava ver Damon escondido em algum lugar. Embora aparentemente convencido de que Damon não estava ali e a situação estava “limpa”, parecia não ter intenção de sair do apartamento naquela noite. Damon ficou ali mais uma hora e finalmente foi para casa, um pouco antes das nove.

Amanhã, ele pensou, estacionaria o carro de Bal o mais distante possível, sem deixar de vigiar o apartamento.



— Primeiro eram drogas, agora é ter um filho para outra pessoa — disse George Marshalson. — Para mim ela era uma criança inocente e vocês a estão transformando em um monstro.

Nessa noite ele estava tomando conta de Brand. Diana, ele disse, tinha ido visitar a irmã em Myfleet. Antes levava o menino para a cama e dissera que ele estava dormindo, mas George tinha certeza de ter ouvido o choro de Brand e estava para subir quando Wexford e a sargento-detetive Goldsmith chegaram. Enquanto ele falava ouviram um choro alto que vinha lá de cima e George se levantou com relutância. Foi até a porta e escutou, parecendo exasperado, mas quando o choro parou, voltou para a cadeira oriental.

— Eu perguntei se sua filha mencionou alguma vez esse processo de mãe de aluguel, Sr. Marshalson — Hannah disse. — Como um conceito, digo. Não como uma coisa que ela pretendesse fazer.

— Não que eu lembre — disse George. — Bem, eu lembraria. Certamente lembraria qualquer ideia que ela tivesse de trazer outra criança para esta casa.

— A ideia não era ficar com a criança, Sr. Marshalson — disse Wexford, tentando manter voz neutra.

— A ideia, como diz, é absurda.

Wexford voltou a atenção para os irmãos Samphire.

— Na última vez em que falamos no assunto, disse que duvidava de que eles tivessem algum contato com Amber. Está absolutamente certo disso?

— Não posso falar sobre o que ela fazia ou quem conhecia quando estava fora de casa, posso? Evidentemente, não posso. Se eu tivesse algum controle sobre isso, nenhum desses horrores teria acontecido. Talvez ela conhecesse Ross Samphire ou o outro... como se chama? Rick, certo? Talvez ela os conhecesse. Eu não podia saber. Ela não os conheceu na minha presença.

— Vou dizer o que acho, Sr. Marshalson, que espero seja confirmado ainda nesta semana. — *Quando König-Hensel chegar e revelar tudo?* — Sua filha e Megan Bartlow estavam envolvidas em uma espécie de negócio relacionado a mães de aluguel. Podia ser perfeitamente legal. — Wexford tinha certeza de que não era.

— Legal — disse George —, mas não moral.

— Questão de opinião. Podem ter começado isso sozinhas, mas ao que parece caíram nas mãos de algum... digamos, organizador.

— Fala como se ele fosse um cafetão.

— Achamos que podia ser um dos irmãos Samphire ou os dois — disse Hannah e Wexford olhou para ela com o cenho franzido —, mas, como diz o inspetor-chefe Wexford, esperamos logo ter mais provas disso. O senhor tem alguma opinião a respeito?

— Tudo que sei de Surrage-Samphire é que fizeram um trabalho de decoração de interior para nós perfeitamente satisfatório e eu não hesitaria em contratá-los outra vez. Minha mulher dirá o mesmo. Provavelmente ela os viu mais do que eu.

Levantou-se bruscamente e levou a mão às costas com um gemido quando ouviram o choro que vinha lá de cima, desta vez insistente.

— Preciso vê-lo — ele disse. — Não tenho ideia de qual seja o problema. Mas não adianta deixá-lo chorar. Isso pode significar problemas mais tarde e não queremos passar a noite acordados.



Jantando com amigos em Savesbury, na noite seguinte, Hannah se sentou ao lado do único homem que achava realmente atraente desde que conhecera Bal. Sabia que ele ia convidá-la para sair e ele convidou. É claro que ela disse não e se arrependeu quando voltava para casa, pensando na grande tolice que era ser fiel a um homem que, para todos os efeitos, não passava de um amigo.

Então, com a chegada do outono marrom, cansado e sem sol, Bal a convidou para ir com ele no fim de semana a um hotel em Somerset. Que fim de semana? O primeiro em que estivessem de folga ao mesmo tempo, da noite de sexta-feira até a manhã de segunda.

Então seria o fim de semana depois do próximo. Pela primeira vez em meses estariam ambos de folga de sexta a segunda. Podiam ir de carro, a tempo de jantar na sexta-feira. Ele fez a sugestão quando jantavam no Cheriton Forest Hotel, depois de um drinque no bar onde Stephen Lawson abordara a visitante de Birmingham.

Hannah estava farta e cansada (como dizia) de se sentar ao lado de Bal em bares e do outro lado da mesa de jantar. Era extremamente dispendioso e ela insistia em pagar a sua parte. Só um deles podia beber mais de um pequeno copo de vinho. Já tinham estado em todos os restaurantes decentes de Kingsmarkham, Pomfret e Myfleet e nos mais

elegantes também. Se pudessem ficar em casa, fazer o jantar, ouvir música, servir os próprios drinques e beber o quanto quisessem... mas então o inevitável aconteceria e o objetivo de Bal era evitar o inevitável até a hora certa. Até que realmente eles se conhecessem. Hannah achava que sabia tudo sobre Bal, infância, adolescência, colégio, universidade, entrada para a polícia, sua família, irmãos e irmãs, seus pais. Seus gostos, inclinações, músicas favoritas, o que ele gostava de ler. E Bal sabia tudo isso sobre ela.

— Parece ótimo — ela disse, em resposta ao convite para o fim de semana depois do próximo. Mas a conduta dele em relação ao seu relacionamento, se é que podia chamar assim, conseguira inibi-la de tal modo que não teve coragem de perguntar se a intenção era finalmente consumir esse relacionamento. Tudo que conseguiu dizer foi: — Quer dizer, passar as noites? — E como uma donzela da antiguidade, corar quando ele riu e disse é claro, essa era a ideia.

Logo depois disso ele a levou para casa, deu um de seus beijos castos e nem subiu até a porta do apartamento.



Ele não era de modo algum a ideia que todo inglês inteligente tinha dos alemães: grandes louros fortes de cabeça raspada. Rainer König-Hensel era de estatura média, magro, com traços regulares austeros, olhos cinza e pele morena. Usava o tipo de belo terno de que Burden gostava (mas não estava usando nesse dia), de *tweed* cor de carvão. Wexford notou tudo isso enquanto confessava tristemente para si mesmo que, se usasse um terno daqueles, em poucos dias estaria irremediavelmente amassado.

Depois de um aperto de mão, König-Hensel sentou na cadeira à frente da mesa de Wexford. Se estava embaraçado, não o demonstrava. Seu rosto permanecia quase rígido.

Era o tipo de homem cuja expressão não deixava perceber nada, Wexford pensou, não importava o que estivesse sentindo. Se era possível dizer isso, seu sotaque era mais acentuado do que sua escrita e talvez um pouco mais correto e com muito mais inserções de “o senhor sabe”.

— Minha mulher e eu — ele começou — não podemos ter filhos. Quer dizer, ela não pode. Um tratamento de câncer antes dos vinte anos a deixou estéril. Nós sabíamos disso quando nos casamos, há dez anos. — Fez uma pausa e levantou os olhos calmos e inexpressivos para Wexford.

— Por favor, continue, Sr. König-Hensel.

— Isso não me preocupava, sabe? Não era um problema. Geralmente não é, para os homens. Mas Sabine começou a querer um filho e estudamos a possibilidade da fertilização *in vitro*. Mas no nosso caso não era possível. Então ouvimos falar em mãe de aluguel. O filho seria meu, mas não da minha mulher, o senhor sabe. Para resumir, inspetor-chefe, entramos para um grupo em Frankfurt para conversar sobre situações iguais às nossas. Também consultamos a Web e encontramos o website Bebês para Todos. Nos inscrevemos e depois de algum tempo recebemos nomes de mães de aluguel. Está me acompanhando?

— Estou — disse Wexford.

— Mas nenhuma das mulheres era o que queríamos, o senhor sabe, nem nos interessava o aconselhamento que nos ofereciam. Devo explicar que minha mulher tem horror a discutir essas coisas com os chamados peritos de falar sobre sua vida privada e outros assuntos pessoais. Além disso, Bebês para Todos avisa aos que se inscrevem que para encontrar a mãe de aluguel adequada, pode levar meses ou até mesmo anos. Minha mulher está com



quarenta e dois anos e eu sou seis anos mais velho. Achamos que não podemos esperar tanto tempo, o senhor sabe. Mesmo assim, demos nossos nomes para Bebês para Todos, o senhor sabe, e então um dia, em abril, recebemos um e-mail de uma Srta. Megan Bartlow.

— Ah! — exclamou Wexford.

— Diz isso, inspetor-chefe, como se soubesse o que vou dizer.

— Tenho uma ideia. Mas continue.

König-Hensel não tinha feito qualquer movimento até então, mas agora mudou de posição na cadeira e se inclinou para a frente.

— O e-mail dizia que a Srta. Bartlow não fazia parte da lista, o senhor sabe, da Bebês para Todos, mas que tinha acesso à lista dos pais em perspectiva. Ela e a amiga, Srta. Amber Marshalson, estavam ansiosas para ser mães de aluguel...

— Com licença, Sr. König-Hensel, mas por acaso tem esse email?

— Eu “levei” comigo.

Foi o primeiro erro no seu inglês impecável. Tirou da pasta uma folha de papel que deu para Wexford. *Deve estar no nome de Megan*, Wexford pensou, mas quem escreveu foi Amber e o estilo do texto era beneficiado pela ausência de letras maiúsculas:

*minha amiga Amber Marshalson e eu estamos ansiosas para ser mães de aluguel, queremos fazer isso para casais que não podem ter filhos, se nossa oferta interessar aos senhores, não terão de esperar ser vetados ou aconselhados e o processo não levará meses, podemos estar em Frankfurt dentro de algumas semanas, somos jovens saudáveis e em boa forma e nós duas já tivemos filho antes, por favor responda pelo correio porque não temos acesso à internet,*

*Megan Bartlow, 235 high street, kingsmarkham, e. sussex km 1 3d1.*

E eles caíram nessa?

König-Hensel pareceu ler seus pensamentos.

— Desconfiei desde o começo, o senhor sabe, mas minha mulher ficou tão feliz! “O que temos a perder?”, ela insistia. Nosso grupo em Frankfurt já tinha dito que muitas mães de aluguel são arranjadas particularmente. “Elas já tiveram filhos”, ela dizia. “Sabemos que pode ser feito”, e então ela disse, com muita tristeza: “Não são como eu, elas podem ter filhos.”

— O senhor respondeu?

— Respondi. Depois de uma semana. Pedi mais informações. A Srta. Bartlow enviou cópias dos registros de nascimento dos filhos, quero dizer, certificados. Mandou fotos dela e da Srta. Marshalson, duas belas jovens. “O que temos a perder?”, minha mulher disse. Então fiz o que ela queria e sugeri que elas fossem a Frankfurt, com todas as despesas pagas, claro.

— Quanto teria que pagar a Megan Bartlow?

— Duas mil libras adiantadas e mais duas mil quando nós... quando recebêssemos a criança.

— Ela foi no fim de maio, com Amber Marshalson?

— Antes disso eu tinha discutido o assunto com o grupo de que já falei e um casal disse que estava interessado, o senhor sabe, e que gostaria de conhecer as moças.

Wexford suspirou silenciosamente.

— Deixe-me adivinhar — ele disse. — Elas foram. O senhor pagou a estada das duas em um hotel de preço razoável. Não, suponho, no Hotel Die Vier Pferde.

— Claro que não. No Hotel Jägerhof. Não num quatro estrelas. Não era necessário. Seria além, como acredito que o senhor diria, do dever. Eu reservei uma suíte no

Hotel Die Vier Pferde para uma noite. — Ele hesitou e um leve rubor coloriu sua tez pálida.

— Para a... bem, transação, o senhor sabe. Depois que a Srta. Bartlow e a Srta. Marshalson foram embora, minha mulher e eu jantamos e passamos a noite no hotel.

Ele podia imaginar. Para aquele marido amoroso, ter a mulher ali, naquele luxo, passar a noite juntos, removeria parcialmente a imundície e o absurdo de uma coisa daquelas. E era também um modo de celebrar a concepção? Podia até ajudar a dar a ela a ilusão de que o filho seria tanto seu quanto dele.

— Por transação, o senhor quer dizer que forneceu uma amostra de esperma?

— Sim. Meu amigo, o Sr. Demitir Weinstock forneceu uma amostra à Srta. Marshalson no Hotel Jägerhof.

— E nunca mais tiveram notícias delas?

— Tivemos sim. Chegaram e-mails dizendo que a concepção dera resultado nas duas e em julho informaram que ambas estavam bem e que a gravidez seguia normalmente.

Minha mulher ficou muito feliz. A Srta. Bartlow escreveu outra vez no dia 1º de setembro dizendo que estava bem e que entraria em contato outra vez dentro de um mês. Prometeu mandar uma foto quando a gravidez estivesse visível. Depois de um mês não tivemos mais notícias até meu amigo, o Sr. Weinstock, vir à Grã-Bretanha há uma semana, o senhor sabe. Durante o voo ele leu um jornal inglês que, em poucas linhas, dizia que a polícia ainda não tinha encontrado o assassino da Srta. Amber Marshalson.



— Não me lembro de ter sentido tanta hostilidade por vítimas de assassinato quanto por essas duas — Wexford

disse a Burden, tomando uma cerveja no seu velho bar Olive and Dove. — Sinto-me vindicativo e sei que não devo. Mas se você tivesse ouvido aquele homem...

Burden deu de ombros.

— Espero que tenha dito a ele que foi muito tolo.

— É claro que disse, mas gentilmente. Ele parecia achar que a coisa toda era menos importante para os Weinstock do que para ele e sua mulher e se consolava com a ideia de que pelo menos Megan estava grávida. Amber, é claro, não estava. Quer ela tenha tentado se impregnar com o esperma do ingênuo Sr. Weinstock, quer tenha jogado fora, ninguém jamais saberá. Eu não disse a König-Hensel que era muito provável que o filho de Megan não fosse dele. Por que piorar as coisas? O filho de Megan podia ser de Prinsip ou de um membro da socc. Tenho certeza de que as duas entraram em contato com ele. Lembre das mil libras no bolso dela. Antes de ir ao Bling-Bling, tenho quase certeza de que ela parou em algum quarto de hotel, talvez até aqui mesmo e apanhou outro frasco do fluido mágico. Burden fez uma careta.

— Pensando bem, elas podem ter enganado dezenas de casais.

— Não dezenas, Mike. Esperemos que não haja muita gente desesperada que caia nesse golpe. Talvez uns três ou quatro casais.

— O que eu queria saber é onde Rick Samphire entra em tudo isso.

— George Marshalsen disse que ele parece um cafetão e talvez tenha razão. Sempre que meninas tolas e ignorantes ganham o que parece ser dinheiro fácil, há algum homem inescrupuloso pronto para organizar o negócio.

— Nesse caso, parece que Megan e Amber se organizaram sozinhas.

— Ele pode ter dado a ideia a Megan. Ou, mais provavelmente, Ross. Deve ter encontrado todas as informações necessárias para elas. A existência do Círculo

Sussex para Superar a Falta de Filhos, por exemplo. Não sabemos como Megan entrou nesse negócio de mãe de aluguel. Minha sugestão de que ela leu no jornal, é apenas uma ideia. Ele deve ter convencido Megan.

Burden foi até o pequeno bar e pediu mais duas cervejas. O homem do bar insistiu em levar para a mesa deles uma tigela cheia de castanhas de caju excepcionalmente grandes e suculentas. Wexford gemeu quando viu as castanhas e as cobriu com as mãos.

— Você tem que tirar as mãos daí, a não ser que queira tomar seu drinque com a língua.

— Eu sei. Pode comer quantas quiser e esconder a tigela?

Burden comeu uma castanha, levou a tigela para o peitoril da janela e a escondeu atrás da cortina.

— Pronto, longe da tentação. Sua teoria não funciona, Reg. Pressupõe que Megan conhecia Rick Samphire o bastante para se envolver em uma conspiração com ele. Mas já determinamos que ele a matou porque ela o reconheceu algumas semanas depois como o homem que tinha visto no bosque Yorstone. Se ele era companheiro na conspiração, e, de acordo com Marshalsen, seu cafetão, ela o teria reconhecido imediatamente quando o viu no bosque.

— Talvez tenha mesmo reconhecido — disse Wexford.

— Está dizendo que ela o viu, já o conhecia e ele, claro, também a conhecia e a deixou ir, sabendo que ela o ligaria a Amber e ao acidente?

— Lembre que Amber ainda não tinha sido morta. Nem ao menos machucada. Quando o acidente foi publicado no jornal, não havia qualquer menção do envolvimento de Amber. Só os Ambrose foram mencionados. Por que Megan ia suspeitar de que Rick Samphire tinha jogado aquele bloco de cimento só porque o viu no bosque Yorstone? Provavelmente não tinha ideia da data em que o viu ou de quando o acidente aconteceu. Mas quando Amber foi morta e a história do seu envolvimento com o acidente do bloco

de concreto foi publicada, só depois disso ela podia ter feito a conexão. Ela conhecia Rick. Era fácil para ela se aproximar dele, bastava combinar um encontro em um lugar determinado, isto é, o número quatro do Victoria Terrace. Provavelmente já tinha se encontrado com ele lá para discutir o próximo passo do negócio de mãe de aluguel ou para entregar a parte do dinheiro que tomaram dos infelizes pais em perspectiva.

— Então está dizendo — Burden disse — que Rick matou Megan porque ela o estava chantageando. Mas por que matou Amber? Desculpe, esta é uma comparação infeliz, mas ela não era a galinha dos ovos de ouro?



Wexford procurou SOCC na lista telefônica e não encontrou. Apesar do quanto o tinha ajudado, a Internet era sempre a última fonte em que ele pensava. Sem muita esperança, acessou o SOCC e, para sua surpresa, apareceu um quadro intitulado “A Cegonha Pode Vir para Você Também”. Pela primeira vez conseguia o que queria naquela máquina infernal. Devia ser porque estava tranquilo, ou sem nenhuma esperança.

Acima do acrônimo, o desenho de uma cegonha carregando um bebê no bico. “O Círculo Sussex para Superar a Falta de Filhos”, dizia, pode realmente ajudar você a ser pai ou mãe. Oferecemos aconselhamento, trabalho de grupo, psicoterapia e ajuda prática. Não apenas pondo nossos membros em contato com o tratamento FIV como também apresentando-os a sociedades de adoção, agências de mães de aluguel e a sistemas absolutamente novos de adquirir o filho dos seus sonhos. Não é preciso dizer que tudo é dentro da lei e perfeitamente honesto. Você pode se inscrever hoje

simplesmente dando seu nome e o endereço do seu e-mail na página dois. Não é preciso qualquer pagamento, até você entrar para um dos nossos programas. Agora, clique *Seguinte*.”

Wexford clicou *Seguinte* e apareceu a página dois, um formulário de inscrição, circundado por fotos de mulheres grávidas e mãe felizes com os filhos.

— Gostaria de saber o que são os “sistemas absolutamente novos de adquirir o filho dos seus sonhos” — disse Burden, que estava atrás dele.

— Não pode ser mãe de aluguel porque eles mencionam isso também.

— Eu disse no outro dia que há anos conheço os fatos da vida, mas agora, às vezes, eu me pergunto se conheço de verdade. Talvez haja um segredo de procriação que nunca me foi revelado. Wexford balançou a cabeça, com mais incredulidade do que dúvida. — O endereço deles e o telefone estão debaixo daquela foto tocante de uma mulher gorda com gêmeos: 167 High Street, Kingsmarkham.



Andando para cima e para baixo no lado oposto da High Street, Wexford decidiu que o socc devia ficar entre o bloco de lojas que incluíam Gew-Gaws, no número 163, em cima da qual ficava o apartamento de Megan Bartlow. Mas o número 161 era uma loja de bebidas, 165 um cabeleireiro, 167 — que devia ser o socc — era uma loja de equipamentos e alimentos para animais de estimação, 169, uma agência de notícias e 171 uma ótica. Ele já tinha tentado telefonar para o número no site, que depois de dez toques foi atendido pela secretária eletrônica.

Atravessou a rua na faixa de pedestres e continuou a andar examinando todas as lojas e as portas que davam

para corredores e para os apartamentos em andares altos.

A placa com os nomes Prinsip e Bartlow continuava ali, inalterada desde a morte de Megan. Havia outros nomes ao lado das campainhas, alguns já indecifráveis. Ele abriu a porta do Gew-Gaws e a sineta de Jimmy Gawson tilintou. Jimmy estava de pé no meio da loja ao lado de uma mesa, arrumando uma pirâmide de barras de chocolate embrulhadas com a bandeira inglesa, circundada por modelos de dez centímetros de altura do Olho de Londres. Na borda de um cinzeiro, provavelmente desenhado para parecer a fonte Diana no Hyde Park, estava seu inalador.

Quando viu Wexford, levou o inalador à boca e aspirou ruidosamente.

— Bem, meu querido — ele disse —, se esta coisa tivesse sido inventada quando eu era moço, eu teria me viciado nela, em vez de nesses malditos cigarros. O que posso fazer por você, Reggie?

— Já ouviu falar de uma coisa chamada socc? O Círculo Sussex para Superar a Falta de Filhos?

— É na segunda porta — disse Jimmy. — Nunca se deram o trabalho de cobrir o cartão e as letras escorreram com a chuva. Segundo andar. Eles têm duas salas nos fundos.

— Obrigado. Ajudou muito.

— Não tenho tanta certeza, meu querido. — Jimmy inseriu um novo cartucho ou inalador, mudou a posição da barra de chocolate no alto de pirâmide um pouco para a esquerda e voltou-se para Wexford. — Nunca tem ninguém lá antes da noite e não é sempre. Eu telefonaria e deixaria um recado.

— Já fiz isso.

— Eles vão retornar. Apenas dê algum tempo. Sabia que a pobre Grace Morgan não existe mais? Foi para a cabana do lenhador do céu. Keith veio me contar. Não que ele ou qualquer um deles jamais a procurasse.



Apesar do que Jimmy Gawson dissera, Wexford tentou tocar a campainha do segundo andar no número 167. Ninguém do socc atendeu. Começou a chover. Então Grace Morgan estava morta. Ninguém ia morar no chalé agora e ver os texugos no fim do dia. A neta que restava não precisaria vencer os terrores do bosque para visitá-la, nem a filha precisava mais convidá-la uma vez por ano.

Netas e filhas... Wexford pensou nas suas. Nas duas de cada uma que tinha e na possível outra da primeira, que era esperada. O processo associativo era engraçado, ele pensou, enquanto sua mente passava de filhas em geral para Sylvia em particular, de Sylvia para o filho que ela teria em menos de dois meses, do nascimento para os que ajudavam as crianças a nascer, para parteiras — Mary Beaumont era parteira. Ela não dissera certa vez que trabalhava para o socc? Na época ele não dera muita atenção... Será que ela sabia?

Ele pegou o telefone e ligou para Sylvia.

— Mary? — ela disse. — Ela está aqui agora. Por que não vem falar com ela?

## capítulo 24

A chuva forte, caindo reta como água da torneira, parecia a princípio estar contra Damon. Nem mesmo sua capa de chuva com forte proteção de borracha aguentaria mais de dez minutos. Botas impermeáveis de cano alto teriam ajudado, ou pelo menos botas de pescador. Sua opinião era de que as pessoas negras pareciam muito melhor do que as brancas à luz do sol, quanto mais quente melhor, a chuva não combinava com elas. A chuva o fazia parecer cinzento e infeliz. Damon tinha orgulho da própria aparência mas, como percebera, o inspetor Burden também tinha da sua — e achava que tinha pouca importância, desde que não o demonstrasse.

Damon tinha só vinte e cinco anos, mas se lembrava do tempo em que os negros, embora aceitos, não eram considerados bonitos pelos brancos. Então vieram os anos em que homens negros e mulheres eram considerados atraentes quando tinham traços caucasianos. Esse tempo tinha passado e africanos ocidentais de linhagem pura eram apreciados pelos brancos — a não ser que o branco fosse membro do BNP, o Partido Nacional Britânico da extrema direita. Damon refletia sobre isso enquanto vigiava a Glebe Alley e pensava que Kingsmarkham não era um lugar ruim para morar, especialmente quando se lembrava de sua infância em Deptford.

O tempo todo vigiava os degraus em ziguezague pintados de branco no fundo do prédio pintado de negro em Glebe Road. Quando fechava os olhos, ele os via em branco e preto. Via-os nos sonhos à noite, preto no branco ou branco no preto. Era como um símbolo ou um presságio, mas ele não podia imaginar de quê. Provavelmente de nada. Isso o fazia rir enquanto ia até Glebe Lane e voltava.

Sabia que a água ia atravessar as solas dos seus sapatos. Eleja a sentia entre os dedos dos pés. Tirava a água do sapato do pé direito quando dois vultos apareceram nos degraus em ziguezague. Riu quando viu a namorada de Colin Fry. Ela estava com uma capa de chuva branca brilhante com cinto apertado, que chegava pouco acima dos joelhos. As botas largas que todas as jovens estavam usando teriam sido mais apropriadas nessa noite, mas Emma calçava sandálias abertas com saltos de dez centímetros. De onde estava, a uns cinquenta metros da escada de incêndio, Damon ouvia as exclamações de protesto dela contra o tempo quando desceu os degraus, agarrada na jaqueta com capuz de Colin.

Damon gostaria de ficar ali, mas não devia, eles podiam vê-lo. Saiu patinhando na água do beco, inundando os sapatos outra vez, chegou ao carro e entrou. Teria sido melhor ter tirado a capa antes porque agora o carro estava cheio de água, encharcando o tapete, deixando o banco escorregadio e com o volante pingando. Não podia fazer nada, a não ser tirar os sapatos molhados e se arrepender de não ter levado uma toalha.

Por segurança, estacionara o carro de Bal quase no fim da Glebe Road, onde não podia ser visto das janelas de Colin Fry. Isso significava que ele mal podia ver a porta pintada de vermelho. Ligou o motor e seguiu até ficar quase na frente da tinturaria. Não havia qualquer pessoa por perto. Geralmente repleta de carros estacionados, Glebe Road estava quase vazia. Damon começou a tremer de frio. Eles deviam sair algumas vezes, pensou, e ninguém viria usar o apartamento. Podia ser uma dessas noites.

Esperaria uma hora, não, talvez hora e meia. Horrível pensar nisso, mas tinha que ser. Justo quando estava pensando se ligar o motor e o aquecimento seria desperdício e agressivo para o ambiente, um carro apareceu e estacionou na vaga ao lado dele. Um homem e uma mulher desceram do carro. Só a rapidez dos

movimentos e as figuras esbeltas diziam que eram jovens, pois a mulher puxou para baixo o capuz quando desceu do carro e o homem, com a capa de chuva o cobrindo da cabeça aos pés, abriu um grande guarda-chuva preto assim que pôs os pés na calçada. Mas eles se dirigiam para a porta vermelha ao lado da vitrine da tinturaria. Damon viu o homem tirar uma chave do bolso sob a capa e inseri-la na fechadura. Os dois entraram rapidamente e a porta se fechou.

Era o segundo visitante do apartamento de Colin Fry que ele via entrar usando uma chave. Não era descuido de Colin dar a chave de casa a desconhecidos?

*Mas talvez não fosse desconhecido*, Damon pensou, indo para casa, para um banho quente e uma refeição de galinha *tikka masala* pedida ao restaurante. Se não eram amigos, talvez todos que usassem o apartamento fossem conhecidos, pessoas em quem confiava, recomendadas por gente em que confiava. Escreveria isso em seu relatório e voltaria na noite seguinte. Agora que chegara a algum lugar, o caso começava a ficar animador.



— É uma organização perfeitamente legítima — Mary começou ou, pelo menos, era. Ainda é, pelo que sei. Uma assistente social do Serviço Social de Kingsmarkham dirige a organização, além de nela trabalharmos eu e dois conselheiros treinados. O que fazemos é aconselhar. Somos um serviço de aconselhamento.

Sylvia entrou na sala com vinho e castanhas de caju em uma bandeja. Wexford estendeu a mão direita para as castanhas, mas a retirou rapidamente, com se estivessem protegidas por uma invisível cerca eletrificada.

— Que tipo de conselho?

— Bem, querido, dizemos quais opções eles têm. Isto é, como devem agir com respeito à inseminação *in vitro*. Oh, sim, um dos conselheiros é herbalista e aconselha o que devem tomar para conseguir fertilidade. — Ela fez uma careta. — Há também a técnica metamórfica, baseada na “memória celular”. Segundo seus seguidores, nossas células guardam traumas passados. Imagine uma mulher que deseja desesperadamente conceber, mas já teve um parto difícil. Ela guarda a lembrança desse parto e o medo de que se repita pode evitar que engravide. Bobagem, meu querido. Há pessoas que oferecem drenagem linfática e hipnoterapia de visualização — Mary disse. — Algumas põem cristais fertilizantes debaixo do travesseiro.

Wexford ergueu as sobrancelhas.

— Sim, eu sei, nunca fui chegada a isso. Então, quando tudo isso falha ou é impossível, há a mãe de aluguel, que pode ser como o que Sylvia está fazendo, ajudando uma amiga, ou mandamos o casal para uma agência como a Bebês para Todos. Para adoção, claro. Aconselhamos, dizemos a quem devem procurar e como, esse tipo de coisa. Ah, temos também terapia de grupo. Na verdade, são casais ou solteiros, futuros pais sentados em círculo falando dos seus problemas, dizendo como se sentem em relação a eles. Isso pode ser muito triste, você entende, não, querido?

— As mulheres procuram vocês e se oferecem para ser mães de aluguel?

— Sim, constantemente — Mary disse. — Nós as mandamos às agências. Bebês para Todos ou Pais em Perspectiva. Aquela jovem que foi assassinada nos procurou.

— Quer dizer, Megan Bartlow?

— Não, a outra, a bonita. Quando vi sua foto na TV pensei: será que essa é a moça que esteve aqui? Eu não podia jurar, mas quase tinha certeza.

— Vocês a mandaram a uma agência?

— Acima de tudo — Mary suspirou —, ela era uma mãe em perspectiva, mas quando chegou a nós, a sessão não tinha começado ainda, anunciou que queria ser mãe de aluguel e começou a falar antes que alguém pudesse impedir. Já tinha falado com algumas dessas quando percebi e a mandei embora.

*Uma dessas pessoas*, Wexford pensou, ou talvez mais provavelmente um casal a encontrou fora dali, combinou tudo e na noite de 10 de agosto ela foi à casa deles ou encontrou o homem em um hotel, e pegou a amostra de esperma. Ele pagou mil libras que, livre e descuidada como era, Amber guardou no bolso e foi para o Bling-Bling Club. Pretendendo dar uma parte do dinheiro a Ross ou a Rick Samphire?, perguntou a Mary.

— Nunca ouvi falar deles, querido. Tenho certeza de que não têm nada a ver com o SOCC.

— Por que você disse que o SOCC *costumava* ser legítimo?

— Eu disse que é, pelo que eu sei.

— Mas o que quis dizer com “costumava ser”?

Mary tomou o vinho como se precisasse dele.

— Se quer saber, pedi demissão...

— Sim, eu quero saber, Mary.

— Bem, está acontecendo uma coisa que não me agrada.

— Eu dei uma olhada no site. — Só por dizer isso casualmente, como se desse olhadas em sites todos os dias, ficou cheio de um orgulho que ele sabia ser ridículo.

— O que são “sistemas absolutamente novos de adquirir o filho dos seus sonhos”? Algum método de reprodução que eu não conheço?

— Não sei, mas por isso pedi demissão. Tudo o que sei é que um dos conselheiros, um homem chamado Quickwood, está mandando mulheres mães em perspectiva a uma agência de viagens em Londres. Pode ser apenas uma introdução à adoção intercultural. Talvez não seja mais do

que isso, mas não acho que seja; por isso, não quero mais nada com o SOCC.

— Acho que não compreendi.

— Eu também não entendo — Mary disse. — O que sei é que em uma sessão de perguntas e respostas do grupo, na semana passada, uma das nossas sócias disse que ia à África no que chamou de um “pacote de nascimento”. Nairobi, creio que ela disse. Ia trazer um bebê com ela. Depois nossa assistente social perguntou se o Serviço Social de Kingsmarkham tinha feito uma avaliação, como eles chamam o estudo da casa, para ver se o lar dos futuros pais adotivos e as circunstâncias eram apropriados para uma criança. É até mais rigoroso quando se trata de adoção intracultural e quase sempre um longo processo. Mas aquela mulher disse que não era necessário porque o filho seria seu. Ela teria o filho na África. Olhei para ela com atenção. Definitivamente não estava grávida, mas dizia que ia para a África em duas semanas.

“Bem, Quickwood, que é assistente social, disse que a mulher certamente estava muito perturbada. O marido a tinha abandonado e ela estava em péssimo estado mental. Não era preciso que nos preocupássemos porque ela não teria permissão para tirar a criança da África, muito menos trazê-la para a Inglaterra. Provavelmente era tudo imaginação dela, ele disse. Mas eu não sei, Reg, não gostei. Resolvi falar com a mulher, que garantiu que tinha certeza de que tudo estava certo porque uma conhecida sua de Myringham tinha viajado em um ‘pacote de nascimento’ e voltado com um bebê que teve uma semana depois de chegar a Nairóbi. Então perguntei se a amiga era branca e ela disse que era, então perguntei se o bebê era negro e ela disse que claro que era. Bebês nascidos na África são negros. Então ela disse que eu estava sendo racista.

“Contei a Quickwood. Ele disse que não tinha nada a ver conosco, mas a mulher era um membro da nossa

organização e estava contando aquilo a todo mundo. Por isso pedi demissão.”

— Isso é confidencial? — Wexford perguntou. — Ou vai me contar o nome dessa mulher?

— Tenho que contar, não tenho, Reg? Não adianta falar tudo isso e não dizer o nome. É Gwenda Brooks e mora em Jewel Terrace, Brimhurst.

Por um momento, ele não a identificou. Então se lembrou de quando estava com Burden e viram John Brooks e o jovem amante no restaurante. Era a mulher dele, a mulher sem filhos, negligenciada.

— Quem é a mulher que ela conheceu em Myringham?

— Não sei, Reg. Conteí o que sei.



Era como sair para a lua de mel. Não como devia ser agora, recém-casados que talvez vivessem juntos há meses, mas como era antes, nos velhos tempos, quando um marido tímido, mas orgulhoso saía pela primeira vez com a noiva virgem. À sua frente, uma verdadeira noite de núpcias, em que o sexo acontecia pela primeira vez entre os dois.

Foi assim para ela e Bal. Silenciosos, no carro de Damon Coleman, sentindo-se exatamente como deviam ter se sentido aquela noiva e aquele noivo, mas pior do que isso, porque a sociedade e suas exigências tinham mudado. Ela se ressentia de Bal por isso. Era tudo culpa dele. O que dera a ele a ideia de sair no fim de semana para fazer amor? Ele estava criando uma situação artificial, quase um ritual, sério e monótono, de uma coisa que devia ser o efeito natural de uma causa. Como teriam se sentido muito mais felizes se tivessem ido para a cama juntos (um eufemismo que ela desprezava) há dois meses e tivessem continuado desde então! Pois ela estava certa, pelos



silêncios dele e aparente descaso por tudo, como conversação, que Bal estava tão nervoso quanto ela. Podiam estar conversando agora, lembrando o passado recente com a perspectiva de se hospedar no Maid's Head e ficarem sozinhos no quarto.

Em vez disso, ele perguntou:

— Falta muito para chegar a Taunton?

Hannah estava de navegadora.

— Uns vinte e cinco quilômetros.

— Chegaremos com muito tempo para jantar. Jantar!

— Sim — ela disse.

Bal parou no posto para reabastecer. A tarde aos poucos tinha escurecido e agora, com os relógios atrasados em uma hora no fim de semana anterior, a noite chegava.

Não um noite romântica, com lua e estrelas em um céu claro, mas um escuro espesso e cinzento, com a névoa começando a obscurecer a estrada e uma umidade pesada no ar. Bal dirigia em silêncio. Mais alguns minutos assim e até ele — foi como Hannah pensou, “até ele”, como se Bal tivesse ficado obtuso, perdido toda a sensibilidade — pareceu perceber o constrangimento no ar.

— Algum problema, Hannah?

Ela não respondeu e ele repetiu a pergunta.

— Muito intuitivo de sua parte perguntar — ela disse.

Sendo um homem da cabeça aos pés, como sua mãe diria, ele quis saber.

— O que eu fiz agora?

Hannah se decidiu. Se não fizesse nada, se deixasse a noite seguir seu curso, sabia que tudo ia ficar pior. Um deles ou os dois seria profundamente humilhado e não havia amor suficiente entre eles para acertar as coisas. Mas, relembando brevemente seu relacionamento, não via como agir de modo diferente. O que ela podia ter feito, qual o passo dado para levá-los àquele ponto, quase chegando a Taunton, com uma disposição diferente? Nada. Por mais que não gostasse de pensar, a culpa era dele. Bal tentara

viver de acordo com uma moralidade obsoleta em uma era que não queria isso nem o compreendia.

— Não adianta, Bal — ela disse. — Talvez a culpa seja minha. — Ela sabia que não era. — Mas isso não vai dar certo. Sinto muito.

— Do que está falando, Hannah?

— Esperamos muito tempo. Não sente isso? Não vê? Esse tipo de coisa devia ser natural e espontâneo. Eu disse, mas você não quis ouvir. Tudo tinha que ser sério, tínhamos que nos conhecer... e tudo mais. E agora é tarde demais.

Ele parou o carro no acostamento.

— O que você quer fazer? Ficar em quartos separados? Podemos fazer isso. Eu sempre disse que adiar era o mais sensato.

— Sim, e veja aonde nos levou. Vá em frente. Deixe-me em Taunton que volto de trem. Taunton é na linha principal, não é?

— Não seja idiota — ele disse e seu rosto estava tão tenebroso quanto o céu. — É claro que vamos voltar.

E voltaram. Sem falar, controlado, Bal às vezes emitia um som que parecia um rosnado.

— Preciso ir ao banheiro — ela disse, em algum lugar de West Sussex. Tomaram uma xícara de café e lembrando que não tinham jantado, cada um tentou comer uma torta de porco e um tomate.

— Eu acho que você enlouqueceu — disse Bal.

Ela deu de ombros.

— Parece ser o fim, não acha?

— Nunca houve muito começo — ela disse.

Ele era muito bonito, mesmo cansado e zangado. Que desperdício! E ela gostava dele, ia sentir sua falta, e o problema era que ele sempre estaria por perto. Talvez ela devesse pedir transferência. Mas por quê? Não era a culpada.

Ele continuou a dirigir em silêncio.

O movimento tinha diminuído na estrada, especialmente naquela direção. Como sempre, os motoristas eram tentados a ultrapassar o limite de velocidade determinado, chegar a cento e vinte dois, a cento e quarenta. Bal, claro, mantinha obedientemente os cento e dez quilômetros, sem se preocupar com as câmeras, que acusavam mais de cento e trinta na pista expressa.

Não falaram mais até passar pela placa que dizia BEM-VINDO A KINGSMARKHAM, UMA CIDADE HISTÓRICA. Bal fez a volta no círculo em vez de entrar à esquerda, e Hannah disse:

— Você errou o caminho.

Bal respondeu, com uma risada sarcástica:

— Um de nós errou, disso tenho certeza.

*Nunca mais ele diria “nós” daquele modo*, ela pensou. Ele fez a volta, entrou na Orchard Road e parou de repente na frente do prédio dela. Hannah olhou para ele, mas Bal não a olhou. Segurava com força a direção.

Ao descer do carro, ela disse outra vez:

— Sinto muito.



Damon jamais conseguiu entender o que os previsores do tempo no rádio e na TV queriam dizer com a chuva segue para o norte (ou para o sul ou para o leste), dando lugar ao sol e pancadas leves. Pancadas leves eram chuva, não eram? Quando ele era pequeno, uma vizinha branca de seus pais costumava dizer aos gritos para ele voltar para seu lugar. Como tinha nascido em Londres, Damon não tinha ideia de que lugar era esse e um dia perguntou cortesmente à mulher.

— Um lugar quente — ela disse. — Quente o bastante para queimar você, seu macaco atrevido.

Contudo, nunca mais ela gritou com ele. Damon pensou que jamais chovia no lugar quente e gostava da ideia de ir até lá. Lembrou disso quando voltou à Glebe Alley, para vigiar a escada em ziguezague, imaginando se ia haver uma daquelas pancadas leves. O céu podia estar claro ou cheio de nuvens, nunca se sabia. Estava outra vez com a espessa capa de chuva, por precaução e morrendo de calor.

“Quente o bastante para queimar você, seu macaco atrevido.” Damon sorriu. Aquela pobre velha, que todos sabiam que era meio louca, hoje em dia podia ser levada a julgamento por dizer aquilo. Era um mundo engraçado.

Como ele estava com o carro de Bal, mais ou menos fora da vista, Colin Fry e Emma podiam resolver voltar a usar a entrada da frente. Ele nada podia fazer. Não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Uma gota de chuva caiu no seu nariz e quando ele ergueu a mão para enxugar, os dois apareceram na porta, no alto da escada de incêndio.

Damon não esperou e correu pelo beco para Glebe Lane e seu carro. A limpeza que tinha feito naquela manhã no interior do carro melhorara a aparência, mas ainda estava úmido. Seguiu por uns doze metros na Glebe Road e estacionou em uma vaga. Se chegasse um visitante agora, onde deixaria o carro?

Aparentemente vindo a pé da rua próxima, ou então de ônibus, o homem se aproximou da tinturaria e pôs a chave na fechadura da porta vermelha. Era alto, vestia uma capa com cinto, que parecia cara, e estava com o guarda-chuva aberto. Mas quando a porta se abriu, teve de fechá-lo e o sacudiu quando entrou; Damon viu o rosto dele à luz da rua e o reconheceu. Isto é, já tinha visto aquele rosto antes, mas não lembrava onde nem quem era.

Damon praguejou em voz baixa. Precisava lembrar quem era o homem. Onde o tinha visto? Teria que pensar em todos os lugares em que estivera recentemente, todas as pessoas com quem havia falado...

A rua não estava mais vazia. Uma mulher se aproximava, vinda do fim da High Street para a Glebe Road. Usava óculos escuros não apropriados para a chuva, especialmente porque vestia uma capa comprida negra e levava aberto um guarda-chuva de homem. Estaria indo também para o apartamento de Colin Fry?

Aparentemente, sim. A chuva diminuiu antes de ela chegar lá e a mulher fechou o guarda-chuva. Olhando para os dois lados, empurrou os óculos para cima do lenço que cobria sua cabeça. Damon nunca a vira antes. Tudo que podia dizer era que tinha uns quarenta anos mais ou menos. Mas é difícil dizer, quando o cabelo está todo penteado para trás, esticando a pele sob os olhos e erguendo as maçãs do rosto. De onde ele vinha isso se chamava “plástica Croydon”.

Ela foi até a porta da tinturaria, mas antes que pudesse tocar a campainha, a porta se abriu e a mulher entrou rapidamente.

## capítulo 25

A semana de tempo bom, que geralmente chega em outubro, chegou no fim do mês. Esse “pequeno verão” começou no dia em que Hannah Goldsmith começou a semana de suas férias anuais, por isso ela desejou não ter tido tanta pressa em reservar na semana anterior a estada de seis dias em Creta. Adiarda a reserva porque esperava viajar com Bal. Mas Bal não falava com ela desde a desastrosa viagem a Somerset, a não ser pelas exigências do trabalho. Voltara a chamá-la de sargento, e ela só falava com ele quando necessário, chamando-o de coisa alguma. Agora ia viajar sozinha e nunca sentiu tão pouco entusiasmo pelas férias.

Damon procurou em vão lembrar quem era o homem que vira entrar no apartamento de Colin Fry. Via a escada de incêndio em ziguezague nos seus sonhos, mas não conseguia ver o rosto outra vez. Seria importante? Damon achava que era, porque Wexford sempre dizia que tudo importava, por menor que fosse, em um caso de assassinato.

Uma reportagem de duas páginas apareceu no *Kingsmarkham Courier* onde Darren Lovelace, que aparentemente fora promovido a redator-chefe, lamentava os dias em que a Scotland Yard era chamada para investigar assassinatos como os que tinham ocorrido em agosto e setembro. Os dias em que não existiam equipes para assassinatos e equipes para crimes graves. O que era preciso, ele escreveu, era criar uma versão britânica do FBI e, simultaneamente, a aposentadoria compulsória de “elementos antigos” como Wexford.

Wexford leu e se magoou. Sabia que as coisas nunca parecem tão ruins no dia seguinte e que dois dias depois

estão quase desaparecendo. Isso, é claro, não ajuda na primeira leitura. Abriu outra vez o *Courier* e olhou para sua foto antiga tomando cerveja. Quando os jornais locais eram brandos e inofensivos, temendo descontentar seus leitores. Se Darren Lovelace lamentava o passado indefinido que atribuía à força policial, ele, Wexford, olhava para trás com nostalgia, para aquele tempo quando as grandes reportagens do *Courier* eram sobre sessões do conselho distrital, a exposição de flores e os resultados das médias para admissão à universidade. Amassou o jornal com as duas mãos e ia jogá-lo no cesto de papéis recicláveis, quando foi anunciado um Sr. Bartlow. Wexford podia recebê-lo?

— Mande subir, por favor.

Hannah o tinha entrevistado e essa era a primeira vez em que Wexford via o pai de Megan. Suas primeiras palavras depois de se apresentar foram para dizer que vinha do enterro da ex-sogra.

— Grace Morgan — ele disse. — Talvez tenha falado com ela. Grace era uma boa mulher, a melhor daquele bando. Noventa e três é uma idade avançada, mas vou sentir falta dela, embora seja o único. Eu devia ter vindo antes. Estar em Kingsmarkham me fez vir até aqui.

— Por que está aqui, Sr. Bartlow?

— Bem, por minha filha Megan. Claro, minha filha Megan.

— Sim, eu sinto muito — disse Wexford.

— Ela não me contou, sabe. — Wexford não precisou perguntar quem era “ela”. — Eu tive que ver na TV — Bartlow disse. — Bem, minha mulher viu e me contou. De repente, como dizem. Além de Lara, tenho dois filhos com minha mulher atual, mas isso não me impede de sentir a morte de Megan.

— Estou certo de que não.

Bartlow mudou de posição na cadeira.

— O senhor talvez considere o que vou dizer um monte de asneiras. Na verdade, não é nada. A jovem detetive que me entrevistou... pensei em contar a ela mas, francamente, pensei que ela acharia ridículo. Mas isso está me atormentando. Minha mulher diz que não foi nada e que devo esquecer, mas ontem, quando eu disse que ia ao enterro da velha Grace, ela me aconselhou a vir aqui e tirar esse peso do peito. Se achar que é bobagem, bem, pode me dizer.

— Vamos ver — disse Wexford.

— Certo, então. Aqui vai. Conte à jovem detetive que Megan tinha estado na Feira de Pauceley. Muito bem, nós todos tomamos chá na feira e Megan disse que gostaria de ir para casa antes da noite. Eu achei que era uma boa ideia. Não gostava de que ela e Lara andassem sozinhas à noite. Deus sabe que quando aconteceu era dia claro, não era? — Wexford assentiu e ele continuou: — Eu a levei até o ponto do ônibus em Sewingbury. Fica a uns oitocentos metros da feira. Há um ônibus a cada duas horas e eu queria chegar a tempo de Megan tomar o primeiro. Fomos pela Pauceley Avenue, onde há grandes residências. Na frente de uma delas, um homem descia de um carro. Eu o conhecia de vista, mas não sabia seu nome.

“Megan olhou atentamente para ele. Só víamos o perfil. Parecia ter trinta e cinco ou quarenta anos, e uma cabeleira escura abundante. Como eu disse, Megan olhou atentamente para ele. O homem entrou na casa sem olhar para nós e eu disse brincando para Megan ‘Você o reconhecerá quando o vir outra vez’, e ela disse ‘Fala sério! Claro que o reconhecerei’. E isso é tudo. Eu a levei para o ônibus e foi a última vez em que a vi. Agora que contei, parece mais bobagem do que nunca.”

— Não acho — Wexford disse e acrescentou: — Por acaso notou o número da casa?

— Não, mas notei o nome. É tão... bem, quem ele pensa que é? O nome da casa é *A Mansão*.





Examinavam mais uma vez o site de Surrage-Samphire, Wexford, Burden e Damon Coleman, mais especificamente as fotos dos dois irmãos.

— Não há dúvida, senhor — disse Damon. — É o homem que vi entrar no apartamento de Colin Fry. O que se chama Ross, com todo esse cabelo preto. É ele. Eu o vi duas vezes. A primeira quando ele entrou e a segunda quando abriu a porta para a mulher. Voltei mais tarde e vi os dois saindo.

— Você o reconheceria? Poderia identificá-lo?

— Sim, senhor.

— E a mulher?

— Pode ser qualquer pessoa, senhor. Não posso sequer estimar sua idade. Só posso dizer que não é uma adolescente. Alta, bem... um metro e setenta ou setenta e cinco e não era gorda. Chovia muito e ela estava com um lenço na cabeça e o guarda-chuva aberto.



— Damon foi muito firme — Wexford disse a Burden, quando ficaram sozinhos. — Mas e daí? Certo, então Ross Samphire, que faz questão de parecer um devotado homem de família, é de fato um adúltero, mas adultério não é crime. Mais importante é o que Gary Bartlow viu quando levava Megan ao ponto do ônibus em Sewingbury. Evidentemente o homem que desceu do carro era Ross e Megan o reconheceu. Na verdade, isso é prova do que sempre dissemos...

— Do que você sempre disse — Burden interrompeu generosamente.

— Tudo bem, do que eu sempre disse. Megan reconheceu o homem que tinha visto no bosque Yorstone no dia 24 de junho. Agora que sabia onde ele morava e podia descobrir seu nome, não hesitou em tentar chantageá-lo.

— Uma coisa extremamente perigosa de se fazer com um homem como Ross Samphire.

Wexford ficou calado algum tempo. Quando pensava concentradamente sempre ficava imóvel, com as mãos relaxadas na mesa, olhando, aparentemente sem ver, para a parede. Burden o tinha visto assim muitas vezes e sempre esperava, sem interromper o chefe.

— Então — Wexford disse finalmente —, Ross foi o homem que atravessou o bosque Yorstone para tentar matar Amber com o bloco de concreto? Não pode ser. Ele estava na Espanha, com a mulher e os filhos. Além disso, eu diria que ele é um homem eficiente e totalmente inescrupuloso, concorda?

— Sim, acho que concordo.

— Para começar, ele não teria tentado jogar aquele bloco da ponte. É um método muito incerto, muito ao acaso. Se tivesse matado Megan no Victoria Terrace, por que esconderia o corpo no armário, para não falar em deixá-lo lá quatro dias?

— Mas deve ter jogado o bloco de concreto, do contrário Megan não o teria reconhecido e ele a matou porque ela o reconheceu.

— Eu sei — disse Wexford —, mas o que me intriga é a incompetência do ato. Não parece coisa do Ross. Por outro lado, parece muito coisa do Rick.



— Dono de bordel? — Colin Fry franziu o lábio superior e olhou incrédulo para Hannah e Damon. — Não sei do que

estão falando. Um dono de bordel tem garotas em casa. Não me digam que emprestar o apartamento a um amigo por uma noite é ser dono de bordel.

— Apenas nos diga o que está fazendo, Sr. Fry — disse Hannah. — Está cobrando pelo empréstimo?

— E não diga que é tudo porque seu coração é bondoso — disse Damon. — O senhor e sua namorada estavam fora quando aquele casal chegou. Estavam fora na semana anterior, quando outro casal ocupou o apartamento.

— E daí, se estávamos fora?

— Sr. Fry, se quiser dizer quem eram as pessoas que estiveram no apartamento na noite de quinta-feira, o homem às... — Damon consultou seu caderno de notas — dezenove e doze e a mulher às dezenove e dezesseis, podemos considerar com mais clemência o que está fazendo. — Certa de que não era nada ilegal, Hannah disse: — Não estamos prometendo nada, compreenda. Mas talvez seja possível.

— Era Ross Samphire, não era, Colin?



Emma entrou na sala com xícaras de chá que não fora pedido nem oferecido e que, Damon logo descobriu, era impossível beber devido à quantidade de açúcar. Tentou não arregalar os olhos quando ela se inclinou para dar a xícara a Colin, revelando, quando a minissaia levantou, cinta-liga e prendedores com babados negros. O lugar não era muito diferente de um bordel...

— Tudo bem — Colin disse. — Era Ross. Ele me mata se souber que contei. — Tarde demais se deu conta do que acabara de dizer e cobrou a boca com a mão.

— Você não nos contou. Nós contamos a você. Quanto ele paga?

— Vinte mangos a hora — Colin disse, soturnamente.

— E ficou lá três horas. Tem algum outro cliente? Não minta. Sabemos que tem.

— São todos amigos — Emma disse, voando em defesa de Colin. — Eles querem pagar. Estamos fazendo um favor. Que mal há em usar nosso apartamento quando estamos fora? Nós queremos sair. O dinheiro é como um presente.

— Muito bem. Quem era a mulher com Ross?

A autoescolhida porta-voz, Emma, era muito melhor naquilo do que Colin. Ela jamais admitiria que o dinheiro era pagamento por alguma coisa. Era um presente, dado como penhor de gratidão pelo serviço prestado. Hannah sabia que Emma estava mentindo, mas agora, quando ela respondeu à pergunta, teve certeza de que era verdade.

— Eu não sei. Colin não sabe. Ele não quis dizer o nome dela a Colin. Por que diria?

Realmente, por quê? Para Hannah, a ideia de um homem casado alugar um apartamento para dormir com uma mulher que não a sua era tão estranha a ponto de ser incompreensível, e ela tentou se imaginar no lugar daquele homem. Viu-se apresentando o problema ao amigo que emprestava o apartamento e, uma vez feito isso, chegou à conclusão de que não revelaria o nome da mulher. Para quê?

— Muito bem — ela disse. — Isso é tudo por enquanto. Gostaríamos de ver vocês mais tarde na delegacia. Digamos, às quinze horas?

— Vou estar trabalhando — Colin quase choramingou. — Devia estar trabalhando agora.

— Ora, ora — disse Damon —, como trabalha para o Sr. Samphire, tenho certeza de que poderá explicar satisfatoriamente.



Ele estava dirigindo. Hannah, ao seu lado, desejou que fosse Bal. Não ajudava o fato de na primeira semana ele e Damon terem trocado de carro e Bal deixar no banco de trás uma barra de chocolate e o *New Statesman* com Bhattacharya escrito na primeira página. Um desejo de pegar aquelas coisas que Bal tinha tocado a invadiu, até vontade de levar o nome dele aos lábios. *Tola*, ela pensou. Isso era o que acontecia quando duas pessoas olhavam nos olhos uma da outra, apaixonavam-se e se separavam, em vez de escolher a opção saudável de dormir juntas e fazer amor.

Hannah entrou na delegacia de mau humor.

## capítulo 26

O carro que saiu da Mill Lane era um Mercedes azul-escuro e o motorista era Ross Samphire. Ele devia ter estado em Clifton, combinando alguma decoração de interior com os Marshalson, Wexford pensou, quando estacionou no lado oposto do Jewel Terrace e viu Lydia Burton de pé no lado de dentro do portão, como se tivesse acabado de acenar adeus a alguém. Alta, lembrou a descrição limitada de Damon Coleman, certamente sem excesso de peso, não muito jovem, mas não exatamente de meia-idade...

Seria ela a mulher com quem Ross se encontrava no apartamento de Colin Fry? Sem dúvida parecia. Quanto a Lydia não precisava usar o apartamento. Tinha casa própria e era solteira. Ir à casa de Fry devia ser escolha dele. Mas por quê? Seria por causa da distância de Brimhurst a Pauceley? Ou ele conhecia alguém na vizinhança que podia reconhecê-lo? Bem, os Marshalson.

O tempo tinha esfriado muito e Lydia, depois de acenar para ele e para Hannah sem nenhum sinal de culpa —, mas culpa por quê? Ela não era casada — entrou rapidamente em casa. Gwenda Brooks atendeu a porta tão rapidamente, que Wexford imaginou que devia estar atrás dela. Como enfermeira e parteira experiente, Mary podia dizer facilmente se uma mulher estava ou não grávida, mesmo no começo da gravidez. Mas ele, o que sabia disso? E Hannah? Porém os dois podiam ver que não havia possibilidade de Gwenda ter um filho dentro de duas semanas ou, até mesmo de seis meses. Desde a partida de John Brooks, ela perdera muito peso. A saia xadrez marrom pendia da cintura e da barriga lisa, como se vestissem modelos de quinze anos. Ela estava abatida. A garganta e o pescoço

tinham aquelas depressões antigamente chamadas saboneteiras.

A sala de estar em que Hannah já tinha estado continuava sinistra. Wexford lembrou de quartos de hotéis de terceira classe, onde tudo é da cor de mingau de aveia e pão de trigo integral, sem ornamentos ou quadros. Gwenda se sentou na beirada da cadeira com os joelhos muito juntos. Pela segunda vez, ela disse: — Não sei o que a polícia tem com isso. É assunto meu, particular.

Embora avessa a chamar alguém de senhora, Hannah fez isso como concessão à sensibilidade de Wexford.

— Sra. Brooks, a senhora vai fazer um programa turístico no Quênia, certo?

— Sabe que vou. Eu já disse.

— E o propósito dessa viagem é a senhora e outras mulheres darem à luz enquanto estiverem lá?

— Um dos objetivos, sim. Vamos fazer um semana de turismo. Realmente, não sei por que devo dizer isso a vocês. Mas se insiste, sim, teremos uma semana de turismo e duas noites em um parque safári e então seremos levadas a uma clínica em Nairóbi, onde daremos à luz. Um parto natural sem dor, devo acrescentar.

— A senhora consultou um médico? — Hannah perguntou. — Quer dizer, seu clínico geral.

A mulher parecia cada vez mais ofendida.

— Não preciso de médico. Nada há de errado comigo.

Hannah suspirou mentalmente. Wexford podia ter dito a ela que suas perguntas eram inúteis. Precisavam agora de fatos concretos. Finalmente ela pareceu compreender isso e perguntou o nome da conhecida dela em Myringham e da agência de viagem que vendera a “passagem do nascimento”.

— Não posso divulgar isso — ela disse, indignada. — Assinei um termo de confidencialidade.

*Aposto que assinou*, Wexford pensou.

— Contar à polícia é confidencial — ele disse, não exatamente falando a verdade.

— Então está bem. O nome dela é Sharon Lucas e a agência de viagens fica em Londres. É a Miracle Tours, em Carlos Place, West One. — Enunciou o endereço com orgulho quase patético. Ela não era uma ingênua do campo, mas uma mulher sofisticada que usava agentes de viagens de Mayfair.

— Está dizendo que simplesmente foi até eles — Hannah disse — assim, sem mais nem menos?

— Claro que não. — Gwenda Brooks começava a ficar zangada. — Sharon me contou e o conselheiro do socc me mandou a eles. Sabem o que é o socc?

— Oh, sim, sabemos. Quem foi o conselheiro?

Ela disse o nome. Ken Quickwood, como Mary informara. Wexford, que esperava ouvir o nome de Ross Samphire, ficou desapontado. Assim que saíram Hannah explodiu: — Dá para acreditar que algumas pessoas possam ser tão adoidadas, chefe?

— Facilmente — disse Wexford. — Sargento, acho que vou mandá-la “lá para cima, para oeste”, como costumavam dizer. Pode passar o dia fazendo compras e dar uma chegada na Miracle Tours.



Aborrecido e muito atrasado, Colin Fry apareceu na delegacia com um agasalho de capuz. Isso fez Wexford prometer a si mesmo dali em diante rejeitar capuzes como objetos importantes para o caso. Quando perguntado outra vez quem era a companheira de Ross Samphire, Fry repetiu que não sabia.

— Alguma vez a viu, Sr. Fry?



Fry ficou em silêncio pensando, embora não fosse algo em que uma pessoa honesta precisasse pensar para responder. — Talvez — ele disse cautelosamente.

— Como ela é?

— Quase quarenta anos. Corpo bonito. Boa aparência. Não sei, não sou bom para descrever pessoas.

— O nome dela é Lydia Burton?

— Pode ser — Fry continuou com cautela. — Acho que pode ser. — Seus olhos encontraram os de Wexford e se desviaram. — Não quero que Ross saiba que eu disse isso. Não quero. Têm que lembrar que Ross é meu... bem, meu meio de vida. Eu dependo dele. Vocês não dão a mínima quando fazem uma pessoa perder o emprego. Para vocês, faz parte do trabalho diário.



Da janela, Wexford o viu partir, atravessar o pátio até a van estacionada, apertando o agasalho contra o corpo e curvando os ombros. Começava a fazer muito frio. “Fora de estação”, era como Burden dizia, o que Wexford achava uma expressão errada para qualquer tempo neste país, em qualquer época do ano. Porque já tinha visto neve em junho e dias quentes em dezembro. A visita seguinte era à Sra. Sharon Lucas. O carro ficou no pátio da delegacia por menos de uma hora, mas Donaldson teve que retirar o gelo do vidro traseiro e do para-brisa.

— E pensar — disse Burden — que quando este caso começou fazia um calor incrível e o dia da morte de Amber foi o mais quente registrado...

— As coisas são assim. — Wexford estava mal-humorado. — Quanto a ser incrível, não tenho qualquer dificuldade para acreditar. Não teria dificuldade para acreditar — ele disse, num voo de fantasia — se nevasse amanhã ou se a

temperatura subisse além de quarenta graus, ou se quando chegássemos a Myringham caísse uma tempestade.

Burden não disse mais nada, reconhecendo os primeiros sinais de um acesso de raiva. Mais calmo depois de um momento, Wexford disse: — Eu queria poder dizer que todo o trabalho de Damon não foi em vão. Queria ter mostrado que Fry dirige um bordel porque isso significa que ele seria desacreditado e seu status de fornecedor de álibis não valeria nada. Mas, como ele mesmo disse, nada impede que alguém empreste a casa a amigos por uma noite. E daí se ele recebe pagamento? Pode-se empregar babá ou governanta ou babá de cães e gatos, e se paga por isso.

— Mas serviu para mostrar Ross Samphire como adúltero.

— Acredito que o adultério seja crime em algum emirado e certas partes da África, mas aqui não é e espero que nunca seja.

— Não, mas essa conduta o desacredita. Ele não é o quer parecer, mais imaculado do que o branco.

— Alguma vez ele foi, Mike? Ele parece puro, mas sabemos que não é. Sabemos que não era antes de Damon começar a vigilância. Sabemos que Rick matou aquelas garotas e que Ross o está encobrindo.

— Mas há um pequeno problema aí, não há? Colin Fry. Fry não é santo, mas ele não mentiria sobre o paradeiro de Rick, se pensasse realmente que Rick tinha assassinado Megan. Ele diz que Rick estava no prédio do velho banco com ele no dia 1º de setembro. Não acho que ele diria isso, Reg, se acreditasse que Rick matou Megan.

— Então para que ele pensa que está fornecendo esses álibis?

— Pelo que as pessoas sempre acreditam ou se convencem: estamos atrás de alguém porque tem classe. Se ele pode ajudar um amigo a se livrar de problemas, por que não? É muito diferente de tentar livrar um amigo de uma acusação de assassinato.



O apartamento dela era muito pequeno, pouco mais que um estúdio. Consistia de um único cômodo de 4,5m por 4m e duas portas abertas em uma das longas paredes mostravam uma cozinha pequena e um minúsculo banheiro com chuveiro. O primeiro pensamento de Wexford foi de que nenhum Serviço Social aprovaria o local como adequado para criar uma criança. Era pequeno demais. A cama de Sharon Lucas era do tipo que se levanta e fecha na parede, mas nesse dia estava abaixada, embora fosse quase meio-dia.

O bebê estava em uma gaveta. Burden lançou um olhar inescrutável para aquele substituto de berço, mas Wexford já tinha ouvido falar disso. Sua avó lhe tinha dito que era o que “os pobres” faziam, em lugar de comprar o que ela chamava de *bacinete*.

O bebê era negro, ou melhor, cor de café claro com o belo rosto e a nobre cabeça que Wexford associava (talvez erroneamente) ao povo somali. O cabelo era negro e muito crespo, como um gorro de astracã no crânio bem-feito. Acordado e completamente calmo, sacudia os braços no ar, vendo as sombras que eles projetavam na parede branca. *Se essa criança nasceu há duas ou quatro semanas, Wexford pensou, eu sou Sherlock Holmes. Bem que queria ser.*

A raiva contida durante a viagem até ali cresceu e ameaçou explodir. Ainda bem que o tal de Quickwood não estava perto. Violência acabaria com a carreira de Wexford.

Ele não teria resistido ao impulso de bater no homem... Respirou fundo, e pela primeira vez olhou a mulher. *Ela era uma coisinha lamentável*, Wexford pensou, a raiva se dissolvendo em uma espécie de desespero; era uma mulher

pequenina, de quarenta anos, olhos excessivamente brilhantes e pele branca como leite, anêmica, quase albina.

— Eu gostaria de fazer algumas perguntas, Sra. Lucas.

— Ele apresentou Burden e sentou na cama.

— Na verdade, é senhorita — ela disse em tom apologético, quase insinuante.

Sem querer ocupar a única cadeira, Burden sentou em uma banqueta da cozinha. Ele também olhou pensativamente para o bebê. A pergunta de Wexford o surpreendeu.

— Qual o nome do bebê?

— Elkanah — disse Sharon Lucas.

— É mesmo? Tirou da Bíblia?

Ela balançou a cabeça.

— Conhece Elkanah Jones, o Steadman de *Casualty*? Da TV?

Era mais fácil aceitar e não insistir no assunto.

— É negro e muito bonito!

— Sem dúvida — disse Wexford. — Seu Elkanah também é negro, certo? A senhora não é. O pai é negro?

— Oh, não. Há meses e meses não vejo ele. — Ela não parecia compreender que essa explicação era inadequada.

Wexford nunca se sentira tão perdido. Por um momento, não conseguiu pensar em coisa alguma para dizer. Eles falavam linguagens diferentes. Ao que parecia, ela não falava nenhuma linguagem que ele podia esperar das diferentes pessoas que era obrigado a entrevistar. A mulher olhava para eles com olhos grandes, vazios e simples. Havia uma inocência real nela, que o deixou mudo.

Enquanto ele procurava as palavras, Burden disse: — A senhora fez uma viagem de turismo à África, não fez, Srta. Lucas?

— Uma viagem milagrosa — ela disse.

— E onde foi arranjada?

— Como disse?

Burden tentou outra vez.

— Fale da viagem à África, Srta. Lucas. Foi a Nairóbi, certo? Foi uma viagem de férias?

Ela o surpreendeu.

— Foi um tratamento de fertilidade.

— Na África?

Balançando a cabeça quase com indignação, ela disse:

— O tratamento foi aqui. Tínhamos uma dieta especial, de vitaminas e nada de álcool ou café. Fizemos isso durante seis meses. Então fomos a Nairóbi para o milagre.

— Qual foi o milagre? — Wexford perguntou, grato a Burden por preparar o terreno.

— Não sei das outras. Nunca mais vi. Não eram daqui. Fui para uma clínica, uma casa muito bonita, limpa, com um médico de jaleco branco e duas enfermeiras. Todos negros. O médico me deu uma injeção e eu dormi.

— Um anestésico?

— Sim. Quando acordei eles puseram o bebê nos meus braços.

— Simples assim?

— A enfermeira disse que foi um parto muito fácil e que eu podia ir embora com Elkanah dali a duas horas. Éramos dez no avião, mas cada uma vinha de um lugar. Quando vim para casa com Elkanah, o homem que estava conosco, e que eles chamavam de mensageiro, me deu o passaporte de Elkanah. Foi realmente maravilhoso ele ter um passaporte com aquela idade.

A essa altura, Elkanah, cansado de olhar as sombras na parede, começou a reclamar. Sharon o pegou com os braços finos como gravetos que pareciam fracos demais para aguentar o peso dele. Mas quando o ergueu, o rostinho gordo e negro contra seu queixo pálido, uma expressão de terna adoração transformou o rosto dela, tornando-o quase belo. Wexford lembrou de outra mulher com uma criança e sua atitude completamente inversa e por um momento teve a impressão de ver a paciente indiferença de Diana Marshalson.

— Srta. Lucas, seria possível dizer quanto pagou por sua Viagem Milagrosa?

— Foi cara. Eles explicaram. — Levou Elkanah para a cozinha e tirou uma mamadeira da pequena geladeira. Uma luta começou então quando ela tentava manter a mamadeira debaixo da torneira de água quente aberta e ao mesmo tempo manter a mão do bebê, que gritava agora, o mais longe possível. Wexford imaginou qual seria realmente a idade do bebê. O passaporte devia dizer, ou aquele falso passaporte devia dizer alguma coisa. Quando achou que a mamadeira estava suficientemente aquecida, Sharon pôs o bico na boca do bebê e sentou com ele, sorrindo feliz. — Eu precisei hipotecar meu apartamento. Dez mil libras foi quanto custou. Mas por tudo, o tratamento, o voo, o parto e o passaporte de Elkanah.

— A senhorita trabalha?

— Trabalho à noite no caixa do Tesco. Quatro noites por semana. Minha mãe toma conta de Elkanah. — De certo modo ela pareceu se dar conta vagamente de que precisava explicar melhor aquela despesa. — Eu queria um bebê meu. Tentei muito. Eu simplesmente desejava um bebê. Eu via outras mulheres com filhos e não sei por que não roubava eles delas, tanta era a minha vontade. — Elkanah mamava com entusiasmo e velozmente. Sharon acariciou a cabeça dele com imensa ternura. — Mas estou bem agora. Tenho meu próprio filho.



— E eu tenho que tirar o filho dela — Wexford disse. — Precisamos tirar os bebês de todas essas mulheres, ou alguém precisa fazer isso. Quase sinto que não tenho coragem. Não tenho coração para prosseguir com isso. Por que não fingir que nunca ouvimos falar de Gwenda Brooks?

— Deve estar brincando, claro — Burden disse severamente, quase com agressividade. — É claro que temos que continuar. É claro. Nem pensar em deixar esses vilões continuarem a enganar essas pobres mulheres! ganhando dez mil de cada uma, pelo golpe mais sujo que já vi na vida?

— Eu estava brincando, Mike, se brincando pode ser a palavra nesse contexto. Isso tem que parar. E só que eu queria... bem, que as pessoas não fossem tão más. Isso parece idiota, não parece? Um velho tira como eu. Então vamos mandar Hannah à Viagem Milagrosa, fazendo-se passar por uma mulher sedenta por um filho?

— Acho que sim. Você não acreditaria, certo? Jamais poderia inventar isso. Um bando de mulheres que querem tanto ter filho que estão prontas para pensar que podem ir à África, dar à luz sem estarem grávidas e trazer um bebê africano como se fosse seu?

— Certa vez decorei uma coisa que Bertrand Russell disse. Vejamos se lembro. “O fato de uma opinião ser aceita amplamente não é de modo algum prova de que não é completamente absurda. Na verdade, em vista da idiotice da maioria da humanidade, uma crença disseminada é mais provavelmente tolice do que sensatez.”



— Não é trabalho de parto, querida — disse Mary. — Você está tendo contrações de Branxton-Hicks. Provavelmente significa que o bebê chegará em uma ou duas semanas. Pode vir antes.

Sylvia levantou do sofá o corpo pesado.

— Eu senti isso com Ben. Tinha esquecido. Cheguei a um estágio em que quero parar. Quero dizer, simplesmente quero acabar com isso. Você não notou uma coisa? A não

ser que tenha notado, mas não disse nada. Há dois dias não temos notícias de Naomi.

— Sim, notei.

— E alguma coisa fez com que não quisesse me contar.

Mary foi para a cozinha. Depois de uns dois minutos, voltou com uma garrafa de água com gás aromatizada com sabugueiro e dois copos. Encheu os copos, deu um a Sylvia e disse: — Não sei o que você vai sentir, mas de certo modo acho que não vai gostar muito. As mulheres não gostam, mesmo quando não amam mais o homem.

— Pelo amor de Deus, do que se trata?

— Naomi e Neil vão se casar em duas semanas.

Sylvia tomou um pequeno gole de água. Pôs o copo na mesa.

— Nada significa para mim. Se não fosse com ela, seria com outra. Afinal, eu o abandonei. Não posso reclamar. — Fechou os olhos e falou devagar: — Sim, acho que me importo, não gostei de saber. Oh, como sou tola, Mary!

Ela começou a chorar, as lágrimas pingando das pálpebras fechadas. Mary sentou ao lado de Sylvia e segurou a mão dela.



## capítulo 27

Com o casaco de pele emprestado da mãe, Hannah embarcou para Londres no trem das dez e cinquenta e um, de Kingsmarkham. Vestia calça cinza de flanela, botas até os tornozelos e em volta da cabeça um cachecol de seda, com estampado de arreios de cavalo. Vestir-se assim a deprimia e lhe tirava a naturalidade. Nunca em sua vida real sonharia em usar um casaco comprido de *vison*. Pelo menos, estava aquecida. Não tinha saltos altos para impedi-la de correr ou subir numa escada.

No trem, tirou o lenço da cabeça e se sentiu um pouco melhor.

Tendo feito a universidade em Londres, Hannah conhecia bem a cidade. Tomou o metrô na estação Victoria para o Green Park e continuou a pé. Fazia muito menos frio do que em Sussex, mas a moça pôs de novo o cachecol na cabeça. Diziam que Londres era mais quente por causa de todos os canos de água quente. Seria verdade? Passou por Nicky Clarke, o cabeleireiro, e pensou ridiculamente que as pessoas lá dentro estavam olhando para ela, pensando como era caipira e que seu cabelo devia ser tão horrível que ela precisava escondê-lo.

Chegou à Miracle Tours. A agência de viagens não era tanto uma loja quanto um escritório, com uma janela ampla, espremido entre duas casas altas de elegância georgiana.

Tinha-se de tocar uma campainha para entrar. *Seria a última pessoa que admitiriam se soubessem por que estava ali*, Hannah pensou. Tocou a campainha, a porta fez um barulhinho e ela a empurrou.

No pequeno escritório aconchegante, uma jovem com longo cabelo louro estava sentada a uma mesa coberta com

os folhetos de praxe. O tapete verde-esmeralda era espesso e macio, os móveis, de madeira clara e aço. Nas paredes os cartazes comuns, que anunciavam férias em Sharm-el-Sheik, Innsbruck, Penang e Rio de Janeiro, todos em molduras de aço.

— Posso ajudá-la?

Hannah sempre quis ter as unhas longas como as daquela jovem, mas jamais conseguiu. Eram imensamente longas, obviamente com extensões artificiais e em cada uma, a foto minúscula de uma praia tropical com areia prateada, palmeiras e mar azul iridescente. Hannah olhou para as pequenas fotos, desviou os olhos e começou a fazer o que tinha de fazer.

— Ouvi dizer que vocês arranjam uma Viagem Miraculosa.

Parecia nervosa, estava ciente disso, mas assim era melhor. Qualquer pessoa perguntando por aquilo tinha de estar nervosa.

A moça disse cautelosamente:

— Nós somos a Viagem Miraculosa. Algum conhecido nos recomendou?

— A Sra. Brooks — Hannah disse, e, vendo que não produzia efeito, teve uma inspiração. — Ela me mandou ao Sr. Quickwood.

— Oh, sim. — A dicção da Miss Praia Tropical aos poucos ficava mais refinada e isso animou Hannah. Devia estar causando a impressão certa. — Sim, isso é excelente. Posso saber seu nome?

— Anna Smithson — disse Hannah.

— E o endereço?

Hannah deu seu endereço. Quem podia provar que nenhuma Anna Smithson morava lá?

— Que tipo de viagem milagrosa pretende fazer?

Era a hora da franqueza, de abrir o coração, de mulher para mulher.

— Estou desesperada por um filho. Já tentei de tudo. Viagem Miraculosa é minha última esperança. Estou tão deprimida, que temo fazer alguma coisa horrível, dar fim a tudo, se não puder ter um filho. Acha que é bobagem minha?

Aquilo era contra todos os princípios de Hannah. As palavras quase se prendiam na garganta, mas a moça se deu conta de que aquele embaraço hesitante era bom naquela situação. Era dez vezes melhor do que uma calma declaração do caso. Uma centelha de simpatia apareceu nos olhos azuis da Miss Praia Tropical.

— O melhor é você falar com nosso diretor-gerente, mas ele só estará aqui à tarde. Pode voltar às quinze horas... bem, digamos, quinze e trinta?

Hannah podia. Sair para o frio foi muito desagradável e não tinha carro onde entrar e se aquecer. O que aquela jovem queria dizer com “ele só pode estar aqui à tarde?”. Que ele só viria a Londres à tarde, digamos, ou que dormia a manhã toda? Certamente não o segundo caso. Wexford dissera para ela fazer compras. Por que não? Voltar à agência com sacolas de compras de Bond Street acrescentaria veracidade a seu disfarce e há uma eternidade ela não comprava coisa alguma...



Na laje de cimento na frente da casa, em vez do velho Volvo, estava um novo Toyota vermelho. Um exame rigoroso mostrava que não era exatamente novo e, embora um presente de Ross, fora dado por necessidade, não por simples altruísmo. Rick tinha conseguido se livrar do Volvo, um carro resistente, entrando na contramão e batendo — mais violenta e desastrosamente do que se podia imaginar

naquelas circunstâncias — em um Land Cruiser com tração nas quatro rodas, estacionado junto ao meio-fio.

— Dizem que sou propenso a acidentes — disse Rick. Estava em péssimo estado, arrastando a perna com o joelho machucado, o braço direito na tipoia por causa do pulso torcido e um curativo na testa que batera no espelho retrovisor. — Eu não vi aquele Land Cruiser. Eu disse ao dono que acredito ter tido um derrame. No Princesa Diana disseram que não tive, mas só isso pode explicar.

Burden sacudiu a cabeça.

— Você tem sorte de ter seu irmão, não é mesmo?

Rick olhou para ele, ressentido.

— Não é o que digo sempre? Pode estar certo de que sei ser grato.

Ele começou a enrolar um cigarro. Burden podia jurar que o prato de sopa usado como cinzeiro não era esvaziado desde que estivera ali da última vez. Pensou reconhecer um toco amassado de cigarro com a ponta manchada de gordura. Surpreender quem se está interrogando é uma arte e enquanto Barry Vine perguntava mais sobre o acidente na estrada, Burden planejou o ataque.

Rick pronunciou seu último monossílabo e Burden disse:

— Há quanto tempo Ross sai com Lydia Burton?

Como tática de choque, foi lamentavelmente ineficiente.

— Ele está com ela agora? — Rick disse com seu tom deprimido. — Uma mulher é o bastante para qualquer homem, se quer saber. Se você tem duas ao mesmo tempo, significa que elas estão prontas para tirar seu dinheiro e se uma tira sua casa, a outra tira seus filhos.



Naomi estava empolgada. O tempo frio fazia bem a ela, afirmou.

— Na verdade, estou nas nuvens, Sylvia. Todos esses anos tenho sido contra o casamento, mas quando Neil me pediu, fiquei com as pernas bambas. Quer dizer que um homem ama você realmente, quando pede em casamento, não é mesmo?

Isso fez Sylvia lembrar quando Neil a pedira em casamento. Eram os dois muito jovens e muito apaixonados. Não nevava então, era um verão enluarado e o modo que se sentiam certamente ia durar para sempre. Sylvia sabia que tinha de dizer que esperava que Naomi fosse muito feliz. Devia se sentir feliz por ela e por Neil porque naquela manhã mesmo tinha lido no jornal que os filhos de pais casados crescem em ambiente mais estável do que quando os pais coabitam. E aqueles dois iam ter um filho. Como para confirmar isso, a criança que eles iam ter deu uma virada e um pontapé. Dava para ver, não apenas sentir.

— Espero que sejam muito felizes — ela disse, em tom de quem dá uma notícia negativa.

— Acho que seremos. O casamento será no sábado. Gostaríamos muito de que você fosse, mas suponho que...

— Supõe certo — disse Sylvia. — Não estou tão grande quanto uma casa. Estou enorme como um palácio.

— Bem, agora está perto. Até logo. Telefone outra vez amanhã. E não se preocupe com a neve. Não vai continuar.

Sozinha, os meninos na escola e Mary trabalhando no Hospital Princesa Diana, Sylvia ligou para a mãe, mas a secretária atendeu. Sua irmã estava em um lugar chamado Bora-Bora. Ela nem sabia onde era isso, mas devia ser alcançado pelo celular. A ideia de não conseguir a ligação a deprimiu. Deitou no sofá, pegou o livro que estava lendo, mas não leu. Olhou para a neve que caía cobrindo o gramado. Esperar a tinta secar é supostamente a coisa mais demorada que existe, esperar um filho demorava mais. E geralmente o prêmio da paciência é um bebê. Mas não dessa vez, não dessa vez.



Gastando muito mais do que podia em um vestido para o Natal e um terninho, Hannah economizou no almoço, comendo um sanduíche num café na travessa da Oxford Street. *Como se economizar dez libras fizesse diferença quando se gastaram algumas centenas*, ela disse a si mesma depois. Voltou a pé para Carlos Place com as duas sacolas de compras, pensando em Bal. Eles mal se falavam. Mesmo assim ela pensou em usar o vestido saindo com ele, digamos, na véspera de Natal. Pensou em Bal convidando-a para sair de um modo que ela não pudesse recusar, deixando claro que tinha mudado de ideia e a queria, real e espontaneamente.

Miss Praia Tropical a fez entrar dizendo:

— O diretor-gerente pode recebê-la agora.

*O homem não tinha nome?* Hannah achou que logo descobriria, mas quando foi levada a uma sala nos fundos da casa, ele apenas estendeu a mão e disse que era um prazer conhecê-la. Ele lembrava David Suchet no papel de Poirot, menos o bigode. Não havia cartazes nem folhetos, mas era uma sala de estar repleta de móveis franceses do século dezoito. Dois quadros na parede pareciam Gainsboroughs para Hannah. Um deles era de uma mulher muito jovem com um vestido branco decotado e um chapéu enorme coberto de fitas e plumas. Algo estranho na sala a intrigou. Não tinha janelas.

Ele ofereceu um cigarro. Não era o primeiro oferecido a Hannah nos últimos dez anos, provavelmente o terceiro.

— Oh, não, obrigada — ela disse, adotando um tom efusivo.

— Importa-se se eu fumar?

— Claro que não. A sala é sua. — Um sorriso tristonho.  
— Não sei se a jovem disse ao senhor o quanto estou desesperada para ter um filho. Meu marido e eu, quero dizer. Bem, eu irei a qualquer lugar, farei qualquer coisa...

Ele sorriu e soltou uma baforada de fumaça azul.

— Não terá que fazer muita coisa, Sra. Smithson. O que precisar fazer será, espero, um prazer. Um voo confortável a uma bela parte da África, estada em um excelente hotel, uma viagem de turismo que inclui duas noites em um safári e, no fim, o que a senhora deseja.

Se ela pudesse gravar isso... mas dificilmente seria admissível em um tribunal...

— No fim, eu terei um filho.

Ele não respondeu.

— Acredito que já tenha falado com a Sra. Brooks, não?

— Sim, já.

— Ótimo. Então sabe que é necessária uma preparação. O período habitual é de seis meses, durante o qual as clientes fazem uma dieta e exercícios.

Ela insistiu.

— Eu... darei à luz em Nairóbi?

— O fato é que a clínica tem excelentes instalações e pessoal treinado, incluindo dois ótimos clínicos gerais. Sam lhe dará um folheto, uma descrição da dieta e tudo mais. Mas não quero apressá-la. Gostaria de que estudasse o folheto e as outras informações, conversasse com seu marido e depois voltasse aqui. A senhora mora em Kingsmarkham, estou certo?

— Isso mesmo.

— O fato é que tenho uma casa perto de Pomfret. Talvez possa me visitar lá quando se decidir.

— Já me decidi — disse Hannah.

Com um sorriso paternal, ele disse:

— Não, Sra. Smithson, acredite em mim, não se decidiu. Deve pensar mais no assunto e então, se quiser, venha me

ver outra vez. Pode ligar para cá e combinaremos uma data.

Outro aperto de mãos. Ele não disse seu nome nem evitou confirmar o propósito da Viagem Miraculosa. Ela havia mencionado nascimentos e bebês, mas ele não. Hannah quase admirava a habilidade dele chamando os médicos envolvidos de “clínicos gerais” e não de obstetras. No escritório onde a Srta. Praia Tropical a presenteou com um maço de papéis, Hannah perguntou o nome do diretor-gerente.

— Oh, Sr. Arlen. Sr. Norman Arlen. Eu não lhe havia dito?



## capítulo 28

Podiam ter passado um pente fino naqueles papéis, como disse Wexford, sem ler uma palavra que dissesse que o objetivo da viagem era adquirir um bebê, um passaporte para ele e trazê-lo para o Reino Unido. As palavras “bebê” e “nascimento” não apareciam em lugar algum. Um perito em decifrar códigos não encontraria nada além do anúncio de uma viagem à África. A única coisa estranha era o preço alto. A dieta, um livrinho de cores vivas e brilhantes, não sugeria as razões pelas quais se devia comer batata-doce, rabanete branco, pimentão e coco, tomar uma porção de vitaminas, ginkgo e Devil's Claw. Por que recomendava carne de animais selvagens, encontrada em alguns mercados de Londres — Hannah estremeceu de horror — também não era explicado.

— Notei — disse Wexford — que tudo isso é originário da África ou encontrado na África. É como se Arlen, ou seja lá quem for que crie essa dieta, queira convencer clientes crédulas de que comer vegetais africanos as prepara melhor para ser mães de bebês africanos.

Hannah leu o folheto sobre as condições e amenidades da viagem.

— O preço está certo — ela disse. — Dez mil parece ser o mínimo básico. Um hotel de preço razoável, sem cortesia de transporte. Um hotel mais caro aumentaria o preço para mais de vinte mil.

— Eu queria saber de onde vêm esses bebês. Serão raptados? Ou as mães pobres os vendem? — Wexford disse. — Seja como for, é impressionante pensar nisso.

— Mas chegamos lá, não chegamos? — disse Burden. — Desacreditamos o álibi de Arlen e Rick para a noite de

junho. O álibi de Ross para a noite de 10 para 11 de agosto também.

Wexford ergueu os olhos do folheto.

— Não está sendo superotimista? O álibi de Rick dado por Lawson para a data de agosto continua de pé, mas é Ross quem, na ausência de Arlen, não tem álibi. Nem Rick nem Ross têm álibi para o 1º de setembro. Colin Fry realmente acredita que estava no prédio do velho banco com os dois, mas eles estavam no térreo e ele no último andar. Qualquer um dos dois podia ter saído por uma hora sem que ele soubesse. E Megan reconheceu Ross como o homem que tinha visto no bosque Yorstone quando, na verdade, ele estava de férias na Espanha.

— Ela se enganou.

— E ele deixou que Megan o chantageasse, sabendo que ela não podia tê-lo reconhecido? Mesmo assim a silenciou? Mandou Rick matá-la, quando podia provar que estava na Espanha? Não creio. Quanto à noite de 10 para 11 de agosto, não gostamos de Lawson nem sua oferta de nos ajudar. Estamos certos de que toda a história dele é uma tapeçaria de mentiras. Mas um júri acreditará nele, especialmente quando Colin Fry disser que o carro de Rick enguiçou, a bateria estava descarregada e Colin a trocou no dia seguinte. Depois que o prestativo irmão Ross mandou levar o carro para sua casa com tempo suficiente para fazer qualquer alteração no motor.

“E você deve lembrar que, embora estritamente falando, não precisemos apresentar um motivo, ajudaria muito saber qual foi. Não temos pista alguma sobre o motivo. Rick mata garotas porque é psicopata? Não temos provas. Ele é capaz de violência, sabemos disso. Mas bater na mulher e deixar um homem inconsciente do lado de fora de um bar não são necessariamente precursores de assassinato de garotas que não conhece, aparentemente ao acaso. Rick odeia as mulheres por conta de uma injúria da ex-mulher? Então por que matar duas garotas que não são

casadas, que ele nunca viu antes? Acima de tudo, e nunca nos perguntamos, o que ele ganha com isso?”.

— Como assim, chefe?

— Eu acho — disse Wexford — que Rick faria qualquer coisa por dinheiro. Está sempre se queixando de que a ex-mulher tirou todo o dinheiro que tinha. Qual sua outra razão para matar? E ele matou. Tenho certeza. Quase posso dizer que sei. Como diz Sherlock Holmes: “Quando tudo mais é impossível, o que resta deve ser a verdade.” É impossível que Rick tenha matado simplesmente por ódio, vingança, paixão ou medo. Ele matou, mas outra pessoa tinha motivo. Praticou esses crimes por dinheiro que alguém deu a ele por intermédio de Ross. Exatamente o que Ross teria feito. Um favor ao irmão, encarregando-o dos crimes. Rick está sendo cuidadoso e não começou ainda a gastar o dinheiro. Talvez não comece por um longo tempo.

— Então, o que fez com ele? — Burden perguntou.

— Posso dar um palpite? Não depositou em sua conta no banco. Não comprou CDBs nem ações. Não guardou em casa temendo que fizéssemos uma revista. Não, ele deu a Ross, ao querido e amável irmão Ross, para guardar.

— Isso não explica por que a pessoa que pagou queria as moças mortas — disse Hannah.



Estudando mais uma vez os folhetos e a dieta, ela compreendeu que de nada adiantava esse estudo, uma vez que, de qualquer modo, ia telefonar para Norman Arlen. Pretendia ir vê-lo o mais breve possível em Pomfret Hall. A única decisão a tomar era se teria coragem de gravar a conversa.

Três dias tinham passado desde sua visita a Viagens Miraculosas em Carlos Place e estava na hora de telefonar a Arlen. A mulher que atendeu, em nada parecida com a Miss Praia Tropical, disse que o Sr. Arlen não estava, mas quando Hannah se apresentou como a Sra. Smithson, deu-lhe o número de Pomfret Hall. Não foi Arlen quem atendeu, mas Hannah julgou reconhecer a voz. No último mês mais ou menos, tinha ouvido aquela voz, o sotaque suburbano do leste de Londres que chamavam de inglês estuário. O homem transferiu a ligação para Arlen.

— Decidiu bem depressa, Sra. Smithson.

— Eu lhe disse que queria ir adiante quando nos vimos em Londres.

— Bem, isso é verdade — ele disse. — Por que não vem até aqui, digamos, na próxima terça-feira? Terça-feira às quinze horas? Tem carro, suponho?

Hannah disse que tinha, mas imediatamente se deu conta de que não devia ter dito. Iria de táxi. Mas de quem era aquela voz?



Convocado à delegacia para uma segunda entrevista, Stephen Lawson repetiu quase palavra por palavra o que dissera da última vez, com algumas melhorias que combinavam quase excepcionalmente com o que tinha contado à mulher que ele abordou no bar, sobre seu encontro com os “amigos no Cheriton Forest Hotel”. Hexford lembrou que a mulher disse no depoimento que Lawson contou que levantava fundos para uma sociedade que ajuda a África, e também mencionara bebês abandonados como lixo.

Alguma conexão com a Viagens Miraculosas?  
Perguntado, Lawson declarou nunca ter ouvido falar de

Arlen e de sua agência de viagens. Wexford o fez lembrar de seu encontro com Rick e seu carro enguiçado e Lawson terminou o depoimento exatamente como o primeiro. Foi então que Wexford percebeu que ele devia estar dizendo a verdade sobre todos os aspectos daquela noite, do jantar no Cheriton Forest Hotel, da viagem pela estrada erma do campo até chegar a sua casa. O único acréscimo era o encontro com Rick. Mas Wexford tinha certeza de que a história fora inventada nos menores detalhes por Ross Samphire.

Quando Lawson saiu da delegacia e foi para seu carro, os primeiros flocos de neve começaram a cair. Wexford olhava a neve da janela, e virou-se para trás quando ouviu Burden dizer:

— Não vai durar. Não nesta época do ano.



À medida que o parto se aproximava, Sylvia percebeu que seus filhos a rejeitavam. Talvez isso fosse exagero. Melhor era dizer que tinham retirado aquela afeição natural que sempre recebia deles e os dois a olhavam intrigados e ressentidos. Eles simplesmente não entendiam o que ela estava fazendo, ou por que queria fazer aquilo. Pequenos como eram, compreendiam de modo misterioso que não era assim que as coisas eram feitas tradicionalmente, como todos esperavam que fossem feitas.

Era quase uma afronta à sociedade, aos costumes e à família. Por acaso ela reconhecia isso?

*Não*, Sylvia pensou, o que acontecia era que seus filhos, nesse caso mais convencionais e conservadores do que ela, queriam que tudo continuasse normal e comum. O que ela estava fazendo era a coisa certa. Nem mesmo, provavelmente, uma coisa nova, pois não tinha dúvida de

que mulheres haviam feito isso para outras mulheres e para seus homens em toda a história, só que em épocas mais puritanas, e nunca era comentado. Ela estava certa mas, mesmo assim, aquele quase ostracismo a fazia se sentir só. Sua mãe, a quem sempre fora muito chegada, há meses a tratava com frieza. Fazia tempo tinham perdido o hábito mutuamente tranquilizador de falar todos os dias ao telefone. Quanto a seu pai, ele a tratava como sempre, isto é, depois de passado o choque inicial. Mas Sylvia sabia que na realidade ele não aprovava.

Ele não gostava daquilo.

A neve contribuía para a sensação de isolamento. Caía sem parar desde antes do almoço, não o tipo de neve trazido por rajadas de vento em rápidas pancadas, mas a neve que caía reta, uma cortina de renda de flocos macios. Onde caía sobre a grama e os arbustos, ficava, molhada e brilhante, mas na pedra derretia imediatamente.

Calor e luz do sol são companhia por si sós, mas a neve, como a chuva pesada, isola-nos do mundo, aprisiona-nos na solidão e nos empareda dentro de nós mesmos.

Antes as antagonizando, agora desejava as visitas de Mary, com sua presença alegre e seu otimismo animador. Mas Mary estava de plantão no Hospital Princesa Diana desde sexta-feira. Se a neve aumentasse, bloqueando as ruas, Mary não poderia chegar a Stowerton no dia seguinte...

— Não seja ridícula — Sylvia disse em voz alta. — A neve não vai durar.



Além do casaco de pele, Hannah pediu o carro da mãe para ir a Pomfret Hall. Havia duas razões para isso. Ela nunca pensara seriamente em usar o próprio carro, que era

propriedade da polícia e podia ser reconhecido. Hannah achava isso pouco provável, até paranoico de sua parte, mas não queria correr risco. Um táxi foi sua primeira escolha. A neve continuava a cair, mas sem intensidade, quando ela foi para a cama na segunda-feira e a previsão do tempo era de aumento da temperatura durante a noite.

Ela acordou e viu seu mundo branco, com neve pesada caindo e vento forte. As duas companhias de táxis para as quais telefonou disseram que os taxistas se recusavam a enfrentar estradas com aquele tempo. Então ela foi a Myringham e pediu emprestado à mãe o carro de tração nas quatro rodas, um grande monstro prateado, chassis alto e interior aconchegante. Sem permissão no para-brisa, o monstro não tinha lugar reservado no pátio da polícia, por isso Hannah o deixou no estacionamento vinte e quatro horas em High Street.

Se seu relacionamento com Bal estivesse nos termos de antes da fatídica viagem a Taunton, ela teria conversado sobre tudo isso com ele, mas ultimamente mal se falavam.

Além disso, ele tinha ido com Wexford interrogar Lydia Burton, cuja escola estava fechada devido ao mau tempo. Burden tinha ido ao hospital Princesa Diana: um “mula com drogas no próprio corpo”, às portas da morte, estava sendo operado devido à explosão de um pacote de cocaína no estômago. Hannah já tinha dito a ele e a Wexford que estaria com Norman Arlen mas, por segurança, antes de sair contou também a Damon Coleman.

## capítulo 29

Dirigir o monstro era um prazer tão grande, tão abençoadamente acima do chão e dos acostamentos, com uma vista tão perfeita, que Hannah desejou que não fosse uma viagem de apenas onze quilômetros. Até a neve que caía e os campos cobertos de branco acrescentavam ao prazer, dando a ilusão de que viajava por paragens solitárias da Antártica, como um moderno (e mais bem equipado) Scott ou Amundsen. Tinha que lembrar severamente várias vezes que veículos como aquele eram considerados agressores do ambiente. Para unir-se à luta contra o aquecimento global e as mudanças climáticas, o certo era ter um carro elétrico.

A saída para Pomfret High Street tinha largura suficiente para dois carros e a neve tinha sido limpa da superfície, mas quase dois quilômetros adiante ela teve de entrar em uma estrada estreita, coberta de neve virgem. O monstro enfrentou isso facilmente. Ela diminuiu a marcha e mais adiante o vento forte levara o que os previsores do tempo chamam de “precipitação” da estrada para o campo. Algum empregado de Norman Arlen retirara a neve da entrada da casa e ela entrou com nada mais que alguns flocos esparsos de neve derretendo sob o sol fraco.

O lugar tinha impressionado Burden, e intimidou um pouco Hannah. Burden, afinal, tinha visto casas daquela grandiosidade e magnitude antes, visitando-as nas férias ou se hospedando nas que tinham sido convertidas em hotéis. Hannah não, a não ser em fotografias ou a distância, além de largos rios e contra um fundo de montanhas azuis. Esperava uma casa de fazenda exagerada. Mas saiu do monstro, subiu os degraus da esquerda e, depois de pensar



por um momento para que servia, puxou a pinça de açúcar que servia de campainha.

Uma mulher de calça e blusa pretas abriu a porta. Nada disse quando Hannah deu o nome de “Sra. Smithson”, apenas assentiu com um movimento da cabeça e a conduziu através de um enorme vestíbulo e por um corredor mais largo do que uma sala de tamanho normal. Burden dissera alguma coisa sobre ter encontrado Arlen no que chamou com ironia de “sala de estar amarela”. Desse modo Hannah ficou sabendo, quando chegaram a uma sala com estantes de livros rica em madeira escura e móveis de couro, que Arlen escolhera um local diferente para o encontro. “A biblioteca”, ele provavelmente o chamava. Gwenda Brooks teria estado ali? E Sharon Lucas?

Hannah se sentou e esperou. Norman Arlen entrou depois de uns cinco minutos, parecendo muito diferente de sua imagem londrina, com paletó de *tweed* sobre suéter de caxemira e calça de veludo canelado. Apertou a mão dela e se sentou atrás de uma mesa grande de mogno.

— Para falar a verdade, eu não teria ficado surpreso se a senhora não viesse, Sra. Smithson. Veio de carro com esse tempo?

— Meu carro tem tração nas quatro rodas — ela disse.

— Bem, parabéns por conseguir dirigir nessas estradas traiçoeiras.

Hannah disse que tinha lido cada palavra dos folhetos e prospectos e não tinha dúvida de que queria entrar para o projeto. Não ousando munir-se de um gravador, ela sabia que precisava fazer com que ele fizesse um depoimento aberto e inequívoco do que ela receberia no fim da viagem. Precisava, de algum modo, fazê-lo afirmar que ela voltaria da África com um bebê e um passaporte para ele. Mas até então Arlen só dissera que ela devia começar a dieta o mais depressa possível, consultar-se com o conselheiro médico das Viagens Miraculosas e seguir os vários outros tratamentos que ela receberia.

— Eu quero ter um filho — ela disse com voz firme, com toda a sinceridade e intensidade possíveis. — Farei qualquer coisa para isso. Não há qualquer problema em fazer a dieta e o tratamento, se no fim eu tiver um filho.

— Tem que haver um certo nível de confiança entre nós, Sra. Smithson — ele disse. Olhou atentamente para ela e Hannah se conteve para não se encolher ante aquele olhar. Precisou admitir que ele era um homem assustador. — A não ser que possa aceitar que é verdade o que os folhetos dizem, ou será verdade, não podemos fazer negócio. Conheceu Sra. Brooks. O Sr. Quickwood lhe disse o que é garantido e o que deve esperar.

Não, ele não dissera. Será que devia ter procurado Quickwood antes?

— O fato é que, Sra. Smithson, uma vez que tenha pago seu depósito e seguido os vários planos, as promessas dos folhetos se concretizarão.

Hannah ia garantir que confiava e acreditava nele, só que parecia bom demais para ser verdade, quando a porta atrás dela se abriu e alguém entrou na sala. Arlen ergueu os olhos e inclinou afirmativamente a cabeça. Aparentemente ele esperava o recém-chegado. O homem se aproximou de Arlen, disse alguma coisa no ouvido dele e olhou para ela. Hannah, com dificuldade, conteve uma exclamação de espanto.

Era Stephen Lawson, o homem que fornecera o álibi de Samphire.



A ventania que em Kingsmarkham parecia apenas um vento mais forte, soprava a cento e doze quilômetros por hora nos povoados remotos. Levantava a neve do campo acumulando-a em altas pilhas nas estradas estreitas,

derrubou uma faia de quinze metros de altura na estrada entre Myland e Thatto, bloqueando a entrada para Hurst Thatto e a saída e seu punhado de casas.

Às duas da tarde, Sylvia sentiu a primeira dor do parto.

— Graças a Deus! — ela disse. A segunda demorou tanto que ela pensou estar enganada. Mas não. Não ia telefonar para Mary ainda. Não valia a pena fazê-la sair com aquele tempo, enquanto não fosse necessário. Além disso, aquela neve ridiculamente fora de época, que todo mundo achava que não ia durar, talvez parasse. Olhando pela janela da sala de jantar, ela teve a impressão de que estava diminuindo. Os flocos eram menores. Então lembrou de que seu carro talvez não pudesse passar.

Talvez fosse melhor telefonar para Mary agora. Esperaria mais meia hora. A amiga que ia apanhar os meninos na escola ficaria com eles se não pudesse passar. Era outro telefonema que precisava dar, para o celular da amiga. Estava para dar à luz. Dentro de umas sete ou oito horas. Uma aventura maravilhosa. Sempre era. Vou para o Princesa Diana, ela pensou, e ninguém lá saberá de Neil e Naomi, ou que não ficarei com o bebê. Todos me darão os parabéns. Dirão: “Meus parabéns, Sra. Fairfax. A senhora tem um belo menino, ou menina.” E eu nem me atreverei a pegar o bebê no colo...

Mas eles limpariam as estradas. Nesse ano tinham tirado logo os limpadores de neve. Acho melhor telefonar para minha mãe, dizer que vou para o hospital dentro de uma hora mais ou menos. Foi para a sala de estar e pegou o telefone. Estava mudo como um telefone de brinquedo, como um telefone desligado. Será que poderia andar até a casa de Mary? Ficava apenas a uns duzentos metros. Com aquela neve? Não tanto pela neve que caía, quanto pela que estava acumulada. Podia se imaginar caindo e não podendo se levantar. Como para dar-lhe uma lição, foi acometida por uma dor intensa. Curvou-se sobre a mesa, segurando-se e respirando devagar. A dor tomou conta

dela, apertando, torcendo e passou. Era bom quando parava. Começava a escurecer. Tentou acender a luz, mas não havia energia. Ficou parada no escuro, sentindo o fluido descer pelas pernas. A bolsa d'água tinha rompido.

Uma chave girou na fechadura. Sylvia respirou fundo e foi para o vestíbulo, ao encontro de Mary.

— Começou — ela disse.

— Estou vendo. Muito bem, minha querida, vamos limpar isso e eu examino você em um minuto. De jeito algum vou poder levar você ao Princesa Diana. Uma árvore caída está bloqueando a estrada.

Sylvia arregalou os olhos.

— O que vamos fazer? — O que há de mais indefeso do que uma mulher em trabalho de parto? — O que vamos fazer, Mary? Não temos eletricidade nem telefone.

— Não, mas seu celular está funcionando, meu amor. Não pensou nisso, pensou? Então podemos fazer duas coisas. Posso ligar para a emergência e ver se conseguem um helicóptero para você. Ou você pode ter um parto tranquilo em casa, com uma parteira de primeira qualidade.



— Pelo menos desta vez não ficamos sem eletricidade — Dora disse. — Só espero que não congele e que eu possa chegar a Thatto. O trabalho de parto de Sylvia começou. Ela ligou do celular. O fixo não está funcionando.

Wexford suspirou.

— Temo não ter grande interesse nesse bebê. Creio que me obriguei a não ter. — Olhou pela janela. — Posso levar você ao Princesa Diana, se quiser. Tenho que sair outra vez. Estão limpando as estradas.

— Ela não está no Princesa Diana. Não conseguiram sair. Uma árvore caída está bloqueando a estrada. Mary Beaumont está com ela.

— Talvez seja melhor você não ir — ele disse. — Não quer ver Sylvia entregar seu neto a Naomi Wyndham.

— E suponho que você não se importe.

Ele era muito maior e mais alto do que Dora. Pôs as mãos nos ombros dela, de modo que por um momento ela foi sua prisioneira.

— Dora, o pior está por vir. Se ficarmos um contra o outro, quem ficará a nosso favor? Precisamos ficar unidos, realmente juntos, sem antagonismos. Vou sair agora. Dê-me um beijo.

Ela o beijou. Ao sair, Wexford viu que ela estava chorando. Donaldson o levou a Brimhurst Prideaux. A neve tinha parado de cair duas horas antes, a temperatura começava a subir e os dez centímetros de neve haviam chegado ao estágio de um sorvete derretido. A água corria na sarjeta e uma chuva fina começou a cair. Contudo, não havia mais estradas bloqueadas nem ruas intransitáveis. A nevasca de novembro terminara de repente.

Embora Wexford não estivesse muito preocupado com a vida amorosa de Ross Samphire, pretendia visitar Lydia Burton e obter qualquer informação que ela pudesse dar sobre os irmãos Samphire. Como na primeira visita, com o detetive Bhattacharya, de novo não havia ninguém em casa. Donaldson dirigia devagar na Mill Lane sobre montes de neve derretida e poças d'água. A noite chegara cedo e ele viu que o Jewel Terrace estava completamente às escuras. Talvez ela tivesse ido a outro encontro no apartamento de Colin Fry. Wexford precisava ainda decidir o que devia fazer a esse respeito. Levá-lo a julgamento por sua vida desregrada ou simplesmente dizer-lhe que devia parar com aquela atividade? De repente, lembrou. Na noite da morte de Amber, Lydia Burton saíra com um homem para jantar. Ele a levara para casa de carro, à meia noite.

Ross ou outra pessoa? Precisava descobrir, pois Ross afirmava ter estado com Norman Arlen naquela noite.



Velas estavam acesas no vestíbulo e na sala de estar. O único lampião a óleo estava no quarto de Sylvia. Mary tinha acendido dois fogos de carvão, mas não havia como cozinhar.

— Como você vai ferver água?

Mary riu.

— Ferver água é só nos livros, minha querida.

A mulher que tinha apanhado os filhos de Sylvia na escola telefonou para seu celular dizendo que os levaria se pudesse, do contrário eles passariam a noite em sua casa. Quando a campainha tocou, Mary pensou que fosse ela. Não era. Era Naomi.

— Você foi muito rápida. O bebê ainda não chegou.

Naomi estava arrasada. Para Mary, que sempre a vira bem vestida, perfumada e maquiada, ela parecia malcuidada, o cabelo despenteado, lágrimas descendo pelo rosto e a calça comprida molhada de chuva. Mary a fez entrar e explicou que não tinha sido possível levar Sylvia para a maternidade.

— Eu não quero vê-la — Naomi disse. — Não quero vê-la nunca mais.

— Então por que veio?

— Eu estava determinada a vir. Vi a árvore bloqueando a estrada, deixei o carro no outro lado e vim a pé. Por isso estou tão molhada. Eu tinha que vir. Agora que você está aqui, não preciso ver Sylvia. Posso falar com você.

— Naomi — Mary disse —, acho melhor tirar os sapatos e as meias. Sylvia pode emprestar um par de sapatos. O tamanho é quase o mesmo.

Naomi tirou os sapatos e as meias. Os pés longos e estreitos estavam brancos de frio e tão molhados, que quando ela os levantou a água pingou dos dedos. A expressão nos olhos que ela ergueu para Mary era de quem acabava de ver algo horrível, que tinha marcado seus olhos para nunca mais esquecer. Mas antes que Mary pudesse perguntar, Sylvia chamou lá de cima:

— Mary, Mary...

— Volto num instante. Sente na frente do fogo para se aquecer. Preparo uma bebida quente quando voltar.

Subindo a escada, Mary resolveu não dizer a Sylvia quem tinha tocado a campainha. Se ela ouviu a voz, não poderia reconhecê-la, porque a casa era muito grande e cavernosa. Fosse qual fosse o motivo daquele estado de Naomi, era melhor para uma mulher em trabalho de parto não saber. Mary entrou no quarto e examinou Sylvia.

— Tudo bem, minha querida — ela disse. — Tudo está excelente, mas ainda demora algum tempo. Grite se quiser. Ninguém se importa.

— Ninguém quem? — Sylvia disse, ofegante. — Ouvi voz de mulher.

— Foi só uma vizinha fazendo coleta para uma campanha beneficente.

— Parecia Naomi.

— É mesmo? — Mary disse. — Suponho que alguém tenha voz igual à dela, meu bem. Vou me livrar dela e volto.

— Não quero uma bebida quente — disse Naomi. — Vim para dizer a você o que aconteceu. Pensei que precisaria contar a Sylvia, mas estou contente por não precisar. Nunca mais quero vê-la.

— Sim, você já disse.

Naomi levantou os pés para o fogo e se inclinou para a frente, olhando para os joelhos.

— Neil foi embora — ela começou. — Eu o mandei embora. Não sei para onde ele foi e não me importo. Ele me contou, Mary. Íamos nos casar amanhã e estávamos...

bem... confessando nosso passado. Quer dizer, coisas que fizemos e que achávamos que devíamos saber. — Com um soluço áspero, pôs as mãos na cabeça. Mary esperou em silêncio, pensando na mulher lá em cima. — Eu não tinha muita coisa para contar — Naomi disse, com a voz entrecortada. — Conteí tudo na primeira vez em que estivemos juntos. — Levantou a cabeça e olhou para Mary.

— Mas ele tinha?

— Você sabia?

— Não sei de nada, minha querida. E tenho que voltar para Sylvia em um minuto.

— Ele me contou como esse bebê foi concebido. Não foi, como se chama, inseminação artificial. Eles fizeram sexo. Fizeram sexo. Aqui. Na tarde de fevereiro em que ele veio fazer a inseminação. E ele contou que ela disse: “Acho melhor fazermos sexo. É mais fácil e mais seguro”, foi o que ele contou que ela disse. Ele foi infiel comigo e esse é o resultado. Não quero esse bebê. Não quero nem vê-lo. Não suportaria tocar nele. Diga isso a ela.



Evidentemente, Stephen Lawson a tinha reconhecido antes de Hannah o reconhecer. Foi o que ele disse no ouvido de Arlen. Agora iam mandá-la embora e pronto. Ela se levantou. Arlen disse, com a mesma voz de sempre:

— Sente-se, Sra. Smithson. Ou devo dizer sargento-detetive Goldsmith?

Era inútil negar. Ela assentiu.

— Muito bem. Vou embora.

— Acho que não.

Não era a primeira vez que Hannah via um homem de arma em punho. Quando ainda fazia a ronda na rua, um “Yardie” tinha atirado nela com uma arma de cano serrado



e a bala passou raspando pela sua orelha direita. Um bêbado envolvido em uma briga de rua puxara um pesado revólver do exército quando ela e outro policial apareceram, mas foi dominado antes de ter tempo de atirar. Os dois estavam embriagados e dopados, mas Norman Arlen estava frio e calmo, ali sentado, olhando para ela, com alguma coisa na mão. Era uma pistola muito pequena e a mão grande quase a escondia completamente. Hannah via o cano apontado diretamente para ela. Ele se levantou devagar, mandou Hannah se levantar, sempre apontando a arma. Ela se levantou, sabendo que naquela situação o melhor era obedecer.

Stephen Lawson se aproximou, tirou o casaco de pele dos ombros dela e segurou seus dois braços juntos. Ela o achou repulsivo quando o viu pela primeira vez na delegacia por causa dos lábios grossos e vermelhos. Agora, o toque daquelas mãos na sua pele a fez estremecer convulsivamente.

— Assustada, Srta. Goldsmith? Deve estar mesmo.

Ela pensou que Lawson ia amarrar suas mãos, mas ele as prendeu com algemas. Isso a assustou mais do que a arma.

— Não sei por que está fazendo isso — ela disse, furiosa consigo mesma porque sua voz parecia trêmula e fraca. — Não me contou coisa alguma.

Arlen sorriu.

— Eles virão me procurar.

— Talvez — ele disse. — E vão encontrá-la. Em seu carro que derrapou no gelo e despencou da ponte Yorstone. O segundo acidente terrível que acontecerá lá. Sem dúvida isso fará com que tomem medidas de segurança na ponte e na rua Yorstone.

Eles a levaram para fora da sala, por uma passagem diferente, para o que parecia um quarto de empregados, ao lado da cozinha.

Tinha uma cama, um guarda-roupa, uma mesa e uma cadeira. A porta para o chuveiro estava aberta. “Pelo menos fazei com que tirem as algemas”, ela pediu para quem se pede em uma situação daquelas. Não tiraram. Eles a fizeram sentar na cama e saíram, trancando a porta sólida do quarto.

Havia uma janela, mas as venezianas estavam fechadas. O chuveiro não tinha janela, só um ventilador de teto que provavelmente funcionava quando se acendia a luz.

Ela descobriu que podia acender a luz com o ombro, ao pressioná-lo no interruptor. A bacia estava com água pela metade. Ela imaginou que um deles devia ter enchido com água fria da torneira para que ela não ficasse desidratada. Ela tomou isso como um bom sinal. Se pretendessem matá-la dentro de uma ou duas horas, não lhe teriam deixado água.

Nos livros, quando pessoas como aqueles dois fazem um prisioneiro, nunca o matam imediatamente, mas o mantêm trancado durante horas, às vezes dias. Ela sempre imaginava por quê. Seria realmente assim ou era apenas uma estratégia do autor para manter o suspense e possibilitar um salvamento? Às vezes, claro, era para pedir resgate. Não iam pedir resgate por ela. Eles não queriam dinheiro, tinham bastante e queriam continuar ganhando. Queriam Hannah fora do caminho. O que estavam fazendo na Inglaterra e na África devia ser suficientemente lucrativo para fazer com que precisassem matá-la. Mas Arlen tinha falado muito pouco, apenas uma ou duas frases sobre uma clínica e médicos... Damon sabia onde ela estava. *Agarre-se a isso*, ela pensou, *agarre-se a isso*.



Quando chegou à porta, Wexford tinha esquecido o que queria perguntar. Precisava apenas de uma resposta e não esperava encontrá-la ali. Embora não tivesse descoberto o motivo, o misterioso porquê, tinha encontrado o assassino. Talvez estivesse ali em uma tentativa de aquietar sua perpétua ansiedade sobre o menino Brand. Queria se convencer de que, quando deixasse o caso para trás, podia esquecer também sua preocupação com o filho de Amber. Uma palavra de esperança do avô, talvez, um olhar amoroso da avó torta, isso ajudaria. Ou a notícia, dada por um ou outro, de que os Hilland ou a irmã de Diana queriam adotar Brand...

Ficou parado nos degraus da frente, no frio, pensando em como a esperança é realmente eterna. Finalmente tocou a campainha. George Marshalson atendeu: estava velho, com as costas curvadas e a cabeça para a frente, como se olhasse para um mundo cruel. Wexford pensou que Marshalson envelhecera vinte anos em quatro meses. Ele não andava mais, apenas arrastava os pés. Sua voz era hesitante e aguda. E suas primeiras palavras deram fim às esperanças de Wexford: — Minha mulher está levando o menino para a cama, graças a Deus! Não posso suportar, sabe, na minha idade. Tanta energia, tanto barulho! Ele nunca se cansa. Não que vá dormir. Vai começar a gritar assim que ela descer.

Wexford deu de ombros. Não tinha resposta. Acompanhou Marshalson à sala de estar e sentou na cadeira oriental. Narizes, testas e mãos dos deuses pintados pareciam cutucar suas costas.

— Estamos quase no fim deste caso, Sr. Marshalson. — Talvez estivesse ali para dizer isso. Talvez tivesse pensado que o homem estaria interessado. — Logo farei uma prisão.

— Francamente, não me importo — Marshalson disse. — Encontrar o assassino não a trará de volta. Eu ouvia isso na televisão e zombava. Eu zombava, inspetor. — Seus olhos se encheram de lágrimas. *Uma ocorrência frequente*, Wexford

pensou. Homens velhos e fracos choram com facilidade e ele tinha motivo para chorar. — Agora sei o que quer dizer. Eu não me importo. Não me importo com coisa alguma. Ela não era perfeita, o senhor sabe. Bem, claro que sabe. Segundo meus padrões, ela era imoral. Era gananciosa, preguiçosa e irresponsável, mas eu daria qualquer coisa para tê-la de volta.

— Tenho certeza disso.

— Portanto, não me diga nada. Não diga quem vai prender nem por quê. Vá lá em cima e conte a minha mulher. Ela está no quarto do menino. Não pode deixar de encontrá-la, com o barulho que os dois fazem.

Wexford ficou satisfeito por deixar aquele homem infeliz cujo sofrimento quase fazia as lágrimas lhe subir aos olhos. Tinha visto muitas vezes a mesma coisa acontecer com outros pais. Passado o terrível choque inicial, pareciam se ajustar, resignar-se e aceitar a perda. Mas depois de algum tempo, semanas ou até meses, a dimensão do que tinha acontecido tomava conta deles. Uma triste depressão, surda, indiferente, amarga e além da esperança de alívio os dominava, com uma força da qual jamais se libertavam. Pessoas que desde a infância não choravam se desmanchavam em lágrimas à menção do nome do ente querido que tinham perdido.

Ele começou a subir a escada devagar. Já tinha estado no segundo andar, mas só para revistar o quarto de Amber. A porta daquele quarto estava fechada, mas a outra, no fim do corredor estava aberta, com a luz acesa. Há algo de curiosamente acolhedor na luz vinda de uma porta aberta em um lugar escuro. Ouviu vozes, de Diana e de Brand, rindo felizes, a da criança alegre. Wexford parou na porta em silêncio, olhando para eles e quando viu seus rostos teve certeza.

Ficou tão chocado que, por um momento, mal podia falar.

## capítulo 30

Com a chegada da noite, o frio aumentou e a neve semiderretida congelou. Bal foi para casa, para o apartamento que partilhava com o advogado seu amigo, pensando em fazer uma coisa que há semanas duvidava que devia fazer. Telefonar para Hannah e convidá-la para um drinque. Logo depois daquela horrível escapada, a viagem infeliz a Taunton, o pesar tomou conta dele. Gostava dessa palavra que expressava exatamente o que sentia. “Pesar” era mais do que arrependimento e menos do que remorso.

Tinha se comportado como um puritano. Não apenas moralista e superior, mas como uma pessoa com duas vezes sua idade, com o código e os valores de alguém três vezes mais velho. E agora não entendia por que fizera isso. O que tinha dado nele? Atrevendo-se a dizer a uma mulher inteligente que a estava reservando até conhecê-la bem? Recusando dormir com a mulher mais bonita que conhecia, sob o pretexto de alguns princípios de adolescentes virgens de manter o relacionamento puro até conhecerem totalmente os gostos e as necessidades um do outro?

O mais provável era que ela nunca mais quisesse falar com ele, a não ser por obrigação de trabalho. Mas podia tentar. Seria um tolo se não tentasse. Seu companheiro não estava em casa. Com a sala de estar só para ele, sentou no sofá e ligou para a casa de Hannah, preparando-se para ouvi-la dizer o que ele podia fazer e para onde devia ir. Ninguém atendeu. Bem, eram apenas sete e meia da noite. Tentou o celular. Ela devia atender. Sabiam que sempre deviam atender o celular. Tocou várias vezes e a ligação foi cortada de repente. Estranho...

Pegou uma lata de Coca-Cola na geladeira, voltou para a sala e telefonou para a delegacia. Não, a sargento-detetive Goldsmith já tinha ido embora.

— Para onde ela foi?

— Para casa, suponho — disse o sargento de plantão. — Não vejo ela desde que cheguei às dezesseis horas.

*Não, claro que não*, Bal pensou. Ela foi ver Norman Arlen em Londres. De trem. Ouvira Damon dizer a Wexford quando voltaram da tentativa inútil de falar com Lydia Burton. Depois de um momento de hesitação, Bal ligou para o celular de Damon. A que horas Hannah tinha dito que ia a Londres? Às onze, Damon disse. *Talvez tivesse ficado algum tempo em Londres*, Bal pensou, *encontrado uma amiga ou feito compras. Claro, provavelmente já tinha voltado, mas não estava em casa agora porque tinha saído com algum outro cara. O que mais podia ser?* Será que Bal achava que ela passava noite após noite pensando nele? Deviam estar jantando em algum lugar, Hannah maravilhosa como quando jantava com ele e quando seu novo amigo a levasse para casa, não faria a bobagem de deixá-la com um beijo casto.

Bal foi para a cozinha e, cabisbaixo, tirou da geladeira uma refeição pronta da Marks & Spencer.

A luz voltou em Pauceley e Thatto no momento em que Sylvia dava à luz, ajudada por Mary. Com um grito e um empurrão final, a criança nasceu no quarto brilhantemente iluminado.

— Uma bela menininha — disse Mary, segurando o bebê que chorava a plenos pulmões. — E não muito pequena. Ficarei surpresa se pesar menos de quatro quilos.

— Quanto é isso em libras?

— Vou pesá-la em alguns minutos. Tome, aqui está ela.

— Não, não, não devo! Não a traga mais perto. Leve embora. Deus, Deus, leve embora.

Mary não tinha contado a ela. Contou então, rapidamente, enquanto as lágrimas desciam pelo rosto de

Sylvia e ela estendia os braços para o bebê. Mary olhou para as duas e as deixou juntas.

A luz voltara, portanto, podia fazer chá. Fez chá, pôs um bolo que fizera na bandeja e levou para cima. Sylvia abraçava o bebê, com expressão beatífica, um meio sorriso, um olhar de adoração.

— É verdade — Mary disse —, sobre você e Neil?

— Dê-me um pedaço desse bolo. Estou faminta. Claro que é verdade. Por que aquele tolo tinha que contar a ela? Eu jamais contaria. Não é um bebê maravilhoso? Eu ia dá-lo a eles, você sabe, e isso me mataria.

— Qual vai ser o nome dela?

— Mary. Que outro podia ser?



A notícia do nascimento de Mary chegou a Wexford quando Donaldson o levava de volta de Brimhurst. A voz excitada de Dora contava coisas que ele mal podia compreender e ele desligou o telefone com a ideia confusa de um rompimento de Neil e Naomi, um parto à luz de velas de sua neta de quase quatro quilos e a “conduta chocante e imoral” de Sylvia.

— Nunca mais na vida quero ouvir falar em bebês — ele disse.

— Como disse, senhor? — Donaldson perguntou, chocado.

— Nada. Estava pensando alto.

Amanhã faria a prisão e contaria a todos. Primeiro a Burden, ao chefe de polícia e depois aos outros que tinham trabalhado arduamente até o fim, terrível fim.



A despeito da conclusão a que tinha chegado sobre o paradeiro de Hannah, Bal tentou telefonar várias vezes mais naquele começo de noite. Concentrou-se no celular dela e quando descobriu que agora estava desligado, começou a ficar preocupado. Hannah nunca desligava o celular. Lembrou de todos aqueles jantares caros, todas as voltas ao apartamento dela. O celular de Hannah tinha tocado várias vezes e ela sempre atendia. Certa vez ele ficou aborrecido e pediu, pelo amor de Deus, que ela o desligasse, não eram telefonemas do trabalho. Ela, porém, não desligara. Não quis. Por que tinha desligado agora?

Então telefonou para a mãe dela em Myringham. Hannah estava com ela?

A Sra. Goldsmith não pareceu estranhar a pergunta. Hannah não estava com ela. Não a via desde aquela manhã, quando ela pediu o carro emprestado.

— Pediu seu carro emprestado? Mas ela ia a Londres de trem.

— A Pomfret, ela disse — respondeu a Sra. Goldsmith.

Não podia ter acontecido nada de errado em Pomfret. Ele estava certo na primeira vez. Hannah tinha saído com alguém. Não ia gostar de Bal ter telefonado para sua casa no meio da noite, especialmente se o cara estivesse com ela, mas para o diabo com isso! Ia telefonar, do contrário não dormiria em paz.



O celular estava no bolso do casaco de pele da mãe, agora com Arlen. Eles estavam com sua bolsa também.



Hannah gostaria de saber a hora. O relógio continuava no seu pulso, porém, por mais que fizesse, por mais que tentasse girar as mãos para o lado, não conseguia ver a hora. Não via nem o relógio porque o suéter o encobria. Deitou na cama porque não tinha mais nada para fazer e pensou em sua situação aflitiva. O primeiro dever de um prisioneiro é escapar. Ela disse isso três vezes. E o de um prisioneiro algemado?

Eles realmente a matariam, levando-a no carro de sua mãe até a ponte Yorstone e empurrando o carro para baixo? Seria preciso mais de dois para fazer isso, mas talvez Arlen tivesse mais de dois cúmplices. A mulher de calça preta, por exemplo. Damon contaria a alguém antes que acontecesse. Contaria a Bal ou a Karen, ou a Wexford.

Seu braço esquerdo começava a ficar dormente. Aquilo que Arlen tinha apontado para ela seria um revólver? Podia ser apenas um pedaço de cano, até um tubo de papelão.

Como é possível dizer, quando seu julgamento está afetado pelo medo?

Foi até o banheiro e tomou água da bacia. Imediatamente notou um gosto estranho. Um gosto de uma substância química, ferrosa, metálica. O bom senso veio em seu auxílio, dizendo que ela pensaria isso por causa do medo. A água potável sempre tinha esse gosto, por causa da purificação. Por que não tinha posto o celular entre os seios ou no bolso da calça? Eles não a tinham revistado. Compreendeu que não o fizeram porque já tinham encontrado o celular.

Como eles a matariam? Não com um tiro. Não se queriam que parecesse accidental. Empurrar o carro de cima da ponte seria suficiente. Talvez confiassem nisso... Sentou na cama e escutou. Aquela parte de Pomfret Hall era totalmente silenciosa. Nem ruído de passos, nem de uma porta se fechando. Pensou, absurdamente, que gostaria de ter tido uma noite com Bal antes de morrer,

porém, quando estivesse morta, isso não teria importância...



Antes de entrar em pânico, ele pensou, tente o celular outra vez. Tentou à meia-noite, ninguém atendeu, trocou de roupa e foi para a cama. É claro que não conseguiu dormir. O sonho sem dúvida foi ocasionado pela vez em que ele e Hannah foram entrevistar Gwenda Brooks e aquela mulher patética mostrou-lhes a casa e o jardim de Norman Arlen em uma revista. Ele e Burden tinham estado lá e Bal vira um objeto que, não tinha certeza, mas podia ser uma arma. Ele sonhou que tinha pegado a coisa que não era uma arma, mas que explodiu, acordando-o. Imediatamente pensou em Hannah e em onde ela podia estar. Não em Londres, mas em Pomfret Hall. Ela foi lá, ele tinha certeza. *Devia ter me levado, ele pensou, e provavelmente teria feito isso, não fosse por aquela briga ridícula. Por outro lado, talvez ela tivesse que ir sozinha, uma mulher desacompanhada, uma mulher com casaco de pele...*

Não queria perturbar o companheiro de apartamento. Não queria envolvê-lo no problema. De qualquer modo, ele dormia como uma pedra. Bal ligou para Burden. Burden atendeu depois de um longo tempo e resmungou:

— Qual o problema?

Bal contou.

— Eu não acredito — Burden disse. — Arlen não faria isso. Não se atreveria.

— Lembra de quando estivemos lá? Ele tinha uma arma.

— Quer dizer, você pensou ter visto uma arma.

— Tudo bem, foi o que quis dizer, mas acha que devemos arriscar?

— Deixe comigo — Burden rosnou —, mas vá à delegacia e pegue Damon.



— Não quero ninguém armado — Wexford disse. — Não acredito na arma de Arlen. Um homem daqueles não deixaria uma arma visível na sala de estar. Não aqui. Não neste país.

— Acho que estaremos arriscando.

— Mike, arriscamos todos os dias. Lembre-se, Arlen é um vilão, mas não um adolescente criminoso. Vejamos com quantos policiais podemos contar a esta hora. — Consultou o relógio. — São duas e meia.

— Quatro de uniforme — disse Damon —, o senhor, o Sr. Burden e eu, Karen e Bal.

— Certo. Nove de nós em três carros. Arme um show. Luzes, mas nada de sirenes.



Havia uma pequena lâmpada de cabeceira no quarto, porém, por mais que tentasse, Hannah não conseguia acendê-la. Só podia acender a lâmpada do teto encostando na parede e apertando o interruptor com o cotovelo. A lâmpada de cabeceira era ligada diretamente a uma tomada no rodapé, debaixo da cama. Ela via a tomada, mas só a alcançava com os pés. Seus dedos dos pés, que poderiam acionar o botão da tomada, estavam dentro das meias que ela não podia tirar.

Sua única escolha era ficar ali sentada com a luz do teto acesa, ou no escuro. A luz era extremamente forte e ela lembrou a tortura à qual prisioneiros em alguns países

eram submetidos. Por outro lado, o escuro seria mais assustador, provavelmente alimentaria o pânico que ela tentava com tanta dificuldade evitar, e se adormecesse — pouco provável, mas possível — quando acordasse podia, por alguns segundos, pensar que estava em casa, na sua cama. Ela deixou a luz acesa.

Pensando na tortura da luz forte, lembrou que, sempre que lia nos jornais ou via na televisão algum pobre refém implorando pela vida, dizia a si mesma que, se algum dia fosse sequestrada, jamais faria isso. Não importava que eles estivessem atrás dela, enquanto lia a declaração. Não importava que a espancassem e chutassem, ela jamais se humilharia pedindo por sua vida ao governo britânico ou a qualquer pessoa. Sob a luz da lâmpada de cento e cinquenta watts acima da cabeça, ela disse em voz alta: “Eu realmente pensei isso? Pensei que resistiria quando tantas pessoas corajosas não resistiram? Estava louca? Eu cairia de joelhos e pediria misericórdia, sei disso. Na menor oportunidade. Ofereceria qualquer coisa que pudesse dar ou prometer, em troca da minha vida.”

Começou a andar de um lado para outro. Há quanto tempo! estava ali? Cinco horas? Dez? Duas? Era impossível calcular, ali trancada. Damon devia saber onde ela estava, o chefe devia saber, Barry também, mas por que algum deles faria qualquer coisa? Ela vira Norman Arlen, ali ou em Londres, fizera o que devia fazer e agora estava em casa redigindo seu relatório. Era o que iam pensar. Não fariam coisa alguma. Bal sequer pensaria onde ela podia estar. Provavelmente nem pensava mais nela. Não esperava qualquer visita ou telefonema e sua mãe dissera que ela podia ficar com o carro até o dia seguinte. De repente, Hannah pensou, e horrível, sua mãe se orgulhava tanto daquele carro e eles iam jogá-lo da ponte...

Devia estar louca pensando nisso. Acreditava mesmo que sua mãe ia se importar com um maldito carro, quando sua filha estava morta? Sentou na cama outra vez. Há horas

ela não comia, mas não estava com fome. Uma ou duas vezes mais tinha tomado água da bacia. Levantou-se, foi até a porta e escutou. Parecia que não estava mais tudo silencioso. A distância ouvia um eco do que podiam ser passos. De duas ou três pessoas? Para seu horror, Hannah viu que estava tremendo.

Talvez ninguém viesse salvá-la ou talvez chegassem tarde demais. Mas Hannah precisava fazer alguma coisa para mostrar que estivera ali. Ergueu as mãos trêmulas algemadas acima da cabeça e as forçou para baixo, para a parte de trás do pescoço. Concentrando-se no que fazia, o tremor passou. Fechou os dedos em volta do fecho do cordão de ouro que usava, abriu-o e, levando as mãos ao colo, segurou o cordão com força.

Estavam no lado de fora da porta agora. Ela ouviu a chave girar na fechadura. Sentir o cordão na palma da mão era estranhamente reconfortante.



Ele não teve oportunidade de contar ao chefe a outra coisa de que lembrava. Claro que sabia muito bem por que Wexford não o tinha chamado para fazer parte da equipe de resgate. Ele achava que Bal estava tendo um caso com Hannah. Ou “um relacionamento”, como ela diria. Pensou nela com carinho, citando mentalmente a palavra, gentilmente e com algum humor. “Relacionamento” era a palavra que mais acabava com a paixão que ele podia imaginar. Lembrava um casal ansioso em agasalhos de capuz e botas de caminhada acampando em Snowdonia.

Por acaso ele pensava realmente que o que tinha ouvido naquela absurda sala de estar amarela era importante? Porém, por que Arlen falaria de uma estrada e de uma ponte a não ser que visse uma esquina perigosa

potencialmente útil para ele? Útil algum dia. Nunca se sabe quando vai ser preciso usar. Por outro lado, ele podia ser um vilão — ele era —, mas era também um cidadão. Devia se preocupar com segurança e com o ambiente, como todo mundo.

Bal não foi para casa. Sentou no carro perto da High Street e viu os três carros saindo da delegacia. Fazia muito frio e ele não queria ligar o aquecimento do carro com o motor desligado. E claro que, se fosse para Yorstone poderia ligar. Não faria mal algum ir até lá. Se fosse para casa não ia poder dormir, ficaria acordado imaginando se devia ter insistido em falar com Wexford, erguido a voz acima de todas as outras, seguido o chefe até seu carro em vez de fazer o que tinham mandado, e ido embora. Ligou o motor e o aquecimento. Como sempre, o gelo teve que ser derretido antes de esquentar, uma rajada como de um vento de força oito na escala. Bal não tinha muita certeza de onde ficava Yorstone — a oeste do Cheriton Forest e no caminho para Sewingbury? Aquela região era pessimamente sinalizada, ao contrário das outras. As placas diziam Sewingbury e Stowerton, Yorstone só quando a entrada ficava a cem metros. Mesmo assim, não diziam rua Yorstone. Sabia que tinha de ser daquele lado porque à esquerda havia apenas a escuridão do bosque Yorstone. Ele entrou na trilha escura e estreita. Os faróis altos criavam uma névoa azulada na frente e no meio dela surgiam os troncos das árvores, escuros e retos como vultos em uma fantasia.

A trilha fazia uma curva fechada para a esquerda, quase em ângulo reto. Se não fosse pelas setas retas e brancas do lado direito, ele teria seguido reto e se perdido entre os vultos escuros. Começava a achar que aquilo tudo era tolice, baseada em um palpite sem fundamento. Parou debaixo das árvores e pela primeira vez sentiu terror por Hannah, um medo verdadeiro de que algo terrível tivesse acontecido com ela.



Quando chegaram a Pomfret Hall, todas as janelas estavam acesas. Wexford saiu do carro, foi até a porta e tocou a campainha, Burden e Karen atrás dele, os outros a poucos metros. Ninguém atendeu a porta. Wexford tocou a campainha outra vez e bateu na porta com os punhos fechados. Mandou Damon e Barry para os fundos da casa.

A casa era tão grande que chegar à parte de trás significava uma caminhada de algumas centenas de metros. A parte de trás da casa, como Wexford disse, era mais um “jardim” com mais duas escadas, uma de cada lado e um par de portas duplas. Gramados, canteiros de flores e arbustos emolduravam o campo, cintilando sob o gelo à luz das janelas.

A campainha e as batidas na porta não adiantaram. Ninguém apareceu. O único som era o que eles faziam.

— Temos que entrar — Wexford disse. — Derrubem a porta.

Não conseguiram. O esforço conjunto de Burden, Barry, Vine e Damon Coleman de nada adiantou contra as pesadas portas de carvalho. Damon desceu para uma área sob as escadas onde havia grandes urnas de pedra e uma escada de madeira, e encontrou uma porta menor na parede, que cedeu ao segundo ataque, partindo a madeira e quebrando a fechadura. Todos entraram, passaram por salas cheias de vasos de flores, vassouras e material de jardinagem, depois uma espécie de lavanderia, a cozinha, recentemente reformada com equipamentos de última geração.

— Um cara mora aqui sozinho? — Damon nunca tinha visto nada igual.

As luzes pareciam estar acesas em toda a casa.

— Por que isso? — Barry perguntou, mas ninguém sabia a resposta. — Certamente não é para fazer pensar que tem gente em casa.

— Talvez ele tenha medo do escuro — disse Burden. — Pensando bem, Bal e eu estivemos aqui no começo da tarde e já havia muita luz acesa na casa.

Além de feericamente iluminada, a casa estava quente como um dia de verão. Wexford pensou brevemente no dia de verão em que o corpo de Amber fora encontrado.

Subiram para a galeria e para o primeiro andar, e, quando chegaram a uma porta dupla, Damon disse, de repente: — Onde está o carro de Hannah?

— Ela não veio de carro — Burden disse. — O carro dela está no estacionamento da delegacia. Espere um pouco, como foi que ela chegou aqui?

— De táxi? — Wexford abriu as portas para um enorme quarto de dormir com cama de dossel, tudo tão arrumado como se nunca ninguém tivesse trocado de roupa e dormido ali. — Ela deve ter tomado um táxi. Ligue para a delegacia, Damon e mande alguém começar a telefonar para as companhias de táxi.

*Se é que ela esteve aqui, ele pensou, se é que ela esteve mesmo aqui. Tudo o que sabemos é que ela ia ver Arlen. Pode tê-lo encontrado em algum outro lugar, em território neutro. Aparentemente os outros pensaram a mesma coisa, comentando enquanto andavam pelos quartos.*

Karen e Barry falaram quase ao mesmo tempo:

— Não sabemos se ela esteve aqui.

— Não, mas vamos procurar — disse Wexford.

Subiram ao terceiro andar, mais quartos vazios, mais luz. Desceram outra vez, passaram pela galeria e continuaram pela escada curva até o vestíbulo, depois a sala de jantar, a sala de estar amarela onde Bal podia não ter visto uma arma. Voltaram ao vestíbulo, depois de percorrer a casa silenciosa que dava a impressão de que há anos ninguém morava nela, como se fosse apenas um lugar



em exposição, aberto a turistas e guias de turistas em certos dias da semana.

— E agora, senhor? — perguntou Barry.

Wexford não respondeu. Inclinou-se e pegou do chão um cordão de ouro fino como um fio de cabelo.

— Ela esteve aqui — ele disse. — Eu a vi com este cordão.

— Eu também — disse Karen. — Foi presente de Bal. Wexford pensou por um momento.

— Foi um erro mandar Bal para casa. Ele pode saber mais do que nós. Vou ligar para ele.



De longe ele ouviu o motor do carro de tração nas quatro rodas. Os faróis apareceram entre as árvores e então surgiu o carro, seguindo lenta e cautelosamente pela rua Yorstone. O coração de Bal deu um pulso, mas então ele pensou: “É só um carro.” Alguém voltando de uma festa ou de uma longa viagem. Mas não, o carro era prateado — a mãe de Hannah tinha um igual. Havia centenas deles. Era talvez o carro mais popular na região. Vão atravessar a ponte, ele pensou. Mas depois de percorrer dez metros na ponte, o carro parou e um homem saiu. Era Rick Samphire.

Estava de capuz, como de hábito. Foi até o parapeito da ponte e olhou para baixo, cada movimento seu era perfeitamente claro à luz dos faróis. Se ele estiver sozinho, posso dar conta, sem problema. Estava imaginando onde estaria Arlen quando o homem desceu do banco do motorista. Haveria outros? Seu celular tocou e ele estremeceu, assustado.

Só podia ser Wexford ou Burden. Se atendesse, eles iam dizer... o que diriam? Alguma coisa inaceitável, ele sabia. Deixou tocar, detestando o som. Então viu o rosto de

Hannah na janela do lado do passageiro. Ele atendeu o telefone.

— Onde diabos você está? — a voz de Wexford.

— Na ponte Yorstone — disse Bal —, senhor. — Eles trouxeram Hannah para cá.

Desligou o celular, sabendo que isso podia custar seu emprego.



O que eles iam fazer? Um arrepio gelado correu por sua espinha. Ela não teria ficado ali se não fosse obrigada. E, nesse momento, ela desapareceu de vista. A porta do carro abriu e Hannah saiu do banco do passageiro, como que por vontade própria. Então ele viu alguém atrás dela e, atônito, reconheceu o homem chamado Lawson, o álibi de Pack para o dia onze de agosto. Ele devia estar com alguma coisa encostada nas costas dela — a arma que Bal vira naquele dia na sala de estar amarela?

Rick e Norman Arlen foram para o outro lado da ponte. Olharam para baixo do parapeito e nesse momento um carro passou na estrada. Exatamente como o de Amber Marshalson tinha passado quando Rick jogou o bloco de concreto. Hannah continuava ali em pé, quase encostada no corpanzil de Lawson. Eles vão pôr Hannah outra vez no carro, ele pensou e... jogá-la da ponte? Tentem fazer isso... Mas não fizeram. Rick continuava na extremidade da ponte, mas Arlen estava voltando. Fosse o que fosse que mantinha Hannah rígida, inclinada para trás, passou para as mãos de Arlen. Lawson entrou no carro, no banco do motorista deu marcha a ré com um rugido do motor e o levou para a frente, para a ponte.

O que aterrorizou Bal foram as algemas. Ele viu Arlen, com a arma em uma das mãos, abrir as algemas com a

outra e Hannah ergueu as mãos, cobrindo o rosto. Bal saltou do carro, sem pensar, sem a menor cautela ou medo. Mais tarde ele pensaria, *é assim que nos sentimos em batalha, era assim “passar do limite”, quando a adrenalina sobe e põe para dormir a mente amedrontada.*

Ele saltou sobre Arlen como um animal sobre a presa. O ataque foi tão violento que ele mal notou o carro passando por cima do parapeito, e Lawson saltar fora no último momento. Arlen caiu de joelhos, oscilou e caiu para a frente. Nesse momento Bal viu a arma, um revólver de brinquedo, de plástico. Rick voltou correndo, mas Hannah, com as mãos livres, girou o corpo e chutou com força a virilha dele. Rick curvou o corpo para a frente e Lawson se lançou sobre ela e agarrou sua garganta. Desta vez foi Bal quem deu o chute, desequilibrando-o e vendo o rosto agoniado do homem à luz dos faróis dos carros da polícia.

Rick começou a fugir e Hannah foi atrás dele. No meio da ponte ele se virou para ela, mas a dor do chute aparentemente tomou conta dele. Dobrou o corpo, com as mãos na virilha e Hannah o atacou outra vez. Como que temendo o ataque, ele primeiro se encolheu e quando Hannah estendeu as mãos para alcançá-lo, recuou como movido por um espasmo muscular provocado por envenenamento. Rick caiu para trás, as costas no parapeito, murmurou alguma coisa, gritou e procurou se endireitar.

Mas escorregou no gelo, ergueu os braços, girou-os no ar e, com um grito, despencou os dez metros até a estrada lá embaixo.

## capítulo 31

— O que foi que ele disse quando caiu? — Burden perguntou.

— Alguma coisa sobre as malditas mulheres — disse Wexford. — Irônico, não é? Ele era obcecado pela ideia de que as mulheres queriam destruí-lo e no fim foi uma mulher...

— Eu não tive intenção de matá-lo, chefe.

— Todos sabem que não, Hannah. Ele a teria destruído alegremente. Acho melhor você ir para o hospital. Uma ambulância está esperando.

— Tenho que ir?

Ele riu, cansado, quando achava que nunca mais riria.

— Não, não tem. Bal pode levá-la para casa.

A essa altura chovia a cântaros e todos estavam encharcados. Barry Vine e Damon Coleman puseram Norman Arlen no carro e o levaram para a delegacia, onde ele passaria o resto da noite em uma cela antes de se apresentar perante o juiz, de manhã.

— Do que vamos acusá-lo? — Burden perguntou quando ele e Wexford saíram da chuva. — Posse de arma de fogo? Tentativa de assassinato? Sequestro?

— Tudo isso e muito mais. Fraude, por exemplo. Obstrução do curso da Justiça. Outras acusações virão mais tarde.

Donaldson saiu do carro e abriu as portas para eles. Entrando no carro, Burden disse:

— Todas aquelas mulheres acreditavam realmente que podiam ir para a África, receber anestesia e acordar com um bebê? Um bebê negro?

— Não acho que nós, como homens, jamais vamos compreender o desejo de muitas mulheres de ter um filho.

Ouvimos falar em sexo e autopreservação como os mais fortes instintos e impulsos humanos. Talvez sejam, nos homens. Nas mulheres, o mais forte pode ser o desejo apaixonado por um filho. As mulheres que Norman Arlen enganou queriam acreditar, elas se condicionaram mentalmente para acreditar, contrariando toda razão, porque queriam um bebê seu mais do que tudo no mundo. Dez mil libras cada uma? Vinte mil? Seria pouco para um filho delas mesmas. Voar para a África, ser anestesiada, fazer alguma coisa com passaporte que sabiam que era ilegal, isso é nada pelo preço de ter seu precioso bebê. A propósito, minha filha Sylvia teve uma menina e vai ficar com ela. Adeus, mãe de aluguel.

— Como isso aconteceu?

— Conto amanhã. Conto tudo amanhã. Enquanto isso, precisamos dormir um pouco.



Quando chegaram ao apartamento dela Bal pretendia carregá-la na escada. Uma vaga lembrança do vídeo de *E o vento levou*, com Rhett Butler carregando Scarlett na grande escadaria de antes da guerra. Ele tentou, mas a subida até o apartamento de Hannah era muito mais íngreme do que a de Atlanta no século dezoito e no sexto andar os dois despencaram rindo e começaram a se beijar apaixonadamente. Com um abafado “Não podemos ficar aqui”, Hannah finalmente se levantou, puxou Bal e, abraçados, entraram no apartamento.

— Estou me sentindo tão suja! — ela disse.

— Não me importo.

— Podíamos tomar um banho.

— Podemos tomar um banho de manhã — disse Bal e conseguiu desta vez carregá-la. Com a roupa dela voando

no ar e pousando em vários móveis, ele começou a se despir, deixando jeans, cueca, suéter e camisa no chão. Quando apagou a luz e se deitou na cama ao lado dela, Hannah dormia profundamente. Ele a abraçou, os dois como duas colheres, o braço em volta da cintura dela, sorrindo no escuro. Durante todas aquelas semanas ele a tinha recusado e agora que estava disposto, mais do que disposto, repleto de desejo urgente, ela o recusava.

Mas a manhã logo chegaria.



Depois de Norman Arlen ter sido acusado de vários crimes e mantido em custódia, Wexford e Burden saíram do tribunal e caminharam para a delegacia. Depois da neve, da chuva e finalmente a geada no começo do dia, a manhã estava clara, com um sol pálido, as ruas ainda molhadas e brilhantes.

— O que você vai fazer com Bhattacharya? — Burden perguntou.

— Já fiz. Nada. Eu o mandei embora. Ele a salvou. Hannah provavelmente estaria morta se não fosse por ele. Espero que a gratidão não estrague as coisas para eles.

Burden olhou para ele, intrigado.

— Bem, você conhece a velha piada. Por que ele me odeia tanto? Eu nunca fiz nada de bom para ele.

Burden mudou de assunto:

— Lembra do dia em que comemos aquela fritada? Eu gostaria de voltar lá. Não pelos ovos e as batatas fritas, mas para um café e uma enorme torta de frutas.

— Eu não devia — disse Wexford —, mas vou. Estava cansado demais para tomar café da manhã.

Não que o boteco na Queen Street parecesse mais convidativo do que da outra vez, mas agora eles viam o

quanto ele podia oferecer. Dez diferentes tipos de café parecia impossivelmente sofisticado e era difícil escolher entre os doces dinamarqueses e florentinos.

— É engraçado — Wexford disse, quando sentaram a uma mesa na frente da janela — como todo mundo menos os dinamarqueses chamam essas coisas de tortas dinamarquesas.

— Como eles chamam, então?

— Pão vienense.

— Por quê?

— Não sei — disse Wexford. — Deve haver um motivo, mas não sei qual.

— Esqueça os doces. Você disse que me contaria tudo e até agora só me contou os vários pecados de Arlen. Quer dizer que sabe de tudo? A coisa toda?

— Oh, sim! Gosto de café com chocolate por cima, embora saiba que não me faz bem. — Wexford tomou um gole da espuma achocolatada, pôs a xícara na mesa e depois de um momento de silêncio, pôs-se a contar.



— Tudo começou com a morte da primeira mulher de George Marshalsen quando Amber tinha sete anos — Wexford disse. — Ou melhor, quando ele se casou outra vez. O primeiro marido de Diana deixou para ela uma casa que valia dois milhões, e bens que valiam mais quatro milhões. Por que ela se casou com George é um mistério. Suponho que ela o amava. Talvez tenha achado que, com o tempo, ela se daria bem com Amber. George certamente pensou que estava dando a ela uma nova mãe. Nada disso aconteceu. Amber detestou Diana desde o começo. Não sabemos o que Diana tentou para se dar bem com Amber,

só sabemos que foi inútil. George adorava a filha e isso devia facilitar as coisas entre ele e sua nova mulher.

“Amber era bonita, brilhante e cheia de vida. É claro, tinha um namorado e ficou grávida. Estava de cinco meses quando George e Diana descobriram. Ou, devo dizer, Diana descobriu. Diana viu. Os dois a teriam aconselhado a abortar, se tivessem sabido antes. Amber fizera o vestibular há mais de um ano, para a universidade. O que ia acontecer com tudo isso agora?”

Burden o interrompeu.

— Amber tinha que idade então? Dezesete?

— Fez dezesete em julho e Brand nasceu em setembro. Logo ficou claro que ela não pretendia abandonar os estudos. Não, ia voltar a estudar, deixando o bebê em casa com George e Diana, o que na verdade queria dizer com Diana, porque nesses casos, como você sabe, o homem continua com seu trabalho e a mulher... se acomoda.

— Eu sei disso — disse Burden, cuja primeira mulher morreu deixando os filhos com a irmã dela, em circunstâncias bem difíceis.

— Tudo que George fazia era ocasionalmente ficar com o bebê — Wexford continuou. — Amber teve aulas de direção e passou no exame em fevereiro. O pai amoroso lhe deu um carro. Enquanto isso, sua madrastra, bem menos amorosa, ficava encarregada de Brand. Ela tentou uma babá, mas por algum motivo não deu certo e Diana foi obrigada a deixar de trabalhar.

“Mais ou menos nessa época, no inverno depois do nascimento de Brand, Amber começou a frequentar o Bling-Bling Club. Ia de carro, incidentalmente, até o fim de junho. Seus amigos Ben Miller e Lara Bartlow também frequentavam o clube e uma noite Lara levou a irmã, Megan. Isso é palpite, mas é muito provável que elas tenham falado dos filhos, Brand, de Amber, que morava com ela, e o de Megan, adotado três anos antes. Nessa ocasião, ou possivelmente mais tarde, Megan falou da ideia



de mãe de aluguel. Não que elas fossem muito parecidas, não tinham a mesma formação social e educacional, mas cada uma tinha o que Megan chamava de ‘qualificação’.

“Para saber mais sobre mãe de aluguel, o melhor meio era entrar on-line. Megan não tinha computador, Amber, sim ou, pelo menos, tinha acesso a um. Pediu a John Brooks para ensiná-la a achar um website. Meu palpite é que John Brooks encontrou vários websites sobre o assunto e, em particular, sobre o socc.”

— Certamente ele perguntou por que elas queriam saber?

— Por que certamente? Acho que ele estava muito interessado em si mesmo e na mulher. Gwenda Brooks queria um filho. Talvez ele também quisesse então. Lembre que isso foi antes de Brooks conhecer o namorado ou talvez até mesmo antes de ele saber que sentia atração por homens. Ele contou à mulher, ela entrou em contato com o socc e, desse modo, com Norman Arlen e Viagens Miraculosas. O resto, como se diz, é história.

— Amber e Megan foram a Frankfurt — Burden disse. — Fizeram a inseminação, ou seja lá como chamam, no Four Horses Hotel, ou não fizeram, mas disseram que tinham feito, receberam o “depósito” e voltaram para casa. Então enganaram outros homens, dizendo que estavam grávidas deles. A gravidez de Megan podia até ter sido feita por inseminação, com a contribuição de König-Hensel. Só um teste de DNA poderia provar isso. É mais provável, porém, que tenha sido resultado de sexo normal com alguém ao acaso ou até mesmo com o triunfo do galante Prinsip sobre a esterilização.

Wexford terminou o café, olhando saudosamente para o fundo da xícara. Suspirou e disse:

— Mas sabe, Mike, tudo isso era irrelevante. Todo esse negócio de mãe de aluguel, a fraude, o cruel engano. Nós passamos semanas estudando isso. Sem dúvida gastamos o dinheiro dos contribuintes. Você examinou o mundo do

crime, à procura de alguma ligação com drogas e não encontrou nada.

— Descobri que a queda do preço da cocaína é tão acentuada atualmente que uma “carreira” não custa mais do que um cappuccino.

— É mesmo? — Wexford ficou calado por um momento, pensando no assunto. Então disse: — Tudo que serviu para nós foi saber que elas se conheciam. Nada mais. O golpe da mãe de aluguel de Amber e Megan eu chamaria da maior fraude que vi em toda a minha carreira. Nenhuma delas foi morta por se fazer passar por mãe de aluguel ou por ter aceitado dinheiro sob falsos pretextos. Isso seria crime, mas não o que estávamos investigando.

— Pode-se dizer que Megan foi morta porque conhecia Amber, mas por que Amber foi morta?

— Amber foi morta porque aceitou o oferecimento de um apartamento feito por Vivien Hilland, um apartamento no subúrbio de Londres. Se tivesse recusado, podia estar viva hoje e se estivesse viva, Megan também estaria. Mas Amber aceitou. Claro que aceitou. Que jovem na sua posição recusaria?

— O que eu não entendo — disse Burden — é por que George e Diana Marshalson não compraram um apartamento para ela. George está bem de vida e Diana é rica. Eu diria que eles têm pelo menos tanto quanto os Hilland.

— Sim, mas embora George talvez quisesse se livrar de Brand, não queria perder a filha. Não seria nem mesmo como se ela fosse para a universidade. Se comprasse um apartamento para ela, talvez quase não a visse mais. O primeiro atentado contra sua vida foi feito uma semana depois de Amber ter aceitado a oferta dos Hilland. Isso foi em 24 de junho, cerca de uma semana depois de Amber ter completado dezoito anos. Isso também é irrelevante, mas durante longo tempo pensei que talvez não fosse.

— Aquele atentado — disse Burden, pagando a conta — foi feito por Rick Samphire, certo?

— Claro — Wexford disse, quando saíram do café para a inesperada luz do sol. — É claro. Mas não foi ideia dele nem seu motivo. Ele foi apenas um mercenário pago para fazer aquilo. Houve três assassinos neste caso, Mike, além dos acessórios, Arlen Lawson e o ingênuo Fry. Vamos voltar agora, reunir os membros da nossa equipe que não estiverem fora servindo ao povo agradecido e contar o resto da história.



Reuniram-se no escritório de Wexford. Damon Coleman parecia prestes a dormir em pé. Pediu para sentar e Wexford pediu a todos que se sentassem também. Sargento-detetive Goldsmith e DC Bhattacharya, em atitude perfeitamente respeitosa, estavam mais juntos do que o normal em circunstâncias sociais, muito menos numa reunião oficial. Sentar evidentemente só conviria se pudessem ficar de mãos dadas. Karen Malahyde os olhou embevecida, mas Barry Vine os ignorou. Provavelmente não tinha notado, e revivia mentalmente a cena da loucura de Lucia di Lammermoor. Os outros sentaram atrás, parecendo ao mesmo tempo esperançosos e apreensivos.

— Quero agradecer a todos — Wexford começou — o bom trabalho que fizeram neste caso. Não fomos muito rápidos. Quase quatro meses se passaram desde que começamos a procurar uma resposta, mas com trabalho árduo e minucioso, no fim, encontramos. Portanto, muito obrigado.

Mais tarde ninguém lembraria quem começara a bater palmas. Burden, que acompanhou os outros parecendo reprovar aquela manifestação, disse em voz alta que não

tinha participado do resultado do inquérito. Em sua opinião, era parte daquela imensa babaquice sentimental que disfarçava uma falta de sentimento. Era o impulso que fazia as pessoas colocar flores envoltas em celofane em túmulos de estranhos. Se Wexford pensava a mesma coisa, ele não podia dizer, ao ver o rosto inescrutável do chefe.

Wexford esperou que fizessem silêncio.

— Há três assassinos neste caso, não somente os irmãos Samphire. Vamos direto para o dia 24 de junho, em pleno verão, quando Rick Samphire estacionou o carro no bosque Yorstone e atravessou o bosque até a ponte Yorstone, carregando na mochila um bloco de concreto apanhado numa construção e usando sobre a roupa um abrigo cinza de pele com capuz. Não fazia frio, portanto, suponho que usava o abrigo como disfarce. Visto de perto, um homem com capuz se parece com qualquer outro.

“Rick pretendia jogar o concreto do alto da ponte quando Amber Marshalson passasse na estrada com seu Honda prateado. Ele não tinha motivo. Simplesmente fazia aquilo pelo que fora pago: matar Amber. Mas como um homem desajeitado e propenso a acidentes, uma pessoa que não faz nada direito, ele falhou. Acertou no carro errado, cometendo um dos seus erros típicos, um Honda cinza escuro dirigido por James Ambrose. Mavis Ambrose morreu devido aos ferimentos. Esse foi o primeiro assassinato.

“Lento para entender as coisas, Rick deve ter percebido que atingiu o carro errado. Antes de deixar a cena do crime, deve ter visto Amber viva e terrivelmente chocada. Ele voltou por onde tinha ido e quando se aproximou da clareira onde deixara o carro, foi visto por Megan Bartlow, que voltava de bicicleta da casa da avó. Se Rick a viu, ele não disse. Eu acho que ela viu um homem de capuz só de perfil à luz do farol da bicicleta.”

Karen levantou a mão como em uma entrevista coletiva de imprensa.

— Sim, Karen, o que é?

— Com certeza ele viu o farol da bicicleta, senhor. Devia estar muito escuro no bosque.

— Quer dizer, tendo tentado matar uma jovem, por que não matar a que o tinha visto? Meu palpite é que ela não fazia parte de suas ordens. A ordem que ele tinha era de matar Amber Marshalson. Matar outra pessoa sem ter sido mandado podia ser um erro. Ross não ia gostar. Rick certamente pensou desse modo. Creio que o modo deve ter sido deixado à escolha dele. Se dependesse de Ross, não teria imaginado um método tão arriscado. Era literalmente acertar ou errar, não era? Ele acertou, mas no alvo errado.

“Ross Samphire era o mandante. Foi quem convenceu Rick, embora não tivesse entrado com o dinheiro. Por mais estranho que pareça, Ross ofereceu ao irmão a tarefa de matar Amber, movido simplesmente pelo amor fraterno. Na verdade, como tinha feito muitas vezes, estava dando um emprego a ele. Um emprego bem pago. Cinco mil libras. Mas, é claro, como sempre fazia, Ross calculou mal a eficiência de Rick e subestimou sua propensão para acidentes. O amor tem esse efeito quando se trata do objeto amado.

“Muito bem, Ross nunca tivera problema com a lei. Isto é, nunca tinha sido indiciado. Nunca fora apanhado. Mas desconfio de que os pequenos crimes sempre fizeram parte de sua vida, como da vida do irmão. Certamente tinha uma longa associação com Norman Arlen. Ao que parece, ele, Rick e Arlen tinham estudado no mesmo colégio. Por isso Norman Arlen foi escolhido para fornecer o álibi de Rick para a noite de verão. Ele e Rick nos disseram que estavam bebendo e depois foram jantar no Mermaid exatamente na hora em que Rick jogava o bloco de concreto da ponte.

“Sem dúvida, tinham de tentar outra vez. Os outros não queriam cometer o crime pessoalmente. Rick tinha duas condenações por violência. Ao contrário de Ross, ele sabia o que era a violência, logo, Rick tinha de tentar pela

segunda vez. E ele tentou. No dia 11 de agosto. Antes das duas horas da manhã, Ben Miller deixou Amber na esquina da rua Mill, em Brimhurst Prideaux. Com seu abrigo de capuz no carro, em um local escondido, Rick a esperava.”

— Como ele sabia que ela estaria ali àquela hora, senhor? — perguntou Damon Coleman, que sabia tudo sobre esperar pessoas nas ruas e nas esquinas.

— Ross disse a ele — Wexford respondeu. — Ross, que se encarregava de saber essas coisas. Ross contou a ele, e tinha informação confiável, a hora em que Amber passaria sob a ponte. Agora contou a hora em que Amber devia voltar do Bling-Bling Club. Como sabemos, dessa vez Rick acertou. Mas foi visto. Lydia Burton viu um homem de capuz andando no gramado quando ela saiu com o cachorro, à meia-noite. Podem achar estranho que uma mulher na posição dela tenha nos contado isso, a não ser que tivesse algum motivo. Veremos.

Levantando a mão, Damon perguntou:

— Ela é a segunda no trio dos assassinos, senhor?

— Ah, imaginou isso, certo? Vamos deixar para depois. Vamos perguntar por que Rick não tirou as mil libras do bolso de Amber. A resposta provavelmente é que ele só fazia o que o irmão mandava e as instruções não incluíam roubar alguma coisa de Amber. O que também não sabemos é quem deu o dinheiro a ela, sabemos somente que era pagamento por Amber concordar em ser mãe de aluguel. Talvez não precisemos saber além do fato de ter sido alguém do socc, o círculo de mulheres sem filhos cujo espírito inspirador era Norman Arlen. Mas Arlen nada teve a ver diretamente com a morte de Amber. E aqui que entra Stephen Lawson. E não, Damon, ela não é o terceiro assassino, parece algo saído de *Macbeth*, não parece?

A expressão impassível e gentil dos ouvintes dizia que eles não sabiam se parecia ou não algo saído de *Macbeth*. Não adiantava lamentar a perda da poesia na mente do

povo. Tinha desaparecido para nunca mais voltar, Wexford pensou.

— Stephen Lawson pode trabalhar angariando fundos para obras de caridade. Mas trabalha também para Norman Arlen — Wexford continuou. — Ele foi pago para inventar a história de encontrar Rick com o carro enguiçado na estrada de Sewingbury para Pomfret. Encontrar Rick era mentira, todo o resto era verdade.

“Devemos supor que Ross tenha ficado satisfeito com o sucesso do irmão. Quando ele levou a amante ao apartamento de Colin Fry, sem dúvida descreveu suas façanhas. O valor do dinheiro, acho que ele dizia isso. Tudo ficaria bem agora, os quatro tendo conseguido o que queriam; mesmo sem ganhar nada com tudo aquilo, Arlen tinha a satisfação de fazer a coisa errada, de perpetrar o mal, uma ocupação favorita dele. Tudo ficaria bem, não fosse por Megan Bartlow.”

Wexford fez para os outros — Burden teve que ouvir outra vez — um resumo do golpe armado por Amber e Megan.

— Megan não se deu conta do que tinha visto no bosque Yorstone. Mesmo que tenha lido nos jornais a história do grande bloco de concreto jogado da ponte e da morte de Mavis Ambrose, a única ligação que podia fazer com Amber era o fato de ela estar dirigindo o outro carro. Mas quando Amber foi morta, ela ligou os fatos.

“Megan não tinha reconhecido o homem do bosque Yorstone, mas, algum tempo depois, talvez duas ou três semanas, estava andando em Sewingbury com o pai quando eles viram Ross Samphire saindo do carro e entrando em casa. Megan o viu de perfil e provavelmente de costas. Ora, o homem no bosque usava capuz e começava a escurecer. A única luz era da sua bicicleta. Estou sugerindo que ela o tenha visto só de perfil. Ross ela também viu de perfil. Tinha farto cabelo escuro e crespo e parecia saudável, ao contrário de Rick. Mas, lembrem-se disso, eles eram

gêmeos, gêmeos idênticos. No passado eram iguais, os dois sem dúvida tinham espesso cabelo negro crespo, olhos brilhantes e pele perfeita. O tempo, a prisão, o cigarro e provavelmente uma dieta deficiente tinham cobrado seu preço de Rick, um destino do qual o irmão não podia salvá-lo. Foi Ross quem Megan viu. Ela viu o mesmo perfil do homem do bosque, mas sem o capuz e em plena luz do dia. Ela achou que era o mesmo homem.

“Como Megan entrou em contato com ele eu não sei, mas sabia o endereço de Ross. Provavelmente assim que ela o viu andando a pé, seguiu-o, disse que o tinha reconhecido e ameaçou denunciá-lo à polícia. Ross podia ter dito que não era ele, mas isso seria expor o irmão gêmeo, seu irmão amado. Portanto, Megan tinha que morrer. Dessa vez ele não ousou encarregar o irmão da tarefa. Teria de executá-la ele mesmo. Talvez pensando que uma vez tinha de ser a primeira, o que conta é o primeiro passo. Fosse como fosse, ele combinou de encontrar Megan em Victoria Terrace, onde logo estaria trabalhando na reforma daquelas casas.

“Quanto a Ross, foi para o prédio do velho banco com Rick e Colin Fry às oito da manhã. Colin foi encarregado de pintar um andar superior, e isso é importante, um trabalho que não podia ser interrompido. Uma vez começado, tinha que pintar a parede toda. Ross se encarregou disso. Ele estava no térreo com Rick. Às dez para as nove ele entrou no carro, no estacionamento do banco, foi para Stowerton, pegou um tijolo da pilha no lado de fora do Victoria Terrace, encontrou Megan e a matou. Pôs o corpo no armário e voltou para o prédio do velho banco. Tudo deve ter levado meia hora mais ou menos, quarenta minutos, no máximo.”

Hannah levantou a mão. — Por que lá, chefe?

— Quase estou inclinado a tomar o caminho mais fácil e dizer, por que não? Mas Ross não podia encontrá-la abertamente, onde pudesse ser visto. À noite ela teria medo



de ir ao encontro. Ele não podia ir à casa dela nem ela à dele. Quando ele sugeriu Victoria Terrace, Megan achou bom. Foi até lá na véspera para verificar e sem dúvida achou que haveria muita gente por perto para garantir sua segurança.

“Colin Fry não o viu sair, concentrado como estava no trabalho. Por que Ross pôs o corpo no armário? Certamente não podia tirá-lo da casa durante o dia e lembrem-se, era entre nove e meia e dez da manhã. Não sei ainda por que ele o deixou lá, mas meu palpite é que tenha pedido a Rick para se livrar dele à noite. Rick morava sozinho e esse é um fator importante. Ross raramente ficava sozinho. Ele tem mulher e filhos. Dirige um negócio. Tem também uma namorada que deve ser muito importante para que ele se desse todo aquele trabalho. Mas Rick não tinha ninguém. Ninguém o vigiava. Ninguém, àquela altura, suspeitava dele. A desvantagem de Rick era ser descuidado e propenso a acidentes. Talvez Ross o tenha convencido da importância de se livrar do corpo de Megan. Se fosse enterrado ou escondido em algum lugar, podia ficar um longo tempo sem ser descoberto e dificultaria qualquer conexão com Amber. Mas Rick não obedeceu às instruções do irmão.

“Por quê? Não sabemos ainda. Talvez não soubesse como ou onde. Talvez só tenha decidido o lugar e os meios muitos dias depois. Fazia ainda muito calor, se estão lembrados. O corpo começava a cheirar mal. Começava a se decompor. Talvez não tivesse coragem de tocar nele e achou que o cheiro passaria, só ficando o corpo, e como Ross e Colin Fry logo estariam trabalhando ali, Ross poderia removê-lo.

“Vamos fazer uma pausa para o café; continuo daqui a quinze minutos.”



Wexford telefonou para o escritório do chefe de polícia assistente e marcou hora para falar com ele. Naquele mesmo dia, se possível. Marcou para as quatro da tarde. Tomou café sozinho e em silêncio, pensando, especulando sobre o que podia ter acontecido se Rick tivesse enterrado o corpo de Megan. Podia estar ainda desaparecido. Nesse caso, ele jamais teria feito a conexão entre as duas jovens, o golpe da mãe de aluguel jamais seria descoberto e a fraude de Norman Arlen não teria sido revelada.

Por um momento pensou em Sylvia e no novo bebê. Mary Fairfax seria seu nome. Soava bem. Dora começava a esperar novamente que Sylvia e o pai da criança voltassem a viver juntos. É claro que uma criança precisa do pai em casa, embora hoje em dia, muitas crianças não o tenham. Wexford afastou esses pensamentos. Sua prioridade agora era esse caso e explicá-lo satisfatoriamente à equipe e ao chefe de polícia, verificar os bebês envolvidos nesse lamentável incidente, bebês africanos sem mães — o filho adotado de Megan, o filho que não chegara a nascer, os bebês desejados pelos dois casais alemães e por Gwenda Brooks, até mesmo Brand. Voltou para o escritório e para a equipe que o esperava. Viu a mão levantada antes mesmo de começar a falar.

— Quem é o terceiro assassino, senhor? — Barry Vine perguntou.

— Logo vai aparecer — disse Wexford. — Quero voltar agora a Amber Marshalson. A pobrezinha era um exemplo clássico do que pode acontecer quando se dá a uma filha única tudo que ela quer. Tudo que ela pede, chamá-la de princesa e dizer que ela é a coisa mais maravilhosa que aconteceu desde a invenção da roda.

— Perdão, senhor — Barry outra vez. — Mas isso não seria o procedimento padrão?

— Espero que sejamos uma instituição sem clichês, Barry. Voltando a Amber. Aqueles de vocês que não têm filhos, mas terão, ouçam este aviso. George Marshalson dava à filha tudo que ela queria, tudo que ele pensava que ela queria, incluindo outra mãe. Diana não tinha filhos, mas ainda era jovem e podia ter, mas George, é claro, não queria. Sua filha era perfeita, inigualável. Provavelmente Diana tenha tentado ser para ela o que George nunca havia sido. Mentora e mãe, um exemplo e talvez uma professora, ou, pior ainda, uma irmã mais velha. Nada disso funcionou. Amber odiava Diana.

“A gravidez de Amber deve ter abalado a adoração incondicional de George por ela, se não seu amor. Mas talvez não. Aos olhos dele, a culpa era toda de Daniel Hilland. Disse a si mesmo que aquilo era o resultado de um quase estupro, sem dúvida de sedução. Não creio que ter Brand tenha sido especialmente traumático para Amber. No círculo que ela frequentava, ter um filho aos dezessete anos é arrojado. Legal, eu diria, ou ‘sinistro’.”

— “Irado” — disse Damon.

— Sim, obrigado, detetive Coleman. Amber nem precisou deixar o colégio. A odiada Diana estava ali para ser babá em tempo integral. Por que Diana simplesmente não foi embora? Ela não amava mais George e nunca tinha amado Amber. Tinha muito dinheiro, nem precisava trabalhar. Mas não foi embora. Ficou e tomou conta de Brand. E parecia que Amber e Brand estariam ali para sempre. Bem, Brand estaria, porque Amber ia para a universidade e depois teria um emprego. Brand ficaria e Amber provavelmente iria para Londres, para a América, ou algum lugar da Europa. Ou talvez se casasse com um homem que não quisesse Brand.

“Então os Hilland ofereceram o apartamento no subúrbio de Londres. Não o oferecimento, mas a aceitação,

foi o que você, Barry, chamaria de ‘assinar a própria sentença de morte’. Se Amber tivesse recusado, estaria viva ainda. Contudo, ela aceitou.”

Olhou para a expressão perplexa dos ouvintes e para o único rosto que parecia começar a compreender.

— Oh, meu Deus — Hannah disse baixinho.

— Ross Samphire estava tendo um caso. Sua tão propalada felicidade familiar era apenas uma imagem falsa. Vimos Ross saindo de carro da Mill Lane e depois vimos Lydia Burton no portão. Sabendo que Lydia Burton tinha “alguém”, como se diz, achamos, ou achamos por algum tempo, que ela fosse namorada de Ross. Nesse caso queria dizer que Ross estava realmente na Mill Lane à meia-noite e meia de 11 de agosto, um lugar que ele sequer sonhava em estar, aonde o irmão podia chegar a qualquer momento para cometer um assassinato. Além disso, por que Ross e Lydia usariam o apartamento de Colin Fry para seus encontros, se Lydia era solteira e morava sozinha?

“Não, a amante de Ross morava na Mui Lane, mas não era Lydia Burton. Era uma mulher rica e casada que não queria ser descoberta, o que a obrigaria a se divorciar. Diana Marshalson queria continuar seu caso com Ross, mas havia outra coisa que ela desejava mais ainda. O bastante para matar e pagar a alguém para cometer o crime.”

Wexford parou de falar, olhando de um para outro, menos para Hannah.

— Durante todo esse tempo — ele continuou — eu procurei o porquê. Por quê? Qual o motivo para matar Amber? Amber ia embora, ia levar a criança que era, para George e Diana, um fardo tão pesado, levar Brand para Londres e talvez nunca mais o vissem. Então, por que essa decisão chocante de matá-la? Talvez Diana não tenha pensado nisso. A ideia foi talvez de Ross. Mas Diana deu o dinheiro que seria passado ao pobre irmão de Ross, tão perseguido pela má sorte.

“Por quê? Diana representou bem o papel de achar Brand um empecilho. Ninguém ia adivinhar o que ela sentia realmente, que o fato de não ter filhos do primeiro marido era culpa dele. George não queria filhos. Ela estava envelhecendo. Tinha muita idade para ter filhos. Mas Amber tinha um e a sorte determinou que Diana fosse destinada a tomar conta dele, de criá-lo. No começo Diana pode ter achado um peso tomar conta de Brand. Mas não por muito tempo. Em pouco tempo ela o estava amando. Ela o adorava como se fosse seu. Por isso não queria uma babá. E Brand era praticamente dela. Começava a ser a primeira pessoa em sua vida. A mãe não era indiferente à criança, mas era muito jovem e descuidada. Sem Diana, onde o marido estaria? Diana o idolatrava, como seu marido idolatrava Amber.

“Mas Amber ia embora. Ia para Londres e levaria a criança adorada com ela. Era uma situação curiosa. Lá estava George querendo que Amber e Brand ficassem porque ele queria Amber, e Diana querendo que Amber e Brand ficassem porque ela queria Brand. E Amber queria ir porque um apartamento em Londres significava a liberdade e a vida excitante que ela queria.

“Então Diana pagou a Ross, que pagou a Rick para matar Amber e ela poder ficar com Brand, a quem amava.”

Wexford se sentou atrás de sua mesa, resistiu à tentação de pôr a cabeça entre as mãos e terminou de explicar: — O amor não justifica tudo. Não justifica coisa alguma. Esse foi o mais cruel e pior motivo, e digo cruel no verdadeiro sentido, Damon, para um crime que já vi. O verdadeiro mal. Não precisa procurar mais.

**FIM**